

LINO RESENDE



O filho  
*do meio*

DONA CLARA



**Copyright** © 2022 Lino Geraldo Resende

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito do detentor dos direitos autorais.

Todos os direitos reservados © internacional assegurado.

Os personagens desse livro são inteiramente ficcionais. Quaisquer semelhanças com pessoas vivas ou mortas é mera coincidência, o que também se aplica a locais e nomes.

Projeto gráfico, edição e capas



Dona Clara Editora

[www.donaclara.jor.br](http://www.donaclara.jor.br)

Rua Santa Berenice, 55

Vila Velha - E. Santo

ISBN

ISBN 978-6-58-945618-6



Vila Velha, ES  
Brasil  
2023

O filho do meio

**LINO RESENDE**

# *O filho do meio*



Vila Velha, ES  
2022

“

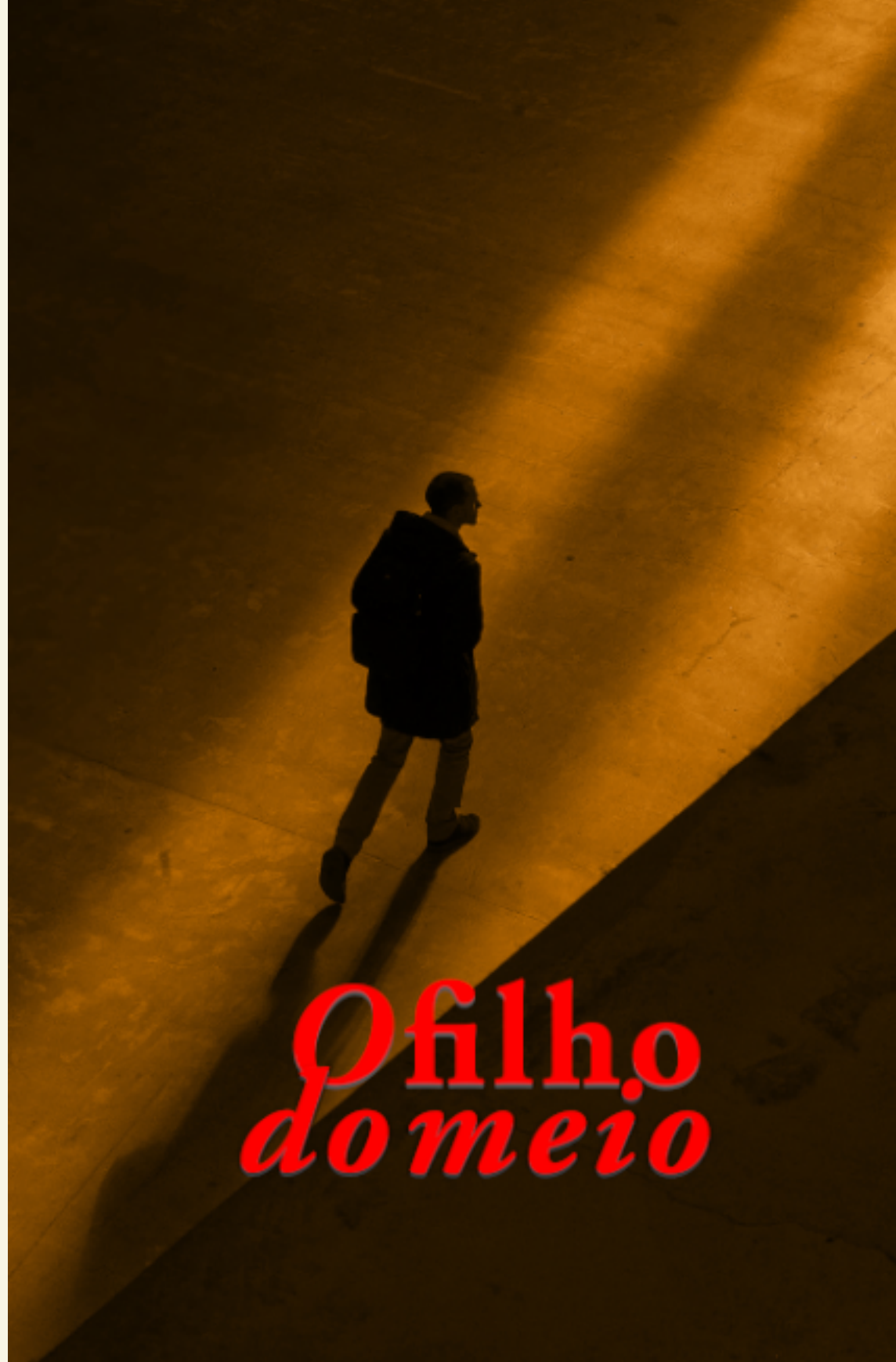
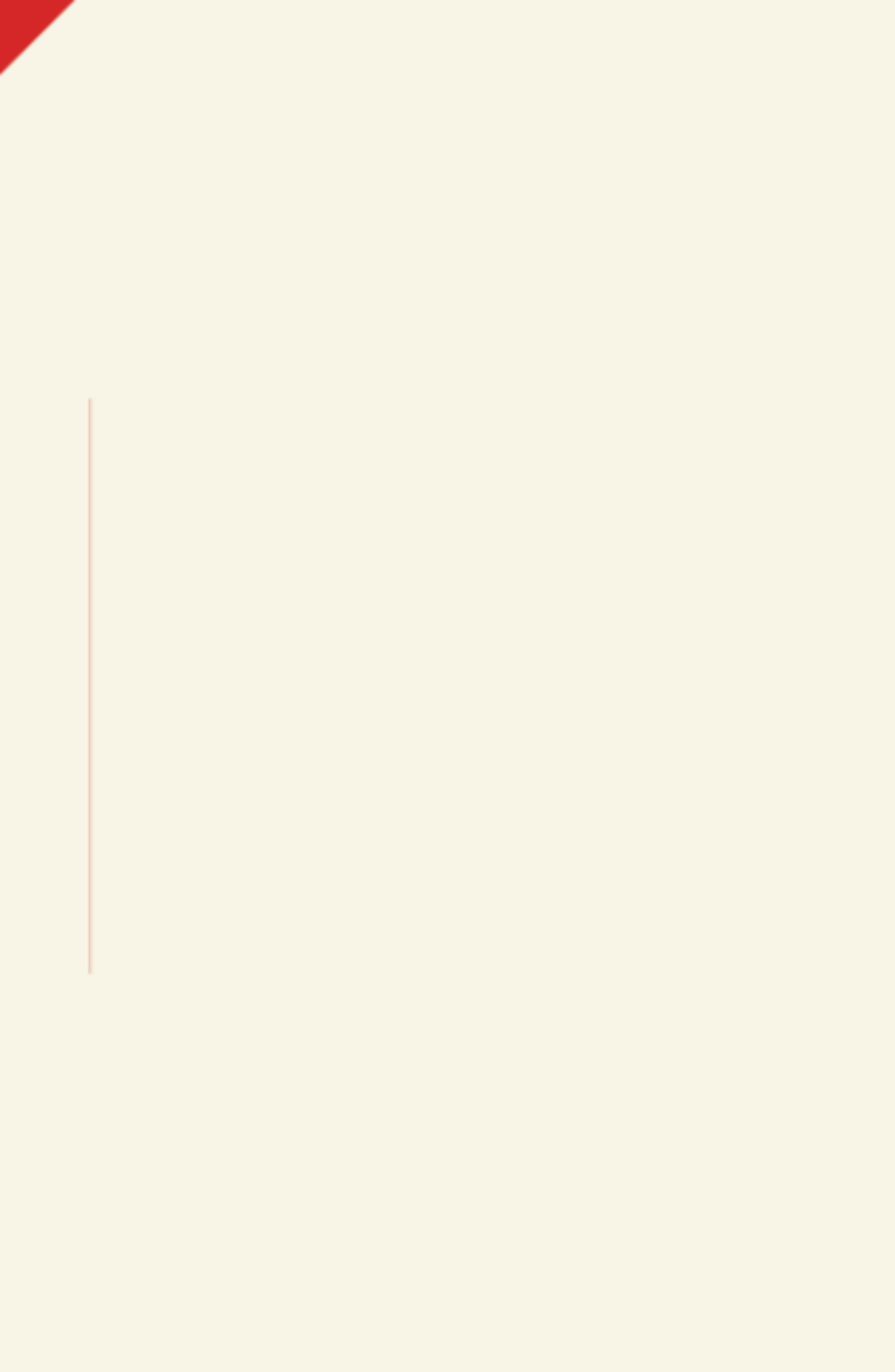
A medida do amor é  
amar sem medida. ”

Santo Agostinho



# SUMÁRIO

|                  |     |
|------------------|-----|
| O FILHO DO MEIO  | 11  |
| OUTRAS HISTÓRIAS | 301 |
| UMA EXPLICAÇÃO   | 303 |
| A VIDA DE HARI   | 305 |
| O FILHO DE ALIMA | 357 |



**O filho  
do meio**

## MANTRA E SÍMBOLO

**E**xpatriado.  
Era a palavra nova que tinha aprendido e que lhe tinha sido aplicada, pois era alguém longe de casa. Não por sua decisão, mas impulsionado por uma cultura em que o primeiro filho tinha tudo e os outros, apenas a obrigação de obedecer o pai e não criar problemas para a família, colocada acima de tudo e de todos.

Ele conhecia as regras, mas achou que conseguiria desafiar o pai e fazer o que desejava, que era unir-se à filha de outro dignatário da Igreja. Estavam apaixonados e, para eles, o mundo era simples e poderiam ficar juntos. Talvez até fosse admitido pelos pais de Noor, mais liberais, mas não pelo seu, marcado pelo tradicionalismo e pelos profundos laços com a igreja, de quem era um dos principais dirigentes.

Tinha sido manipulado e enganado. Caíra facilmente no oferecimento do pai, achando que ele o estava homenageando. Assim, aceitou viajar e, ao chegar, descobriu que não voltaria. Seu pai tinha arranjado tudo. Ficaria, não exatamente desamparado, mas distante de sua casa, sua cidade e planeta e, pior, distante de sua amada e sem saber como ela havia reagido ao seu sumiço, mesmo depois de prometer enfrentar o mundo por ela.

Ele e Noor haviam se rendido à paixão esquecendo-se do mundo à volta e achando que, sendo quem eram, seriam capazes de conseguir o que desejam. Agora, sozinho em um planeta estranho, lamentava o que tinha feito e praguejava contra a sua ingenuidade. Fora esmagado pelo sistema e, o pior de tudo, é que ninguém iria fazer nada em favor dele, mesmo que pudesse. Em Ourea, não havia um só humano capaz de se antepor ao seu pai, por mais poderoso que fosse.

\*\*\*\*\*

O mundo era estranho, a cidade esquisita, seus colegas diferentes.

Estava longe de casa, da família e, mesmo que o universo se colocasse contra ele, tinha tomado uma decisão: Voltaria.

Enquanto não acontecesse, teria de tocar a vida, estudar, aproveitar as oportunidades, explorá-las, achar novos caminhos, adquirir novos conhecimentos e ser reconhecido. Eram pensamentos recorrentes, que sempre lhe voltavam, enquanto retornava à nova casa, caminhando de modo tranquilo e pensando nos passos que daria. Fazia o trajeto quase de forma automática, com o pensamento vagando e sempre chegando, onde quer que estivesse, à amada. Absorto, não reparou que havia mudado o trajeto. A rua era diferente, embora, à primeira vista, parecesse igual, fruto da padronização das ruas e das casas, algo que lhe era estranho pois de onde vinha as casas não tinham padrão, refletindo os gostos de quem as construía e nelas viviam.

Os construtores locais haviam se esforçado para deixar tudo igual – casas, jardins, ruas e o próprio bairro – e tinham conseguido, ou quase, como a casa branca que chamou sua atenção mostrava. Aparentemente, era idêntica às milhares de outras. Não era tão grande que pudesse parecer ostentação – algo que os locais evitavam – nem tão pequena para ser vista como apertada e desconfortável – o que também abominavam. O que chamou sua atenção foi que ficava no meio de terreno, com bom afastamento da rua. A varanda, pequena e simples, tinha poucos móveis e decoração minimalista. As cortinas, parcialmente fechadas, eram claras, monocromáticas, mas leves, turvando a visão de fora, mas não impedindo a entrada da luz.

A semelhança da residência com as outras da região era quebrada pelo jardim à sua frente. Florido e colorido, era simétrico, com canteiros definidos e espécies diversificadas e muito bem cuidado. A cerca da frente era natural, formada por uma planta que não conhecia, e o portão de madeira, artesanal, tinha vistoso escudo metálico no seu centro.

Dos lados, o escudo tinha dois ramos de folhagem e, no centro, no círculo em fundo azul escuro, a silhueta de pequena elevação e, em cima dela, a enorme árvore com copa alta, flores brancas e frutos arredondados, quase castanhos. O fundo do escudo dava para o horizonte, que mostrava o céu brilhante, caminhando para o avermelhado do por do sol, e a silhueta de duas luas, uma cheia e a outra minguante, separadas por grande faixa amarela, como se o raio do sol houvesse escapado e as separado. Era um trabalho cheio de detalhes e bem feito.

As casas próximas estavam em silêncio. Esta, não. Além do

zumbido dos insetos, das abelhas, atraídas pelas flores, e do cantar dos pássaros, trazidos pelos insetos, de dentro vinha música suave, atonal, que aumentava e diminuía, acompanhada por instrumento de corda e seguida por voz masculina suave, que mudava de entonação à medida que a música se desenvolvia.

Parecia um mantra, mas era diferente.

Nela, as palavras eram bem pronunciadas, claras, mas a língua era de outro lugar, estrangeira, com curioso sotaque e um arrastar dos Rs e dos Ss, marcando-a e fazendo com que ficasse ainda mais atrativa. O som não parecia mecânico ou de um dispositivo eletrônico, mas de instrumento de corda, parecido com um baixo, acompanhando a flutuação das notas e integrando som e letra. O resultado era belo, atraente e ao mesmo tempo relaxante, mas triste.

A música durava cerca de três minutos e era retomada. A nova versão era ligeiramente diferente da anterior, com outras variações e mudanças no ritmo, alterando os seus altos e baixos e fazendo-a soar diferente. Parou e ficou ouvindo, apreciando a melodia e tentando entender o que a letra dizia. Imaginou que o morador da casa - se fosse o seu residente - era artista e estava ensaiando, experimentando novas formas de apresentar a canção, tentando descobrir maneiras de torná-la mais atraente.

Já vira e acompanhara ensaios de músicos e os vira experimentar acordes, tons, tonalidades, modificando como a música era percebida. Ou poderia, quem sabe, ser alguém usando o seu tempo livre no hobby preferido. O que a música mostrava é que, se amador ou profissional, o cantor e o instrumentistas eram bons. Pelo menos era assim que percebia.

Voltou a observar os detalhes do local. A rua da casa era larga, bem cuidada, muito limpa e sem nenhum veículo individual estacionado. Neste aspecto, era idêntica às outras do bairro, tranquilo e planejado para ser o refúgio depois do trabalho, criando quase um oásis, onde se podia descansar sentado na varanda, olhando o por do sol ou aproveitar as horas vagas, como neste belo dia de primavera, para cuidar do jardim ou da horta.

Outra característica marcante das residências era que se as hortas fossem bem cuidadas, eram capazes de prover a maior parte das necessidades da família com legumes e verduras. Hortas e jardins eram considerados bons hábitos entre os moradores. Não era incomum alguém reunir amigos para o jantar e servir alimentos que havia cultivado.

Adotavam técnicas naturais, de agricultura orgânica. Sociáveis,

os vizinhos se conheciam e se frequentavam, formando comunidade unida, bem diferente de onde vinha, onde havia separação clara, sem que pessoas de níveis diferentes se misturassem. Ali, a sociedade era mais igualitária.

O bairro havia nascido como espaço destinado aos professores que lecionavam na universidade, que ficava ao lado, e serviu como ponto de atração de mestres. As faculdades tiveram, inicialmente, dificuldades de recrutar professores com boa titulação, mesmo oferecendo ótimos salários e excelentes condições de ensino e pesquisa. Os candidatos até se sentiam atraído pelas condições oferecidas pela universidade, mas não pela moradia, cara e distante.

O bairro, com suas casas praticamente idênticas, havia nascido como atrativo a mais para que nomes conhecidos das várias áreas de conhecimento aceitassem lecionar na universidade. Aos ótimos salários, excelentes condições de pesquisa e as facilidades para o ensino, a Universidade oferecia residência gratuita e isso atraía os mestres, muito dos quais continuavam a residir no bairro.

Com o passar dos anos, a Universidade ganhou nome e destaque. As residências não mais exerciam o seu papel e outras famílias ocuparam os imóveis, acrescentando diversidade ao bairro. Também passaram a usá-los alunos de graduação e pós-graduação, cujas famílias podiam bancar o aluguel.

A universidade não fazia restrições, recebendo alunos de todos os níveis e classes, do planeta e de fora. Quem não tinha recursos para moradia particular podia optar pelo bom e barato alojamento da escola. Quem podia, alugava casa, geralmente e devido a proximidade, no bairro. Apesar das mudanças o bairro Universitário ainda era visto como reduto de intelectuais.

Do outro lado da rua, mas em frente a casa, o jovem havia parado, atraído pela música. Alto, magro, olhos profundamente verdes, tinha cabelos pretos cortados rente, um pequeno cavanhaque, podia ser considerado bem vestido, mas não se distinguiria de outros estudantes ou morador do bairro, considerado de classe média alta.

Absorto, não teve consciência que a música terminara. Desperto, voltou a olhar em volta, atravessou a rua retomando a caminhada, mas ao se aproximar da casa algo chamou sua atenção. Voltou a parar, perscrutando o jardim, conferindo as janelas e suas cortinas, vendo os detalhes das esquadrias e a bela cerca viva. Parado, teve sensação de déjà vu, como se conhecesse o local, nele já tivesse estado, soubesse o que a música representava. Ela o havia

remetido à sua infância e às estripulias que fazia com os amigos.

Parado e meditativo, sentira sensação estranha, algo que nunca tinha experimentado. Buscou alguma imagem similar e não a encontrou. Mesmo assim, algo lhe parecia familiar. Retomou a caminhada e se aproximou do portão disposto a examinar o escudo. Sim, já havia visto algo semelhante em algum lugar, mas não conseguia se lembrar. Voltou a examinar o jardim, vendo a disposição dos canteiros e a profusão das flores, um colorido variado que era preenchido pelo zumbido dos insetos e pelo esvoaçar dos pássaros. De repente, como se houvesse despertado de sonho, balançou suavemente a cabeça, levantou os olhos e retomou os passos, caminhando lentamente.

Tinha muito o que fazer, não só relacionado aos estudos, mas à própria adaptação ao mundo novo e ao jeito de vida diferente. Refletiu que talvez a estranheza sentida estivesse relacionada a se encontrar em outro mundo, mas deixou isso de lado. Observou o por do sol sentindo a leve brisa, que o lembrou do mar e do vento constante na praia próxima do que um dia havia sido sua casa. Lá o entardecer era rápido e mudava a temperatura, que ficava mais fria.

A lembrança não lhe trouxe nostalgia, mas raiva. Estar ali não era vontade dele, sua iniciativa. Queria estar na universidade, fazer bom curso, mas nada fora da sua escolha. Ainda se ressentia da forma como havia partido e viera para a Universidade. O destino - não, não fora ele, na verdade - havia conspirado para que seus planos fossem frustrados no lado pessoal, de estudos e emocional.

Criado em ambiente austero, segundo filho de família com três irmãos - dois homens e uma mulher - sempre soube que papel lhe estava reservado na sociedade natal. Era, afinal, o filho do meio e, por isso, teria de fazer sua própria vida. O que a família possuía ficaria para o irmão mais velho. A irmã, mais nova que ele, acabaria em casamento arranjado, que ampliaria relações e poder político do pai. Havia quebrado regras e lhe rendera o exílio.

Tentou espantar o pensamento. Não era hora certa. De momento, nada podia fazer. Teria de cuidar dos estudos e se preparar. Um dia retornaria, como havia prometido, não para casa, mas para a cidade e o planeta. Quando acontecesse, seria diferente. O desafio era construir nova vida, mostrando ao pai que podia viver independente dele, sem se submeter a seus valores ou regras, aplicadas à família com mão de ferro e que também eram impostas à sociedade, através da instituição onde era dos nomes mais influentes. Não seria mais o filho do meio, aquele que não tem direitos, a não ser fazer o que a família deseja, espremido entre o primogênito e a



irmã, irrelevante. Teria relevo e o conseguiria, mesmo que percorresse o caminho mais difícil.

Sim, fora rebelde. Desafiara o pai. Se obedecesse as regras, poderia ter ótima vida, sem se preocupar com o futuro. Exercendo poder e influência, o pai tudo arranjaria. Fora este poder e influência que mostrara ao lhe retirar de casa e o levar para outro planeta, alguns anos luz distantes, impondo-lhe o exílio do qual só poderia escapar construindo algo diferente. O que mais o deixava amargurado era a perda do amor e acontecera por subestimar o poder paterno. A viagem fora a isca arranjada para afastá-lo pacificamente, evitando escândalo. Desaparecendo de casa e do planeta, salvara a honra da família. A família teria a desculpa perfeita para a ausência: estudos. Sua rebeldia tinha colocado tudo a perder.

Absorto, por pouco não passou por sua casa. Soturno, caminhou para o portão, estendeu a mão para abri-lo e parou quando lembrou-se de onde vira o escudo e ouvira a música. O que era inconsciente, aflorou. Reviveu a cena e seus detalhes. Devia ter 10 ou 11 anos. Estava na sala de casa, absorvido em alguma tarefa e o pai, ao lado, conversava com o irmão cinco anos mais velho que ele, mostrando-lhe um objeto.

Curioso, pediu para vê-lo. O pai o mostrou, mas não permitiu que o pegasse.

Estava explicando ao irmão a simbologia nele contida. Fechando os olhos, podia ver claramente a paisagem com a grande árvore, um enorme e centenário cedro. Ao fundo, em céu idêntico, as duas luas que, segundo seu pai, representavam antigo mundo, onde a religião que professavam havia surgido.

O escudo que vira era diferente, faltando-lhe a frase daquele mostrado pelo pai. Cerrou os olhos e tentou lembrar-se.

O que era?

As letras foram surgindo.

Primeiro, o A. Depois, o D, formando AD. Em seguida, outra palavra: ASTRA. Forçou a lembrança e duas novas letras surgiram: ET. Ainda faltava algo e, aos poucos, a palavra foi se formando, ULTRA. A frase era AD ASTRA ET ULTRA. Podia vê-la na parte de baixo do escudo em letras meio góticas e ouvir as palavras do pai, ressaltando a importância do ícone e o que a frase representava na história de sua religião, traduzindo-a por “Até os astros e o infinito”, mas que, na língua em que fora escrita originalmente, sua

tradução literal era “Até os astros e além”.

A memória revivida lhe trouxe o cenário, tornando-o claro e o fez ouvir, também claramente, a música de fundo, muito parecida com a que saía da casa que acabara de deixar para trás. O pai explicara que era gênero antigo, que nada tinha com a crença, mas que apreciava, por trazer-lhe calma. Era como se tivesse voltado no tempo e ouvisse novamente o pai dizer ao irmão:

- Este escudo é relíquia de nossa religião e está com nossa família há centenas de anos, várias gerações. Nós o temos guardado e a cúpula da Igreja sempre soube. É importante, pois representa momento vivido há muitos séculos na história dos homens e alguns chegam a dizer que antecede à nossa religião, referindo-se, na verdade, às primeiras viagens espaciais. Se isso é verdade, não há provas, mas é muito antigo e isso pode ser determinado pelos materiais usados. Para nós - e você tem de saber - é inestimável, símbolo da família, de sua origem e linhagem. Quero que estude tudo sobre ele, pois chegará a hora que este conhecimento lhe será necessário. Deve saber, também, que é muito valioso, mas jamais deve ser vendido ou deixar a família. Recebi-o do meu pai, que o recebeu do meu avô e vou passá-lo a você, que depois o deve passar a seu filho e, ele, aos seus filhos. A tradição tem de ser mantida.

Sorrindo com a lembrança, terminou de estender a mão e abriu o portão. Entrou em casa, colocou a mochila sobre a mesa, foi à cozinha, pegou um copo de água, voltou à sala e se sentou, pensando se o encontro da casa e do escudo haviam sido apenas coincidência. Seu pai não deixava nada à parte, mas como poderia saber da casa, se nunca tinha vindo ao planeta onde a Universidade estava e fizera tudo - pelo menos foi o que lhe dissera - através de amigos que não pertenciam à Igreja. Havia, aqui, algum mistério e ele o queria resolver, saber quem era o morador da casa e o que podia dizer sobre o escudo. Quem sabe não acabaria descobrindo a verdade.

## VOLTA NO TEMPO

**C**aleb Valk vinha subindo na hierarquia da Igreja e, como coroamento da ascensão, chegara ao Conselho Episcopal e iria se tornar - todos diziam - o próximo Diretor Financeiro da instituição, cargo que lhe daria poder e o transformaria em importante personagem do planeta. Ele e Valgeir Rsend conheciam-se e eram amigos há anos. E foi esta amizade que trouxe Noor, a filha de Valk, à casa dos Rsend e ao primeiro contato com Xilim. No primeiro encontro – e muitos outros se sucederam – os dois eram crianças, mas a menina que parecia frágil deixou profunda impressão no garoto. Anos depois, garantia que desde o primeiro momento apaixonou-se por ela – e ela dizia o mesmo em relação a ele.

Há quantos anos tinha acontecido? Xilim lembrava-se e jamais iria esquecer do dia e da hora certa. Com a mudança de Valk para Enaima, assumindo as funções no Conselho Episcopal e, pouco depois, preenchendo a função de Diretor Financeiro da Igreja Cristã Católica Renovada de Ourea, a proximidade entre os Rsend e Valk tornou-se maior. Ocupando cargos de destaque, os dois se aproximaram mais e isso permitiu que Xilim e Noor também ficassem mais próximos. As duas famílias moravam perto e Noor tornou-se muito amiga de Maria, a irmã de Xilim, o que a levava muito à sua casa. Amigos e parceiros, Valgeir e Caleb estreitaram a ligação, o que também aconteceu com as famílias. Valgeir era o Secretário Geral da Igreja e, Caleb, seu Diretor Financeiro, cargos só menos importantes que o de Presidente do Conselho.

A história das famílias, no entanto, era diferente. Os Rsend tinham longa ligação com a Igreja e há algumas gerações ocupavam a Secretaria Geral. Havia sido assim com o bisavô, o avô e o pai de Xilim, o que a tornara a família tradicional e respeitada em Ourea. O sobrenome Rsend era símbolo de poder, temporal e religioso. Os Valk, por outro lado, não tinham tradição. Caleb havia nascido em cidade do interior e, na juventude, havia feito a opção de seguir carreira religiosa. Ao ser ordenado, especializara-se na área financeira. Desde seu primeiro posto, a sua gestão havia sido

exemplar, o que fez com que galgasse postos na hierarquia religiosa. Seu posto anterior, antes de chegar a Enaima, era de bispo de Amatea, a capital administrativa do planeta.

Caleb e Valgeir chegaram ao Conselho Episcopal praticamente ao mesmo tempo, mas de maneira diferentes. Valgeir, era o segundo do pai na Secretaria Geral, e assumiu o posto com a aposentadoria do avô de Xilim. A ascensão não foi novidade, pois era certo que iria acontecer, dependendo apenas do tempo. Era o coroamento da carreira na instituição, mas que, na verdade, tinha cartas marcadas, pois ninguém ousava desafiar o Secretário Geral. A ocupação do posto por um integrante da família havia se transformado em tradição e já se dava há mais de 10 gerações. Ao ocupar a Secretaria Geral, Valgeir passou a ter assento no Conselho Episcopal e isso o aproximou mais de Caleb, a quem ajudou, com discreto trabalho de convencimento, a tornar-se o Diretor Financeiro da Igreja.

Na Igreja, fazendo analogia com a democracia parlamentar, o Presidente do Conselho era como o chefe de Estado: representava a instituição, mas não mandava nela. O poder, de fato, era do Secretário Geral, que poderia corresponder ao Primeiro Ministro. O Diretor Financeiro era, depois do Secretário Geral, o segundo cargo mais importante.

As responsabilidades das funções e a necessidade de trabalharem juntos estreitou a amizade entre Valgeir e Caleb. Estavam sempre se encontrando em casa, frequentando um a outro, fazendo com que seus filhos também se tornassem amigos. Xilim e Noor, que tinham a mesma idade, tornaram-se inseparáveis. Iam e voltavam juntos da escola e – o que a família não sabia – explorando partes da cidade e, sempre que podiam, estudavam juntos, tanto na casa de Xilim, quanto na de Noor. Na verdade, eram muito mais que amigos, segredo de polichinelo – todos sabiam, menos as famílias – estavam apaixonados. Para eles, relação natural, sem problemas, mas não era assim que seus pais viam.

\*\*\*\*\*

- Xilim, por favor, depois vá até o escritório. Precisamos conversar.

Sem saber o que esperar, Xilim foi atender o pai no escritório de casa. Bateu à porta, entrou e sentou-se de forma descontraída. O pai sempre fora rigoroso, mas justo. Sempre dera abertura aos filhos para falarem francamente e os ouvia com atenção, tomando

decisões que mesmo os adolescentes consideravam sensatas, mas era extremamente rígido quando se tratava da Igreja, do cargo que ocupava ou da posição social da família. Xilim não sabia do que se tratava e aguardou.

- Filho, você está terminando o ensino médio e precisamos pensar no que irá fazer no futuro. Pensei que seria bom ir para a Universidade, em Amatea. Sei que não falamos nisso, mas é hora de decidirmos. Quero que pense seriamente no que quer fazer. Assim posso fazer os acertos para entrar na Universidade Nacional.

- Pai, não quero ir para Amatea. Quero estudar em Enaima. O Staso estuda aqui e posso fazer o mesmo. Não quero ficar longe da Noor e sei que estudará aqui. Foi o que me disse e o pai já aceitou.

Xilim viu o leve levantar de sobrancelhas do pai quando citou Noor. Este era um sinal quase imperceptível de quando Valgeir ficava preocupado, mas o filho não considerou nada sério e o pai, afável, pediu-lhe que pesquisasse o que queria fazer e pensasse no assunto, pois voltariam a conversar e, então, a decisão seria tomada. Uma semana se passou e Xilim foi novamente chamado pelo pai.

- E então, filho, já pensou no curso que quer fazer? E sobre ir para Amatea?

- Pai, não quero ir. Já vi que a Universidade de Enaima tem ótimo curso de Administração e é o que escolhi. Pretendo ficar aqui, para não me afastar de Noor. Ela também irá estudar lá e, assim, vamos continuar juntos.

- O que quer dizer quando fala em ficar junto com Noor?

- Estamos apaixonados e vamos nos casar. Já decidimos. Iríamos falar com o senhor e com o pai dela, assim que chegássemos à idade. Sabemos que somos novos e que não podemos fazer isso agora, mas já decidimos o que faremos. Nós nos amamos.

Efetivamente, Xilim e Noor haviam escolhido os cursos na universidade local e o fizeram para ficar juntos, como acontecia no colegial. No arroubo da juventude, haviam jurado amor eterno e dito que nada os havia de separar ou impedir de se casarem, terem filhos, família, como a de seus pais. Olhando para o filho de forma fixa, Valgeir escutou-o em silêncio.

- Filho, lamentou estragar seus sonhos, mas quem irá se casar com Noor é o seu irmão, Staso. Já está tudo acertado. Eu e Caleb conversamos e concordamos que é o melhor para nossas famílias. Falei com o Staso e ele aceitou. Tenho certeza de que o Caleb está

fazendo o mesmo com a filha e que também irá aceitar. Então, para você, é melhor ir para Amatea. Assim evita problemas para as famílias.

- Você não pode fazer isso. Eu e a Noor nos amamos e não vamos aceitar que nos separe. Se você e o pai dela insistirem, vamos fugir. Pode estar certo disso.

- Xilim, por favor. Quero que você se recolha. Vá para o seu quarto e não deve deixar a casa, até que diga o contrário. Sabe que se fizer isso, serei informado. Vamos voltar a conversar.

\*\*\*\*\*

Xilim e Noor se encontravam na “praia secreta” quando queriam ficar sozinhos. Usavam como código sinal colocado na janela de cada um. Quando o viam, iam para lá. Após a conversa e a caminho do quarto, pensou em colocar aviso para Noor, pedindo que o encontrasse. Mas o que diria a ela? Estava disposto a enfrentar o pai, a família, a sociedade e o planeta. Mas e Noor? O que faria? Será que iria fazer o mesmo? Apesar das juras que fizeram, não tinha certeza. O que fizessem contra as decisões das famílias acabaria gerando escândalo, causando dano à posição Caleb e Valgeir. Será que queria expor Noor? Não podia tomar a decisão sozinho, sem conversar, mas como é que abordaria o assunto? Ficou com medo de ouvir que aceitaria o casamento, deixando o amor de lado e se submetendo ao interesse das famílias. Precisava pensar e decidir se iria ao encontro de Noor. Estava de quarentena, mas sabia sair de casa sem que ninguém visse. Era fácil chegar ao “local secreto” de encontro dos dois.

Desceu, contornou a área dos criados, procurou a saída lateral e deixou a casa. Chegou ao canto secreto, sentou-se e ficou pensativo. Aos poucos, sentiu as lágrimas correrem. Não era dado a choro, mas tinha vindo de forma espontânea e se deixou levar, não contendo os soluções. No meio das lágrimas, novamente as indagações lhe voltaram. Precisava conversar com Noor, mesmo que não ficasse ao seu lado. Só poderia enfrentar o pai se o apoiasse. Se fraquejasse, cederia. Será que havia saída? Tinha de descobrir. Podiam fugir, foi o seu primeiro pensamento. A fuga resolveria um, mas criaria outros problemas: onde ficar? Como se manter? O que podiam fazer? Eram perguntas sem respostas, pois dependiam da família. Havia caído na armadilha das tradições e costumes locais. Como sair dela?

Absorto, não viu Noor chegar. Ela o fizera de forma silenciosa e o assustara com o abraço. Envolveu-a nos braços e a beijou.



Sentada a seu lado, recostou-se em seu ombro e ficou lhe beijando o pescoço, o que o deixava arrepiado. Ficaram abraçados e quietos e foi quem quebrou o silêncio.

- Noor, achei que só vinha aqui junto comigo?

- Não Lim, venho muitas vezes sozinha. Gosto de ouvir o barulho das ondas. Me ajuda a pensar.

- Amor, quero lhe fazer uma pergunta: Se tudo der errado entre nós, você se casaria com outro?

- Nunca, Lim. Nunca mesmo. Nada nesse mundo faria com que me casasse com outro. Mas por que está me perguntando isso? Aconteceu alguma coisa?

- Claro que não. Já imaginou que no próximo ano, quando estivermos na universidade não precisaremos mais nos esconder?. Seremos apenas mais um casal de namorados. Não vejo a hora disso acontecer.

A inevitável pergunta aflorou no pensamento e chegou à boca de Xilim, mas acabou não sendo verbalizada. Iria ter outra conversa com o pai e as coisas podiam mudar. Se isso acontecesse, poderiam seguir seus planos. Se o pai mantivesse sua decisão, conversaria com Noor e juntos decidiriam o que fazer.

\*\*\*\*\*

A sociedade de Ourea é conservadora e fortemente hierarquizada e entre as famílias ligadas a cúpula da Igreja, ainda mais. Nelas, os casamentos dos primogênitos se davam sempre por interesse, acoplados ao interesse das próprias família. Nessas famílias e no planeta havia, sim, casamentos por amor, mas eram exceções. No caso dos Valk e dos Rsend, a união do primogênito de Valgeir com a filha de Caleb, do ponto de vista da posição familiar e olhando o futuro, fazia sentido, unindo, além da amizade, dois poderosos clãs do planeta. Ambos ganhariam em prestígio fortalecendo sua posição, o que poderia lhes abrir novas portas. No caso de Valgeir seria a consolidação do caminho do filho, educado para o suceder. No de Caleb, significava a indicação para Presidente do Conselho Episcopal, posição simbólica que lhe conferia o poder espiritual no planeta, sendo ouvido nas questões relevantes de dentro e de fora da Igreja. A união de Staso o Noor seria celebrada, mesmo que soubessem que os dois não queriam o casamento.

Xilim não era ingênuo e, como o filho do meio, sabia que lhe eram impostos muitos deveres, com poucos direitos. Estes estavam

destinados ao irmão, que sucederia o pai e representaria a continuação da família, algo que todos prezavam e de que tinham orgulho. Apesar da diferenciação de Staso em relação a ele, Xilim não teria vida difícil. O simples fato de ter o mesmo sobrenome do Secretário Geral da Igreja já lhe conferia status especial. Viveria tranquilo e confortável, mas a tranquilidade e o conforto seria decorrência de aceitar as regras da sociedade. Se enfrentasse o pai, iria de encontro às crenças sociais majoritárias arraigadas na sociedade, sancionadas pela Igreja e aceitas pelo Estado. Era o que a religião dominante no planeta pregava. E a família Rsend, de certa forma, era parte da “cara” dessa religião.

Tinha decisão muito difícil e embora já tivesse confrontado o pai, só poderia seguir em frente com o assentimento de Noor. E tinha medo de lhe perguntar. Seria, talvez, mais atingida por ser mulher. O que a sociedade lhe dizia – com exceção de pequeno segmento – é que devia de se submeter ao pai em favor da família, vista como o bem maior. Se não o fizesse, o prestígio da família seria abalado. O sentimento individual, neste caso, não contava, pelo menos para a maioria da sociedade.

Podia enfrentar a situação. Mas e Noor, como ficaria? No tivera coragem de lhe relatar a conversa com o pai e, como nada falou, ficou imaginando que Caleb não lhe devia ter falado do casamento. Era melhor esperar nova conversa com o pai. Então, junto de Noor tomaria a decisão.

\*\*\*\*\*

Antes da conversa de Valgeir com Xilim ocorrer, ele e Noor tinham acertado viajar nas férias. Iriam para Amatea, a capital do planeta, mas as famílias não sabiam que se encontrariam e ficariam juntos. Noor acompanharia o grupo de louvor, que participaria de festival anual da Igreja e teria várias apresentações na cidade. O encontro seria “por acaso”. Ele “descobriria” o festival, indo à abertura e ficaria “surpreso” de ver Noor participando. Depois dos recitais, ficariam na cidade. Estava criada a oportunidade para ficarem juntos de modo aberto, como namorados, mostrando publicamente o seu amor. Os dois haviam manejado as famílias para que acontecesse e tinha dado certo. Esperavam ansiosos a chegada das férias. Agora, todo o planejamento podia ir por água abaixo e dependia de saber se Noor aceitaria ou não a decisão de Caleb. Se acontecesse, podia perder as esperanças e aceitaria ir para Amatea.

Ao retornar ao quarto, estava preocupado. Apesar de Noor ser categórica que não se casaria com outro, a dúvida lhe assaltou. A

namorada estava sendo sincera, mas será que aceitaria enfrentar o pai, a família e a sociedade? Se o sim fosse resposta para as perguntas, havia a alternativa da fuga. E foi pensando nela que pediu ao computador para lhe apresentar instituições que abrigasse jovens fugitivos, sem muita esperança de que houvesse tais coisas em Ourea. Ficou surpreso ao descobrir várias e que havia bastante divulgação das atividades que exerciam. A que mais lhe chamou a atenção foi a Casa do Abrigo, atuante em todo o planeta e que abrigava pessoas como com ele e Noor, que fugiam do jugo familiar, desafiando a Igreja. A instituição aceitava os jovens e lhes arranjava novas moradas e lugares e trabalho fora de suas regiões de origem. Eram realocadas e tinham o anonimato garantido pela adoção de novas identidades. Sorriu diante da alternativa. Tinha encontrado a saída.

A única exigência da Casa do Abrigo para aceitar os fugitivos era que fossem maiores de idade. Em Ourea, a maioria civil para homens e mulheres era aos 17 anos e Xilim e Noor acabaram de completar esta idade. As informações indicaram que a Casa, após receber os fugitivos, informava as famílias que lhes dera abrigo e os resguardava, impedindo que fossem coagidos a voltar. Amparada nas leis planetárias, protegia-os até a realocação, construindo-lhes histórias aceitáveis para a comunidade em que viveriam.

No material da Casa havia, no entanto, observações que assustaram Xilim pelas dificuldades que os fugitivos enfrentavam, como comunidades que não conheciam e trabalhos em que não eram especializados. Mudavam de vida, o que era difícil. Mas a taxa de sucesso era de mais de 80% dos acolhidos. Xilim pensou que poderiam ir para o outro lado do planeta, casando-se e vivendo juntos e felizes. Havia luz no final do túnel, restava saber, apenas, se Noor aceitaria passar pela escuridão até chegarem à claridade.

Com a alternativa, ficou mais tranquilo e preparou-se para tomar banho e ir dormir. Ouviu, então, leve batida na porta. Abriu. O criado da noite lhe passou recado do pai, para que fosse ao escritório. Desceu e se preparou para novo embate, mas encontrou o pai diferente.

- Xilim, desculpe se o acordei. Quero lhe fazer um convite. Tenho de ir a Metis por obrigação profissional. A viagem foi decidida às pressas e como sei que está de férias gostaria que fosse comigo. Fará a primeira viagem espacial e conhecerá novo planeta. O salto é curto. Acho que irá gostar. Isso só aconteceu comigo depois de estar casado e com filhos. Quer ir, filho?

- Não é o Staso que sempre viaja com você? Não está mais zangado comigo?

- Xilim, na viagem teremos oportunidade de conversar e vamos chegar ao entendimento, com você compreendendo que é importante, não para mim, mas para a família. O Staso tem curso e não pode ir. Para não viajar sozinho, decidi chamá-lo. É a oportunidade de trocarmos ideias, dizendo-me como vê o futuro e o que pretende fazer.

- É claro que quero ir. Mas, pai, não acho que vou mudar de opinião em relação a Noor. Eu a amo e tenho certeza absoluta que sou correspondido.

Valgeir o ouviu em silêncio, sorriu e lhe pediu que se preparasse para a viagem no dia seguinte. Não era preciso levar muita coisa, pois ficariam apenas dois dias. Xilim ficou feliz pelo convite, mas no fundo desconfiou que fosse manobra. Desde pequeno sabia que o pai não aceitava desafios às suas decisões. Contestá-lo era inútil e foi por isso que aprendeu a contornar os problemas, sempre dando a entender que faria o que lhe fora pedido, mas fugindo do jugo paterno. Estava sempre um passo à frente do pai e, pensando nisso, antes de se deitar, escreveu a Noor. O bilhete ficaria com Eyza e, se houvesse algo, seria entregue à namorada. O que não sabia – e seu pai, sim - era que Noor já tinha viajado para Amatea.

\*\*\*\*\*

Noor chegara antes a Amatea, acompanhada dos integrantes do Grupo de Louvor de Enaima. Pelo que combinaram, Xilim chegaria na semana seguinte. Longe dos pais, tinham mais liberdade e aguardou ansiosa. Na data acertada, ligou para o número que havia lhe dado. Ao atenderem, ouviu a informação que lá não se encontrava ninguém com o nome dado. Ficou apreensiva e conferiu as datas. Ele já devia ter chegado. Em dúvida, voltou a ligar e o atendente, atencioso, lhe disse que não havia nenhum hóspede com o nome, mas dispôs-se a verificar se havia reserva. Sim, havia sido feita reserva, mas fora cancelada no dia anterior e, não, não sabia a razão.

Preocupada, ligou para Enaima, para a casa dos Rsend. Foi atendida por Eyza. Sem se identificar pediu para falar com Xilim. Não era possível, pois tinha viajado. Imaginou que podia ter mudado o local da estadia e que faria contato. No dia seguinte, nenhum contato. Na primeira apresentação no festival, perscrutou o auditório e nenhum sinal de Xilim. Preocupada, ligou novamente para os Rsend, falando com a mãe de Xilim, Semanh. A informação

adicional era que Xilim havia viajado com o pai, que estava tudo bem, mas não sabia quando voltariam, pois dependeria dos compromissos de Valgeir. Procurou Maria. A amiga confirmou o que a mãe dissera e, aproveitando, reclamou, dizendo que o irmão estava aproveitando, enquanto ficava em casa sem fazer nada.

Estava meio alarmada, mas procurou tranquilizar-se e esperar, até por ter a semana de apresentações, o que a impediria de ficar com Xilim. Depois, sim. Teriam todo o tempo e esperaria que fizesse contato, explicando o que tinha havido.

Só que não aconteceu. Xilim não apareceu.

## OBSESSÃO

**N**o,  
*Eu te amo. Nunca duvide disso e vou te amar sempre. Em tempo algum alguém vai lhe substituir no meu coração. Você o ocupou e será sempre a dona dele.*

*Estou viajando com meu pai. Desculpe por desfazer os nossos planos, mas é uma oportunidade única. Farei o meu primeiro voo interplanetário. Depois, teremos todo o tempo para ficar juntos.*

*Há algo que precisava lhe dizer, mas não tive coragem. Meu pai faz planos para o seu casamento com Staso, meu irmão. Já disse que não aceito e que vou me casar com você.*

*Minha esperança é que tenha mudado de ideia, o que a viagem é uma boa indicação. Mas não sei ao certo. Então, devemos nos preparar para o pior.*

*Juro que vamos ficar juntos.*

*Te amo.*

*Lim”*

O bilhete, com a inconfundível letra de Xilim, foi entregue a Noor logo depois de ter voltado de Amatea por Eyza, a governanta dos Rsend. A leitura lhe deixou com muita raiva. Seu primeiro impulso foi rasgá-lo em mil pedacinhos e o jogar fora, mas não o fez, molhando-o com lágrimas e o guardando cuidadosamente.

Há duas semanas voltara à Enaima e Xilim não tinha reaparecido, embora o pai estivesse de volta. Apesar de seus esforços não tinha nenhuma informação substancial sobre o paradeiro do amado, mas apenas fofocas. O que ouviu era “Xilim foi estudar”, parando por aí. Se antes se sentia sozinha, agora tinha certeza de estar. O que poderia fazer?

A perspectiva de ficar junto do seu amor, de certeza tinha se transformado em vaga esperança. O futuro amoroso lhe era incerto, mas se havia algo certo é que jamais se casaria com outro, como muitas vezes dissera ao amado. Se o pai aceitasse o acordo com Valgeir não se submeteria e iria enfrentá-lo. Venceria, mesmo que tivesse de armar o maior escândalo que Enaima e Ourea viram envolvendo “figurões” da Igreja. O que pensava de pior, havia acontecido. A única certeza era que poderiam virar o mundo de ponta cabeça que não se casaria, de jeito nenhum, com Staso, o irmão de Xilim. Desde que recebeu o bilhete, Noor viveu a expectativa de o pai lhe chamar para falar do casamento, mas nada tinha acontecido. Enquanto esperava, chorava e sofria.

Farta de esperar e se conter, decidiu tomar a ofensiva. Ficou à espera do pai na volta do trabalho. Quando chegou, aproximou-se e o beijou, como sempre fazia e ele a abraçou.

- Pai, queria conversar com você, mas não aqui em casa. É assunto meu, particular, que não quero informar à família.

Sugeriu conversassem na sede do Conselho Episcopal e o pai aceitou. Noor devia ligar para sua secretária e ver horário que teria, deixando a conversa agendada. Ela o fez, descobrindo que a agenda do pai estava cheia e que só conseguiria lhe falar na semana seguinte. O pedido deixou Caleb curioso, mas achou, também, que seria a oportunidade de dizer à filha das conversas com Valgeir, sobre o casamento com Staso. Sabia que iria protestar, mas considerava que, no final, aceitaria a decisão apoiada pela família. Então, estaria tudo resolvido.

No dia e hora que acertados, Noor chegou ao Conselho. Conhecida, foi levada ao escritório do pai, que a acolheu com largo sorriso, recebeu seu beijo e a levou para o confortável sofá, sentando-se ao lado dela.

- E então, filha, o que era tão importante que queria conversar comigo a sós?

- Desculpe pelo que vou lhe dizer e que, acredito, o deixará chocado, mas não vim discutir, nem pedir. Vou dizer o que irei fazer, com ou sem a sua permissão: Vou me mudar para Amatea para estudar Música e Canto na Universidade, em que já estou matriculada. Lá, irei morar no Abrigo da Igreja, onde já arranjei apartamento. Não, não fale nada, pois tem mais e nada do que disser irá me fazer mudar de ideia.

Surpreso, Caleb permaneceu em silêncio e ouviu a filha lhe afirmar que, embora ninguém houvesse falado no assunto, sabia

que estava acertando seu casamento com Staso Rsend, mas que nada no mundo lhe faria casar-se com ele.

- Foi por causa desse acerto que Xilim, a quem amo, desapareceu. Não estou dizendo que seja o culpado, pois acredito que nada tenha a ver com isso. Posso lhe garantir, no entanto, que não há força neste e em nenhum outro mundo que me faça casar com Staso.

Caleb estava atônito e pela primeira vez na vida adulta não sabia o que fazer. Permaneceu calado, ouvindo a filha.

- Pai, na verdade, nada mais importa. O que sonhei desde criança, acabou. Sem o Xilim, não tenho motivo para ficar em Enaima. Era ele e o amor que lhe dedico que me fez ficar, abdicando, inclusive, da ideia de estudar música. Tudo mudou e seguirei meu caminho. Se o Lim voltar, vai me encontrar como deixou, solteira, esperando e cumprindo o juramento que fiz.

Noor não parou por aí, acrescentando que se o pai já tivesse conversado com a mãe sobre o casamento com Staso ou se já o tinha confirmado com a família Rsend, teria de desfazer o que prometera.

- Nunca pensei em fazer escândalo e por isso pedi para conversar fora de casa. Mas se quiserem me forçar, vou armar o maior barraco do planeta, transformando nossa família, os Rsend e a própria igreja no assunto preferido da mídia sensacionalista. É o tipo de assunto que gosta e se envolver duas das maiores figuras da Igreja será ainda mais atrativo.

Noor abriu a bolsa e entregou uma pasta ao pai com o manuscrito da história. Nela, podia haver especulação e hiatos, pois não conhecia a trama por completo, mas para a mídia sensacionalista era ainda melhor e permitiria a exploração de outros ângulos da história. Além do texto, havia fotos dela, da família, do pai e da família Rsend. O manuscrito contava, ainda, pequena história do que Valgeir havia feito, baseada no bilhete de Xilim, do que tinha ouvido de amigos seus e dele. A cópia não era única. Havia outras. Se houvesse qualquer tentativa de casá-la, impedir que fosse para Amatea ou prejudicá-la, as informações chegariam aos principais veículos da mídia planetária. E se acontecesse, ninguém poderia prever o resultado.

- Não pretendo criar escândalo pois também serei prejudicada. Nem falarei com mamãe e meus irmãos. Espero que faça isso. Quero que entendam que foi decisão sua, não



minha. Não quero que pensem que tirei sua autoridade. Quero preservar a família, mas só farei isso com a condição de poder me mudar e fazer o que desejo. Se quiser, chame isso de chantagem, não me importo. Ah, e tem mais: Vou encontrar o Xilim e vamos ficar juntos.

Sem esperar a resposta do pai, levantou-se e saiu. Ao fechar a porta, sentiu vertigem e teve de se apoiar para não cair. Nunca havia imaginado enfrentar o poderoso Caleb Valk e, mais do que isso, vencê-lo totalmente no seu próprio campo. Pela família e pela Igreja, jamais poderia aceitar escândalo e não podia ter certeza de que cumpriria ou não a promessa. Ela o havia colocado contra a parede e o deixara sem opções. Tinha dado o primeiro passo de longa caminhada. Havia vencido a primeira batalha, mas muitas outras viriam e teria de as combater com a esperança de no futuro ter ao lado o homem que amava.

Ao retornar à casa, Noor começou a cuidar dos preparativos para se mudar, o que faria logo depois que Caleb conversasse com a família. A conversa aconteceu alguns dias depois, reunindo-a para o que, avisou, decisão importante.

- Vocês sabem que procuro ser justo com a família e que, apesar de minha posição e meus deveres, acabo permitindo coisas que nenhuma outra permite. Considero que isso é estar à frente do tempo. Agora, vamos dar mais um passo à frente. A Noor foi me pedir e depois de conversar com Amirah e considerarmos o pedido, decidimos autorizá-la a ir para Amatea estudar música, que sempre foi o seu sonho. Estamos adotando atitude pioneira em relação as mulheres e espero que se orgulhem desta iniciativa.

\*\*\*\*\*

Dois meses eram passados desde a conversa com o pai e Noor estava em Amatea, matriculada e estudando na Universidade. Era sua primeira experiência fora da família, vida diferente, longe do ambiente conhecido em que havia vivido. Teria de se adaptar à nova cidade – e Lim certamente estava passando pelo mesmo problema – sem contar com a família. Sua decisão a transformara em divergente, à margem de seus familiares, mas também lhe granjeara admiração, pela coragem, e era vista como exemplo para outras mulheres. Com a mudança, o que mais sentia era a ausência de Xilim. Sentia muita saudade e pensava nele todos os dias, todos os momentos, nas pequenas coisas, nos momentos bons e nas dificuldades. Sozinha, mergulhou nos estudos. Inteligente e preparada, enfrentou as tarefas com determinação. E sua dedicação acabou fazendo-a reconhecida por colegas e professores.

Apesar de magoado e vendo sua autoridade em cheque, o pai de Noor, como havia dito diante da família, lhe ofereceu apoio e ajuda. Usou contatos e autoridades para deixar a filha em posição confortável e garanti que teria a assistência necessária. O choque inicial e a mágoa haviam passado. A posição de Noor ia ao encontro de suas convicções, que não gostava e nem apoiava casamentos arranjados, como mostrava sua união com Amirah, mas aceitava as regras sociais. Achou que Noor fora muito longe. Depois, refletiu e viu que a filha, de certa forma, apenas havia replicado o que fizera ao casar-se. A filha, ao não desafiá-lo publicamente, havia mostrado maturidade. Para todos os efeitos, a decisão havia sido sua. Encarnando o papel de pai protetivo, fez contato com o diretor do Grupo de Louvor da Catedral de Amatea, o que proporcionou um convite a Noor para integrá-lo. Agradeceu e recusou. Preferia dedicar-se exclusivamente aos estudos.

A música e reencontrar Xilim tornaram-se sua obsessão. Ao mesmo tempo em que se aperfeiçoava, melhorando voz, aprendendo variações musicais, estudando teoria e praticando nas inúmeras aulas particulares, também aprendia a usar melhor a tecnologia, principalmente as técnicas de rastreamento eletrônico. Lia sobre tecnologia e acabou, entre os colegas, se tornando autoridade no assunto, procurada para tirar dúvidas e ajudar no manuseio de aparelhos mais tecnológicos.

Na sua rotina, havia horário reservado para saber o que as famílias Rsend e Valk estavam fazendo. Muito visíveis, seu pai e o de Xilim sempre estavam presentes na mídia. O seu interesse era com as viagens, sobretudo para fora do planeta. Seu objetivo, achar o paradeiro de Xilim, mas nada descobrira. Era como se tivesse se desvanecido, ido para universo paralelo. Sobre ele, só o silêncio ensurdecedor. Suspeitava que nem a família sabia o destino de Xilim. Noor tentou de tudo para saber do paradeiro, mas acabava batendo no muro e ele até então tinha sido intransponível.

Na escola, nas aulas particulares e no alojamento, o que os colegas notaram é que, mesmo muito bonita e atraente, não tinha namorado. Os homens que tentaram se aproximar foram rechaçados. As meninas, jamais ganharam intimidade. Tornou-se solitária, fechando-se. As únicas coisas que lhe interessavam eram a música e o paradeiro de Xilim. Ali, não era a filha de Caleb Valk. Tinha adotado o nome da mãe, evitando a associação com o pai. Não pretendia chamar a atenção ou criar problemas para a família, como deixara claro, e assumiu outro papel. Criou um personagem, pessoa diferente dela, desvinculada da família, sem religiosidade. Estava construindo nova persona, se blindando e buscando o

caminho que a levaria ao encontro do amado, embora não soubesse onde estava e se vivia ou não.

E assim que a vida continuou.

Os dias passaram, os meses também e o ano letivo chegava ao final. A excitação da volta para casa tomou conta da maioria. Noor se fechou mais. Sequer pensou em voltar a Enaima e à família. Arranjou atividades extras e sem a obrigação dos estudos, aprofundou os conhecimentos sobre rastreamento e procura por pessoas desaparecidas, nunca perdendo a esperança de encontrar Xilim. Ao mesmo tempo, usou o tempo livre para novas aulas de canto, aperfeiçoando-se naquilo que pretendia ser. Descobriu-se com força que nunca imaginara ter, o que lhe sustentava. Pensando no que passara, vira como fora ingênua. O que mais desejara era casar-se com Xilim, ter filhos, viver vida pacífica, sem maiores desafios ou sobressaltos. Obtivera o contrário.

O amor lhe dera esperanças. Mas lhe tirara tudo. Perdera o amado e não sabia se o iria encontrar. E perdera a família, magoando o pai, afastando-se da mãe e dos irmãos. Não podia reclamar, pois a escolha fora dela. Teria de continuar em frente. Para quem não a tinha conhecido, virou incógnita. Não sabiam de onde viera, a que família pertencia e qual era o status dela, por que não tinha namorado e por aí adiante. Mesmo diante das interrogações ganhou respeito dos professores e colegas. E foi o que lhe abriu a primeira porta, da maneira mais inesperada. Ao deixar a sala de aula, o professor pediu que esperasse, pois precisava lhe falar.

O que ouviu a surpreendeu. A Escola precisava de cantora para o projeto de músicas sacras, que envolvia, a cada ano, gravações de canções diferentes. Nas aulas, o professor a tinha observado com cuidado e achava era talhada para a vaga existente. A condição era participar de teste. Se concordasse, a indicaria. Noor aceitou, fez a audição, foi aprovada e a gravação feita. Acabou como solista das canções – uma das quais, anos luz dali, Xilim ouvira na voz de um desconhecido. Foi o início de sua total imersão na música, que só lhe deixou espaço para a busca do amado.

Às vezes, no seu quarto pegava o bilhete de Xilim – envelhecido – e o relia. Seus olhos ficavam marejados, mas não chorava mais. Pensava nele como se tivesse sido um sonho muito bom. Dele, havia acordado para uma realidade dura, de busca sem fim, de estar junto do amado. Nutria esperanças e continuava buscando o caminho que a levaria a ele. Apesar da falta de pistas, em seu

coração nunca tinha duvidado que o reencontraria, cumprindo a promessa que fizeram.

\*\*\*\*\*

- Vocês estão dispensados. Não se esqueçam que tem trabalho para entregar na segunda. Senhorita Noor, gostaria de lhe falar após a aula. Pode encontrar-me no escritório?

O professor Anselm Setala era considerado dos melhores da Escola de Música da Universidade Central e reconhecido como ótimo instrumentista, fazendo apresentações individuais muito aplaudidas e com gravações de sucesso no planeta. Noor tinha despertado sua simpatia e fora quem lhe arranjara a primeira oportunidade. Ficou curiosa com o pedido. Devagar, arrumou e guardou suas coisas. Colocou na pasta os papéis com as tarefas das várias disciplinas e dirigiu-se ao escritório de Setala. Ao chegar, ele a estava esperando.

- Ah, olá Noor. Fique à vontade e me dê um minuto.

Ela sentou-se e esperou. O professor virou-se com um sorriso.

- Noor, você sem dúvida é minha melhor aluna e tenho ouvido o mesmo de outros colegas e é uma ótima cantora, com excelente voz e entonação. Juntando tudo, resolvemos – eu e colegas do quarteto da Escola – convidá-la para se juntar a nós, formando um quinteto, colocando sua voz na base instrumental que sempre fizemos. Vimos discutindo essa possibilidade, mas não tínhamos, até então, uma boa cantora. Agora temos. Eu e meus colegas estamos confiante de podermos formar bom conjunto com sua participação. O que me diz?

- Obrigado professor Setala. O senhor me pegou de surpresa. Confesso que gostaria muito de participar, mas preciso pensar um pouco. O senhor me dá algum tempo para decidir?

Setala lhe deu o tempo que julgasse necessário. Que pensasse bem e, assim que tivesse certeza, lhe diria se aceitava. Se a resposta fosse positiva, iriam estabelecer o programa de ensaios, criando o repertório básico. Só então pensariam nos próximos passos. Disse-lhe que, embora tocassem junto há algum tempo, o quarteto vinha se apresentando somente em Amatea. Pensavam que na nova configuração poderiam expandir a atuação com concertos em outras cidades. Como estavam presos à Faculdade, teriam de conciliar suas vidas de músicos com a de professores e, o mesmo aconteceria com ela, como aluna. Talvez para incentivá-la a aceitar, comentou

casualmente que haviam feito, no ano anterior, um bom dinheiro nas apresentações.

Noor prometeu pensar e a responder logo se aceitaria ou não. Quando deixou o escritório, sabia que aceitaria o convite. Era ótima oportunidade de aprendizado e caminhada e era o que queria. Sorrindo, deixou a faculdade pensando:

“Achei o caminho. Agora, é só percorrê-lo”.

## SIGNIFICADO DO ESCUDO

**X**ilim tinha tido dificuldades em se adaptar à vida no novo planeta. Sentia falta dos cultos na Igreja e descobriu, no primeiro ano, que queria saber mais de religião, seus princípios e credos. Mas isso podia esperar, pois teve de aprender a viver no novo meio, dominado pelos computadores e por aparatos tecnológicos. Em casa, no seu planeta, era diferente. Usavam a tecnologia, mas muito ainda era feito por pessoas e se ressentia disso. Aos poucos foi se acostumando ao jeito das coisas, das pessoas e passou a apreciar a simplicidade do bairro universitário e a dinâmica local. Também foi se entrosando na universidade, aprendendo, fazendo amigos e descobrindo como proceder. Inteligente, aprendia com facilidade – não tinha medo de perguntar, de pedir ajuda - e acabou se destacando na sua classe. Contribuíra o fato de ter poucas distrações – namorada, família e vida social.

Ávido por aprender, buscava matérias e informações novas, coisas diferentes que ampliassem seu horizonte, o que o tornou respeitado por colegas e professores. Embrenhado nos estudos, a semana foi carregada e embora o assunto lhe voltasse à memória, não teve como pesquisar quem era o morador da casa ajardinada, onde fora surpreendido com a música e se deparara com o escudo que tanto o intrigara. Continuava curioso e usaria o final de semana para traçar o curso que o levaria ao cantor e que serviria para afastar o pensamento do amor distante. Sonhava com Noor com frequência, sentia a maciez do beijo e o sabor diferente que seus lábios tinha. Quando a veria de novo? A questão lhe perseguia. Tentara entrar em contato, mandando-lhe mensagens, mas haviam retornado. E não podia contar com a família para falar com ela. Afinal, era um pária.

Em casa, colocou de lado o pensamento em Noor e começou buscar respostas às suas questões. Iria descobrir quem era o morador da casa do jardim e o primeiro impulso foi ir até lá, bater à porta, se apresentar e explicar o que queria. No seu planeta seria assim, mas as coisas eram diferentes e precisava seguir as regras

locais. O melhor era pedir informações ao computador, que as levantaria e apresentaria. Assim, com conhecimento mínimo, teria maior facilidade de se aproximar, mas não em contato direto. Teria, primeiro, de ver se o morador – que quase certo era professor na Universidade – o receberia. Fez o pedido ao computador e não teve de esperar muito.

O morador era o professor Hari Setala - veio a resposta – filósofo, historiador e com livros de sucesso sobre os dois temas, cujo hobby era a música. O que mais lhe chamou a atenção foi o resumo do livro sobre a influência das religiões nos planetas humano. Afirmava que muito do que a humanidade era, devia-se às várias religiões. Foram elas que formaram o caráter humano. Mas este era apenas um dos aspectos do currículo do professor, dos mais extensos, e que navegava da filosofia especulativa à simbologia e, desta, para as crenças humanas e seus fundamentos. Leu o que lhe foi dado pelo computador e, ao final, considerou ter base para conversar com Setala, se o recebesse.

Apesar de a sociedade local ser mais igualitária, havia separação entre alunos e professores na Universidade. Os dois lados conviviam, mas não conhecia casos de amizades entre eles. Aproximação, sim. Amizade mesmo, não. Os contatos eram formais. Alunos eram recebidos quando agendavam suas reuniões, que deveriam versar sobre a disciplina ministrada. O tempo de cada mestre era dedicado à sala de aula e atendimento aos alunos matriculados na disciplina que lecionava. Era o código não escrito que respeitavam e as coisas fluíam. E não iria desrespeitar o código.

“Computador, envie a seguinte mensagem ao professor Hari Setala, na Universidade: “Professor Setala, meu nome é Xilim e estou há pouco tempo na Universidade, o que não me deu, ainda, oportunidade de ser seu aluno. Casualmente, há poucos dias passei em frente à sua residência e o escudo colocado no portão me chamou a atenção. Conheço-o da minha casa, no planeta Ourea, e está relacionado à religião de minha família, que também é professada pela grande maioria dos habitantes locais. Gostaria muito de saber mais detalhes sobre o seu significado. Ficaria muito grato se me recebesse. Obrigado”.

Dera o primeiro passo. O próximo dependeria da resposta do professor, quando – e se – o respondesse, no que seria avisado pelo computador. Esperaria para ver o que aconteceria e, nas horas vagas, divagaria sobre a amada, a separação e encontro. Em Ourea, Noor estaria pensando nele? Continuava sem saber se recebera o

bilhete e se acreditara no que disse. Ou quem sabe, vendo que desaparecera, havia aceitado casar-se com Staso, mesmo que isso não a tornasse feliz. O que mais o amargurava era ter caído na armadilha do pai, deixando-se engabelar com a história da viagem espacial. Fora ingênuo e isso poderia lhe custar o amor de sua vida.

A promessa que lhe fora feita foi cumprida, pelo menos parcialmente. Quando chegaram a Metis, estavam à espera deles. Foram para o hotel e ficou livre para conhecer a cidade e suas atrações. Na noite anterior à volta, o pai chegou acompanhado de alguém estranho. Era o bispo da Igreja local, um dos ramos da Igreja de Ourea.

- Xilim, talvez nunca me perdoe pelo que vou lhe dizer, mas não voltará comigo. É a contragosto que tomo a decisão, mas tenho de proteger a família e os interesses dela. Não posso correr o risco de escândalo ou do descumprimento da palavra dada. Não tenho escolha senão o deixar aqui, em Metis, e o encaminhar à Universidade de Alta, que tem ótimo conceito. O bispo Lahtinen lhe dará o suporte necessário. Você terá liberdade, mas está impedido de retornar a Ourea. Espero que compreenda e aproveite a oportunidade.

No dia seguinte, o pai partiu, mas não antes de entregá-lo aos cuidados do bispo, que o levou para casa e que o encaminharia à Universidade. Reijo Lahtinen, o bispo de Alta é que seria seu contato e deveria recorrer a ele para qualquer coisa que precisasse. Xilim ouviu impassível, não acreditando no que o pai lhe dizia. Segurou-se para não chorar. Não falou com o pai e fingiu estar dormindo quando partiu, evitando despedir-se. Pela manhã, após tomar o desjejum, Lahtinen apareceu, pagou o hotel e o levou até a casa que ocuparia. Lá, informou que estava matriculado no Ciclo Básico, de um ano de duração, que fazia o nivelamento dos estudantes. Ao final dele, definiria o curso e podia escolher qualquer dos oferecidos pela Universidade.

Faltavam alguns dias para o início do período escolar e Xilim aproveitou para se familiarizar com o local, buscar informações sobre a universidade, o curso básico e suas disciplinas. Ocupou o restante do tempo explorando o bairro e a cidade. Em Ourea, havia optado por Administração, mas não sabia se era isso, realmente, o que deseja. Sua situação havia mudado e era bom que tivesse tempo para refletir na escolha. Precisava estabelecer sua base, descobrir maneira de contatar Noor e traçar o caminho de volta. Sabia que a caminhada seria longa, mas a enfrentaria na esperança



de reencontrar a amada e ficarem juntos, cumprindo o juramento que fizeram.

\*\*\*\*\*

Com o andamento do curso Xilim ficou surpreso ao ver que não tinha dificuldade com as matérias do Ciclo Básico. Ao passar por elas, considerou-as fáceis, mas acabou envolvido pela variedade de assuntos. Sozinho, sem namorada e com poucos amigos tinha muito tempo e o usou bem, lendo e se informando, adquirindo novos conhecimentos que o levaram a outras disciplinas. Encheu seus dias e aprendeu como usar tecnologia, garimpando assuntos e saciando sua curiosidade.

Sua curiosidade o fez encontrar, por acaso, a filosofia quântica, de que não tinha ouvido falar e nem sabia que existia. O que leu o deixou fascinado e, ao mesmo tempo, confuso, pois não entendera parte dos princípios que regiam a disciplina. Sem o conhecimento necessário, achou-a confusa, como a possibilidade de uma coisa existir em dois estados, sendo e não sendo.

A filosofia quântica era apenas um dos assuntos que o fascinavam. O seu maior interesse estava, mesmo, na história das religiões, na construção de crenças e na influência delas sobre as pessoas. Com as leituras começou a formar opinião crítica sobre o comportamento das crenças e ficou ainda mais interessado em descobrir o real significado no escudo no portão do professor Hari Setala. Aguardando resposta, procurou se preparar para o encontro com o mestre, reconhecido como dos maiores especialistas em religião. Mas não limitou seu interesse aos dois assuntos, expandindo o campo das pesquisas. Ao encontrar algo novo, checava se a Universidade de Alta tinha curso ou oferecia disciplina sobre o assunto. Filosofia Quântica e História das Religiões eram cursos mantidos pela Universidade e classificados como dos melhores. O professor Setala ministrava aulas nos dois e também nos programas de Mestrado e Doutorado.

Ao lado da curiosidade intelectual, também se esforçou para coletar maior volume de informações sobre Setala. Descobriu que tinha ótimo relacionamento com os alunos e a maior demanda por orientação no Mestrado e Doutorado em História. Talvez por isso fosse muito seletivo na escolha dos orientandos. Fora do ambiente acadêmico, era bastante requisitado pela mídia para comentar questões de história, sobretudo relacionadas à religião, e música, que conhecia em detalhes, mas que também tocava, sendo considerado virtuoso e com apresentações elogiadas pela crítica. Perdido no meio de coisas sobre o professor, viu a

informação de sua ligação com a Igreja Romana Renovada, uma das bases da Igreja Renovada Cristã de Ourea. Se Setala o recebesse, teriam muito que conversar.

Quatro dias após o pedido de reunião, Xilim não tinha recebido resposta e começou a considerar que havia sido simplesmente ignorado pelo professor. Chegou no computador para ver se havia confirmação do recebimento do pedido. Não havia. Podia enviar novo pedido, mas decidiu esperar um pouco mais. No final de semana, terminando exercícios que entregaria na segunda-feira, o bip característico de mensagem lhe chamou a atenção e voltou-se para a tela do computador. Tinha nova mensagem e pediu que fosse lida.

“Estudante Xilim, desculpe por não tê-lo respondido antes. Talvez tenha sabido que estive fora e esta foi a razão da demora. Terei gosto em lhe falar e tirar dúvidas. Toda quinta-feira, na parte da tarde, atendo alunos. É só agendar no meu escritório que teremos a primeira conversa e, se necessário, tantas outras que lhe esclareça. Professor Hari Setala”.

Surpreso, pois já não esperava a resposta, pediu ao computador que agendasse o encontro. A resposta reacendeu sua curiosidade e voltou a lhe criar expectativa. Nele, certamente, aprenderia a história do escudo, abrindo a possibilidade de ter mais informações sobre religião e simbolismo. Sonhando um pouco, imaginou que poderia ser o início do caminho que o levaria de volta para casa e para Noor. Nova mensagem acabou com a divagação.

“Seu encontro com o professor Hari Setala, na Faculdade de História, está agendada para quinta-feira, às 16 horas. Pede que se houver problema e tiver de desmarcar, que o avise com antecedência para que o horário seja cedido a outro estudante.”

\*\*\*\*\*

Xilim aprendera desde cedo que pontualidade era obrigação. Em casa, na Igreja, na escola e em Ourea os horários eram rígidos e deviam ser seguidos. E assim chegou adiantado para o encontro com o professor. Sentou-se na antessala e esperou. Pontualmente, a porta se abriu e o próprio mestre o convidou para entrar, estendendo-lhe a mão e a apertando-a.

- Prazer em lhe conhecer, estudante Xilim. Quer dizer que está curioso sobre a simbologia do escudo no meu portão?

- É verdade, professor. E também sobre a música que estava tocando e cantando quando passei pela casa. Foi como se tivesse tido um déjà vu e retornado à minha infância, com meu pai mostrando escudo muito parecido, que disse ter centenas de anos, espécie de troféu da família.

Setala indicou-lhe a cadeira e também sentou-se, perguntando-lhe o que sabia sobre o escudo. Xilim lhe repetiu a explicação do pai e respondeu ao professor sobre o objeto e sobre a religião da família.

- Quando falamos do escudo são duas coisas diferentes. Não são os mesmos, embora possam ser parecidos. O do portão é do planeta Terra, que historiadores afirmam ser o berço dos humanos que espalharam-se pela galáxia. Aliás, os terráqueos – se é assim que se chamavam – gostavam de simbologia e viviam criando este tipo de artefato. O escudo que viu no portão é a reprodução do original. O de sua família, cópia modificada.

Setala explicou que o escudo derivava do símbolo do Império Romano, existente a milhares de anos na Terra, apresentava a águia – pássaro terreno - entre dois ramos e embaixo da lua, pousada no pedestal representativo do poder do império. A forma de apresentação do escudo era diferente, mas indicava o domínio que Roma sobre grande parte da Terra. O do portão, de outro lado, tinha surgido muitos séculos depois no primeiro planeta colonizado fora do sistema solar da Terra. Sua característica era ter duas luas, que apareciam em fases diferentes. Neste caso, simbolizava a colonização do espaço, o início de nova era para a humanidade.

A partir de então, surgiram várias versões do escudo e o da família Rsend era uma das mais frequentes. A primeira versão fora encontrada em Narui, de autoria dos colonizadores locais. Ao longo dos anos e da exploração espacial, foi sendo modificado e, em dado momento em que não era possível precisar, o slogan foi acrescentado. Ao contrário da crença mais comum, a frase não se refere, especificamente, à exploração espacial, mas à existência de ser ou seres supremos, capazes de ir além do infinito e, por isso, acima da humanidade. As duas luas representavam os casais humanos e os raios luminosos, a indicação de serem criações divinas, que lhes fornecera a terra, o ar, o sol e as plantas para que sobrevivessem.

- Seu pai talvez não saiba, mas guarda mesmo uma relíquia, marco da criação de novo credo, chamado de Romano Renovado e baseado nos ensinamentos da Igreja Católica Romana, cuja origem é a Terra. Como a Renovada e outras derivações que dela surgiram,

tem em comum a crença em ser supremo único, representado na figura de trindade. A doutrina é baseada na vida de Jesus Cristo, que era, ao mesmo tempo, deus e homem e podia falar em nome do pai – que era deus – e da humanidade, já que era parte dela. De forma muito resumida e simplificada, é a história meu jovem. Satisfeito?

O professor lhe dissera muito e levaria algum tempo até assimilar as informações, contextualizando-as. Sim, ficara satisfeito, pois eram a base para novas descobertas. Mas havia ainda algo a acrescentar e aproveitou a oportunidade.

- Professor Setala posso lhe pedir um conselho?

O mestre acenou e Xilim colocou seu dilema. Estava concluindo o Ciclo Básico e teria de escolher curso e carreira e estava em dúvida. Tinha pesquisado duas áreas, Filosofia Quântica, que achava fascinante e estranha, não entendendo muitos dos seus princípios, e História, concentrando-se na área de História das Religiões.

- Ao que me parece, as crenças religiosas não são incompatíveis com a filosofia quântica, embora divirjam sobre a existência de um ser supremo, mas sem a possibilidade de afirmar se existe ou não. O que aconselharia?

Setala não respondeu. Por um momento ficou observando o jovem, como se estivesse decidindo o que diria e que tipo de conselho daria. Levantou-se, pegou um copo de água, bebeu um pouco e voltou a se sentar, abrindo um sorriso.

- Jovem, esta é uma resposta ou um conselho que não vou lhe dar. Mas posso lhe dizer, pelo pouco que sei, que no universo tudo é compatível e, aparentemente, tem um propósito. A escolha de um caminho, no entanto, é algo absolutamente pessoal e não importa o que lhe diga, creia-me, irá tomar a decisão que, de uma forma ou de outra, lhe permitirá seguir o seu caminho. Para lhe deixar uma reflexão, aqui vai uma pergunta sobre a qual pode pensar: Para você, o que eu sou? Filósofo, historiador, simbologista ou músico? Quando e se chegar a uma conclusão, por favor, venha me ver e me contar sua conclusão.

Xilim encarou a pergunta de Setala como desafio e já saiu pensando em como a iria responder. Na sala, o professor também se levantou, alongou-se, arrumou as cadeiras, apagou as luzes e saiu. Tinha sido a última conversa do dia e o estimulara. Vira grande potencial no jovem e o feeling lhe dizia a escolha que faria.

“Sua mente curiosa o levará à Filosofia Quântica, mas não ficará nela, indo além. Terá longo caminho, mas ao contrário do que me aconteceu, irá retornar para casa, não exatamente a que deixou, pois será responsável por mudá-la”.

Se Xilim conhecesse o pensamento de Setala teria ficado assustado. Sim, queria voltar para casa e encontrar Noor. Não tinha o desejo de mudar nada. Apenas e tão somente queria constituir família e viver de forma tranquila ao lado da amada.

## DESCOBRINDO O MISTÉRIO

Noor tinha todas as desculpas para não voltar a Enaima nas férias, mas acabou sucumbindo aos apelos da mãe e retornou. Em quase dois anos de ausência recebera a visita da mãe e dos irmãos, mas colocara de lado a ideia de voltar, mesmo que só por algum tempo. Era uma fuga, sabia, mas lembrar o que vivera e experimentara era doloroso. De longe, era mais fácil evitar a dor e o sofrimento da lembrança de Xilim, que às vezes se tornava quase física. Na última visita, a mãe fizera-lhe o apelo, alegando sentir sua falta, e que o pai reclamara mais de uma vez por não vê-la, não podendo deixar os compromissos com a Igreja para visitá-la. Suas responsabilidades aumentaram e, no próximo Concílio, era quase certo que fosse escolhido o Presidente do Conselho Episcopal. A mãe lhe contara, também, que sua ida para Amatea não abalara as relações com os Rsend e deu a notícia de que o filho mais velho de Valgeir, Staso, iria se casar no verão com a filha do Presidente do Conselho, jovem muito bonita e prendada, deixando a sugestão de que Noor poderia estar neste lugar, o que daria grande prestígio à família.

Tinha vida nova, mas sentia saudades do seu quarto, no lado leste da casa e apontado para o nascer do sol, que podia acompanhar da janela. Ali, maravilhando-se com as cores do raiar do dia, descobrira a paixão por Xilim e fora ali que sonhara acordada com ele, em ter sua família e vida feliz. Apesar de a mãe dizer que o quarto continuava dela, nunca mais seria o mesmo. Também a casa seria diferente, assim como a cidade e seus conhecidos. O que diziam dela? Não se importava, mas se aceitara voltar tinha objetivo claro: conseguir informações sobre Xilim, cujo sumiço ainda constituía mistério – crendo-se no que lhe disseram. Ao prometer à mãe que voltaria nas férias, perguntou:

- Mãe, você é muito amiga de dona Semanh. Ela nunca lhe disse o que aconteceu com o filho? Éramos colegas de escola, mas depois nunca soube dele.

A única informação que tinha era que fora estudar fora de Enaima, mas não sabia onde. Também não o tinha visto e a família evitava o assunto. Noor amava a mãe, mas sabia que era desligada, como sua ignorância do que havia entre ela e Xilim. Achava que era acomodada, apesar de dizer que fora o pai que não a deixara estudar e fazer carreira fora de casa. Resoluta e resolvida, como mostrara na escolha de com quem se casaria, Amirah se ancorara no marido e usava como desculpas o fato de passarem por muitas cidades, até se estabelecerem em Enaima, quando os filhos já estavam maiores e, ela, acostumada à vida doméstica. A única atividade extra que fazia era trabalho voluntário, promovendo palestras e seminários para mulheres e defendendo de forma discreta a autonomia feminina

\*\*\*\*\*

Em casa, com as janelas abertas, recebia a suave brisa da tarde, que tornava o ambiente tépido e acolhedor. Ouvia ao longe o quebrar das ondas do mar. Sentada à beira da cama, Noor estava pensativa. Considerava visitar a mãe de Xilim, usando como desculpa a velha amizade e aproveitando para obter informações. Remexeu-se no lugar, levantou-se e foi até a janela. Dela, dava para ver a casa de Xilim e, do lado em que se confrontava com a sua, a janela do quarto que fora do amado. Tinham um código e usavam as janelas para se comunicarem. Quem sabe não tinha lhe deixado mensagem? Pegou o binóculos e o mirou. Não havia nada para ela. Não pudera ou não quisera deixar informação, a não ser o bilhete que lhe fora repassado de forma disfarçada pela governanta.

Decidiu fazer a visita. Talvez descobrisse onde Xilim estava, o que lhe daria a chance de o procurar. Não precisava de desculpas, pois frequentara a casa quase todos os dias, sendo bem recebida. Mesmo assim, andou em direção ao quarto da mãe, bateu e a chamou. Amirah estava fazendo o que mais gostava, lendo. Como sempre alguma história religiosa, que sempre detestara, mas que lera para agradar a mãe.

- Mãe, estou pensando em visitar dona Semanh. Quer que leve alguma coisa para ela?

- Sim, filha, quero. Tenho um livro novo, muito bom, que a Sem vai gostar. Comprei um pra ela, mas não tive como entregá-lo, ainda. Já que vai até lá poderia lhe entregar o livro. Assim começará a lê-lo e poderemos discuti-lo no domingo, quando nos encontrarmos na reunião de senhoras. Poderemos, juntas, incentivar outras a lerem, o que seria bom. É só você pegar o presente que está sobre a penteadeira no closet.

Noor pegou o presente e mostrou à mãe, só para conferir, o que fez com leve aceno de cabeça. Deu-lhe um beijo e saiu, não vendo o olhar preocupado da mãe lhe seguir. Desceu as escadas, passou pelo jardim interno e chegou à porta de serviço, aberta pelo criado quase de modo automático. Na sociedade, cada um tinha o seu papel e criado era ocupação de tempo integral. A família remunerava bem os empregados, mas não tinham perspectivas de crescimento e de mudança e isso a incomodava, mesmo antes de sair de casa. Agora, mais ainda, via que deveria haver dinamismo na sociedade. As pessoas tinham de ter mérito para conseguir crescer e não por pertencerem às famílias que estavam no topo da pirâmide social. Em certo sentido, era “revolucionária”, integrando grupo de jovens que pedia mudanças, usando meios eletrônicos para difundir suas ideias.

De forma despreocupada - gostava da caminhar - desceu a pequena colina, chegou à rua e andou até avistar a casa dos Rsend. Ela e Xilim fizeram o trajeto dezenas, centenas de vezes, encontrando-se para ir e voltar da escola e para os estudos na Igreja, que os afastava dos olhares dos criados. A lembrança das fugidas para o “cantinho secreto” lhe fez sorrir, perdida em pensamentos. Ao chegar, tocou o sinete e aguardou. O jovem que abriu o portão a reconheceu.

- Senhorita Noor, em que posso ajudar?

- Vim visitar dona Sem e trazer encomenda de mamãe. Pode avisá-la, por favor. É coisa rápida. Não tomarei seu tempo.

O jovem afastou-se até o intercomunicador, esperou alguns instantes e voltou, lhe dizendo que seria recebida na sala principal. Subiu as escadas, bateu levemente na porta e entrou, abraçou e beijou a mãe de Xilim.

- Como vai a senhora? Quis ver se tudo estava bem e aproveitei para lhe trazer encomenda da minha mãe, que lhe comprou um livro que irá gostar. Mamãe está ansiosa para discuti-lo no encontro de domingo e aproveitar para incentivar outras senhoras a lerem.

Sentaram-se e Semanh quis saber como iam os estudos, se estava gostando e se não tinha problema por ficar fora de casa. Revelou que queria ter estudado, mas não tivera oportunidade. Fora a época em que as mulheres não tinham o mesmo direito dos homens e, embora pudesse ter frequentado a universidade, os afazeres da família a haviam envolvido. A referência à família fez com que lamentasse a ausência de Xilim, lembrando a amizade com Noor. Em tom de lamento, afirmou que sentira por ter ido



estudar fora e que ainda não pudera retornar nas férias escolares. Noor sentiu-se gelada, mas se forçou a sorrir e comentou que no início também não voltara para casa devido às tarefas escolares e o envolvimento nos estudos.

- Mas está tudo bem com Xilim, dona Sem? Espero que nada tenha acontecido.

Sim, estava tudo bem. O pai acompanhava de perto os estudos do filho e lhe passava informações. Escolhera um curso diferente, chamado de Filosofia Quântica, de que nunca ouvira falar, e estava feliz, o que lhe deixava satisfeita, mas sentia a falta do filho, atencioso e obediente que não lhe dava trabalho. Noor pensou que a descrição de dona Semanh era tudo o que Xilim não fora. Desde criança, vivia aprontando, correndo riscos e desrespeitando regras. Achava que isso tinha sido um dos motivos da atração que sentira por ele desde o início. Segurou-se para não sorrir, ouvindo que pretendia visitar o filho no verão.

As duas conversaram por cerca de 30 minutos, com Noor querendo saber das leituras, do trabalho na Igreja, e de Maria, sua amiga que também não estava em casa. A visita tinha valido a pena. Pelo menos sabia que Xilim estava vivo e bem. E isso lhe abria novas esperanças.

- Dona Sem, não quero tomar seu tempo e vou voltar para casa. Mamãe está à espera. Se senhora me permitir, passarei na cozinha para tomar um copo de água.

Levantou-se, abraçou-a e, sem pressa, deixou a sala em direção à cozinha procurando pela governanta. Eyza era encantadora e sempre fizera os gostos das crianças, distribuindo as guloseimas que os pais proibiam e acobertando suas estripulias.

- Hei, Eyza, é a Noor. Onde está? Queria um copo de água antes de voltar para o sol quente e ter que caminhar no calor.

- Noor, que surpresa. O que faz aqui, menina! Já vou lhe dar a água. Venha comigo.

Após lhe dar a água, Eyza segurou Noor pelo braço e a conduziu à despensa, fazendo sinal de silêncio. A governanta era quem verdadeiramente mandava na casa e tinha sido a protetora dela e de Xilim. Ao entrarem na despensa Eyza fechou a porta e encarou Noor com olhar forte e curioso, que não desviou.

- Eyza, o que houve?. O Lim sumiu e, por mais que tenha tentado saber dele, continuo no escuro. Um bilhete é muito pouco e tem de me contar o que houve. Se sabe, não pode me esconder.

- Psiu, não fale isso.

Afastou Noor para o lado, procurou papel e caneta, escrevendo. Dobrou o papel e o entregou a Noor, novamente colocando o dedo no lábio, pedindo silêncio. Abriu a porta da despensa e voltou à cozinha.

- É bom vê-la, Noor. Achei que estivesse zangada comigo, pois não me veio ver. Que, agora na capital estudando tinha ficado importante e me esquecido. Não quer suco? Tem de laranja e hortelã, que gosta.

Dispensou o suco, dizendo-se apressada. Segurando o papel que lhe queimava a mão, tentou caminhar de forma despreocupada, sem mostrar o medo que sentia. Tinha duas opções para a volta. A primeira, por onde tinha descido. A segunda, passava pela grande praça que antecedia a parte frontal do templo principal da cidade, entre a sua residência e dos Rsend, quase que como se estivessem interligados por linha invisível. Optou pela praça.

Chegando, procurou banco à sombra e se sentou. O lugar lhe trazia muitas recordações. Fora ali que dera o primeiro beijo, surpreendendo Xilim. Também fora ali que haviam jurado amor eterno. As boas lembranças fluíam e lembrou-se da chegada Enaima, com as famílias se aproximando mais. Ficou amiga de Maria, sonhadora como ela, que descobrira o amor de Xilim mas, cúmplice, nunca o revelara. Apesar da proximidade, nunca gostou do irmão mais velho de Xilim, Staso, o primogênito da família. Com Xilim tinha sido diferente, desde o primeiro momento em que segurou sua mão na praia. Tornaram-se inseparáveis, juntos nas idas e vindas da escola, nos estudos na casa de um deles e nos encontros religiosos. E foi juntos que cresceram, construindo ligação profunda que, nenhum dos dois sabia exatamente quando, havia se transformado em amor.

E fora ela quem primeiro percebeu o amor. E para sua própria surpresa - e no que era a quebra das regras de relacionamento em Ourea - foi quem se declarou para Xilim, surpreendendo-o e vendendo, encabulado, confessar que tinha se apaixonado por ela desde o dia em que a levava à praia. Não lhe tinha dito nada pelo medo de ser rejeitado, mas esperava que notasse e o aceitasse. Depois, entendendo como as coisas funcionavam, sabiam que seria difícil ficarem juntos e, por isso, fizeram o pacto de nunca se separarem. Apesar do envolvimento, para efeito externo eram apenas excelentes amigos. Um dia a cobertura cairia e enfrentariam a situação.

Envolvida pela brisa da tarde, Noor fechou os olhos e sentiu o perfume das árvores no começo da primavera, com promessa de grande floração. Mexeu-se no banco, enfiou a mão no bolso e tirou o papel que Eyza lhe entregara, pequeno e simetricamente dobrado, deixando antever a marca da tinta na parte escrita. Fez menção de abri-lo e parou, tomada de grande medo. Insegura, fechou os olhos e respirou fundo. Sua sensação era que se lesse o bilhete sua vida mudaria ainda mais. Temia que lhe tirasse a esperança de reencontrar o amado. Ali mesmo, no banco, tinham feito planos e delineado a estratégia de como contar aos pais que estavam apaixonados e como enfrentariam a reação das famílias. Precisava afastar o medo e ser forte enfrentar o que acontecera. Abriu o bilhete.

“Encontre-me na Casa Alta às vésperas”.

Surpresa, questionou como encontrar com alguém participando de celebrações na Igreja, a Casa Alta, como era chamado o templo da cidade, símbolo da religião que havia professado. Pessoalmente, não frequentava as vésperas que ocorria em horário que estava na escola, pois estudava em regime de tempo integral. E era lá que, de forma compulsória, exercia seu lado religioso. Ela e Xilim iam às celebrações na hora do almoço, mais tranquilas pela baixa frequência, o que lhes dava oportunidade de conversar sem que ficassem bisbilhotando. E foi então que entendeu.

De férias, podia ir às vésperas. Imaginou que Eyza não chegaria no primeiro horário, mas no último, após deixar a casa dos Rsend ao final do seu turno de serviço. Como era próxima da igreja, aproveitava para cumprir obrigações religiosas antes de voltar à própria casa. Calculou o horário pela altura do sol, levantou-se e, ainda parecendo despreocupada, caminhou para casa. Para ir à igreja e encontrar Eyza teria de se trocar, roupa mais apropriada para o culto. Por convenção social, não poderia ir vestida simplesmente, pois deporia contra a família. Apressou o passo, entrou em casa, foi para o quarto, tomou banho e se trocou, esperando o tempo certo para chegar à igreja.

Chegou por volta das 17h30m e escolheu lugar à frente, adequado à sua posição social. Ficou em local visível, de fácil acesso e observando a chegada dos fieis. A estratificação social funcionava na igreja, embora fosse menos rígida, permitindo que interagissem. Eyza poderia se aproximar, cumprimentá-la e conversar sem despertar suspeitas. Era comum nas igrejas, principalmente entre pessoas que ocupavam diferentes posições na escala social mas que por razões pessoais ou profissionais

acabavam se conhecendo. A igreja oferecia clima acolhedor e relaxante. Noor esperou, perdida nos pensamentos.

- Menina Noor, que bom vê-la.

Sobressaltou-se levemente ao ouvir a voz de Eyza, que lhe fez aceno discreto para que a seguisse. Ela a seguiu até o pequeno nicho na lateral, onde a governanta tinha entrado. Fez o mesmo. A sala, de tamanho médio, estava mobiliada de maneira simples, mas confortável. Eyza indicou o banco de dois lugares na lateral. Sentaram-se.

- Desculpe o mistério, mas não poderia falar na casa dos Rsend. Acho que entende. Aqui estamos protegidas pelas sombras da Casa Alta e, neste horário das vésperas, é comum que mulheres e homens afastem-se para estas salas e conversem. Ninguém repara. Foi por isso que pedi para encontrá-la aqui. Podemos falar livremente.

Noor queria saber o que tinha acontecido a Xilim e Eyza lhe pediu calma. Não conhecia todos os detalhes – como não sabia o teor do bilhete que lhe entregara – mas ouvira a discussão de Valgeir com o filho, que deixara claro sua não aceitação da decisão paterna de o afastar de Noor. Disse-lhe ter feito promessa e a cumpriria, mesmo que gerasse escândalo. O pai argumentara, mas Xilim mostrara-se irredutível, alegando que a tradição não era imutável, as coisas mudavam e não precisavam ser do jeito que Valgeir queria. Vendo que não o convencia, o pai o proibiu de sair de casa e o confinou ao quarto. Aceitou a imposição, mas avisou que de nada adiantaria. Esperaria até o dia seguinte e iria procurar Noor, fazendo o que bem entendesse. Era adulto e não ia se submeter à vontade do pai.

- Dom Valgeir ficou muito nervoso. Sabia que tinha ouvido a discussão e me chamou para conversar, ordenando que mantivesse segredo. Nem mesmo dona Semanh poderia saber. Afirmou ter confiança em mim, lembrando que estávamos ligados à sua família há muitos anos e que nunca os havíamos desapontados. Prometi-lhe que ninguém saberia. Após a conversa, saiu e só voltou à noite.

Eyza podia sentir a tensão na casa, mas não houve mais discussões. Quando estava terminando o turno Xilim a procurou e lhe entregou o bilhete, pedindo que o repassasse a Noor. Fora quem praticamente o criara. A mãe não dava muita atenção aos filhos e o pai só tinha olhos para o primogênito, que o iria suceder. Antes de retornar ao confinamento, pediu-me para lhe contar o que tinha ouvido.

- Prometi que faria o que pediu. No dia seguinte, não o encontrei. Não sei o que aconteceu depois que sai. Não tive coragem de perguntar por me sentir vigiada. Por isso passei o bilhete e nada falei. Sabia que iria me procurar e teria a oportunidade de cumprir o prometido, contando-lhe. Além do que ouvi nas discussões, outra informação é que foi levado para outro planeta e proibido de retornar, como se tivesse exilado. Não lhe falta nada, materialmente, mas não tem como voltar. Sei ainda que está bem. Dona Semanh vive repetindo. Também quer o filho de volta, mas não ousa falar com o marido. O Staso e a Maria, como sabe, fazem a vontade do pai. Queria o menino de volta, mas, infelizmente, nada posso fazer.

Noor ouviu em silêncio, sentindo as lágrimas escorrerem. O choro não era de tristeza, mas de alívio. O amado estava vivo e bem. Descobrir onde estava era questão de tempo. E tempo era algo que tinha, além da obstinação de reencontrar o amor.

- Obrigado, Eyza. Ficarei eternamente grata. Sempre terá lugar ao meu lado, no meu coração. Sei o que aconteceu: Deu tudo errado. Fomos ingênuos e os nossos planos e sonhos foram desfeitos. Nada aconteceu como queríamos. Só o que podemos perguntar é, e agora? Não sabemos a resposta, mas vou dizer o que acontecerá: mais cedo ou mais tarde vou encontrar o Lim. Vamos ficar juntos e ser felizes. Tenho certeza disso.

52

## LEMBRANÇA

Uma das razões que tornara o professor Hari Setala popular entre os estudantes era o fato de sempre atendê-los e, mais do que isso, sempre procurar ajudá-los. Uma boa parcela dos que estudavam na universidade nela haviam chegado vindo de outros lugares, alguns mais próximos, outros bem distantes. E ele, principalmente no caso de estudantes que vinham de longe, lembrava-se da sua situação, sozinho e sem amigos em um mundo desconhecido, enfrentando novos desafios. Para sua sorte, havia encontrado mão amiga, que o acolhera e o orientara. Sua reflexão tinha a ver com o jovem Xilim, que há pouco saíra do seu gabinete. Viu-se nele e ficou imaginando como havia chegado até a Universidade, pois a referência à sua crença indicava que não era do planeta Narui, e que a sua religião era – de forma surpreendente – uma variação da que ele próprio havia professado na sua infância e juventude.

- Computador, veja o perfil do estudante Achilles Rsend, seu histórico escolar o seu mundo de origem.

A máquina lhe devolveu um resumo.

O jovem havia chegado ao planeta antes do início do período escolar e se matriculado na Universidade. Residia no bairro universitário e sua ficha dizia que procedia do planeta Ourea. Seu histórico escolar era muito bom, o que era surpreendente. Tinha ótimas notas em praticamente todas as disciplinas, o que talvez indicasse uma inteligência um pouco acima da média. Embora os dados pudessem dar a Setala uma indicação, não diziam muito sobre o jovem que conheceu como Xilim e nem sobre o ambiente em que tinha vivido e crescido. Por que alguém de Ourea viria para Metis?, perguntou-se o professor. Ficou curioso.

- Computador, veja o planeta Ourea e me dê um resumo da história dele: economia, política, social e religiosa. Além disso veja o sobrenome Rsend e me dê uma ideia sobre a família, o que faz, se tem algum destaque e em que campo atua.

53

Alguns segundos depois, um bip avisou o professor que os dados tinham sido coletados. Ele os colocou na tela em frente à sua mesa e passou a ler com atenção. O que descobriu ainda o deixou mais curioso, não pelo planeta em si, mas pela religião que nele era professada e pelo envolvimento dos Rsend com ela. Há séculos um integrante da família ocupava o segundo posto mais importante na hierarquia da Igreja Cristã Católica Renovada, uma derivação do cristianismo original, surgido na Terra. Conhecia os fundamentos da religião, muito parecida com a do seu próprio planeta, mas se interessou pela sua estrutura de comando e, nele, pelas posições de destaque.

À medida que lia constatou que a maior diferença entre a crença na qual foi criado e na de Ourea era a hierarquização da Igreja e, como consequência, da própria sociedade planetária. Havia, no entanto, algumas características próprias, como o fato de ao lado de toda uma estrutura marcadamente religiosa existir outra, laica, mas ainda assim de grande influência em todo o culto. E nesta parte laica aparecia a família Rsend. Há algumas gerações, como se fosse uma função hereditária, um de seus integrantes ocupavam o cargo de Secretário Geral, sendo responsável pela gestão da estrutura não religiosa da Igreja. Setala ficou surpreso.

Era, sim, especialista reconhecido em história das religiões, mas as via sob o ângulo do antigo, não das modernas estruturas que tinham desenvolvido. Preocupava-se em identificar suas origens, similitudes e divergências, apesar de, no final, todas terem um centro em comum: uma ou mais deidades em que acreditavam e que se colocavam acima de todos.

Ao concluir a leitura, Setala tinha mais perguntas que respostas e uma delas, que o deixou inquieto, era saber a razão do jovem Xilim ter deixado sua casa e seu planeta para vir estudar a alguns anos luz de distância. Os dados não lhe permitia deduzir as razões, principalmente levando em conta que a família a que o jovem estudante pertencia era uma das mais poderosas do planeta e podia ter lhe colocado na melhor universidade local, sem nenhum problema. Pelo que havia deduzido da leitura, quem efetivamente mandava na Igreja de Ourea não eram os sacerdotes, mas a família Rsend. E isso há muitos e muitos anos. Então, perguntou-se: o que teria acontecido? Estava curioso e queria descobrir.

- Computador, veja a relação dos professores de História das Religiões ou de disciplinas parecidas nas duas principais universidades de Ourea. Identifique-os e me forneça os contatos.

Enquanto o computador se encarregava da pesquisa, ficou pensando. O que lhe veio à mente foi sua própria situação. Como Xilim, havia deixado seu planeta e ido para outro e esta não fora uma decisão sua. Fora quase exilado, afastado do meio familiar, na opinião do pai, uma forma de preservá-lo de problemas. Na sua visão, no entanto, o seu afastamento, longe de o proteger, como queria o pai, fora uma forma de não causar problemas para a família.

O pai manobrou de tal forma que, inicialmente, acabou acreditando que a decisão havia sido sua. Só mais tarde, longe de casa, é que descobriu que fora manipulado. Quando quisera regressar, não pode. Foram longos anos até que se estabelecesse e ganhasse a sua independência. Quando isso aconteceu, era outro, tinha outro nome e não mais queria retornar para casa, embora o tenha feito.

As famílias, poderosas ou não, sempre buscavam se proteger e acabavam sacrificando um dos seus, afastando o problema e não o enfrentando e resolvendo. Tinha vivido a experiência e já vira outros casos, mas este comportamento ainda o espantava. Ao mesmo tempo lhe deixava muito receptivo a ajudar quem estava sofrendo este tipo de separação.

“Será que algo assim aconteceu com o jovem Xilim?”

A pergunta rodava no pensamento de Setala e lhe remetia à sua própria juventude e à dolorosa experiência de ser um expatriado. Muitos anos haviam passado, mas a lembrança não lhe era indiferente. Estava ficando nostálgico e não gostava disso, pois lhe tirava o foco. Como se para fazê-lo voltar ao presente, ouviu o bip do computador. Apesar de ser um usuário intensivo de tecnologia, não gostava de ouvir o computador lhe falar e fora por isso que o silenciara, preferindo o aviso sonoro. Olhou para a tela. Nela, estavam listados por ordem alfabética cinco nomes, com um pequeno perfil, currículo, trabalhos principais e formas de contato. O que mais lhe chamou a atenção foi da professora Creissant Picard, a mais jovem da lista, com trajetória de pesquisa em história e com um pós-doutorado em História das Religiões. Seu trabalho acadêmico abordava a Igreja local e sua estrutura de poder.

- Computador, mande a seguinte mensagem à professora Creissant Picard: “Professora Picard, sou o professor Hari Setala, da Universidade Central de Metis. Tenho - como faz - estudado a História das Religiões, concentrando-me mais nas suas origens, mas me interessa, também, por outros aspectos delas, inclusive a estrutura. Vejo que tem um trabalho sobre esta questão em relação a



Ourea e, se possível, gostaria de receber uma cópia, já que nossa biblioteca não o possui. Ficarei muito grato pelo obséquio.

Agora, era esperar. Levantou-se, caminhou até a sala, pegou o violino – ele o chamava assim, mas, na verdade, era uma derivação do instrumento original, muito antigo e típico do seu planeta – acomodou-se de forma confortável, tirou os primeiros acordes e começou a tocar e cantar.

\*\*\*\*\*

Ao sair do encontro com o professor Setala e caminhar de volta para casa, Xilim estava dividido e impressionado. Ficara impressionado com a segurança do professor, seu conhecimento da história e da simbologia. E dividido em relação à escolha do que fazer e de como chegar à conclusão da pergunta que lhe fizera, sobre o que, efetivamente, era. Tinha a impressão que as duas coisas estavam interligadas, mas não sabia explicar esta sensação. Teria de refletir sobre o que Hari Setala lhe dissera. E foi ainda pensando no encontro que chegou em casa, indo direto para o escritório e suas tarefas acadêmicas, o que o levou a esquecer o escudo, a música, a escolha de um curso ou até mesmo o encontro com o professor.

Ao concluir as tarefas, decidiu tomar um banho antes de dormir. Refrescado, preparou-se para a noite e caiu na cama. Sonhou com Noor. Haviam terminado o dia escolar e dirigiam-se, juntos, para casa. Antes de chegarem e aproveitando que o dia estava quente, ela propôs que fossem à praia, tomar um banho rápido. Não era a primeira vez que faziam isso, embora seus pais jamais imaginassem que ocorria. Não que um banho de mar fosse um problema, mas da forma que o faziam, ambos nus, se descobertos seria um escândalo.

A nudez pública não era comum em Ourea, mas entre eles era hábito antigo, vindo dos tempos em que eram crianças – e inocentes – e tornara-se natural. O único cuidado tomado era da parte de Noor, que tinha uma touca e a usava para não molhar os cabelos, o que podia identificar sua “fugida”. Para os dois, esses banhos sempre foram um prazer, os divertia e alegrava e lhes dava, ao mesmo tempo, momentos de intimidade absoluta.

A pequena praia, próxima à casa das duas famílias, era protegida dos olhos curiosos e separada da área principal por um muro alto e a vegetação, que misturava a original mata local a uma série de espécies que haviam sido plantadas há anos e que criaram um emaranhado que dificultava o seu acesso. Desde criança, Xilim tinha um “caminho secreto” para chegar a ela.

Chegaram, colocaram as mochilas na areia, longe das ondas que quebravam com lentidão e começaram a se despir. Xilim sempre ficava deslumbrado com o corpo de Noor, suas curvas, entradas e protuberâncias, com seios pequenos e firmes e a pequena floresta que cobria a sua área genital. Sentou-se e ficou observando-a se descobrir, só tirando a roupa depois que ela terminou. De mãos dadas, dirigiram-se à água, tépida no horário, e foram entrando devagar. Quando estavam imersos até a cintura, Noor se aproximou, enlaçou-o e lhe deu um beijo apaixonado. Sentiu os seios dela contra seu peito e a púbis contra sua genitália.

Essas visitas à praia eram rápidas. As famílias sabiam de seus horários e, principalmente no caso de Noor, os controlavam. Até meia hora de diferença na chegada era aceitável. Se passasse disso, já chamaria a atenção e não queriam ser expostos. Imersos na água, aproveitando o final da tarde, os dois se divertiram e Xilim ainda sentia o beijo e o contato do corpo de Noor contra o seu. Para sua surpresa, teve uma ereção. Virou-se de costas para que ela não visse, não por que não soubesse da existência delas, mas achava que era, de certa forma, perda de controle. As ereções deviam acontecer em horas e locais propícios e ali não era nenhum deles. Se Noor havia percebido alguma coisa, não sabia, mas sentiu que ela se aproximava, mas não se voltou. Novamente, ela o abraçou, envolvendo-o. E não sabe se foi o acaso ou de propósito que uma de suas mãos tocou o seu pênis, sentindo-o totalmente rígido. Ao invés de retirar a mão, segurou-o de forma firme e começou a massageá-lo.

- Venha, Lim. Vou dar um jeito nele.

- Não, Noor. É perigoso. Embora a praia não seja frequentada, é sempre possível que alguém apareça e teríamos um sério problema se fôssemos descoberto. É melhor não.

- Bobagem, Lim. Você sabe que ninguém vem aqui, só nós. E eu quero. Também fiquei excitada. Vamos fazer amor. Quero muito e quero agora.

- Amor, também quero muito, mas é perigoso. Não é o lugar certo.

- Lim, você está com medo? Eu também. Mas há muito tempo que venho pensando nisso. Eu te amo. E tenho certeza que me ama. Vamos ficar juntos. Então, o que há de errado? Nada. Venha.

Ela o segurou pela mão e saíram da água. Estenderam-se na areia. Ela se aproximou, abraçou-o, o beijou longamente, deixando-o meio sem fôlego. Uma de suas mãos segurava seu pênis,

masturbando-o delicadamente, como havia feito outras vezes, antes. Continuou beijando-o e deitou-se de costas, puxando-o para ela. Virou-se e a beijou na boca, no queixo, em um e depois em outro seio, continuando pela barriga até chegar à vagina. Afastou suas coxas e começou a beijar seu clitóris, passando a ponta da língua sobre ele, delicadamente. Noor se retorcia um pouco, mas não emitia um som. Segurou sua cabeça e a pressionou, pedindo, baixinho, que fizesse com mais força. Respondeu e sentiu quando o corpo dela estremeceu, sacudindo-se todo e relaxou em seguida.

Feliz por ter dado prazer à amada, Xilim deitou-se ao seu lado e fechou os olhos, apreciando o momento de grande intimidade, mas não conseguiu ficar absorto, como pretendia. Sentiu que Noor mexia-se e novamente segurava seu pênis. Achou que lhe devolveria o prazer na mesma moeda, mas não foi o que aconteceu. Ela se pôs sobre ele e o montou, fazendo com que a penetrasse profundamente e começou a levantar-se e abaixar-se de forma ritmada, em um crescendo que acabou explodindo os dois em prazer. Nus e meio desfalecidos, aproveitaram o momento. Levantaram-se, foram para o mar, se lavaram e se vestiram com cuidado. E já prontos para, desta vez, irem direto para casa, se abraçaram com força, trocando beijos.

- Obrigado, amor. Foi muito bom.

No sonho, Noor começou a se afastar e Xilim deixou que fosse um pouco à frente. Quando chegaram à trilha, ela virou-se e lhe sorriu, acenando-lhe e foi nesta hora que acordou. Estava banhado de suor e a calça do pijama empapada de esperma. Tivera uma ejaculação noturna. Seria consequência do sonho ou fora ele que a provocara? Não importava. Ainda muito quieto, chorou. Sentia saudades de casa e mais ainda de Noor. O que estaria fazendo?

Provavelmente, se os planos do seu pai se concretizassem, estaria casada com o seu irmão.

\*\*\*\*\*

Depois da conversa com Eyza, Noor voltou para casa e trancou-se no seu quarto, chorando baixinho para não atrair a atenção da mãe. Deixou-se levar e o pranto a deixou mais aliviada. Enxugou as lágrimas e voltou a pensar no amado, lembrando-se da última vez que estiveram juntos, das carícias trocadas e da intensidade do sexo na fina areia da pequena praia que ao longos anos frequentavam juntos. Sorriu ao lembrar-se do temor do namorado de que ficasse grávida. Desde que os dois tinham começado a manter relações sexuais – o que não fazia muito tempo – tomou

todos os cuidados que uma mulher pode adotar. Sabia que uma gravidez indesejada seria escândalo maior do que o seu relacionamento com Xilim, pois envolveria os filhos de dois dos mais proeminentes integrantes da Igreja de Ourea, expondo-lhes e às famílias. Eram jovens, mas não inconsequentes. Imaginavam que os filhos viriam, assim que estivessem oficialmente juntos, o que aconteceria logo.

Com seus sonhos desfeitos, no fundo do coração lamentou não ter engravidado. Pelo menos lhe sobraria uma lembrança permanente do amado. Era algo tentador, mas sabia ter adotado a atitude certa e o que acontecera não dependera nem dela, nem de Xilim. A verdade é que tudo mudara e o seu mundo encontrava-se de ponta cabeça. O amor da sua vida - desde o primeiro momento que o vira - sumira. Havia ainda uma promessa, mas seria realizada? Não podia afirmar. A única certeza é que o seu mundo desabara e precisava reconstruí-lo, fazendo-o tijolo por tijolo. Os primeiros passos já haviam sido dados, com o pequeno pedaço de informação conseguido com Eyza: Xilim tinha saído de Ourea e fora para outro planeta. O que tinha de fazer? Descobrir para onde fora e conseguir contato com ele. Só que não tinha a mínima ideia de como fazer isso.

Na sociedade em que viviam a família e o que girava em torno dela era considerada prioridade. Pessoas como o seu pai e o de Xilim tinham outras responsabilidades e, às vezes, eram obrigados a tomar decisões desagradáveis, mas não havia – e ela procurara saber isso, em detalhes – notícias de alguém afastar o próprio filho, o que demonstrava o poder dos Rsend. No seu círculo, que significava família, amigos e igreja, ninguém sabia o que havia acontecido. Imaginavam ter havido algo muito grave para levar o pai de Xilim a tirá-lo do planeta, não imaginando ser era para preservá-lo ou puni-lo. A sensação de Noor era que um muro alto, intransponível, havia sido construído, cercando o assunto. Quem estava dentro, até poderia ter informação, mas os de fora, não. Isso a frustrava, mas tinha pelo menos um consolo: o plano arquitetado pelo pai de Xilim não se concretizou, pois ela o havia implodido.

O que tinha? Em relação ao amado, nada. Apenas um bilhete, um pedaço de informação e uma leve esperança, a de que as promessas feitas fossem cumpridas. Mas quando? Esta era a questão central e não a podia responder. A única certeza era de estar sozinha. Podia fazer tudo, menos o que mais desejava.

E foi com este pensamento que, cansada, adormeceu.

## A VIDA CONTINUA

A vida continuava e o universo era indiferente a ela. Em Enaima, a ausência de Xilim e Noor foi notada quando não voltaram para casa nas férias, mas o impacto – e o montante de fofocas – foi pequeno. Afinal, aproveitando as férias escolares, todo mundo viajava e ninguém questionou a ausência deles.

Sim, houve perguntas, sempre respondidas de forma curta e levando à mudança de assunto. Na Igreja, na escola, nas rodas de conversas o assunto foi ficando em segundo plano até se transformar em algo marginal. O que ficou consolidado e que, tanto Xilim quanto Noor, decidiram estudar fora e tinham o apoio das famílias.

Havia, por parte de Noor, uma admiração do que tinha feito das jovens que, tal como ela, sonhavam em traçar seu próprio caminho. As amigas sabiam onde estava e, ao contrário dos Rsend, a família falava abertamente sobre sua escolha. O que fizera não era usual, mas as amigas admitiam que tinha muita coragem, deixando a casa paterna para viver sozinha em uma cidade desconhecida. E por isso a admiravam e a invejavam.

Sem novidades e com a vida aos poucos voltando a rotina, Noor continuou a ser admirada, mas deixou de ser assunto corriqueiro, assim como a ausência de Xilim e as respostas monossilábicas de sua família.

O mundo, para o círculo de Noor e Xilim, havia voltado a girar de modo corriqueiro.

A vida continuava.

\*\*\*\*\*

Não era diferente para as duas famílias. Para elas a vida também continuava.

Valgeir inicialmente havia ficado agastado com Caleb. Achava que fora fraco, mas conhecendo sua história de vida, acabou

compreendendo sua decisão e admitindo que agiam de forma diferente. Ainda bem que fora só conversas iniciais, sem fecharem nada. Havia gerenciado a crise do melhor modo e a estancara, não se arrependendo do que fizera. Mas se soubesse da decisão de Caleb, até que não seria uma má decisão casar Xilim com Noor. Era tarde para pensar no assunto, esquecido por todos. Precisava encontrar uma nova “noiva” para o filho e, para sua surpresa, foi Caleb que a encontrou. Depois de uma das reuniões corriqueiras do Conselho, Caleb convidou Valgeir para ir até o seu escritório. O que poderia ser desta vez?

- Meu amigo, sei que continua procurando noiva para o Staso. Acho que a encontrei. Se você se lembra, o Akkim Hevroy tem uma filha que se encaixa no que busca. Como presidente do Conselho Episcopal, a ligação com ele é mais do que conveniente. Acho que se fizesse a proposta, aceitaria. Aliás, tenho certeza, pois perguntei a ele.

Ao terminar, olhou para o amigo sorrindo.

- Caleb, você tem razão. Não havia pensado nisso. Quando começou, achei que iria propor casarmos o Staso com sua filha mais nova, o que poderia ser interessante, mas existe diferença de idade, o que não seria bom. Ótima solução. O que é que está pensando?

Caleb disse que desde que concordara com o pedido de Noor, de estudar em Amatea, sentia-se meio responsável pela solução do casamento de Staso, mostrando ao amigo que se preocupava com o futuro do seu primogênito e que a decisão tomada não tinha nenhuma intenção de desprestigiá-lo. Valgeir gostou da ideia e, no final, os dois concordaram que seria bom levá-la adiante, autorizando Caleb a fazer o contato formal com Hevroy. Valgeir voltou ao seu próprio escritório e às tarefas a ele confiadas. Caleb ligou para Akkim e pediu para conversarem. Alguns minutos depois, estava na poltrona em frente ao seu “chefe”.

- Lembra-se de ter lhe falado sobre o filho do Valgeir, para quem está buscando uma boa esposa? Até lhe perguntei se aceitaria casar a Larine com ele e disse que sim? Então, de forma discreta falei sobre a possibilidade de união com o Valgeir e ele gostou da ideia. Prova disso é que estou aqui a pedido dele para lhe perguntar, de modo oficial, se aceitaria fazer o casamento dela com o Staso, o não tão brilhante filho do Valgeir – e que ninguém nos ouça.

O velho prelado deu uma gargalhada, o que foi seguido por Caleb. Sérios novamente, assegurou que aceitaria o pedido formal,

mesmo sabendo que Staso não era uma pessoa brilhante como o pai. O casamento seria conveniente para que colocassem em prática o plano que junto com outros integrantes do Conselho – e sem o conhecimento do Secretário Geral – haviam secretamente desenvolvido: consolidar o poder do Conselho na Igreja, diminuindo a importância do papel da Secretaria Geral.

Caleb tinha matado dois coelhos com uma só cajadada.

\*\*\*\*\*

No conservador universo da Igreja, os Valk eram considerados liberais e se a mudança de Noor surpreendeu, as pessoas a atribuíram a esse lado liberal do líder religioso. Quem era próximo sempre soube que Noor nunca tinha escondido seu desejo de se aperfeiçoar na música, cujo talento era reconhecido e lhe dera destaque no Grupo de Louvor.

Se para os mais conservadores era estranho que a filha de alguém tão importante decidisse estudar em outra cidade, por outro, isso fez a delícia das moças, que não perdiam a oportunidade de citá-la como exemplo em suas rodas de conversas e junto de suas famílias. Sem querer e pelas razões erradas, Noor havia se transformado em ícone, um sinal que as mulheres podiam, sim, ser independentes, sair de casa, estudar e escolher o seu caminho. O que as amigas e a sociedade não sabiam é o custo que isso tinha imposto a Noor.

Apesar da liberalidade, demonstrada por ouvir e – poucas vezes – atender os pedidos dos filhos, Caleb Valk, a exemplo de Valgeir, não admitia desafios às suas decisões, mesmo que, como no caso de Noor, fosse forçado a aceitá-lo. Após o confronto, chamou a esposa e lhe contou o que havia acontecido, pedindo que guardasse segredo e lhe dizendo que reuniria a família e anunciaria a ida de Noor para Amatea e sua matrícula na universidade, atendendo ao seu desejo de estudar música. Amirah apoiou sua decisão e ele chamou a família para uma reunião.

- Sempre conversamos quando há uma decisão importante na família e pedi que nos encontrássemos pois temos algo sobre o que conversar. Há poucos dias a Noor me procurou e falou sobre o seu desejo de estudar música, de se aperfeiçoar no que já faz bem, como sabem. Como não temos cursos aqui, precisaria ir para Amatea. Depois de conversar com a mãe de vocês, concordei. Vamos ficar unidos e apoiá-la, pois terá um tempo difícil até se adaptar à nova rotina.

A decisão havia sido tomada e a família se comprometeu com o apoio a Noor. Após o anúncio, ficaram conversando sobre trivialidades do dia a dia. Depois, cada um foi cuidar de seus afazeres e Caleb dirigiu-se ao escritório, acompanhado de Harun. Quando ficaram sozinhos, o filho foi direto.

- Pai, pensei que a Noor fosse se casar com o Staso Rsend? Estava certo que o Valgeir havia acertado isso com você. Do ponto de vista das famílias, sabe que faz todo o sentido. Por que não aceitou?

Caleb esperava pela indagação, pois o boato do casamento havia se espalhado entre as famílias, embora nada tivesse acertado.

- Filho, eu e Valgeir chegamos a conversar, mas nada ficou decidido. Não sou favorável a este tipo de casamento, até pela minha própria história. Prefiro que as uniões ocorram naturalmente, como aconteceu comigo e sua mãe, por amor. Também acho que não seria um bom casamento para a Noor. O Staso não é nada brilhante e não tem o mesmo futuro que o pai. Sou muito amigo do Valgeir, mas não quero colocar o nosso futuro em um casamento que em nada vai nos ajudar.

Era o lado pragmático do pai que Harun tanto admirava.

\*\*\*\*\*

A vida continuava e ao final das férias Noor e Xilim retornaram às aulas, cada um concentrando em suas atividades e, pelo menos uma delas, tinha se tornado comum: a música. Noor, ensaiando com o quinteto e preparando as primeiras audições do ano. Xilim, descobrindo um novo mundo, com tonalidades diferentes e o vasto campo que os inúmeros gêneros musicais trazia. O novo interesse também lhe lembrava Noor, sempre ligada à música, e a tornava ainda mais presente no seu dia a dia.

Os dias e os meses passaram.

Distantes e sem informações um do outro, Noor e Xilim voltaram sua atenção e esforços para os estudos. Se já eram bons alunos antes, quando estavam juntos, ganharam ainda mais destaque. A profunda ligação que haviam estabelecido não se desfizera e isso os tornara ainda mais solitários, substituindo a companhia pelos estudos, que passaram a preencher suas vidas, seguidas em locais e de maneiras opostas.

Uma rotina se estabeleceu para cada um deles.



Noor, nas férias anuais retornava para Enaima e para a casa dos pais, revia amigas, conversava, mas ficava muito nostálgica devido à ausência de Xilim. Ele não voltara e não sabia se um dia voltaria – embora o quisesse – e ocupava suas férias com cursos extras, descobrindo novos mundos de conhecimento. Fizera poucos amigos, quase todos tão interessados nos estudos quanto ele, e se voltara inteiramente para o aprendizado.

Os dois, no entanto, guardavam diferenças.

Noor, desde o primeiro momento, sabia o que queria fazer, que era dedicar-se à música, não só a estudando, mas transformando-se em uma artista. O caminho havia começado. Os primeiros concertos do Quinteto foram muito bem recebidos e já tinham uma agenda de apresentações para o final do ano, o que oferecia uma perfeita desculpa para que não retornasse a Enaima.

Xilim estava diante de uma escolha, pois chegara a hora de definir o que faria. O final do semestre se aproximava e ainda não tinha claro o caminho a seguir, dividido entre algo esotérico, como a Filosofia Quântica, e a História. Achou que novamente era hora de conversar com professor Hari Setala e pedir o seu conselho. A ação seguinte foi marcar horário com o professor.

\*\*\*\*\*

- Jovem Xilim, que bom vê-lo. E então, veio me contar qual foi a sua escolha? Acho que já é hora de fazê-la, não?

- Professor, obrigado por me receber. É verdade, tenho de fazer a opção, mas ainda estou em dúvida. E é por isso que pedi para me receber. Gostaria que me aconselhasse. Sei que me disse, no encontro anterior, que não dá conselhos, mas voltei para lhe pedir, não que escolha por mim, mas que me fale sobre vantagens e desvantagens de cada opção. Confio no senhor e sei que me ajudará.

Hari Setala ficou olhando pensativo para o jovem sentado à sua frente. Via-se nele e em uma situação muito parecida, buscando orientação para o que fazer. Sem base familiar que o apoiasse, tomava suas próprias decisões, mas queria fazê-las certas e, como no caso de Xilim, contou com a simpatia de mestres que o encaminharam para um rumo, permitindo que, aos poucos, fosse fazendo o caminho e descobrisse seus reais interesses. E nas mesmas circunstâncias estava muito mais confuso, com várias indagações e nenhuma certeza. E fora então ajudado por dois mestres, que se transformam em tutores e o conduziram não só ao longo da escolha, mas em um longo caminho, fazendo com que

chegasse onde hoje estava: alguém reconhecido e respeitado. E fora ao longo do caminho percorrido que adotou a postura de nunca ajudar as pessoas nas suas escolhas, mas quando eram definidas, sempre as ajudava a caminhar. Por que abrir uma exceção?

- Xilim, fale-me de suas opções. Ainda são a Filosofia Quântica e a História?

- Sim, professor. Estes são os meus dois interesses básicos. Nos últimos meses interessei-me, também, por música, não por tocá-la ou cantá-la, como faz, mas em conhecê-la melhor, saber a origem dos gêneros e como se entrelaça com a sociedade e seus costumes. E isso me levou a um novo campo, que é a simbologia. Na verdade, professor Setala, descobri que existe um imenso universo de conhecimento de que estou muito distante. Sei tão pouco que isso me espanta.

- Lembra-se da vez que estivemos juntos aqui? Deixei-lhe um desafio. Definir quem eu sou. Antes de seguirmos adiante, gostaria de ouvir sua resposta.

Desde que a questão lhe fora posta, Xilim vinha pensando nela e em como respondê-la. Começou lendo os trabalhos do professor. Seguiu adiante tentando conhecer sua música e como chegava a ela, passando pela simbologia e pela sua própria vida no ensino universitário, com as pesquisas que tinha conduzido e orientado. Era um enorme campo, mas parecia que o professor o exercia com a maior naturalidade e isso o deixava admirado. Sempre vira as coisas como uma opção: se fazia algo, deixava de fazer outra. O professor Setala desmentia essa crença, fazendo várias coisas – e todas muito bem – quase que ao mesmo tempo, o que só fez aumentar sua admiração por ele. Mas, depois de muito pensar e estudar, tinha resposta para o que o mestre lhe perguntara.

- Não sei se é a resposta que espera, professor, mas acho que o senhor é um estudioso, o que engloba ser filósofo, historiador, simbologista, músico e a busca permanente de conhecimento.

- Jovem, você me surpreende. De muitos estudantes a quem fiz esta pergunta é o primeiro que dá a resposta que acho correta, mas isso não significa que vá escolher o caminho por você. Mas vou ajudá-lo, não apontando caminho, mas lhe deixando uma boa reflexão que irá facilitar sua escolha. Vamos para a lanchonete. É lá que vou lhe falar.

Caminharam em silêncio até a lanchonete e foi o professor quem escolheu o lugar, uma mesa mais afastada, com uma bela vista para o campus. Pediu um lanche e enquanto não vinha, começou a



formar uma analogia, dizendo a Xilim, primeiro, que o conhecimento era como uma ilha pequena no meio de um imenso oceano de desconhecidos. Nesta pequena ilha havia vários campos de conhecimento, desde os mais teóricos e especulativos, como a filosofia, aos mais práticos, dos mais diversos tipos de engenharia, de física e de química.

O conhecimento era baseado em teorias e eram elas que davam suporte a ele e às pesquisas, permitindo que fossem replicadas, melhoradas, corrigidas, abandonadas ou consagradas. Todos os campos, no entanto, começavam com apenas uma ideia, quando alguém queria fazer ou provar alguma coisa. Cada vez que uma nova ideia era desenvolvida, a ilha crescia e o oceano, encolhia. Quando uma ideia era descartada, uma teoria derrubada, havia o fluxo inverso, com o oceano aumentando e a ilha diminuindo.

Quando o lanche chegou, parou por tomá-lo, mas logo retomou a conversa, explicando o impulso do conhecimento vem de dois fatores. O primeiro é o desejo de expandir o que sabemos sobre nós mesmos e sobre o universo. O segundo, o acaso, quando nos deparamos com determinados fenômenos e os relacionamos ao que nos cerca. O cerne da questão, seja na filosofia, na história, na música, na simbologia ou em qualquer outra área de conhecimento, é ampliar o tamanho da ilha. Assim, os caminhos escolhidos chegam ao mesmo lugar: a ampliação do que sabemos, que nos fornece maneiras de viver melhor, o que confere propósito ao caminho que cada um escolhe. A opção que cada um tem, ao fazer sua escolha, é definir se quer ficar no campo prático ou no especulativo. Os dois são necessários e, embora se atribuam pesos diferentes a eles, ambos fazem parte do universo do conhecimento, contribuem para ele e ajudam os homens a saber um pouco mais do que são.

Xilim ouvia com atenção ao professor. De certa forma, já tinha inferido o que o mestre lhe dissera, mesmo sem ter a sua experiência e conhecimento. Na indecisão, tinha pesquisado vários cursos oferecidos na universidade, indo dos mais práticos, como Engenharia, àqueles de pura abstração, como a Filosofia e suas derivadas. O lado prático, da construção e experimentação, não lhe eram atraentes, mas o especulativo, sim. E fora por isso que, inicialmente, se fixara em Filosofia e em História, em que poderia pensar e especular. A explicação de Setala lhe havia mostrado uma saída, mas como existiam várias dela, a escolha ainda caberia a ele.

- Professor Setala, obrigado. Acho que o senhor facilitou minha decisão. Vou pensar mais um pouco e, assim que a tiver, mando-lhe uma mensagem contando. De novo, obrigado.

- Estou à disposição, jovem, e sempre disposto a conversar, mas nunca a indicar ou influenciar decisões. Considero que as escolhas são, em todos os campos, pessoais e só nós as podemos tomá-las, arcando com suas consequências. Felizmente para todos nós, a vida sempre continua.

Uma semana depois, Xilim tinha sua decisão tomada e, como prometera, enviara um bilhete ao professor Hari Setala, avisando-o. Sua escolha fora Filosofia, sem o quântica a ela atrelada, mas seus interesses, dentro da disciplina escolhida, se expandiriam para a história e, certamente, para a música, relacionando os campos com aquele em que tinha crescido, a religião.

## FILÓSOFO E ARTISTA

Quatro anos”, pensou Noor olhando o cubo onde dançava a imagem de Xilim. Estava se preparando para a cerimônia de formatura, ao término do curso de Música, onde se graduara com a classificação de “Excelência”. Neste tempo havia, também, se estabelecido como artista, tornando-se conhecida devido à participação no Quinteto, fruto dos frequentes concertos na capital e em outras cidades de Ourea. Uma das poucas grandes cidades em que não tinha ainda se apresentado era Enaima, de onde viera, mas isso seria corrigido, pois dentro de pouco mais de duas semanas teriam um concerto na cidade.

A música lhe dera uma nova estatura, permitindo-lhe conquistar a independência. Os ganhos dos concertos eram divididos de forma igualitária e ela tinha dinheiro suficiente para se manter e, ainda, para formar uma reserva. Se quisesse, podia dispensar a ajuda do pai, mas não o fizera pensando que isso o magoaria. Na sociedade de Ourea era pecado mortal os pais não suportarem as filhas, mesmo que tivessem atividades fora da família. Estava nervosa, não pela graduação, mas pelo concerto que o Quinteto faria após a cerimônia, a que a universidade, seus mestres, alunos e familiares estariam presentes.

Em Alta, Xilim também se preparava para a cerimônia de graduação, mas ao contrário de Noor, não iria deixar a universidade. Havia concorrido a uma vaga de Mestrado e a havia conseguido. Seu orientador seria o professor Hari Setala, já que fora na área de História o Mestrado escolhido. Já havia decidido – e o professor Setala informado, pois haviam conversado – que também faria o Doutorado, o que lhe dava pelo menos mais cinco anos no meio universitário.

Ao pensar no que fizera, considerou que pela primeira vez podia se considerar feliz, desde que embarcara na “viagem” que o pai lhe propusera e descobrira – tarde demais – que não tinha volta. Desde então, vivera tendo notícias esparsas da família, mas nenhuma de Noor – a família nada lhe dizia e quando tentou contatar antigos

amigos, não conseguiu, o que era surpreendente, já que vivia em uma era de comunicação praticamente instantânea.

Do lado da família, o pai chegou a conversar com a mãe sobre a possibilidade de informar Xilim que o casamento que pretendia não se realizara, o que abriria a possibilidade de seu retorno e do reencontro com Noor, que continuava solteira. Mas diante da vida acadêmica do filho, consideraram que era melhor deixá-lo se concentrar nos estudos, concluindo-os. Então, poderia voltar e talvez até lá encontrasse alguém, retornando já casado, o que lhes pouparia o constrangimento de ver revividas as fofocas sobre sua “viagem” e sobre a falha no casamento de Staso.

Durante os anos do curso, Xilim uma única vez cogitara voltar para casa nas férias e foi quando descobriu que, se podia viver confortavelmente no planeta, dedicando-se aos estudos, não havia recursos disponíveis para pagar o seu transporte de volta. Seu “tutor” – que lhe provia os recursos necessários aos estudos, moradia e alimentação – deixou claro que no acerto não estavam incluídas passagens de saída de Metis e que também não falaria sobre este assunto com Valgeir Rsend.

Se Xilim desejasse viajar, que entrasse em contato com o pai e lhe pedisse que autorizasse a compra das passagens para o pequeno salto entre Metis e Ourea. Ou, então, podia economizar, juntando seus próprios recursos para fazer frente ao custo da ida para casa. Xilim tinha uma pequena reserva, apenas para fazer frente a algum imprevisto, mas não suficiente para o custo do transporte. Considerou pedir ao pai, mas acabou desistindo. Temeu por um não que o deixasse ainda mais desiludido com a família e colocou o assunto de lado, embrenhando-se ainda mais nos estudos.

Além deles, a única coisa que lhe ocupava os pensamentos era Noor. Como dissera uma vez, o seu coração fora por ela ocupado e nele não havia espaço para outra pessoa, outra ligação. Talvez se transformasse no próximo Setala, vivendo solteiro o resto de sua vida, com um caso aqui, outro ali, mas sem nenhum envolvimento emocional. Enquanto passava o filme de sua história pela cabeça, conferiu a beca, vendo se tudo estava certo e dirigiu-se para o teatro da cerimônia de graduação. Fora o escolhido para falar em nome dos estudantes e isso o estava deixando muito nervoso.

A cerimônia seguiu o roteiro. Após a entrega dos diplomas, conferindo o grau de Filósofo àqueles que participavam de sua turma, a última a recebê-los, pois era o curso mais antigos da universidade, Xilim foi chamado à tribuna. Havia escolhido um discurso acadêmico, focando-o na origem do pensamento humano,

sua evolução e a expansão do conhecimento promovido a cada era, o que tirara o homem da idade do fogo e o levava à idade galáctica, conseguindo deixar o berço original, a Terra, ganhar os planetas e as estrelas, expandindo a civilização humana e levando a sua presença a lugares que um dia seus antepassados haviam sequer sonhados.

- Peço licença ao professor Hari Setala para usar uma analogia sua que, no meu entender, explica bem o que é nossa missão. Vivemos em uma pequena ilha do conhecimento, circundada por um vasto oceano de desconhecidos. Nossa principal missão e objetivo é ampliar esta ilha, enchendo-a de conhecimentos. Cabe a cada um de nós, seja qual o campo que tenhamos escolhidos ou a profissão que iremos exercer, deve acrescentar novos conhecimentos, novas teorias e novas ideias à ilha. Foi graças às novas teorias e ideias que crescemos, aprendemos e chegamos onde estamos. Temos a responsabilidade de ampliar o que sabemos, contribuindo para a acumulação do conhecimento da humanidade.

Na hora em que Xilim subia à tribuna na Universidade em Alta, em Metis, Noor entrava no palco armado no amplo gramado da Universidade Central em Amatea acompanhada dos outros integrantes do Quinteto. A ideia do concerto não fora deles, mas um pedido da própria universidade. Como tiveram tempo, ensaiaram um repertório especial para a apresentação levando em conta que na plateia estariam as famílias e os líderes mais importantes da cidade, centro do poder civil no planeta. Sua própria família estaria ali, ouvindo-a pela primeira vez, o que a deixara ainda mais nervosa.

Assim que tomaram seus lugares, o professor Anselm Setala, como líder do Quinteto, tomou o microfone, saudou o público e anunciou que, conforme mostrava o programa distribuído pela universidade, o que apresentariam era um repertório novo. E começaram. A primeira música, se Xilim estivesse presente, iria lhe remeter aos seus primeiros dias em Metis, pois fora ela que ouvira cantada e tocada pelo professor Hari Setala. Começava apenas instrumental, subindo e, já no alto entrava a voz de Noor, dando um novo colorido à canção, que deixava se ser nostálgica, ganhando ares de quase uma brincadeira entre os instrumentistas e a sua voz, casadas à perfeição. No final, veio a ovação.

A plateia estava encantada e Noor perdeu o nervosismo, concentrando-se na música, deixando-se levar por ela, em uma sincronia perfeita com os integrantes do conjunto. A cada nova performance, nova ovação. E no final, os pedidos de bis não

paravam e eles fizeram quatro novas músicas e a reapresentação da primeira.

O concerto havia terminado, mas não os compromissos dos músicos, que receberam os dirigentes da universidade, líderes locais e nacionais, que os queriam cumprimentar. Noor estava ansiosa para encontrar a família. Se pudesse escolher, iria para casa, tomaria um banho e se jogaria na cama, dormindo o mais que podia. Estava cansada, realizada pela reação do público e curiosa pela opinião da família, que a vira apresentar-se pela primeira vez. E foi para ela que correu ao final da recepção. Chegou festejada pelos familiares, beijou a mãe, os irmãos e o pai, que a abraçou fortemente.

- Noor, você estava certa na sua escolha e sua apresentação nos deixou muito orgulhosos. Você nasceu para isso. Estou muito orgulhoso de você e acho que toda a família também.

Emocionada com a reação do pai, pensou que tudo seria maravilhoso e completo se Xilim estivesse ao seu lado.

\*\*\*\*\*

A Universidade Central em Amatea tinha dois períodos de férias, sendo que o de verão era maior, de 60 dias, o que permitia ao Quinteto programar suas apresentações. Uma semana após o que ficou conhecido como “Concerto dos Universitários”, os cinco empacotaram suas coisas e se puseram na estrada vivendo nova situação, com muito mais pedidos de datas para apresentações do que tinham disponíveis. Quando se juntaram para repassar o que fariam, o professor Anselm Setala levantou a questão das solicitações recebidas, que administrava.

- O que havíamos combinado é que, nestas férias, faríamos um concerto por semana. Só que depois da apresentação aqui na universidade podemos nos apresentar, se assim o definirmos, todos os dias, o que nos colocaria em uma grande maratona. Acho, contudo, que poderíamos fazer dois ou três concertos por semana. Para dois, já temos o repertório pronto e ensaiado, podendo mesclá-lo, se for o caso, para um terceiro. Quero a opinião de vocês.

As decisões sobre as ações do quinteto eram mediante entendimento. Noor, por ser a mais nova, achava que devia ser sempre a última a se manifestar e ficou ouvindo o que os seus professores diziam. A maioria optou por dois concertos e Noor se alinhou a eles, achando que o ritmo de três apresentações semanais era muito intenso. Sugeriu que abrissem as novas apresentações sempre próximas de onde dariam o concerto no final de semana,

estabelecendo uma logística que lhes permitisse viajar menos e fosse menos cansativo. Poderiam fazer uma ou outra apresentação extra, ao longo do circuito, até voltarem a Amatea. O concerto final de temporada teria três apresentações, o que os levaria a fazer cerca de 20 apresentações em 60 dias, um ritmo puxado, mas suportável.

Com as férias quase terminando, exaustos pelas viagens e apresentações, os integrantes do Quinteto chegaram a Amatea para as apresentações finais. Os espetáculos haviam sido completamente vendidos e havia demanda para pelo menos mais três, com o diretor do Teatro tentando convencê-los de fazer pelo menos uma apresentação extra, com o que não concordaram. Os professores voltariam logo depois às aulas e queriam pelo menos uns dias de descanso. Noor não teria este problema, mas também estava exausta e queria sair dos holofotes, passando alguns dias em casa antes de definir o que seria o seu próximo passo.

As apresentações foram um sucesso, com a mídia usando superlativos para classificá-las, consagrando o Quinteto e tornando seus concertos ainda mais desejáveis. Após o último espetáculo, Noor estava se preparando para retornar ao Abrigo, pensando em apenas descansar, quando houve uma discreta batida na porta. Foi ver o que era, pois não estava esperando nenhuma visita. À sua frente, um senhor de meia idade, parecido com o pai, e vestido de forma muito elegante estava lhe sorrindo.

- Senhorita Noor, sou Justin Kalinowsky, Diretor Geral da Rede Um. Não vou tomar muito do seu tempo.

- Boa noite, Senhor Kalinowsky, em que posso ajudá-lo.

Desde a apresentação do Concerto Universitário, transmitido ao vivo, a Rede Um vinha recebendo uma enxurrada de pedidos para a sua repetição e de novas apresentações do Quinteto. A demanda levou a Rede a gravar os concertos das férias escolares, incluindo os de Lochacre. Deles, seriam feitos cinco diferentes shows, escolhendo-se as melhores performance do grupo. As conversas foram feitas com Setala, que representava o grupo, e fora quem sugerira que a apresentação dos shows fosse feita por Noor. Os programas teriam transmissão pública e ficariam disponíveis para compra ou streaming de vídeo e áudio.

- Gostaríamos que fizesse a apresentação. Se concordar, discutiremos os detalhes com o seu agente. Por favor, senhorita, pense nisso e, assim que decidir, entre em contato conosco. Aqui está o meu endereço privado, para o qual pode direcionar sua resposta ou esclarecer alguma dúvida.

Ao fechar a porta, após a saída do diretor da Rede Um, Noor sabia que faria os programas. Precisava arranjar um agente.



## NOVA VIDA

**X**ilim chegou ao escritório do professor Setala muito curioso. Por que havia sido chamado? Será que tinha cometido algum erro, algum tipo de deslize e levaria uma repreensão? Ansioso, chegou adiantado e esperou pacientemente o atendimento de outro colega do Mestrado, que não era seu orientando. A espera foi curta, mas lhe pareceu uma eternidade, com o tempo entrando no seu ritmo normal quando o aluno deixou a sala e o professor apareceu na porta, vendo se o seu próximo aluno já havia chegado. Vendo Xilim sentado, sorriu.

- Olá, Xilim. Vejo que se adiantou. Entre, entre... vamos conversar.

Tenso, encaminhou-se para a sala. Sentou-se e esperou o professor se acomodar. Ainda sorrindo, Setala observou que ele estava tenso, pediu que relaxasse e disse ter uma boa notícia. O ensaio que fizera, no âmbito da Sociologia das Religiões, era excelente e embora não estivesse vinculado à sua própria disciplina, lhe fora passado pelo professor de Sociologia, pedindo sua opinião.

Setala o lera, gostara e o encaminhara a três outros professores seus amigos, pedindo que opinassem e eles o tinham elogiado, oferecendo-se para revisá-lo e publicá-lo na Doxa, a revista acadêmica da universidade. Como orientador, concordara com a publicação e pedira aos mestres que fizessem a revisão, sugerindo que trabalhassem em conjunto, com a visão unificada do assunto tratado. Xilim havia conseguido um feito, o respeito de três dos mais consagrados mestres de História da universidade, que endossaram suas conclusões.

- O ensaio será publicado, tenho certeza. Mas quero que leia a revisão e escreva um adendo a ela, sobre as observações feitas e as razões de suas escolhas. Como meu orientando, posso fazer isso, o que vai lhe fornecer um caminho para a ampla discussão do ensaio e o colocar, de uma vez por toda, no campo da Sociologia das

Religiões. Posso garantir que, a partir de agora, ninguém irá publicar algo sobre o assunto sem considerar o seu ensaio. Parabéns.

No final do período letivo, o ensaio foi publicado. Chamado de “A religião e a formação social”, como Setala previra tornara-se referência, com Xilim sendo convidado para seminários em que a questão era discutida. Em uma delas, encontrou-se com Art Bitter, Diretor Editorial da Alta Casa Editora. Ele havia lido o ensaio e pensava ser possível transformá-lo em livro. A questão era se Xilim estava disposto a reescrevê-lo ampliando sua abordagem. O editor entendia que, ao invés de discutir a questão apenas em nível de ideias, devia levá-la para um local específico, mostrando como a religião influi na formação social e qual a responsabilidade da crença em melhorar a vida de cada um.

- Senhor Bitter, gostaria de fazer isso, mas não devo tomar uma decisão de impulso. Como sabe, ainda tenho longo caminho à frente nos estudos, pois estou apenas começando o Mestrado. Quero discutir esta questão com o meu orientador, o professor Setala, e ver o que diz. Se o conhece, deve saber que nunca indica a decisão que devemos tomar, mas sempre fornece ideias e reflexões que nos permitem fazer a melhor escolha.

Ficaram acertados que tão logo tivesse uma decisão, a comunicaria a Bitter e se despediram. Assim que o editor saiu, Xilim sabia que faria o livro e já tinha, inclusive, um título para ele “A construção do povo em Ourea”, o que o levaria além da história e sociologia, colocando-o no campo das ideias.

\*\*\*\*\*

Antes de tomar uma decisão sobre o convite feito pela Rede Um, Noor foi conversar com Anselm Setala. Ele lhe indicou o agente que precisava, um negociador duro, o mesmo que cuidava dos contratos para os concertos do Quinteto. Confiava nele e achava que Noor também podia confiar. Graças a ele as apresentações do Quinteto tinham sido mais profissionalizadas e os cinco músicos estavam ganhando um bom dinheiro. André Fortin, o agente, representava poucos e selecionados artistas, o que permitia lhes dar atendimento personalizado e este era o seu trunfo. A partir de contato feito por seu professor, marcaram um encontro.

- Obrigado por me receber Sr. Fortin. Acho que já sabe do assunto, pois cheguei aqui através do professor Anselm Setala. Gostaria que fosse meu agente, mas confesso não saber nada sobre sua atividade. Poderia me explicar?



- Não há mistério. Represento os artistas, servindo de intermediário entre ele e os interessados em contratá-los, estabelecendo os termos dos contratos, formas de pagamento, remuneração e aspectos legais das carreiras de quem representamos.

O que a empresa fazia era o gerenciamento das carreiras de seus clientes, cuidando dos detalhes de shows, concertos, apresentações nos vários veículos da mídia, publicidade, propaganda e comparecimento a eventos, públicos ou privados.

- Nossa remuneração é baseada em percentual dos ganhos dos nossos representados. Em resumo, é o que fazemos. Nos honraria ser seu agente, Noor. Se nos acertarmos o próximo passo é a assinatura de um contrato. Ele irá estabelecer os parâmetros de nosso relacionamento e definirá o que faremos e como atuaremos em favor de sua carreira.

- Sr. Fortin...

- Chame-me de André, por favor.

- ... tenho convite da Rede Um para ancorar uma série de programas com os shows do Quinteto e preciso definir se aceito ou não. Quero fazer, mas confesso não ter a mínima ideia de como isso ocorre. Confio no professor Setala e ele confia no senhor. Então, posso lhe dizer que, sim, quero que me represente e antes mesmo de fecharmos um contrato, gostaria que conversasse com o Sr. Justin Kalinowsky, da Rede Um sobre o convite feito. Podemos fazer isso.

André Fortin assegurou-lhe que cuidaria do acerto e, enquanto isso, pediria para que os papéis necessários à representação legal fossem preparados para a assinatura de Noor.

- Farei contato com Kalinowsky, Noor. Assim que tiver uma posição voltamos a conversar.

Noor esperou e pouco mais de uma semana estava novamente sentada à frente de Fortin, agora acompanhado de outra pessoa, que apresentou como sendo a advogada que lhe prestava serviços e cuidava dos aspectos legais dos contratos feitos com quem representava e também com os clientes que contratavam estes artistas.

- Noor, obrigado por vir. A Dra. Clara Murray irá explicar as condições do contrato que estamos assinando para representá-la. Elas são idênticas as de outros artistas que acompanhamos há algum tempo, inclusive o Quinteto, mas se estende um pouco, já

que no caso do Quinteto não envolve publicidade e outras aparições públicas. No seu caso, estamos estendendo a possibilidade de representação. Se concordar, assinamos o contrato e, então, passamos à segunda parte, o seu contrato com a Rede Um.

Noor ouviu com atenção, fez perguntas, pediu esclarecimentos, quis entender o alcance do contrato, seu tempo de duração e, no final, sentindo-se esclarecida e segura, o assinou. A Dra. Murray iria cuidar do registro e quando fosse feito, Noor receberia uma cópia. Deixou com ela um cartão, colocando-se à disposição e, alegando outro compromisso, saiu.

Foi a vez de Fortin falar. Havia conversado com a Rede Um e tinham chegado a um ponto comum. O passo seguinte dependeria de Noor. Como seu agente a recomendação era que aceitasse a oferta nos termos negociados, considerando que era um bom acordo e que, a partir dele, outras portas se abririam para ela. Sorrindo, estendeu um resumo a Noor, mostrando-lhe condições e números.

- André, os valores são estes mesmos, por apenas cinco apresentações? Nunca vi tais números em minha vida. É muito mais do que já ganhei em toda as apresentações junto com o Quinteto.

- Noor estes números são só iniciais, podendo aumentar dependendo da demanda que os programas gerarem. Eles ficarão disponíveis para o público, mas serão cobrados. Sobre cada venda, irá receber um percentual. Acredito que o valor pode até dobrar. E estes números não estão nem perto do que os artistas mais conhecidos ganham. Os shows vão lhe transformar em estrela, não tenho dúvida, e estes números – assim como a demanda por sua presença – irão aumentar e muito.

Espantada com os números, Noor lhe perguntou como é que os artistas gerenciavam seus ganhos. André informou que, neste campo, trabalhava com uma parceira, especialista em gerenciamento financeiro, que atendia 80% dos seus clientes.

- Recomendo que tenha uma conversa com Nuriel. Ela pode lhe mostrar como atua e estabelecer parâmetros para que tenha uma vida financeira saudável.

Nuriel Sluis era conhecida e respeitada no meio artístico. Quem era atendido por ela, segundo André Fortin, estava satisfeito. Seu trabalho era fazer com que os rendimentos dos artistas fossem bem aplicados, criando reservas que poderiam ser usadas em caso de necessidade.

- A maioria dos nossos artistas estão com ela. E muitos deles já indicaram novos clientes, não só para nós, mas também para a Nuriel. Acho que isso é um bom exemplo de como ela atua.

Noor pediu o contato de Nuriel, mas o próprio André ligou para ela, agendando o encontro das duas. Ao deixar o escritório, Noor pensava que, de filha rejeitada, estava se transformando – não por ter planejado, mas por acaso – em alguém conhecida e de sucesso e que, com o seu primeiro contrato, estaria ganhando o que seu pai talvez não conseguira ao longo de 10 anos, mesmo que contasse todos os benefícios extras recebidos pela sua posição na Igreja.

\*\*\*\*\*

Fortin estava certo. As apresentações dos concertos do Quinteto colocaram Noor no caminho do estrelato e começou a receber demandas para apresentações e participações em eventos em várias cidades. Se se dispusesse a uma maratona, poderia ficar milionária em apenas um ano, mas não fora para isso que saíra de casa. Queria, sim, ter vida própria, mas o seu principal objetivo era reencontrar Xilim e com os ganhos que nunca sonhara, achava que se tornaria mais fácil.

Mesmo com o pensamento sempre em Xilim, tinha outras decisões a tomar, sendo a primeira em relação a música devido a demanda para concertos. O Quinteto tinha um tempo limitado e, se dependesse dele, ficaria restrita as apresentações nos meses de férias. Tinha uma oportunidade diante dela e queria aproveitá-la, mas estava constrangida de levar o assunto aos integrantes do conjunto. Depois de muito pensar, resolver abordar primeiro o professor Anselm Setala, com quem marcou um encontro.

- Noor, que bom te ver. Ficamos muitos satisfeitos com os shows da Rede Um. Você foi ótima e isso sem contar que nos rendeu um bom dinheiro, complementando muito bem o que ganhamos na universidade e nos próprios concertos. Mas não acho que tenha vindo aqui para ouvir meus elogios, estou certo?

- Ah, professor, gostaria que as coisas fosse simples, como quando iniciamos esta aventura. Não creio que o André tenha lhe falado, mas recebeu, depois dos shows apresentados na Rede Um, mais de 200 pedidos de apresentação do Quinteto. Também vieram pedidos para que prestigie eventos e faça outras aparições públicas. Quanto a estas, não há problemas, pois posso ir sozinha. Nas apresentações, não, já que formamos um grupo. E sei que não podemos atender à demanda. O que vamos fazer?

Anselm Setala e seus colegas do Quinteto já haviam conversado sobre a demanda, mesmo antes das apresentações na Rede Um. O que concluíram é que Noor tinha uma carreira pela frente e não a poderiam tolher. Tinham certeza que ela não tomaria a decisão de deixar o grupo.

Havia uma grande diferença entre eles. Enquanto os instrumentistas haviam escolhido o ensino, considerando a atividade musical apenas um hobby, uma diversão, Noor, desde que iniciaram as apresentações, vivia para a música. Não seria justo que a limitassem e, por isso, haviam decidido que, na hora certa, seria liberada, assumindo sua própria carreira. Os quatro continuariam a tocar juntos e até poderiam se apresentar com ela, mas já não seriam o Quinteto. Tinham optado pela vida universitária, encarando a música como uma atividade paralela e não iam mudar suas vidas. No caso de Noor, era diferente.

- Noor, sabíamos que isso iria acontecer no momento que começamos a fazer sucesso. Fizemos a opção pelo ensino e a achamos correta. No caso da música, considere-nos amadores, pois não queremos expandir além de onde já chegamos. Quando a você, é diferente. Tem um grande talento e deve se aproveitar dele. Forme um novo grupo com músicos que são profissionais e melhores do que nós. Faça o que o seu coração pede. Nós ficaremos felizes por ter se iniciado conosco e, quando houver tempo, sempre podemos tocar juntos novamente.

Uma estrela estava nascendo.

\*\*\*\*\*

- Professor, tenho algo que gostaria de discutir com o senhor.

Hari Setala ficou atento. As questões levantadas por Xilim eram sempre desafiante e imprevistas. Acenou positivamente para que o orientando continuasse e ele lhe narrou o encontro com Art Bitter e a conversa sobre a possibilidade de transformar o ensaio em livro, localizando as ideias que havia desenvolvido. Tinha algumas ideias para o seu desenvolvimento, mas não estava certo da oportunidade, já que a carga do Mestrado era pesada e queria concluí-lo com destaque. O livro, quando e se o escrevesse, iria abordar o seu próprio planeta e as influências da igreja na vida social, no ordenamento da sociedade e as consequências que isso tinha gerado para a população.

- O que é que acha, professor?

Setala ficou pensativo por um momento e abrindo um sorriso, fugiu da questão, mas não do assunto. Desde que o ensaio fora publicado e já que contara com sua aprovação, vinha monitorando os resultados, que considerava excelentes, com as ideias desenvolvidas por Xilim sendo discutidas em vários âmbitos acadêmicos, indo da História à Sociologia e, desta, para a Filosofia e outras ciências sociais. A crítica feita por consagrados mestres na Doxa, haviam aumentado o interesse pelo ensaio.

Na universidade, o Departamento de Sociologia decidira incluir o tema nas suas discussões, assim como o Departamento de História, o que lhe abria novo campo de pesquisas. No ambiente acadêmico, as críticas eram ferozes, mas por mais que tentassem não haviam conseguido desmontar o arcabouço das ideias desenvolvidas por Xilim. Na verdade, ninguém havia pensado nelas, o que era surpreendente e os especialistas foram surpreendidos pelo ensaio, que continuava gerando comentários, explicações e críticas, aumentando o respeito pelo jovem estudante de Alta.

- Suas ideias são um sucesso e o que conseguiu, mestres reconhecidos levaram anos para chegar a este reconhecimento. O argumento que desenvolveu resistiu as críticas e lhe deu credibilidade, ampliando o alcance do que escreveu. Art Bitter sabe que um livro assinado por você discutindo e ampliando o assunto será sucesso. Ele pensa somente no lado comercial e quer tirar proveito de algo para que não contribuiu. A questão, neste caso, não é se deve ou não escrever o livro, mas se quer se prender ao mesmo assunto, discutindo-o e rediscutindo-o. Os que o leram e estão discutindo suas ideias esperam que continue inovando, dando-lhe novos caminhos para a reflexão. O ensaio, como está posto, já cumpriu o seu papel. Agora, a decisão é sobre continuar fazendo a diferença ou sentar sobre o que já foi feito. É esta a decisão que tem de tomar.

Xilim tinha estabelecido um relacionamento com Setala, quase que como um filho que ele não tinha. A proximidade, no entanto, não o livrava das considerações sempre cortantes que o professor fazia. Tinha a impressão, até, de que era mais severo com ele, por lhe dedicar verdadeira afeição. Ao deixar o escritório do professor, pensava no que lhe dissera. O próprio Setala, de quem agora conhecia a história, muito parecida com a sua, havia se superado, se estabelecido, tornara-se conhecido e respeitado em Metis e no braço galáctico. E o reconhecimento vinha não de um só campo, mas dos vários em que era atuante.

Academicamente, era ouvido em questões de história, filosofia e simbologia. E fora do campo acadêmico, era um respeitado conhecedor de música antiga. Acreditava que somente fazendo a diferença é que um dia poderia retornar a Ourea e, talvez, reencontrar Noor, que vivia constantemente no seu pensamento e de quem sentia tanta falta que parecia lhe faltar um pedaço. Foi com este pensamento que caminhou até em casa. Colocou a música de sua preferência, abriu o computador, vendo o que precisava responder e, reflexivo, ordenou uma comunicação a Art Bitter.

“Senhor Bitter, aqui é Achilles Wikse. Estou entrando em contato sobre a proposta feita, de ampliar meu ensaio já publicado para um livro. Como lhe disse, é algo que me interessa, mas de momento me vejo impossibilitado de tomar esta tarefa devido aos compromissos com o Mestrado e a preparação para o Doutorado. Agradeço seu interesse e quem sabe no futuro não conseguimos trabalhar juntos”.

Ao ser matriculado na universidade, em Alta, depois que o pai o deixara em Metis, Xilim decidiu que, a partir dali, adotaria oficialmente o sobrenome da mãe em sua vida acadêmica. A decisão era consequência da mágoa com o pai e de saber que, mesmo que quisesse influir, sua mãe nada poderia fazer. Era, no seu entender, uma forma de desprezo para com o pai e uma homenagem à mãe. Assim, para os mestres e colegas era Achilles Wikse, com apenas os mais próximos dentre os colegas o chamando de Xilim. Um detalhe adicional era que, por erro de registro, o seu sobrenome saiu com W e não com V, como da família.

No caso dos mestres, apenas o professor Setala tinha a proximidade suficiente para chamá-lo pelo apelido. A decisão fora tomada em um momento que queria se tornar invisível, pelo menos para a família e para os conhecidos. Quando compunha o recado para Bitter, lhe veio uma reflexão e as consequências de sua escolha: Se tivesse sucesso, sua família não partilharia dela, mas também Noor, a que tanto desejava encontrar, não o veria, o que não era o seu intento. Seu ensaio havia chegado a Ourea, mas como quisera, era invisível para o planeta e, portanto, para Noor. Agora, era tarde para reclamar da decisão com a qual tinha de viver e seguir em frente.

“Perdi o que mais amava. Posso até fazer sucesso, ser conhecido, mas isso não irá me devolver o amor e a proximidade com o meu planeta e com a família. Fiz uma escolha e vou seguir com ela. Vou viver com a polêmica”.

## MÚSICA E RELIGIÃO

Vidas à parte, Noor e Xilim seguiram em frente.

Em Amatea, ela formou o seu próprio conjunto, como havia aconselhado o professor Anselm Setala, e tinha uma agenda permanente de apresentações, percorrendo o planeta. Transformara-se em estrela, como previra o professor, e em alvo constante da mídia, lutando para preservar a sua intimidade. Também ficara milionária, não só devido ao sucesso, mas aos bons conselhos de sua conselheira financeira.

A mudança fez com que deixasse o Abrigo e comprasse um confortável apartamento, de acordo com a mídia, muito abaixo do que uma celebridade como ela merecia. Apesar da pompa com que se apresentava e do endeusamento de fãs e da mídia, continuava a viver de forma modesta, retirando muito pouco do que ganhava e deixando o resto para ser administrado por Nuriel, que acabara se transformando em amiga. Fora ela quem a aconselhara a criar uma entidade social, destinando parte do que recebia para ajudar jovens músicos, comprovadamente talentosos.

Se encerrasse sua carreira, poderia viver de modo confortável o resto de sua vida, mas se a música era o que lhe sustentava, ainda lhe faltava algo: encontrar Xilim.

Como a música não lhe deixava tempo para a procura, decidiu recorrer ao serviço de profissionais, contratando uma agência local de investigação e sob contrato de estrito sigilo, lhes pediu que buscassem informações sobre Xilim, o que lhe tinha acontecido, para onde tinha ido e o que estava fazendo. Tinha um interesse especial em saber se continuava ou não solteiro. Foram quase seis meses de procura e nada havia sido encontrado.

Não havia registros da saída de Xilim do planeta, nem de seu pai, o que poderia dar uma pista para onde foi levado. A abordagem a partir do nome também não funcionou. Somente em Ourea havia centenas de milhares de pessoas com o sobrenome Rsend e dezenas de milhares com o nome Achilles, bastante popular no planeta.

- Lamentamos não poder lhe ter trazido a informação, senhorita Noor. O que concluímos é que o investigado não saiu de Ourea e pode estar escondido à plena vista. Temos milhares de instituições de ensino superior. Para esconder alguém, basta matriculá-lo em outra cidade. Os dados das escolas não são públicos e só temos acesso a elas mediante ordem judicial. Usamos os meios legais disponíveis em nossa pesquisa mas, infelizmente, o resultado dela foi zero.

Ao voltar para casa, Noor chorara amargamente.

\*\*\*\*\*

A primeira vez que o nome de Achilles Wikse apareceu no radar em Ourea foi com a professora Creissant Picard. Conhecida por seus estudos de religiões e por um longo livro sobre a Igreja em Ourea, sempre acompanhava o que as publicações de outras universidades faziam sobre o assunto pelo qual era apaixonada. E foi lendo uma resenha do último número da Doxa que um dos ensaios lhe chamou a atenção, não só pelo assunto, mas por envolver quatro mestres que tinham o seu reconhecimento. Ordenou uma cópia, colocou-a no seu tablete e na fila de leitura. Final de semestre, com as tarefas concluídas, decidiu que dedicaria o seu tempo ao que pretendia ler e chegou ao que o jovem Wikse escrevera. O sobrenome era comum no planeta, mas também em vários outros lugares e não lhe dizia nada. O assunto tratado, sim. No final da leitura, estava impressionada e concordava com a opinião dos revisores que a ideia era original e levantava um ponto que outros historiadores ou sociólogos não vinham estudando, a formação do povo a partir da influência religiosa.

Picard acabou levando o assunto para o Mestrado que coordenava e o transformou em objeto de seminário, pedindo aos alunos que, a partir do texto, das reflexões do autor e dos comentários dos outros mestres, fizessem um pequeno trabalho de apreciação, tirando as suas conclusões sobre o alcance das ideias expostas e como poderiam influir na maneira como as religiões eram vistas.

Foi o início de um rio em Ourea.

Do meio universitário e através de alguns dos estudantes, o assunto chegou à Igreja e através de uma pequena ala mais liberal, à própria cúpula. O texto foi estudado pelos exegetas religiosos e apresentado quase que como uma apostasia. Ele desmentia as tradições da Igreja e os estudiosos recomendaram que o Conselho Episcopal declarasse o texto inexato e inapropriado para os fieis.



Dominado pelos conservadores, o Conselho atendeu a recomendação e decretou os que conceitos desenvolvidos por Achilles Wikse eram inapropriados para os fieis. Padres e bispos deviam desaconselhar sua leitura.

A decisão da Igreja acabou surtindo o efeito inverso, chamou a atenção para o ensaio e acabou tornando-o popular, principalmente entre os jovens que tinham acesso à educação universitária. Não havia um só grupo onde pelo menos metade dos jovens já não o tivessem lido ou tomado conhecimento do que discutia. No radar universitário, Wikse tornara presença constante.

Quem descobriu o segundo e também polêmico estudo de Wikse foi o professor Anselm Setala. O que lhe chamara a atenção, inicialmente, foi ter encontrado outro Setala, neste caso Hari, que fizera o comentário sobre o ensaio “Música e religião”, novamente publicado pela Doxa. A partir do momento em que começou a ler, Anselm não pode mais parar até tê-lo concluído. O trabalho era brilhante e levantava uma questão a que poucos tinham prestado atenção: o uso da música como incrustação da crença e de seus dogmas nos seguidores.

O autor, de quem nunca tinha ouvido falar, não discutia caso, mas apresentava ideias, teorias e bases para a conclusão desta influência, chegando a observar que, em poucas situações, esse uso era feito de forma consciente pelos próprios líderes religiosos. Olhando o caso de Ourea, Anselm via um claro caso de aplicação das teses de Wikse, com a Igreja adotando de forma muito eficiente a música como educação religiosa e sua internalização. O sucesso de Noor era mostra evidente e pensando na ex-aluna, agora uma estrela, foi que lhe encaminhou o ensaio, achando que gostaria de lê-lo.

\*\*\*\*\*

Sem saber que suas ideias tinham feito sucesso no seu planeta de origem, Xilim chegou para a conversa semanal com o professor Setala e pretendia discutir a conclusão de sua dissertação de mestrado, pois queria marcar a data da defesa. A banca já estava definida, com o próprio Setala, seu orientador, dois mestres da universidade e um convidado, o professor Julla Aksdal, da Universidade de Longa, o segundo centro mais importante do planeta, e que se dedicava aos estudos do assunto que escolhera. Era o que tinha planejado, mas não foi o que acontecera. Como sempre, chegara adiantado e esperara para ser chamado. Quando ocorreu, seguiu Setala e se sentou, esperando.

- Tenho um convite para você. Tenho uma correspondente no seu planeta, que ensina História das Religiões na Universidade Central de Amatea. Ela quer que participe de um seminário, discutindo os assuntos e as ideias que levantou no seu primeiro ensaio, muito discutido não só no meio universitário, mas também pelos jovens bem educados do planeta, segundo me disse. É um desafio e uma oportunidade. Pense nisso e me fale. Temos tempo para responder e, quando aos gastos, não se preocupe, pois vão bancar tudo.

Controlando a excitação causada pelo convite, voltou à questão que o tinha levado ao encontro do seu orientador e, por cerca de uma hora, discutiram a abordagem final da dissertação, com Setala sempre frisando que as escolhas tinham de ser feitas por Xilim. Qualquer que fossem, tinha de se preparar para defender suas ideias durante a defesa da dissertação, pois os examinadores eram exigentes e, se não tinham ideia geral do que apresentaria, conheciam vários detalhes dos assuntos relacionados. Quando tivesse tudo acertado, seria a hora de marcar a defesa. Por enquanto, não, o que decepcionou um pouco o jovem estudante. Antes de deixar o escritório e já quando estava de pé, Setala lhe entregou um pacote, dizendo ser um presente que iria gostar. O meio era antiquado, mas apropriado, já que no que se referia à música, os dois eram antiquados, preferindo os meios mais antigos do que a moderna tecnologia. O que havia lhe entregado eram CDs com concertos de um grupo chamado Quinteto, de Ourea. Queria que ouvisse e desse sua opinião.

- Obrigado, professor. Se o senhor gostou, tenho certeza de que será ótimo. Vou ouvir e, depois, lhe falo.

Ao encaminhar-se a pé para casa, Xilim ia pensando no convite recebido, uma ótima oportunidade de voltar a Ourea, o que lhe dava esperanças de encontrar Noor, pelo que ansiava e ao mesmo tempo, temia. Afinal, sete anos haviam se passado desde que deixara a amada e, neste tempo, não sabia o que havia acontecido. Se os planos do pai fossem concretizados, teria se casado com o irmão e a esta altura já teriam um ou mais filhos. Será que conseguiria suportar isso? Tinha dúvidas.

Poderia viajar, falar e não ser notado? Talvez. Mas se não fosse, o que aconteceria? Questões para que não tinha respostas. Ao chegar em casa, o temor acabou suplantando o desejo de voltar e decidiu que, alegando as tarefas relacionadas à dissertação, o final de sua preparação e defesa, não poderia aceitar. Em um futuro, poderia participar de outro evento, mas agora tinha de estabelecer



prioridades e a primeira delas era concluir o que iniciara, já se preparando para a etapa seguinte.

Até fazer a defesa, seria no que se concentraria, sem distrações. Com posição definida, ouviria o que Setala lhe dera. Pegou o leitor de CD – uma velha relíquia que tinha garimpado – e nele colocou o disco. A música logo inundou a sala e uma voz maviosa começou a cantar a canção que ouvira no dia em que passara à frente da casa do professor. Começou a segui-la, cantando baixinho, acompanhando as subidas, descidas e ondulações da música, deixando-se inundar por ela. A voz feminina era maravilhosa, com um timbre especial e capaz de variações que tornava a melodia ainda mais interessante. Foi um prazer ouvir as canções de fundo religioso, mas apresentado de tal forma que não trazia lembranças de orações ou cantos sacros.

O computador lhe deu a informação que o Quinteto era formado por professores universitários da Universidade Central de Amatea, em Ourea, e comandado pelo professor Anselm Setala. A cantora chamava-se Noor Isa Toma, apresentada como estudante de música. Os outros instrumentistas eram os professores Zosia Krol, Matti Saelon e Varady Abba. Eram bem conhecidos no planeta e sua música apreciada, mas faziam poucos apresentações, com a atividade musical só sendo exercida nas férias ou em outras pequenas oportunidades. Não havia fotos de Noor.

As informações eram poucas e isso deixou Xilim mais curioso. Quem seria Noor Isa Toma? Lembrava-se de Noor cantando no Grupo de Louvor da igreja, mas daí a inferir que tinha saído de casa e ido estudar música, era um caminho muito grande. Tais coisas não aconteciam às mulheres das famílias mais importantes. Sim, estudavam, mas sempre próximas de casa e a prioridade não era carreira, mas casamento. O sobrenome, no entanto, era totalmente diferente e, pelo que sabia, Noor adotara somente o sobrenome do pai. Certamente seria outra pessoa e, pensando nisso, colocou o assunto de lado.

\*\*\*\*\*

Apesar da intensa demanda por apresentações no final do ano, Noor decidiu fazer um recesso e se refugiar na casa dos pais. Lá, teria privacidade, podendo ficar em paz. Precisava de tempo para definir o repertório dos shows do próximo ano e tinha centenas de canções para ouvir. Quando as selecionasse, seria hora de reunir os músicos e começar os ensaios.

Na sua primeira temporada os ensaios duraram cerca de dois meses e, para a próxima, queria repetir o mesmo esquema, definindo as músicas, com reservas para que mudassem o programa, pudessem atender pedidos de bis e ainda assim sobrar canções que lhe permitiria surpreender a audiência. Era um trabalho solitário, ajudado na primeira vez pelo repertório do Quinteto.

Nos novos shows queria apresentar canções novas e as escolhas iriam lhe tomar tempo, daí optar pela tranquilidade de casa e do seu quarto. Com a ajuda de André Fortin tinha planejado a próxima temporada que iria durar seis meses, com duas apresentações por semana. Ela iria se apresentar por quatro semanas seguidas e faria duas de intervalo. Nele, poderia ter outras aparições públicas, mas limitada a apenas uma por semana. Do seu tempo, pelo menos um mês seria de recesso, permitindo que os envolvidos em suas turnês e apresentações descansassem. Ela mesma iria tirar dois meses a cada ano, recolhendo-se e afastando-se dos holofotes.

Acertos feitos, foi para Enaima e, na casa dos pais, ocupou o seu antigo quarto. Recebeu amigas, falou sobre como era ser famosa e soube das últimas fofocas. Passada a excitação inicial dos encontros com amigas e colegas, dedicou-se à escolha do repertório e das leituras, que tinha deixado de lado. Uma delas era o ensaio que Anselm Setala lhe passara, no qual dera uma olhada rápida, mas decidiu que só o leria após uma semana em que nada faria, a não ser dormir bem e descansar.

Já tinha avisado aos pais que não iria a nenhum encontro público e pediu que nada marcassem para casa nesse período, permitindo que ficasse apenas com a família e descansasse. Entediada por nada fazer, no terceiro dia retomou as leituras, começando com o ensaio que seu antigo mestre lhe indicara. O que primeiro lhe chamou a atenção foi o nome do autor. Ela amou e amava um Achilles, mas não o conhecia assim. Para ela, era apenas Xilim ou Lim, como o chamava nos momentos mais íntimos e com as pessoas mais próximas. O que lhe deixou mais curiosa foi o sobrenome, pois lembrou-se que no registro escolar o nome de Xilim aparecia como Achilles Vikse Rsend. Só que o nome do autor era com W.

Não devia ser ele.

As informações sobre o autor lhe diziam que era estudante de História na Universidade de Alta, em Metis, orientado pelo professor Hari Setala – este, sim, com muitas informações – e que publicara também outros trabalhos. Devia ter concluído o Mestrado e estava fazendo Doutorado. Os dados não indicavam de onde era.

Curiosa, foi procurar pelo sobrenome Wikse e o resultado a deixou desanimada. Era um sobrenome comum em Ourea e em vários outros planetas do setor. As famílias Vikse e Wikse eram das mais antigas a chegar à região e como os Rsend haviam se espalhado, criando ramificações e se tornando presente nos planetas do quadrante. Para completar o seu desânimo, quando buscou por Achilles Wikse encontrou milhares deles. Estava perdendo tempo recorrendo a instrumentos não tão precisos. Assim que voltasse a Amatea faria contato com a agência que já a tinha atendido e pediria investigação mais precisa, local. Queria saber quem era Achilles Wikse, mesmo que, depois, ficasse frustrada com o resultado.

Colocou de lado a busca e concentrou-se na leitura, que se mostrou surpreendente, aliás como lhe dissera Setala. O que o estudo mostrava era algo que, refletindo, tinha vivido e internalizado sem perceber. Viu como tinham sido inteligentes os dirigentes da Igreja que decidiram dar importância à música dentro das práticas dos cultos. Começou a pensar nas canções de suas apresentações que tinham mensagens que reforçavam a crença e os princípios pregados pela Igreja ao longo dos séculos. O autor parecia conhecer sua própria situação e a atuação da Igreja de Ourea, mostrando-se muito inventivo e original. Mesmo que não fosse o seu Xilim, gostaria de conhecê-lo. Deveria ser alguém muito interessante – ou muito chato.

Com um sorriso, recostou-se confortavelmente na cama e, pouco depois, estava dormindo.

Sonhou com Xilim.

## POLÊMICA

Quando as férias terminaram, Noor tinha o repertório escolhido e ao voltar para Amatea, muito do que havia pensado enquanto na casa dos pais havia ficado de lado, já que a vida musical foi retomada, com muitos ensaios e ajustes. Tinham dois meses para se prepararem para a próxima maratona e queria que, quando comessem, tudo estivesse perfeito.

Além das novas canções, iria mesclar as apresentações com músicas que já eram sucesso. Havia, no processo de escolha do novo repertório, rejuvenescido suas músicas, escolhendo várias delas para agradar o público mais jovem. Decidiu, também, refinar seus concertos, dando-lhes maior suporte musical, o que significava aumentar o número de músicos. Para encontrá-los, recorreu ao professor Anselm Setala. Ele a ajudou a recrutá-los e integrá-los à sua banda.

Longe dos palcos, os ensaios eram apenas parte do trabalho, pois tinha de definir roteiros, aceitando e recusando convites, além de escolher figurinos de apresentação para ela própria e para os acompanhantes. Já não era a jovem que fora à procura de Fortin para ter um agente. O sucesso lhe trouxe mais responsabilidades e o número dos que a atendiam, aumentou. Um dos acréscimos foi um administrador a quem cabia cuidar da parte não musical. Apesar de delegar tarefas, a palavra final era dela e só a tomava após ver os detalhes que os auxiliares lhe traziam.

Uma das principais decisões foi mudar os shows dos teatros para estádios, que permitiria maior audiência, mas que demandaria maior trabalho, maior despesas, mas também um recebimento maior. A cada show eram acoplados vários patrocínios, negociados por André e só eles eram capazes de lhe acrescentar milhares de créditos por apresentação.

\*\*\*\*\*

Longe de casa, Xilim tinha problemas diferentes.

Enquanto o Doutorado não começava estava debruçado sobre a sua dissertação, reescrevendo-a para se tornar um livro independente. Era preciso deixar pelo menos parte da teorização mais profunda de fora, mantendo os pontos principais, a evolução do tema e, no final, a conclusão. Ainda era pura teoria, mas achava que bem mais palatável do que o seu primeiro ensaio de sucesso. De qualquer forma, não tinha dúvida que a publicação consolidaria a sua condição de polemista, pois havia eviscerado o relacionamento das religiões com seus fieis e a dominação conformista que exerciam sobre eles, tolhendo a movimentação social e contribuindo, dessa forma, para a manutenção do status quo.

O primeiro livro iria se chamar “Religiões e imobilismo social” e embora em nenhum momento colocasse em dúvida a fé, girava uma metralhadora em direção das igrejas, não importando que culto fosse. Os professores que o haviam aprovado no Mestrado, concedendo-lhe o título com louvor, tinham se surpreendido com a análise e sua profundidade. E foram eles que o incentivaram a buscar uma linguagem mais amena, menos acadêmica, para a transformação da dissertação em publicação voltada para fora da universidade, tornando-a mais palatável à leitura. Este era o desafio que enfrentava, escrevendo e reescrevendo trechos, mudando abordagens e se angustiando por às vezes não encontrar saída.

Nos três meses que Noor descansou e ensaiou, Xilim concluiu o livro e o entregou para a editora. Foi um tempo difícil, que o havia deixado irritado e irritadiço, transformando-o quase em que ermitão. Só não desistiu do livro devido ao apoio, incentivo e paciência de Hari Setala.

Próximo de concluir o texto modificado, teve o impulso de reescrevê-lo por inteiro. Setala o convenceu a não fazer, observando que não há perfeição em nada e que tinha um volume extremamente sólido, com amplo embasamento teórico e ideias que podiam ser exploradas e replicadas por qualquer um ao fazer a análise do que fizera. Ele deixou o texto como estava e o mandou para a editor.

Como lhe restava alguns dias antes de iniciar o Doutorado, procurou descansar e não pensar mais em estudos e trabalho. Colocou as leituras em dia e ouviu muita música, principalmente do Quinteto, que Hari Setala lhe apresentara, maravilhado com a voz da cantora. Às vezes, parava e ficava ouvindo as músicas e deixando-se embalar por elas. A que mais lhe agradava era a mais antiga delas, cuja história remontava à chegada dos humanos no

braço galáctico, apresentada como uma saga familiar. A voz de Noor ia fluindo e o canto lhe lembrava de casa, trazendo-lhe nostalgia.

A música havia terminado e Xilim, pensativo, embebido nas lembranças de uma vida passada e ingênua, quando acreditava que o amor a tudo vencera.

Quem era essa cantora que tinha o mesmo nome de sua amada? Estava curioso e pediu ao computador que pesquisasse. O resultado o surpreendeu.

O Quinteto era onde Noor havia começado a se apresentar, mas se desligara dele e fizera carreira solo, com apresentações sempre esgotadas e com muito mais requisições de concertos do que podia atender. O interesse da cantora por música havia começado na igreja, participando do grupo de louvor. Sua família a apoiou quando quis estudar, o que Xilim achou surpreendente, pois em Ourea, com raras exceções, as mulheres se dedicavam à casa e aos filhos.

A adesão de Noor ao Quinteto, revelava as informações recebidas por Xilim, havia elevado as apresentações do grupo a outro patamar, mas suas apresentações eram limitadas. Seus integrantes, à exceção da cantora, eram professores universitários e faziam música mais como uma ocupação secundária, não desejando deixar o ensino. Mas foram os concertos do Quinteto que alavancaram a carreira de Noor, depois da transmissão de alguns deles pela Rede Um, líder de audiência no planeta. Depois dele, se desligou do Quinteto e começou sua carreira solo.

Um aspecto que chamou a atenção de Xilim é que não havia informações pessoais sobre a cantora. Um dos artigos afirmava que ela mantinha uma vida discreta, defendendo sua privacidade, mas era atuante nas causas sociais e havia criado uma fundação para assistir músicos pobres, oferecendo-lhes acesso à universidade e apoio na carreira. Sobre a família e sua origem, nada. As fotos que viu lhe lembravam da Noor que conhecia, mas a cantora tinha muito mais brilho, parecia mais alta, os olhos eram diferentes, o cabelo mais escuro e também o porte físico diferente, o que o levou a concluir que não era a Noor que amava.

Na conclusão, pesou o que conhecia da sociedade de sua terra natal, principalmente em relação as famílias ligadas à Igreja, como a sua e a de Noor. Duvidava que Caleb permitisse que a filha saísse de Enaima para estudar fora e seguir carreira musical.

\*\*\*\*\*

As vidas de Xilim e Noor pareciam sincronizadas no que se refere a acontecimentos importante para os dois.

Quando Noor entrava no palco para o seu primeiro concerto da temporada, Xilim participava de noite de autógrafo na Universidade, no lançamento do seu livro. Os dois eventos foram um sucesso.

Noor teve o espetáculo lotado, saiu aplaudida de pé e foi elogiada pela mídia, o que despertou em mais gente o desejo de vê-la se apresentado, elevando o seu valor de mercado e o custo de seus shows.

Xilim apertou mãos, distribuiu sorrisos, conversou com centenas de desconhecidos e viu a curiosidade sobre o seu novo trabalho, que a mídia de Alta tinha considerado um “soco na cara dos líderes religiosos”, acrescentando que o novo ensaio – e o primeiro livro de Achilles Wikse estava fadado à polêmica e certamente receberia condenações veementes dos principais cultos. De acordo com um dos principais críticos locais, a rejeição do trabalho pelas religiões estabelecidas acabaria criando maior expectativa por ele, ampliando o seu horizonte e levando-o mais longe e a mais pessoas.

O que aconteceu foi muito além das expectativas otimistas do mais otimista crítico. Assim que o livro começou a ser distribuído, a mídia tradicional e a universitária foi assaltada por críticas e comentários que iam desde o apoio incondicional à mais irrestrita condenação. De um lado e de outro, o que destacavam eram as ideias que feriam diretamente o discurso religioso, transformando-o em “faça o que digo, não o que faço”.

A igreja tradicional se sentiu insultada. A oposição dela criou campo fértil para a discussão das novas ideias entre os jovens, mais abertos à mudança e influenciados pela mídia e o destaque dado à polêmica que o livro gerou. No meio universitário, predominantemente, começaram a surgir grupos que se propunham a discutir as ideias apresentadas por Xilim e como usá-las para mudar a ação da igreja como instituição. Eles não queriam reformar a fé, mas sim que a igreja agisse de forma diferente. Indiferente à polêmica, Xilim seguia no Doutorado, afiando mais suas ideias e já começando a pensar em como seria sua tese, que apresentaria dentro de pouco mais de três anos.

A polêmica inicial fez com que o interesse pelo livro, como previra um dos críticos, aumentasse e acabou sendo publicado em vários planetas, ampliando seu alcance e criando a base para a

propagação de suas ideias, vistas como heresia pelas confissões religiosas e repudiadas pelos mais conservadores. Xilim acabou persona non grata para várias crenças.

O que ganhou com o livro lhe teria permitido novo tipo de vida, mais confortável e tranquila daquela que vivia. Acostumado e adaptado à simplicidade, não desejava mudar. Não queria aumentar os gastos do pai, que ainda o bancava e considerava que o modo como vivia era mais que satisfatório.

Seus ganhos foram para uma reserva, com aplicações seguras, que lhe garantiriam bons rendimentos e visavam ao futuro, não ao presente. Limitado, de início, começou a aceitar convites para palestras, abrindo novo meio de remuneração, que não lhe dava muito, mas acrescentava algo mais ao que já tinha. No final do semestre, pouco mais de um mês do término, procurou o professor Hari Setala e lhe entregou um manuscrito pedindo-lhe que o lesse, opinasse e se concordasse, se acharia alguém disposto a publicá-lo. O pequeno ensaio tinha sido denominado “Igrejas, fé e crenças: esboço de nova teoria social”. Setala prometeu ler e aguardou de forma paciente.

Do lado de Noor, nenhuma polêmica – mas tomou conhecimento da envolvendo Achilles Wikse e encomendou uma cópia de sua obra. As mudanças nos shows foram elogiadas e a abertura para novos e jovens compositores se mostrou acertada. Observou que na temporada o público era dividido, quase que igualmente, entre os mais jovens e os que tinham mais idade. Sua música estava agradando a diferentes gerações, confirmando o que os críticos chamavam de “magnetismo irresistível”.

A temporada foi ótima, não só pela aceitação, mas pelos lucros alcançados. Ela tinha se consolidado como um dos ídolos de Ourea e seus shows começaram a chegar a outros locais, através do streaming. Ela havia chegado cansada em casa após o último concerto da temporada, feito em Amatea. Queria descansar, mas a curiosidade a levou a ver o noticiário em busca do que dela diziam.

O que lhe chamou a atenção não foram as cenas do concerto e a multidão que a acompanhava, mas uma pequena notícia sobre a polêmica criada por um livro recentemente publicado em Ourea e que fazia ácidas críticas à ação das igrejas, mas não se dirigindo a nenhuma delas, e provocara reação ácida da Igreja Cristã Católica Renovada, que o havia declarado errado e inoportuno, embora o Presidente do Conselho Episcopal confessasse que não o lera. Os teólogos o haviam lido e a igreja seguira os conselhos deles. O nome do jovem era Achilles Wikse, o mesmo que lera falando



sobre música. E foi nesta hora que se lembrou da decisão de buscar mais informações sobre ele.

\*\*\*\*\*

Ao chegar ao seu escritório, no dia seguinte ao concerto de Noor em Lochacre e à pequena notícia publicada sobre o novo livro de Achilles Wikse, Valgeir Rsend foi surpreendido por uma mensagem de Caleb Valk. Concisa, apenas dizia: “Preciso falar com você e é urgente”.

Era quarta-feira, dia em que no início da tarde Valgeir e Caleb se reuniam para rever a semana e programar a seguinte, com o Secretário Geral dizendo ao Diretor Financeiro quais eram suas necessidades e para onde precisava ser enviados recursos, e isso lhe fazia crer que o assunto, qualquer que fosse, poderia ser tratado no encontro. Como não tinha certeza, cancelou um compromisso e foi procurar Caleb, encontrando-o sozinho. Bateu à porta e entrou.

- Você quer falar comigo?

Caleb confirmou e lhe passou o seu próprio tablete. Nele, estava a capa do novo livro, com o nome do autor destacado ao alto.

- Pela sua reação acho que não sabe o que é. Vou lhe dizer. Este livro acaba de ser publicado, é um dos mais vendidos em Ourea e uma das mais contundentes críticas ao que vimos fazendo desde que a Igreja se consolidou como a principal fé do planeta. Acabei de o ler e posso afirmar que nada vi igual, embora já tenha lido todo tipo de crítica à Igreja. O interessante neste caso é que o autor, em nenhum momento, ataca a própria fé, mas desmonta a estrutura que construímos para difundir-la e mantê-la. O mais curioso de tudo é que o autor é um conhecido nosso. Se olhar no alto da capa, verá o seu nome e se lembrará dele.

Valgeir levou um choque ao ler o nome na capa.

- Mas esse é o Xilim? O sobrenome é diferente.

- Sim, é. Confirmei que é ele, estuda em Alta na Universidade e é mesmo seu filho.

“Como é que Xilim tinha conseguido escrever coisas contra a Igreja?”, pensou Valgeir. E como conseguiu publicar um livro atacando-a?

O que haviam lhe dito é que o filho tinha escolhido um curso estranho e que, depois dele, continuava estudando. Como não lhe importunara, continuou pagando suas contas, sem imaginar que estava ajudando a desenvolver um polemista, cujas ideias haviam

se espalhado e com uma obra de sucesso contra a Igreja, contra ele. Olhando para Caleb e para a capa do livro, não tinha o que dizer.

- Valgeir, somos amigos e por isso nunca o questionei. Sei que no caso de Xilim tomou a ação que julgava correta. Não cabia a mim, nem a ninguém lhe pedir satisfação e saber a razão do que fez. Também enfrentei problemas e, ao contrário do que queria, Noor foi estudar fora e, longe do meu desejo, se transformou em artista de sucesso. Hoje, tenho orgulho dela, mas confesso que nunca foi a minha escolha e nem teria sido se não fosse forçado a apoiar uma decisão que ela tomou, pensando que estaria protegendo a família. Acho que pensou nisso ao tomar sua decisão em relação a seu filho. Só, meu amigo, que agora tem um grande problema. Já não tem mais como conter seu filho e este livro é apenas parte do que publicou. Pelo menos dois outros trabalhos, também de sucesso, alvejam diretamente a nossa instituição. Aconselho que o leia. Quando terminar, voltamos a conversar e falaremos sobre como estabelecer um plano de controle de danos.

Valgeir pegou o tablete e saiu sem dizer uma única palavra. Ao voltar ao escritório, pediu à secretaria que cancelasse seus compromissos, pois não se sentia muito bem e iria para casa. Faria o que Caleb lhe aconselhara e, ao mesmo tempo, pensaria nas ações a tomar. Apesar de achar que havia agido de modo correto, o que fizera ao filho ainda lhe atormentava e acabara de descobrir que o havia perdido para sempre e o que fizera se tornara uma ameaça à sua própria sobrevivência dentro da hierarquia da Igreja.

Como poderia explicar ou justificar as ideias de Xilim? Conhecendo seus pares, não podia. Só mesmo a sorte o podia ajudar, mas nunca tinha confiado nela. As posições se inverteram e era ele, agora, que se encontrava sem forças, muito pior do que a situação do filho, pois ele tivera de ser enganado.

Para atingi-lo não era necessário qualquer despiste, apenas a verdade.

\*\*\*\*\*

Em Mets, sem saber do pai e do arrependimento que se lhe acometera, Xilim havia entregado ao professor Hari Setala a versão final do seu novo ensaio, sobre uma nova doutrina social para as igrejas. Junto com ele, vinham duas revisões que davam suporte às novas ideias e apontavam sua coerência com que o jovem pesquisador havia publicado antes, criticando a forma como as religiões e crenças conduziam sua política social, quase sempre



contrariando a sua principal pregação, que aconselhava ajudar o outro, de forma a que crescesse.

Sem saber e sem que o fosse de propósito, estava cravando mais um prego na derrocada do pai.

## DECISÃO

**V**algeir não voltou ao escritório na quinta-feira, nem na sexta. Nestes dois dias e no final de semana ficou recluso, deixando inclusive de comparecer às cerimônias religiosas, algo que fazia parte de sua vida. Quem notou sua ausência e perguntou a razão, sua esposa respondeu que não tinha passado bem no trabalho e que, embora não tivesse nada grave, o médico o aconselhou a ficar em repouso. Fora o que o marido lhe pedira para dizer e ela o fizera, embora estivesse preocupada com ele, que não quis falar sobre as razões de deixar de lado o trabalho e ficar em casa lendo. No sábado, para surpresa da mulher, convidou-a para irem até seu pequeno sítio, onde pretendiam morar assim que o marido se aposentasse. O motivo alegado para a pequena viagem era ver as obras do jardim, que estavam terminando, e haviam sido feitos a pedido de Semanh. Ela gostava muito do local, que lhe lembrava a casa e o local de sua infância, e concordou sem pestanejar.

No trajeto, apesar de o motorista ser de absoluta confiança, conversaram sobre futilidades: o que estava acontecendo na casa, como ia o trabalho dele e as leituras delas, além das reuniões com as amigas. Como era uma distância curta, chegaram antes de que os assuntos esgotassem. Valgeir mostrou os jardins à esposa, que os aprovou, agradecendo-lhe por ter atendido suas sugestões e ele a convidou para entrar, pois tinha algo a lhe dizer, mas não queria nenhum tipo de audiência. Sentaram-se na confortável sala e ela o ficou observando, achando que estava nervoso e que escondia algo. Aprendera a mapear os sentimentos do marido e quase sempre acertava. Menos por curiosidade e mais por estar intrigada, aguardou que tomasse a iniciativa.

- Sem, vou me aposentar. Não é o que queria fazer, mas existem fatos que contribuíram para isso e quero que você os conheça.

A mulher o olhou, surpresa, mas continuou calada.

- Lembra-se do que me disse quando decidi tirar Xilim de Ourea? Você me falou que estava tomando uma ação errada e que,

em consequência dela, mais tarde iria lamentar. E é exatamente isso o que está acontecendo agora. A razão estava do seu lado, incluindo a certeza de que não casaria Staso com a filha de Caleb, embora achasse que não tinha como recusar. Não sei como, mas o que previu, aconteceu e agora está se voltando contra mim.

Ao longo de quase 40 anos de casamento, Semanh nunca tinha ouvido o marido admitir que errara. Novamente nada comentou e esperou que as explicações viessem dele. Valgeir pegou o tablete, abriu-o e mostrou a esposa, pedindo que lesse o título do livro e quem era seu autor.

- Quem é esse Wikse? O meu Vikse é com V, não com W!

Valgeir explicou já sem nenhum nervosismo, que era o Xilim e o que tinha acontecido, fazendo um resumo das ideias do livro, do alcance delas, que o transformara em um dos mais jovens astros do conhecimento universitário na região galáctica em que viviam.

O seu livro, o que Semanh estava vendo, já havia sido lido por milhões de pessoas. Somente em Ourea tinha vendido mais de 3 milhões cópias e era passado de mão em mão entre os jovens mais bem educados. As ideias do filho eram um tiro na Igreja, no que fizera, no que defendera e o que estava acontecendo vinha da decisão equivocada que tomou. Criara um ódio mortal em Xilim, levando-o a se voltar contra a Igreja, sabendo que ao atingi-la, também o atingiria. Tinha conseguido o seu intento, pois no dia em que soubesse que era seu filho, a estrutura da Igreja se voltaria contra ele. A aposentadoria era a única saída honrosa e o único meio de não ser expulso da instituição para quem tanto contribuía.

À medida que Valgeir ia falando, Semanh via nele toda a amargura de uma vida dura, que o levava a decisões difíceis. O homem que tinha amado havia mudado ao longo do tempo, mas ainda era um bom marido, bom pai e ótimo companheiro. Além de continuar a amá-lo, também o respeitava, não só pela família que tinham, mas por tudo que lhes proporcionara, deixando os filhos em muito melhores condições do que eles próprios iniciaram a vida. Sabia que fora de casa era implacável e que havia usado o seu poder inúmeras vezes para resolver problemas da Igreja, indispondo-se com hierarcas religiosos e com muita gente importante, que via na sua ação obstáculo para realizarem o que queriam. Tinha razão quanto à reação da Igreja, quando tomasse conhecimento de que Achilles Wikse era o seu filho, o que irremediavelmente aconteceria. Se ainda estivesse no seu posto, seria crucificado, servindo de exemplo para outros aspirantes a cargos, com o aviso de que deveriam controlar suas famílias,

principalmente em relação aos danos à própria Igreja. Mas estava errado quando a Xilim.

- Valgeir, você está certo na análise sobre a ação da Igreja, mas completamente errado em relação a Xilim. Sei disso por ter lido os trabalhos que publicou até agora, embora não soubesse que era nosso filho. Você, minhas amigas e os nossos conhecidos, acham que só leio os romances que recomendo nas reuniões das senhoras, incentivando outras a os lerem. Em relação a elas, não me surpreendo, mas você nunca olhou de perto o que faço, envolvido nos seus próprios afazeres e deixando os detalhes da casa por minha conta e sem me pedir explicações ou procurando saber o que faço.

Pela segunda vez em poucos dias, Valgeir tinha ficado sem palavras e olhava, ao mesmo tempo admirado e assustado para a esposa. De repente, ela lhe pareceu outra pessoa, uma bem distante, que havia conhecido quando jovem e que enfrentara a família para se casar com ele, de certa forma o que refletia na rebeldia do filho, que mais se parecia com ela.

- Amor, apoio sua decisão de se aposentar. Mas não sua análise. Você leu o livro com olhos de dirigente religioso, temeroso de a instituição a que pertence seja atingida, destruída. Não é isso o que nosso filho prega, mas justamente o contrário. Suas ideias apontam para um novo caminho, sim é verdade, mas se for caminhado irá deixar a religião e a Igreja em outro nível, muito mais participativa e muito mais integrada, com os fieis não apenas a seguindo, como acontece hoje, mas se sentindo partes dela e estimulados pelos desafios que a fê lhes oferece.

Claro que haveria resistência e que muitos, como o próprio marido, veria as ideias de Xilim como destrutivas, uma ameaça. O que temiam, no final, era a mudança e que ela ameaçasse suas posições. Queriam continuar no controle, dizendo aos fieis o que deviam fazer, como deviam se comportar, no que pensar, no que ler, fazendo com que agissem de modo mecânico. As pessoas frequentavam a Igreja não por gostar dela, mas por obrigação, por um comportamento gregário e sabendo que ver e ser visto era importante na hora de conseguir um bom emprego, ser promovido, usar seus contatos em benefício próprio. Não havia a consciência que o bem deveria se dirigir à maioria. Os fieis, que sustentavam a Igreja, não tinham como influir nela, comandado por terrenos que se diziam com inspiração divina.

- O que o livro propõe é um novo caminho. E queiram ou não os líderes da Igreja de Ourea ou de outros países, a semente de suas

ideias já foram plantadas, com o livro sendo lido, discutido, relido e rediscutido e com grupos e mais grupos se formando, começando a adotar atitudes diferentes. Podemos não estar vivos para ver isso acontecer, mas tenha certeza que as coisas irão mudar. Ninguém tem como deter a mudança e, no nosso caso, é muito melhor que estejamos aqui, vivendo com toda tranquilidade.

- Sempre fui alguém de ação, não de reflexão. E muito do que fiz foi no primeiro impulso. Você está me fazendo pensar. O que acha que devo fazer? Achei que não fosse me compreender, que iria me condenar, mas estava totalmente errado. Achei compreensão e lucidez. Obrigado.

Na opinião da esposa, não deveria anunciar de imediato sua aposentadoria. Primeiro, deveria conversar com Caleb, que era seu amigo e o apoiaria, sobre como se afastar e como conduzir sua substituição e nem deveria sugerir que Staso assumisse seu lugar. Amava o filho, mas achava que não seria capaz de suportar a pressão e dar conta das tarefas que a função lhe exigiria. Ao mesmo tempo, sem a perspectiva de continuar no cargo, não teria força para conduzir a própria sucessão e devia deixar que Caleb o fizesse. Na certa, iria escolher um dos seus protegidos, mas por onde tinha passado a sua preferência era por competência e meritocracia e acabaria entronizando uma cara nova, mais liberal que os ocupantes anteriores do cargo, o que seria bom para o futuro da Igreja.

Assim que conversasse com Caleb, garantindo que protegeria Staso, devia anunciar sua aposentadoria, tornando-a pública. Alegria que fora aconselhado por seus médicos a diminuir suas atividades e não poderia fazer isso sem afetar o que fazia, com responsabilidades complexas e muita demanda. As pessoas louvavam sua ação e quando o revolucionário Achilles Wikse fosse reconhecido como seu filho, já estaria recolhido, sendo o ex-Secretário Geral, o que tiraria o impacto da descoberta e não seria associada à sua aposentadoria.

Quando a aposentadoria estivesse acertada, ele iria se recolher e iriam a Metis conversar com Xilim, com os dois se reconciliando. Estava certa que o filho não o odiava, embora nutrisse ressentimento, e que o perdoaria, mas não acreditava que retornaria ao planeta, pelo menos não por enquanto. Um retorno lhe devia ser muito doloroso, mesmo que soubesse que Noor, a mulher que gerara o seu exílio, continuava solteira e que continuava apaixonada por ele. A fama dela se interporia entre os dois, pelo menos em um primeiro momento, quando lhe contassem que era uma das artistas mais famosas e mais bem sucedidas de Ourea. Um

dia, no entanto, Xilim voltaria, não tinha dúvida disso, e quando acontecesse a Igreja se curvaria para ele.

- Sem, vou fazer como me aconselhou em relação a aposentadoria. Assim que tudo ficar decidido, mudamos para o sítio, com menos criados, pois não temos mais de manter um status elevado. Não que tenha de me preocupar com dinheiro, pois além do que vou receber da Igreja, ao longo dos anos fiz boas economias e elas dariam para que vivêssemos tranquilos o resto de nossos dias. Mas, aposentado, quero voltar à vida mais simples do nosso início juntos, sem as dificuldades que enfrentamos. Quanto a ida a Metis, voltamos a conversar sobre isso em outra oportunidade.

Retornaram para casa e o silêncio perdurou ao longo de todo o percurso. Tão logo chegaram, Valgeir foi para o escritório, organizou suas coisas, viu o que estava pendente, tanto do lado pessoal quanto profissional, preparando-se para a volta ao escritório na segunda-feira. O próximo passo foi chamar os filhos e lhes dizer o que pretendia fazer, sendo que com Staso manteve uma conversa à parte, assegurando-lhe que nada sofreria com sua saída, mas que não ocuparia o seu lugar, pelo menos por agora.

Dentro de mais alguns dias mais seria apenas um aposentado e isso, se de um lado o animava, pois tinha sonhado com a aposentadoria durante muito tempo, por outro o assustava, pois teria que inventar uma nova vida, algo que há muito não vivia.

\*\*\*\*\*

Assim que entrou em seu escritório na segunda-feira, despachou mensagem para Caleb, pedindo que se falassem em particular e que escolhesse o melhor horário, pois havia limpado sua agenda, tendo disponibilidade para quando ele pudesse. A agenda do amigo era ainda mais carregada que a sua no início da semana e foi com surpresa que o viu chegar cerca de meia hora após ter lhe enviado a mensagem.

- Bom, se temos que conversar e se for sobre o assunto que acho, melhor mais cedo que mais tarde. Coloquei uns chatos para escanteio e agora tenho tempo. O que quer me dizer?

Valgeir lhe falou abertamente. Depois de ter se recolhido e lido o que Xilim escrevera e sabendo da repercussão que vinha tendo, só via uma saída, sua aposentadoria. Já havia conversado com a esposa e ela o surpreendera não só por conhecer o livro e o ter lido, mas por achar que lutar contra as ideias dele seria inútil. Concordara, no entanto, que devia se afastar, alegando conselho médico. A decisão estava tomada e antes de anunciá-la queria que

Caleb cuidasse de Staso e antes que fizesse qualquer objeção, aceitou que não era o nome para substituí-lo. A conversa com Caleb lhe daria a vantagem da antecipação, com a colocação de alguém de sua confiança no cargo.

- Feito, amigo. Vou cuidar do Staso, mas você deve conversar com ele antes. Depois, vamos conversar juntos e vou trazê-lo para um cargo junto a mim. Preciso de duas semanas para me preparar. Vamos rezar para que nada aconteça. Se conseguir acertar as coisas antes, te falo e convocamos uma reunião do Conselho para que comunique sua decisão. Tem gente que vai lamentar, mas sabe que muitos irão comemorar.

Valgeir continuou sua rotina e esperou. Dez dias após a conversa, recebeu Caleb em sua escritório, ouviu que podia anunciar a sua aposentadoria e tomou conhecimento em primeira mão de quem seria o novo Secretário Geral, o que quebraria uma longa tradição, pois Caleb havia manobrado para um religioso ocupar a função. O escolhido era Marko Aspers, jovem que havia tido uma carreira meteórica no clero, um pouco por responsabilidade de Caleb, e que acabara se transformando no seu principal auxiliar, responsável pelas mágicas financeiras da Igreja. Era considerado brilhante e, embora não tivesse pensado nele para o cargo, era um nome que aprovava. Seria o único religioso na área. Os outros seriam civis, sendo que um deles, assistente direto de Aspers seria Staso, o filho de Valgeir.

Um, dois, três, quatro, cinco dias. Valgeir os estava contando. Enquanto a contagem não chegava ao marco zero, recebeu Aspers e o colocou a par do que havia para ser feito, decidido e definido na Secretaria Geral, mostrando sua estrutura, as funções que exercia e o alcance de sua ação. Era o braço civil da Igreja, que cuidava dos seus interesses, excluídos os de cunho predominantemente religioso. Sentia-se orgulhoso de o ter azeitado, fazendo com que funcionasse de forma sincronizada e quase perfeita, independente de dar um comando ou não e quando o dava sabia que seria executado de forma rápida e precisa. As visitas de Aspers geraram curiosidade, mas não havia informações da razão delas. No décimo dia – os empregados da Secretaria que trabalhavam junto ao Gabinete de Valgeir também fizeram a contagem – Marko Aspers não apareceu. Era o dia da reunião do Conselho Episcopal. Ninguém esperava novidades, mas no meio da tarde, com a reunião em andamento, um dos assessores de Valgeir que acabara de chegar, surpreendeu todos.

- Viram a notícia? O Dr. Valgeir vai se aposentar. O Conselho acabou de dar uma nota, informando o seu pedido e aceitação. Para o seu lugar virá Marko Aspers, cuja escolha foi feita por unanimidade. Temos um novo chefe. Então, vamos nos preparar para ele.

Foi uma surpresa, mas as novidades acabam superando as saídas e se concentraram em saber quem era o novo Secretário Geral e tentar descobrir o porque de a Igreja ter quebrado uma longa tradição.

O Conselho Episcopal divulgou uma longa nota elogiando a atuação de Valgeir à frente da Secretaria Geral, destacando suas principais realizações, agradecendo pelos serviços prestados e lhe desejando uma feliz aposentadoria e pronta recuperação da saúde. O ex todo poderoso estava saindo de foco, decidido a se transformar em um cidadão comum, capaz de pequenos prazeres.

Nunca seria um anônimo, mas podia viver de forma mais simples e melhor, tinha certeza.



## DESCOBERTA E MUDANÇA

**A**o tempo em que Valgeir se recolhia à sua aposentadoria, deixando a imponente residência de Enaima, próximo da Catedral central da Igreja Cristã Católica Renovada de Ourea, a vida seguia em frente para Noor e Xilim.

Ela cuidava dos ensaios finais para mais uma temporada. Programou suas apresentações para cidades que não foram atendidas no ano anterior e, mais uma vez, deixou o último concerto para Amatea no Domo, o maior estádio fechado do planeta, que podia receber mais de 100 mil pessoas. Assim que foi anunciado, em menos de uma hora os ingressos haviam sido vendidos, estabelecendo um mercado negro que elevava em até 10 vezes o preço da entrada. Diante da demanda, decidiu realizar um segundo concerto, também vendido em tempo recorde. Com mais um ano de trabalho e com o que já tinha acumulado poderia deixar a carreira de lado, mas não era no que pensava, pois amava o que fazia e achava que ainda tinha muito a dar à música. O próximo passo, já discutido com André Fortin, era sair de Ourea, aceitando concertos em outros planetas, principalmente naqueles mais próximos. Seu envolvimento era tão grande que não chegou a ver a notícia da aposentadoria de Valgeir Rsend.

Xilim vivia o último ano do Doutorado e ainda cercado de polêmica pelo que já havia produzido. Sua última publicação, com sugestões de uma nova sociologia para as religiões, continuava sendo discutida, com apoios e críticas cada vez mais intensas. A maior resistência vinha das crenças estabelecidas e de suas estruturas. O que mostrara é que, na verdade, os fieis não participavam da vida das crenças, governadas por uma minoria, uma pequena elite religiosa e leiga, que determinava os seus princípios e construía uma ética, além de determinar ritos e “leis” a que a maioria tinha de se submeter pacificamente.

No livro, defendia a democratização das decisões, com os fieis compondo os Conselhos, com seus representantes sendo eleitos, o que daria voz àqueles que, seguidores, nunca tinham sido ouvidos. A hierarquia das várias crenças tentou, de todas as formas, evitar

este debate, mas ele era cada vez maior, principalmente entre os jovens que liam avidamente o que Xilim escrevia e cuidavam de espalhar suas ideias. Como nos textos anteriores, não questionava a fé, mas sim a estrutura criada para mantê-la e a expandir.

Durante o ano, não cuidou de nenhum novo texto, investindo o seu tempo no cumprimento das tarefas do Doutorado e na preparação de sua tese, que queria pronta ao final do período letivo, quando a apresentaria para a crítica final de Hari Setala. Quando liberada pelo orientador, cuidaria de sua revisão e da preparação para a sua defesa, diante da banca já definida. O que vinha desenvolvendo era a construção da história da povoação de Ourea e havia usado o título que, antes, pensara em usar para ampliar o seu primeiro ensaio de sucesso, “A construção do povo de Ourea”.

Quando levou a ideia a seu orientador, inicialmente ele a rejeitou, argumentando com as dificuldades que teria para desenvolver o trabalho. Xilim insistiu, mostrando que não trabalharia com dados, mas com ideias. Com esforço e persistência, havia convencido o professor e amigo que não só era possível fazer o trabalho, mas que seria original e único. Setala aprovou o projeto e ele seguiu em frente.

Trabalhando na conclusão, mostrava que sua tese estava confirmada e que fora a religião que moldara o povo de seu planeta. Seu objetivo, como frisava na apresentação, não era contestar a religião e nem mesmo atingir sua estrutura, mas mostrar o íntimo inter-relacionamento entre a crença e os crentes, com estes transformando em princípios e internalizando o que a Igreja havia lhe dito ser o correto. Após anos e anos, o que a Igreja defendia havia se tornado parte da cultura e considerado comportamento padrão.

\*\*\*\*\*

No décimo ano de seu “exílio”, o ainda jovem Achilles Wikse Rsend estava calmamente sentado na primeira fila do auditório, já cheio na expectativa do que iria acontecer. Acompanhou a chegada do professor Hari Setala, que se dirigiu à mesa com quatro lugares, onde ficariam os componentes da banca. Como presidente, Setala foi chamando os outros professores e com a mesa já composta, anunciou que estavam ali para acompanhar a defesa da tese de Doutorado de Xilim, chamando-o.



Ele foi para a tribuna e fez um resumo geral de suas ideias. Os participantes da banca, que começaram a inquiri-lo, pedir esclarecimentos, colocar em dúvidas algumas de suas linhas de ideias fizeram muitas observações. Calmo e controlado, Xilim não deixou nada sem resposta. Com os julgadores satisfeitos, deixou a sala enquanto a banca definia sua posição, que podia ser pela aprovação, pedindo que fossem feitos acréscimos ou retiradas e, em caso extremo, a rejeição do trabalho.

A deliberação da banca não durou muito tempo – ou Xilim não o viu passar – e foi novamente chamado ao auditório, aproximou-se do tablado e, como na defesa, ficou de pé, aguardando. O professor Hari Setala tomou a palavra.

- Em nome da Universidade de Alta, do Colégio de Pós-Graduação e da aprovação com louvor concedida pela Banca Examinadora, concedo a Achilles Wikse o título de Doutor em História, validando seus estudos e aprovando sua tese intitulada “A construção do povo de Ourea”. O título será oficializado pela emissão do documento que o valida pela Secretaria da Universidade, acompanhado da Ata de Aprovação. Em nome da banca, quero agradecer a presença de todos e dar os parabéns ao Dr. Achilles Wikse pelo seu novo título.

Setala desceu do tablado e abraçou o pupilo que havia se tornado maior do que o mestre, sendo reconhecido e lido em vários planetas, aos quais levava a polêmica sobre um assunto pouco tratado e estudado tão criticamente como fizera, que era as religiões. Os outros mestres também o cumprimentaram, elogiando o seu trabalho e a firmeza na defesa de suas ideias.

Setala ia se juntar aos outros mestres e Xilim preparava-se para sair quando o professor segurou o seu braço.

- Tenho uma boa surpresa para você.

Setala lhe entregou um envelope com o timbre da Universidade e pediu que Xilim o lesse. Ele o segurou e ficou olhando interrogativamente o mestre, que nada disse e se afastou. Depois de deixar o auditório e o burburinho do público e dos alunos que ainda passariam pela defesa, parou e abriu o envelope. Nele, estava uma informação e um convite. A informação era a criação pela Universidade de Alta da cátedra de Sociologia das Religiões com o objetivo de ampliar o conhecimento sobre as religiões e sua influência na sociedade, vinculada ao Departamento de História. O convite vinha endereçado a ele, que se o aceitasse se tornaria o primeiro catedrático do assunto na Universidade. Ao terminar a

leitura, sorriu. E anotou mentalmente o envio de uma comunicação ao pai, anunciando que não mais precisava de sua ajuda. Tinha conquistado sua independência.

\*\*\*\*\*

Noor vivia o seu sétimo ano de estrelato, estava cansada do exaustivo circuito de concertos, mas revigorada pelo carinho do público, sempre entusiasmado com suas apresentações. Estava no camarote pronta para entrar no palco do último show da temporada. E como quase sempre fazia nestas horas, não pensou nela, mas em Xilim, perguntando-se o que ele estaria fazendo, onde quer que estivesse. O seu amor por ele nunca esmorecera, mesmo que nada soubesse do amado.

Sim, tinha tido alguns relacionamentos ocasionais, mas eram apenas encontros rápidos, sem compromisso e ligação. Achava – e tinha cultivado essa mística – que nunca mais iria amar ninguém e que estava condenada a viver sozinha e na solidão, o que só mudaria se reencontrasse o amor de sua vida. As tentativas feitas até então, falharam.

O Achilles Wikse, que lhe despertara pequena esperança, nada rendera. Era alguém que nada tinha a ver com ela, mas mesmo assim a cativou com o que dizia, o que casava com o seu próprio planeta, agora visto de maneira diferente. Não tinha a pretensão de ser revolucionária, mas muito nela mudara a partir das leituras e seu novo repertório refletia a mudança, mais voltado para os jovens e discutindo mais questões sociais.

Quando a contagem regressiva para a sua entrada começou, esqueceu-se de tudo e se concentrou na música. No 1, surgiu no palco, iluminada pelo forte foco do holofote e recebeu uma ovação. A cada música, nova ovação. Seus concertos duravam, sem bis, cerca de 90 minutos e foi conduzido em um crescendo, cada vez com mais emoção e envolvimento do público. Quando anunciou o último número e o terminou, o estádio se levantou, aplaudindo-a por mais de cinco minutos, sem parar. Fez o primeiro bis, o segundo e o terceiro. Nos três, novamente grandes ovações. Despediu-se e atirou beijos para a plateia, correndo para camarote, trocou-se rapidamente e deixou o estádio, seguindo diretamente para o aeroporto onde um voo fretado a aguardava e a levaria a Enaima.

Exausta mas feliz, queria chegar em casa, ir para o seu velho quarto e dormir. Em casa, não era estrela e podia viver sem preocupações. No caminho pensou que há três anos não tinha o

aconchego de casa, só pensando na carreira. E ao tomar o voo, outro pensamento lhe veio: Há 10 anos tinha colocado o pai contra a parede, mas não era isso o que importava. Sua ação fora reação a uma grande perda. Seu coração ainda estava vazio.

Trocaria tudo o que tinha para ter Xilim ao seu lado.

\*\*\*\*\*

Quando Noor embarcava para Enaima, no aeroporto local Valgeir e Semanh já estavam no voo que os levaria a Amatea, iniciando a segunda viagem de férias juntos. Aliviado pela desobrigação de suas funções, queria passar mais tempo com a esposa e decidiu que uma forma de o fazer era viajar. Das paradas que fariam, uma seria especial. Ficariam uma semana em Metis e não apenas para que a esposa conhecesse o planeta. O objetivo era conversar com Xilim e reatar os laços da família, rachada devido a uma decisão do passado que, anos depois, Valgeir admitiu que era errada.

A conversa com o filho era sua última pendência. Depois dela, tocaria a vida em frente, aproveitando a aposentadoria e dedicando mais e mais tempo às atividades assistenciais da Igreja que tanto amava e que ajudara a crescer. Semanh ao embarcar estava muito ansiosa. Desde que Xilim saíra, nunca mais o vira e se questionava como é que o encontraria. Não havia se casado, mas tinha certeza que estava totalmente mudado e o que lia de sua autoria indicava isso. Fora ela que incentivara a conversa mas tinha medo do que pudesse acontecer e orava para que pai e filho se reconcilassem.

Semanh queria que a primeira parada da viagem fosse em Metis e ao encontro com Xilim. Valgeir não concordou. Temia a conversa com o filho e não afastava a possibilidade dele lhes virar as costas, o que tornaria amargas o restante das férias. Aproveitaram o máximo as duas primeiras semanas e iriam para Alta, ao encontro de Xilim.

Sem saber qual seria a reação do filho, decidiu não ficar na casa dele, reservando um hotel confortável, alegando que teriam mais liberdade. Avisado da chegada, Xilim lamentou não poder recebê-los, preso a uma conferência na Universidade, mas já tendo acertado que tomaria o café da manhã com eles no dia seguinte. Ao descerem para o encontro com o filho, Semanh estava esperançosa e Valgeir, muito tenso. Sentaram-se em uma mesa de canto, em local discreto e aguardavam. Pouco depois, viram o filho entrando. Alto, magro, bronzeado e vestido de maneira simples, exalava

confiança. Ao ver os pais, abriu um sorriso e se encaminhou para eles.

- Pai, mãe. Que bom ver vocês. Mãe, você continua muito bonita e ficou ainda mais charmosa. Pai, você está com cara de descansado e parecendo, mesmo, um aposentado. Que bom que vieram. Enquanto estiverem aqui teremos tempo para ficar juntos. Suspendi minhas atividades na universidade e, assim, posso ficar com vocês e acompanhá-los. Acho que não se importarão de participar de um pequeno encontro informal, para lhes apresentar amigos e colegas professores, além de alunos que estou orientando.

Depois de abraçar e beijar a mãe e abraçar fortemente o pai, sentou-se e ficou olhando-os em silêncio.

- Filho, tem algo que preciso lhe dizer. A decisão que tomei, de o tirar de casa e o trazer para este planeta, foi errada. Cometi um equívoco e desde então me penitencio por ele. Podia ter resolvido a situação de outra forma, sem uma medida tão radical. Quero pedir o seu perdão. Se pudesse, desfaria o que fiz, deixando-o em Ourea e permitindo o seu casamento com a Noor, filha do Caleb. Me perdoe.

- Pai, se aliviar ou acabar com seu sentimento de culpa, saiba que o perdoei há muito tempo. O que estudei e o que escrevi me mostraram que suas ações foram determinadas por um contexto e justificada por eles. A ação foi tomada na crença da defesa da família, algo que em Ourea acreditam. Somos o que vivemos, pai. E comigo não é diferente. Hoje, não sou mais o filho de Ourea, pois tenho uma visão crítica não só da nossa sociedade, mas de várias outras e esse entendimento nasceu do fato de uma sociedade ser construída, embasando seus fundamentos em crenças que são adotadas pela maioria, justificando comportamentos, estabelecendo leis e determinando a ética. Somos, mais do que nunca, produto do nosso meio. Fique tranquilo, o que houve está em um passado distante e não me afeta há muito tempo.

Sua resposta fora quase que automática e não observara nem o pai, nem a mãe. Ao olhar para eles, viu que a mãe chorava baixinho, procurando esconder a reação e que o rosto do pai estava molhado pelas lágrimas. Ficou observando-os em silêncio, até que se recompusessem. Quando sentiu que tinham reassumido o controle, abriu um largo sorriso para os dois e disse estar na hora de se alimentarem. Foi o primeiro a levantar, colocou-se ao lado da mãe e a ajudou, com o pai caminhando ao seu lado em direção à mesa do farto café da manhã.

Valgeir e Semanh se serviram de forma generosa, mas Xilim foi frugal, pegando apenas uma fruta, um copo de suco e um pedaço de bolo, especialidade da região. Os pais se dedicaram ao café e, embora os acompanhando, o filho ficou observando-os, notando as diferenças que mais de 10 anos tinham causado nos dois. A mãe tinha cabelos grisalhos e as rugas na testa do pai tinham se acentuado, mas ambos pareciam muito bem. No final da refeição pareciam bem mais relaxados e foi então que Xilim voltou ao assunto de sua vinda para Metis.

- Pai e mãe, não quero a toda hora voltar ao passado, mas há algo que preciso saber: Como está a Noor?

Foi a mãe que lhe respondeu. A jovem tinha saído de casa logo depois da partida de Xilim. Ela havia convencido o pai a deixá-la estudar em Amatea, uma surpresa para a sua família e para muitas outras que pertenciam a estrutura da Igreja. Havia uma fofoca que tinha ameaçado o pai com um grande escândalo se tentasse lhe arranjar um casamento. Pessoalmente, Semanh e Valgeir não acreditavam que tivesse acontecido e consideravam que Caleb era muito mais liberal em relação aos filhos que outras famílias da Igreja.

A mãe repetiu a história que ele próprio já lera, sobre o início da carreira com o Quinteto e, em seguida, solo, fazendo um grande sucesso e se transformando na mais conhecida cantora de Ourea, com concertos e shows esgotados em horas. Na vida artística, adotou o sobrenome da mãe, desvinculando-se do sobrenome paterno. Anualmente, retornava a Enaima, ficava junto com a família e a tinha visitado, buscando informações sobre Xilim.

- Sim, sei que não respondi ao que quer saber. Não, ela não se casou e, pelo que sei – ou a mídia sabe – não teve nenhum caso, nenhum namorado, nenhum companheiro. Continua solteira. E, como estamos fazendo com você, assim que voltarmos a Enaima, vamos conversar com ela, desculpando-nos pelo que aconteceu e dizendo onde você está e que também continua solteiro.

Durante a semana Xilim foi o perfeito anfitrião e guia turístico, levando o pai aos principais pontos interessantes da cidade e abrindo-lhe as portas que quisessem, usando a sua notoriedade. No último dia da estadia, promoveu um pequeno encontro e foi nele que os apresentou ao professor Hari Setala, chamando-o de seu tutor e amigo. Xilim efetivamente havia perdoado o pai e pela primeira vez nos últimos anos se sentia feliz, mas nesta felicidade pairava uma angústia, uma questão para que não tinha resposta:

Será que Noor continuava amando-o?

\*\*\*\*\*

Dois dias após o retorno a Enaima, Semanh mandou um recado a Noor, perguntando se aceitava recebê-la e ao marido para uma conversa. O pedido a deixou curiosa. Apesar do estrelato, não tinha restrições à família Rsend, onde fora sempre muito bem recebida e tratada. Sim, o afastamento de Xilim quase a devastara, mas mesmo sentindo muita falta dele, não tinha motivos para se afastar dos Rsend. Maria era sua amiga e respeitava dona Semanh, que tinha sido sempre carinhosa com ela. Até entendia que não tivesse conversado com ela sobre o filho, pensando que estaria ajudando a proteger o marido e a família. Então, respondeu que teria prazer em conversar e se dispôs ir até à casa dos Rsend, se assim o desejassem.

- Menina Noor, como você está bonita. Parece que fica mais bela com o passar dos anos, hein?

- Obrigado, dona Sem. É bondade sua. Boa tarde, dom Valgeir, como vai o senhor?

Os três se sentaram na confortável sala da velha residência e foi Valgeir que tomou a iniciativa, surpreendendo Noor pela franqueza. Ele lhe disse que há muitos anos, ao retirar Xilim do planeta, havia agido errado e afastara o filho deles próprios, além de causar grande sofrimento a Noor, que nada tinha a ver com os problemas da família. Considerou que podia ter resolvido a questão de outro jeito, ouvindo o filho e conversando com o pai de Noor, mas não o fizera. E agora não tinha como mudar a situação, mas queria admitir o erro e pedir que lhe perdoasse, não só em respeito a ela própria e aos seus sentimentos, mas à grande amizade que Caleb sempre lhes dedicara e que acabara também sendo afetado pela decisão. Ao terminar, Valgeir ficou em silêncio, mas a esposa tomou a frente e não deixou Noor falar.

- Noor, quero que me desculpe por lhe esconder o que havia acontecido, sobretudo o paradeiro do Xilim. Me odiei por fazer isso, mas achei que seria o melhor, não para mim ou para o Valgeir, mas para você e sua família. Sinto tanto pela dor que lhe causei que não sei se tenho perdão. Mas quero lhe dizer outra coisa que, certamente, vai lhe alegrar. Acabamos de voltar de Metis, onde Xilim vive e ensina na Universidade de Alta, e ele lhe manda um recado, que é o seguinte, literalmente e nas próprias palavras dele:

“Diga a Noor que minha promessa está mantida e que vou cumpri-la se ela quiser”.

Noor não conseguiu se conter, misturando a felicidade com as lágrimas, que deixou descer sem tentar contê-las. Valgeir e Semanh ficaram observando-a e esperando, sem saber o que dizer. Aos poucos, as lágrimas foram diminuindo e Noor acabou limpando-as e sorrindo abertamente para os dois. Levantou-se, beijou a mãe de Xilim e abraçou de forma carinhosa o pai.

- Obrigado, dona Sem. O que me disse é a melhor notícia que recebi em 10 anos e me faz, sem nenhuma dúvida, a mulher mais feliz em Ourea.

## REENCONTRO

**D**ez anos de dor, de incertezas, de esperanças frustradas haviam terminadas com apenas uma frase, que lhe trazia o que sempre quis ouvir: Xilim estava bem e a amava. A esperança, finalmente, havia vencido o medo. Noor saiu quase que flutuando da casa dos Rsend e ao fazer o curto trajeto até à casa de sua família na única coisa que pensava era no encontro com o amado. Queria vê-lo, abraçá-lo, tocá-lo, beijá-lo e fazerem amor, não uma, nem duas, mas várias vezes, até que não mais tivessem forças. E ao pensar nisso, a memória de um longo tempo juntos lhe vinha à mente, recordando momentos felizes, de entrega, de carinho e trazia de volta as promessas feitas pelos dois, que graças à sua rebeldia, poderiam ser cumpridas, e não esperaria pela oportunidade, mas a provocaria.

Assim que chegou em casa, foi direto para o quarto e ligou para Karle Mattila, o seu administrador, responsável pela logística de suas apresentações e pelo gerenciamento de suas idas e vindas.

- Karle, preciso de algo urgente. Quero voar para Metis no máximo dentro de dois dias. Ao chegar, irei para Alta. Veja voos fretados, pois quero privacidade. Ninguém, a não ser você e eu, saberá da viagem. Procure quem for muito confiável. Assim que tive acertado, me arranje um voo de volta a Amatea, também privado.

Nos anos de trabalho de Karle, havia aprendido a confiar nele, na sua competência e na velocidade com que arranjava o que pedia, fazendo-as parecer muito fácil. O próximo passo foi se preparar para a viagem, reunindo um mínimo de apetrechos em pequena mala. À noite, iria contar a novidade à família e que iria viajar ao encontro de Xilim. Ainda enquanto arrumava suas coisas, o tablete deu o alerta de nova mensagem. Era Karle lhe respondendo, com um apenas um “tudo certo. Depois passo os detalhes”.

\*\*\*\*\*

Com o retorno dos pais, Xilim havia voltado à vida habitual, mas devido às “pequenas férias”, seu trabalho estava acumulado e



uma das primeiras coisas que precisava fazer era aprovar a versão final, revisada, do seu novo livro, baseado na tese de Doutorado. Os editores não haviam gostado do título, por acharem que o tornaria localizado, mas Xilim não abriu mão dele, entendendo que embora se referisse especificamente ao seu planeta, as ideias discutidas aplicavam-se às outras sociedades, principalmente naquelas onde a influência religiosa era grande. Além do livro, sua prioridade, tinha seminários para dar, trabalhos para ler e de preparar textos para suas duas aulas semanais. Sobrava-lhe pouco tempo e nele tinha de encaixar os encontros com os estudantes que havia aceito como orientando no Mestrado em História da Universidade.

Buscando concentração, ela sempre lhe fugia. Um pensamento o afligia e se sobrepunha aos outros.

“Será que meus pais já falaram com Noor?”

A mãe ficara de lhe avisar e contar a reação da amada, mas até agora nada de aviso. Imaginou que Noor poderia ter pedido aos pais que não o avisassem, fazendo-lhe surpresa. Estava ansioso e, se pudesse, teria largado tudo e ido para Ourea ao encontro da amada. Ao mesmo tempo lhe vinha a incerteza, temendo que Noor já tivesse desistido dele.

Na visita, a mãe lhe dissera que Noor nunca tinha tido – pelo menos publicamente – nenhum namorado. A mãe dela reclamava que, do jeito que as coisas iam, não teria um neto da única filha. Não havia fofocas na mídia sobre relacionamentos da cantora, permanentemente sob os holofotes. Isso deu mais algumas esperanças a Xilim, mas não tirou sua ansiedade e, em muitos momentos, desviou sua atenção, tirando sua concentração do que fazia.

Se ansiava reencontrar Noor, Xilim considerava o espaço de 10 anos grande e que poderia tê-los mudado de tal jeito que, mesmo se amando, nada seria como antes. Do seu lado, era visto como polemista antirreligioso e optara pela vida acadêmica, de reflexão, investindo seu tempo em desenvolver ideias e ensinar. Tinha vínculo com a Universidade de Alta e não queria quebrá-lo, pois ali recebera todo apoio e as condições para realizar seu trabalho. Fazia o que gostava e se considerava satisfeito.

Se reencontrasse Noor como seria o relacionamento deles? Como uma estrela, amada por milhões de fãs que também eram fieis da Igreja, iria se unir a alguém que era considerado contrário à crença daqueles que a suportavam?

O pensamento puro não ligado ao dia a dia e aos fatos, em si, era muito menos problemático. Perseguido pelas incertezas, só tinha um caminho: continuar em frente, cumprindo suas tarefas e aguardando. Sua mãe iria lhe dizer alguma coisa, para o bem ou para o mal. Ele nada poderia fazer, mas esperava, de todo coração, que novamente ficassem juntos. A esperança, no entanto, não superava o seu realismo e se isso não fosse possível iria se transformar em um segundo Hari Setala, um solitário dedicado às suas tarefas e hobbies.

“Se este fosse seu destino, não irei fugir dele, mas abraçá-lo e seguir adiante”.

\*\*\*\*\*

Ao embarcar no voo que a levaria de Enaima a Anatea onde pegaria um outro com destino a Metis e a Alta, Noor estava ansiosa e intensamente emotiva. Desde que a mãe de Xilim lhe contara a conversa com ele e o interesse em reencontrá-la, não tinha pensado em outra coisa e a ansiedade fazia parecer que o tempo não passava, deixando-a à flor da pele, à beira de um ataque nervoso, coisa que nunca tinha lhe ocorrido, mesmo nos momentos mais difíceis.

Havia visto algumas imagens de Xilim com os pais e ficara impressionada. Parecia mais alto e seu rosto denotava confiança. Os cabelos negros se destacavam, contrastando, quase sempre – pelo menos no que vira – com as roupas simples e de tons claros que usava. A expressão era de paz e os olhos, vívidos, estavam sempre atentos aquilo que o rodeava. As imagens, das quais havia conseguido uma cópia, tinham sido suas companheiras desde então, vendo-as e revendo-as, sonhando com o reencontro com alguém por quem, durante 10 anos, ansiara com todas suas forças.

Alta não era a principal cidade de Metis, mas a segunda, embora fosse o primeiro centro universitário do planeta. Graças à eficiência de seu administrador, tudo estaria preparado à sua chegada para, de forma rápida e eficiente, fazer a transição de uma para outra cidade. Desembarcou em Adana e quase que imediatamente pegou novo voo, que rapidamente a deixou em Alta. Do aeroporto, foi para o confortável hotel escolhido por Karle, instalou-se, gozando de um bem vindo anonimato, e se preparou para ir à universidade. A conversa com Semanh havia lhe dado informações sobre a rotina de Xilim, dias de aula, tempo no escritório, mapeando suas atividades diárias. As aulas eram sempre pela manhã e à tarde ocupava-se com o Mestrado e Doutorado, promovendo seminários e atendendo seus orientandos. Desde que assumira a cátedra, também viajava para

conferências em outras universidades em Metis e já tinha ido a alguns planetas vizinhos, com exceção do seu próprio, embora tivesse recebido convite da Universidade Central de Amatea.

O que fizera, desde o telefonema para Karle, foi buscar privacidade. Se fosse reconhecida, entraria no foco da mídia e o que mais desejava, nas circunstâncias, era ser anônima. Assim, o registro no hotel foi feito em nome de Noor Valk, uma visitante como outra qualquer, que se vestia de forma elegante e ao mesmo tempo simples, o que não a iria diferenciar de outros visitantes. Sem a entourage que a seguia nos shows e concertos, adotou a persona simples que era quando recolhida e em casa. A transformação só acontecia para a vida profissional, mas o que gostava, mesmo, era da simplicidade e era dessa forma que reencontraria Xilim. O que pedira a Karle havia sido feito com muita eficiência, como sempre. Agora, era com ela. Procurou no hotel o transporte que a levaria à universidade para o seu primeiro, único e mais importante compromisso de sua vida adulta. Quando deixou o hotel sua ansiedade estava no máximo.

\*\*\*\*\*

Uma das novidades da universidade no último ano tinha sido a abertura de bolsas de trabalho, oferecendo aos alunos que usavam créditos governamentais uma renda extra. Eles podiam se candidatar e atuarem em várias funções ligadas à administração, o que permitiu a cada Departamento oferecer a seus professores um assistente. Ele seria a responsável pelo gerenciamento dos escritórios dos docentes, deixando-os mais livres e com maior espaço para o ensino e a pesquisa. Xilim não via necessidade de ter uma secretária, mas acabou descobrindo que era de muita ajuda, cuidando de detalhes administrativos e burocráticos que lhe irritavam e organizando sua agenda, o que lhe dava mais tempo para as principais atividades, evitando desperdício de tempo e superposição de tarefa. Alma Bianchi, a aluna que lhe tinha sido destinada, estudava história, estava interessada nas ideias que desenvolvia e tinha se mostrado eficiente, conquistando sua simpatia. Graças à sua eficiência, tinha conseguido deixar a quarta-feira à tarde livre de compromissos externos. Cuidava, então, de suas coisas pessoais, sem relacionamento com a vida docente.

- Boa tarde, Alma. Alguma coisa nova?

Como em praticamente todos os dias, ela lhe passou algumas folhas impressas contendo recados, pedidos, demandas e, em separado, uma delas trazia seus compromissos do dia, tanto em nível interno, no Departamento ou na universidade, como externo,

com encontros, seminários, conferências e debates de que participaria em Alta. Quando se tratava de deslocamentos maiores, os avisos lhe eram dados por antecipação e Alma deixava o transporte acertado. Olhou rapidamente os papéis, confirmando a tarde livre. Iria aproveitar para concluir a leitura da revisão final do livro, liberando-o para a editora. Havia pensando em escrever nova introdução, revelando os motivos que o levava ao tema e ao desenvolvimento das ideias expostas no novo trabalho, mas desistira. Tinha tido, ainda, o impulso de mudar sua assinatura passando-a para Achilles Wikse Rsend e chegara a conversar com Setala sobre isso. Não obteve uma resposta, como sempre, mas o seu antigo mestre e melhor amigo considerou que tinha ficado conhecido e respeitado com a antiga assinatura. Por que mudá-la? Teria de explicar por que não o adotara antes, o que estava escondendo, o que acabaria desviando a atenção do livro e seu conteúdo, o mais importante. Desistiu e agora queria liberar o trabalho. Concentrou-se na leitura.

No meio da tarde, o interfone tocou.

- Professor, desculpe. Mas está aqui na antessala uma moça que quer lhe falar. Disse que nas quartas-feiras o senhor não recebe alunos mas me disse que não é estudante e veio de longe para vê-lo. O que devo fazer? Ela é muito insistente.

Se alguém tinha vindo de longe para vê-lo, não lhe custava parar por alguns minutos e receber a visitante. Com alunos ou visitantes tinha criado o hábito de os receber de pé na porta. Achava uma deferência e tinha copiado o hábito adotado por Hari Setala, que considerava uma boa prática e, ao mesmo tempo, servia para tornar menos formais os encontros, fosse com alunos, com outros professores ou com pessoas de fora da universidade. Levantou-se e caminhou até a porta.

Quem vinha convivendo com Xilim, dizia que era uma das pessoas mais controladas que conheciam. Nunca mudava de fisionomia, nunca se exaltava, nunca elevava a voz, tratava todos com cortesia e nunca o tinham visto perder o controle. Mas foi o que aconteceu quando abriu a porta e avistou a visitante, sentada diretamente à sua frente e sorridente.

Alma, ao lado, o olhava espantada, tentando adivinhar o que tinha acontecido ao professor. Paralisado, como se estivesse vendo algo acontecer mas não participasse diretamente, Xilim viu a visitante se levantar ainda sorrindo e dirigir-se para ele, como se o fizesse em câmera lenta, com cada passo durando muito mais do

que o normal, ficando cada vez mais perto, mais perto, mais perto, até que o alcançou. E ele continuava paralisado.

- Lim, desculpe a surpresa. Esperei por um momento como este por dez anos e não ia fazer uma programação para encontrá-lo. Assim que dona Semanh me contou, fiz tudo para estar aqui o mais rápido possível. Vim lhe cobrar o cumprimento da promessa que me fez há muito tempo.

Depois, contada por Alma, a cena foi assim descrita:

Assim que Xilim abriu a porta, Noor se levantou e rapidamente chegou até ele, abraçando-o com força, colando seu corpo ao do professor que também a abraçou e os dois ficaram envolvidos um pelo outro. Ambos choravam copiosamente e Xilim não conseguiu falar, ouvindo atentamente o que a visitante lhe dizia, uma completa declaração de amor. Alma não mediu, mas ficaram abraçados por bom tempo, que calculou em dois minutos.

Alma, ao lado, estava boquiaberta e sem saber o que fazer. A fama do professor era de não ser emocional, mas puramente cerebral, capaz de falar sobre o mais complexo assunto com a maior calma, esclarecendo o seu ponto de vista e os outros existentes sobre o mesmo tema, pontuando-os. O hiato acabou e o tempo voltou ao normal.

- Por Deus, Noor, você quer me matar do coração. Nunca fiquei tão ansioso na vida por saber se minha mãe tinha conversado com você e o que havia dito a ela. Não imaginei que o nosso encontro seria desse jeito. Foi uma ótima surpresa. Obrigado, amor. Eu quero cumprir a promessa. Venha, entre, temos muito que conversar.

Muito curiosa, Alma se sentiu tentada a color o ouvido na porta, ouvir o que os dois conversavam, mas desistiu. O simples relato do encontro já causaria uma grande fofoca no campus, pois ninguém, entre alunos ou professores, sabia de envolvimento amorosos de Xilim. Ele tinha tido casos, encontros, mas nunca os apresentara publicamente. Se havia fofocas profissionais sobre ele, ninguém nunca tinha falado sobre sua vida pessoal, considerada quase ascética. Viviam sozinho, fazia sua própria comida, cultivava uma bela horta e eventualmente recebia professores e orientandos em sua casa, mas nunca o tinham visto com uma mulher – ou com um homem, pois haviam alguns que suspeitavam ser homossexual. Conheciam o seu hobby, que era música sacra antiga e no qual se tornara um especialista, juntamente com o professor Hari Setala.

Alma ficou imaginando o que seus amigos diriam quando lhes contasse o encontro. Ficariam boquiabertos como ela e o professor

seria o assunto mais comentado no campus nos próximos dias. Já apreciando sua notoriedade, Alma ouviu o barulho do abrir da porta e se voltou, curiosa com o que estava acontecendo.

- Alma, vou sair e não volto mais hoje. Por favor, cancele os compromissos de quinta e sexta-feira e os reagende para a próxima semana. Receba os trabalhos que alunos tenham de me entregar e os deixe, separados por disciplinas, na minha mesa. Se alguém perguntar, informe que tive de resolver problemas pessoais e que na segunda-feira estarei de volta. Ah, e se desculpe, em meu nome, com Hari Setala. Tenho um jantar na casa dele na sexta, mas não vou comparecer. Depois conversei com ele e explico.

Xilim saiu do escritório de mãos dadas com a estranha que havia lhe procurado sem dar nenhuma explicação à assistente. Olhando o rosto dos dois, Alma poderia garantir que ambos viviam um momento de muita felicidade.

## JUNTOS

**A**o saírem, Xilim e Noor, pela primeira vez em mais de uma década, estavam inteiramente felizes. O que sonharam, de um dia se reencontrarem e ficaram juntos, tinha acontecido, pelo menos parcialmente, pois o encontro havia acontecido, reaproximando-os, como ambos desejaram. Tinham de resolver a segunda parte da equação, que era ficar juntos. Inicialmente, Xilim pensou em levar Noor para sua casa, com os dois passando os próximos dias nela, mas achou mais prudente tomar outra direção. O encontro seria contado por Alma aos amigos e se espalharia pela universidade, ganhando, a cada vez que fosse contado, novos detalhes.

Nas próximas semanas seria o assunto central das fofocas entre os alunos e os próprios professores. Como Setala, escolhera uma vida discreta, recolhida e muito simples. Nela, havia espaço para encontros amorosos, mas nunca os tornara público. Sabia dos rumores de que não gostava de mulheres e que, talvez, até fosse homossexual, mas a imagem que faziam dele, não lhe interessava e não o preocupava. Como Setala, estabeleceu-se como diferente e passou a ser respeitado não pelo que aparentava mas pelo que escrevera e pelas polêmicas que suas ideias geraram. Se Noor ficasse em sua casa, as fofocas iriam continuar e continuar. Então, era preciso agir de forma diferente.

Noor finalmente tinha chegado onde queria, estar ao lado de Xilim. O resto, não lhe importava. Há muito sabia que trocaria o charme e glamour da vida de artista – que não era o caso dela – pela companhia do amado. A única dúvida, até a conversa com Semanh, era se tal como ela, Xilim também a estava esperando. Assim que soube, não teve dúvida. Largou tudo e correu para o lado do amado e iria com ele para onde desejasse.

Apesar do ardente desejo de ficar junto de Xilim, tinha de considerar a possibilidade de ser descoberta e haver um escândalo. Concordou que não era boa ideia ficarem na universidade e nem em Alta, onde o polêmico professor era bastante conhecido. Precisavam de um local discreto, onde pudessem ficar à vontade e

Xilim conhecida um deles. Há dois anos, querendo privacidade para concluir um ensaio, ficara por uma semana na estância de Darka, alugando um pequeno chalé de um dos condomínios locais, isolando-se e conseguindo concluir o trabalho. Propôs a Noor que fizessem isso, passando lá os próximos dias, ficando até o domingo, quando voltariam, já que precisava estar na universidade na segunda-feira. Ela aceitou. Ainda na universidade, Noor disparou mensagem para Karle pedindo-lhe que encontrasse o transporte de Alta para Darka e fizesse a reserva do chalé para duas pessoas. Para o auxiliar, não era um pedido comum, mas também não era inusitado. Já havia feito coisas semelhantes no passado, imaginando – mas nunca sabendo, de verdade – que Noor tinha encontros amorosos.

Poucas pessoas viram Xilim e Noor juntos na universidade. Ao deixarem seu escritório, ele a levou até o ponto de táxi e ela retornou ao hotel. De lá, foi para casa, arrumou rapidamente uma pequena valise com coisas essenciais e voltou ao ponto de táxi, tomando um que o levou até ao hotel onde Noor se hospedou. Não subiu, mas a avisou que estava à espera e a viu chegar alguns minutos depois, ainda com a mesma roupa e, como ele, com uma pequena valise na mão.

O transporte os estava esperando. Saíram do hotel abraçados, com Xilim a envolvendo pela cintura. No voo, que seria curto, ficaram a maior parte do tempo em silêncio. Tinham muito o que dizer, mas a proximidade, o contato, o olhar carinhoso, parecia lhes bastar. Sozinhos, teriam tempo para conversar, reviver os momentos antigos, criar novas intimidades e retomarem uma história com um grande hiato, mas que se os tinha afastado, não quebrara o sentimento que os ligava. Estavam muito felizes e queriam viver, por enquanto, apenas o presente. Depois, resolveriam o futuro.

\*\*\*\*\*

Noor gostou do local, que lhes oferecia conforto e privacidade. Longe dos olhos do mundo poderiam ser eles próprios, retomando suas ligações, que vinham desde a infância e a juventude. Desde que se separaram, ela tinha sempre sonhos eróticos com ele e eles se intensificaram após saber que continuava solteiro e que a queria. Assim que entraram, ela o tomou pela mão e o levou para o quarto e, sem dizer uma única palavra, começou a lhe despir, apreciando o momento e antevendo o que viria. Desabotoou a camisa e a puxou lentamente. Abriu o cinto e fez o mesmo com a calça, abaixando-a e expondo-lhe a cueca.



Gentilmente, o fez se sentar e lhe retirou os sapatos e as meias. Depois, puxou-lhe as calças, o fez deitar e terminou de o despir. Ao longo do processo, foi vendo e sentindo sua ereção e quando ele se recostou nos travesseiros, deitado de costas, o que se destacava era o seu pênis ereto, como um bastão. Sorriu e começou a tirar as roupas, fazendo isso bem devagar, permitindo que Xilim acompanhasse cada movimento. Completamente nua, deitou-se ao seu lado e o puxou para ela, beijando-o e esmagando os seios contra o seu peito, ao mesmo tempo em que sentia o pênis lhe tocando. Voltou a colocá-lo de costas e ficou beijando o seu pescoço e acariciando seu peito, deixando que os dedos escorressem pelos, sentindo-os. Beijou-lhe na boca, novamente se espremendo contra ele, que a enlaçou. Mordeu-lhe o queixo de forma carinhosa e novamente lhe beijou o pescoço, um lado e o outro do peito, descendo, ao mesmo tempo em que as mãos continuavam lhe acariciando.

Os beijos, os toques, as carícias e o contato dos corpos lhe traziam prazer e a impressão de formigamento. Sentia a pulsação do coração, o correr do sangue pelas veias e o intumescimento do pênis. Seu corpo, seus nervos, ele inteiro clamava por ação, mas forçou-se a ficar quieto, deixando que a iniciativa continuasse com Noor. Ela lhe enfiou a língua no umbigo, lambendo-o e beijando-o. Sua mão havia alcançado seu pênis, que acariciava de forma delicada, apertando e soltando, sem fazer movimentos de masturbação. Estava tão excitado que achava que, a qualquer momento, teria uma ejaculação. Mesmo não querendo estragar o instante, temia não aguentar e acabar frustrando a amada. Estava parado, mas não passivo. Enquanto Noor o beijava e acariciava, retribuía, mesmo que de modo limitado. Segurou-lhe os seios, apertando-os e segurando os bicos, massageando-os delicadamente, o que lhe arrancou um gemido. Corria os dedos pelas suas costas e pelos cabelos.

Noor, à medida que os beijos iam descendo pelo tronco, passando pelo peito e chegando ao umbigo e à barriga, colocava-se de lado, facilitando o percurso. Continuava girando quando chegou ao pênis, acrescentando a massagem aos beijos em sua cabeça, colocando-o inteiro na boca e sugando docemente, em um movimento que a levou ficar em posição invertida a dele. Xilim a puxou para cima do seu corpo, ajudando-a a colocar uma perna de cada lado. Correu os dedos pelos pubianos, fazendo carinho na vagina com o dedo indicador. Achou o clitóris e começou a massageá-lo com movimentos circulares, arrancando pequenos gemidos da amada e podendo sentir a lubrificação provocada pela

excitação. Segurou suas nádegas e fez com que as abaixasse, o que lhe deu a oportunidade de beijá-la na parte mais íntima. Aos beijos, acrescentou a língua, que passava sobre o clitóris e ia mais além, percorrendo a vagina e explorando a parte exterior do canal vaginal. Os dois estavam gemendo e experimentando prazer intenso.

Ambos estavam à beira de um orgasmo, mas foi Noor que o teve primeiro. Xilim sentiu o corpo se retesando, com a respiração ficando mais rápida e difícil. À beira do prazer, Noor parou com as carícias no pênis, embora continuasse a segurá-lo de forma firme, mais carinhosa. Xilim pensou em parar, mas não o fez.

- Não, não, não pare. Amor, está muito bom. Vou gozar.

Sentiu quando o corpo da amada começou a tremer e ela perdeu o controle, desabando sobre ele. Ficou quieto, mas sentiu que, apesar das carícias de Noor terem cessado, também teria um orgasmo e, como se visse um filme, acompanhou o corpo primeiro se retesando, viu quando expelia jatos de esperma e sentiu o relaxamento corporal. Noor continuava sobre ele, lânguida, abandonada, muito quieta. Sua própria respiração foi se afrouxando, ficando mais calma e relaxou. Não sabia quanto tempo ficaram enlaçados, mas no que parecia ser uma eternidade, sentiu que Noor escorregava do seu corpo e se estendia ao seu lado, de maneira invertida, quieta. Estava relaxado, em um estado que poucas vezes experimentara antes e que sempre ocorrera junto de Noor. Surpreso, ouviu-a chorando, mas não disse nada, esperando. O choro parou e o corpo de Noor pareceu se distender, com a respiração ficando mais pausada, mais tranquila e ela acabou adormecendo.

Xilim se levantou com cuidado. Não queria, por nada no mundo, acordar Noor. Queria que continuasse dormindo. Quando acordasse, poderiam novamente fazer amor ou simplesmente conversar. Não tinha mais pressa e até imaginou que, sim, teriam sexo, mas que antes dele iriam se falar, lembrar coisas, narrar expectativas e temores e comemorarem, aí sim, o reencontro. Tal como na chegada, ela o surpreendera na cama.

Foi para o banheiro, mas não abriu o chuveiro, temendo acordar Noor. Usando a toalha embebida em água, retirou o esperma que havia se acumulado sobre sua barriga, limpando-se. Precisava de um banho, mas iria esperar. Sentou-se na poltrona do quarto e ficou observando a amada, pensando no que fariam de agora em diante, como poderiam ficar juntos e o que lhes aconteceria.

Racionalmente, via o momento de felicidade, mas também as incertezas do futuro. Separados, haviam construído carreiras de êxito e, embora de forma diferente, ambos tinham conseguido o reconhecimento. Noor era cantora de grande sucesso. Ele, vencera as dificuldades, o exílio e tinha se feito respeitado no mundo das ideias, transformando-se em polemista não por sua escolha, mas pelas ferozes reações ao que defendia. Absorto nos pensamentos, acabou não vendo Noor acordar.

- Amor, o que está fazendo aí? Anda, vem pra cá, ficar ao meu lado.

Voltou e se deitaram lado a lado. Noor ficou brincando com os pelos do seu peito, observando-o de modo carinhoso. Aos poucos, ele se excitou novamente. Ela notou e tomou a iniciativa. Colocou-se sobre ele, revivendo um momento de muito prazer vivido há muitos anos. Juntos, aconchegados um ao outro, ficaram novamente em silêncio, mas a excitação voltou e, novamente, fizeram amor. Exaustos, dormiram.

Acordaram quase que ao mesmo tempo e, de novo, fizeram amor. Satisfeitos, Noor foi primeiro para o banho, mas logo ganhou a companhia de Xilim e deram banho um no outro, com cada coisa que faziam entremeada por beijos.

Descobriram-se famintos. Vestiram-se e foram procurar o que comer.

\*\*\*\*\*

Embora não fosse considerado um resort ou hotel, o condomínio oferecia infraestrutura completa, incluindo dois bons restaurantes. Xilim, que havia se convertido de carnívoro em vegetariano, usou sua estadia anterior na hora de escolherem onde comer, não sem antes perguntar a Noor se preferia uma refeição com carne. De mãos dadas, como dois recém casados, percorreram a alameda arborizada e florida até o pequeno, mas aconchegante restaurante. Xilim também não bebia e antes de definirem o prato, pediu um suco natural, sem açúcar, sendo acompanhado por Noor. Enquanto aguardavam, definiram o que iriam comer. Xilim pediu um prato local, que apreciava e que historiou para Noor, que o achou estranho. Sua opção foi por uma salada de entrada e, depois, uma omelete com ervas, algo mais próximo do que comia regularmente. Não dispensava carne ou proteína animal, mas procurava fazer uma alimentação balanceada, seguindo dieta saudável. Aguardaram e quando os sucos chegaram, Noor provou o seu e aprovou. Fizeram os pedidos.

- Lim, quero ter um filho. Não sei se estou no meu período fértil, mas se estiver, gostaria de ficar grávida. Seria uma felicidade imensa ter um filho seu. Sabe que sempre quis ter uma família e muitas vezes conversamos sobre isso. Havíamos prometido que tão logo casássemos, teríamos filhos, lembra? Mesmo sem casar, quero um filho seu e garanto que não vai ser o único.

Sim, haviam conversado, principalmente depois de fazerem amor, quando Noor tomava cuidados para não engravidar. Xilim achava que deveriam ter apenas dois filhos, com Noor querendo quatro, a exemplo dos seus pais. Usava sua família como exemplo de equilíbrio, que não via na dele, com apenas três irmãos. Nunca tinham chegado a um acordo, talvez por saberem que teriam de esperar para concretizar seus sonhos. No reencontro, a situação era diferente. Não mais tinham de dar satisfação à família, o que os deixava livres para fazer o que queriam, mas Noor devia respeito a seus fã, que pertenciam a uma sociedade conservadora e não aprovavam filhos fora do casamento e, mais ainda, considerava uma afronta tê-los, com as mulheres mantendo-se solteiras. Um filho mancharia a imagem de alguém que era quase idolatrada pelos fã, sua racionalização lhe dizia.

- Noor, também quero filhos, mas pense na sua situação, no meio em que vive e no que faz. Como seria a reação de Ourea se aparecesse grávida? O filho seria visto como incentivo à gravidez fora do casamento, o que é condenado pela igreja e a indisporia não só com líderes religiosos, mas acabaria criando antipatia das famílias, que são tão ou mais conservadoras que a própria Igreja.

Ele estava certo e ela sabia, mas o reencontro reacendeu o seu instinto maternal e se deixou levar pelo sentimento. Era mais impulsiva que ele e, pouco antes de se afastarem, tinha acalentado a ideia de não tomar precauções e ficando grávida, o que criaria um escândalo e a deixaria com o anátema do sexo pré-matrimônio.

- Lim, sei que está certo. Mas, amor, estou com tanto medo de que o tempo e o que somos agora nos separe. O que vamos fazer?

Xilim, a partir do segundo ano em Alta, havia mudado, deixando de pensar no futuro e se concentrando em viver o agora, o que lhe permitiu concentrar-se no que estava fazendo, aproveitando os momentos bons e não internalizando as dificuldades. Simplificou sua vida, que acabou simplificando o que fazia, suas tarefas e responsabilidades. Tinha aprendido a combinar o impulso com a razão e fora este novo comportamento que o motivara, transformando-o em ótimo aluno, em ensaísta de sucesso e levando-o ao próximo passo. Tinha adotado o que comumente

chamava, quando conversa com alunos e orientandos ansiosos, a Teoria do Passinho, que consistia em dar um pequeno passo de cada vez. Para ele, havia funcionado e era uma coisa tão natural, que fazia sem sentir.

- Por mais de dez anos sonhei em a encontrar. Era o que mais queria e, nesse tempo, a minha esperança conviveu com o ceticismo. Ao longo dos anos, tornei-me cético, deixando de acreditar que as coisas acontecem como queremos e que controlamos o que fazemos. Passei, então, a viver o momento, o presente, não buscando antever o futuro. Mesmo querendo encontrá-la, desejando-a ao meu lado, não antecipei o que aconteceria. Hoje, somos pessoas diferentes do que éramos e quem nos fez assim foi a separação. Este reencontro era o que queríamos e vamos aproveitá-lo ao máximo, tirando proveito de cada momento. Se começarmos a avançar para o futuro, vamos nos angustiar e perder o prazer de ficar um com outro. Vamos deixar que o futuro aconteça.

O professor e o polemista havia assumido o controle.

O pedido chegou, começaram a comer e Xilim ficou um tempo calado. Ao término, voltou ao que dissera, analisando o que lhes tinha acontecido, observando que se não houvessem se separado, Noor não seguiria a carreira musical e ele, provavelmente, se transformaria em um burocrata, com um bom emprego, graças a influência da sua e da família dela, mas sem nenhuma perspectiva a não se a de ter e construir nova família, vendo os filhos nascendo, crescendo e cuidando para que, como os dois, tivessem bons casamentos.

Estavam tão integrados à sociedade que isso lhes parecia a coisa mais normal do mundo. O que traçaram para o futuro, não aconteceu. Longe dela, acabou transformando-se em um acadêmico, alguém que aprendeu a pensar, questionar, olhar por trás das aparências e provocar o status quo com o que escrevia e publicava.

E ela? Tinha feito algo impensável para a filha da poderosa família de um dos principais líderes da Igreja. Confrontou o pai e conseguiu uma concessão inimaginável, a de estudar fora e se impor a ele. E fora isso que a transformara na artista de sucesso que era. Ambos fizeram suas novas trajetórias longe um do outro, sem contato, na incerteza que iriam se reencontrar e, se acontecesse, se ainda teria algum tipo de ligação. Duas coisas apenas se mantiveram. Ficaram solteiros e mantiveram a esperança. O tempo se encarregou do resto.

- Noor, não sei o que vamos fazer. Não sei como será o futuro, mas sei o que quero, agora. E todo o meu corpo e alma me dizem que quero ficar com você, aproveitando cada momento, sem pensar o que irá acontecer amanhã. O que lhe peço, com a força do meu coração, é que aproveitemos enquanto estivermos juntos. O futuro? Ele virá independentemente de nossa vontade.

Em silêncio, enquanto o acompanhava, Noor apenas balançou a cabeça, assinalando que concordava.

## VIVENDO O SONHO

Noor e Xilim viveram quatro dias de sonho. No domingo, ao final do dia, estavam de volta a Alta. Ela voltou ao hotel e, ele, para sua casa. Ainda em Darka, Noor pediu a Karle que lhe arranjasse apartamento em local discreto, alugando-o de forma permanente, mas sem a identificar. Ficaria no hotel, à espera, mas pediu-lhe que o fizesse com urgência, pois queria mudar-se e começar a cuidar do seu próximo repertório. Ao auxiliar, disse apenas que mudou o local das férias e que as passaria em Metis, pois tinha gostado muito do lugar e lhe daria privacidade, já que não era muito conhecida no planeta. Viveria como uma pessoa comum, sem ter de se refugiar dos fãs e da mídia. Conhecendo o assédio que Noor sofria, achou que a “fuga” era uma forma de ficar mais à vontade, fora do meio da família, que sempre a olhava como diferente. Nos dias seguintes ela aproveitou a liberdade, visitou museus, explorou os gêneros musicais locais, portando-se como turista interessada em conhecer as belezas e atrações da cidade.

Em três dias, Karle encontrou o apartamento, alugando-o. As chaves foram deixadas na portaria do prédio em nome de Noor Valke, e poderia pegá-las. Recebeu a notícia pouco antes da chegada de Xilim. Almoçariam e passariam a tarde juntos. Queria que ficasse com ela no hotel, só retornando no dia seguinte à universidade. A notícia de Karle a fez mudar de ideia. Quando Xilim chegou já o estava esperando e com mala pronta

- Lim, o Karle, meu administrador, alugou o apartamento que pedi e as chaves estão na portaria do prédio. Vou me mudar e quero que venha comigo conhecer o lugar. Lá, teremos privacidade e pode me encontrar todos os dias depois da universidade.

O que Noor não lhe dissera era que o aluguel seria permanente e que pretendia, após terminadas as “férias” – os três meses de recesso ao final de cada temporada – ficar indo e vindo para Alta, aproveitando-se de intervalos de concertos. Queria recuperar parte do tempo perdido ficando o maior tempo possível ao lado do amado. Xilim concordou em acompanhá-la, mas não poderia ficar o

restante da tarde devido sua participação em uma conferência na Universidade. Disse-lhe que havia gostado da ideia do apartamento, pois lhes proporcionaria mais tempo juntos.

Saíram do hotel e foram ver o apartamento em zona marcadamente residencial de Alta. Um bairro de classe média, com belas edificações e ótima infraestrutura urbana – amplas praças, shopping, restaurantes, cafés, livrarias, etc., mas tranquilo, sem o movimento intenso de áreas comerciais. O apartamento de porte médio, com uma sala grande e bem mobiliado, combinava o moderno com o antigo em padrão minimalista. Tinha dois quartos com uma suíte bem confortável, sala de almoço, cozinha e dependências. Para os padrões de Noor, talvez fosse simples. Para os de Xilim, era um luxo, pois morava em uma casa pequena, de apenas um quarto. Noor olhou tudo com olhar cuidadoso e Xilim ficou à espera do que diria

- Gostei. Parece muito com o meu apartamento em Amatea, só que um pouquinho maior. Mas é ótimo. Gostei da mobília e da decoração, simples e funcional. E você, Lim, o que achou? Vamos testar a cama!

Não fizeram o teste. Iriam almoçar, pois Xilim retornaria à Universidade. Ao descenderem, encontraram com um casal de moradores. Noor, de forma descontraída, informou que iriam morar no prédio e lhes perguntou que restaurante recomendavam nas proximidades. O casal foi simpático, dando-lhes as boas vindas e indicando um dos restaurantes de sua preferência, que ficava apenas a dois quarteirões e que era fácil de achar. Ao sair do prédio, deviam virar à direita, andar dois quarteirões e novamente virar à direita. Logo à frente encontrariam o Calama. Tinha cardápio contemporâneo com pratos excelentes e bem servidos. Almoçaram muito bem e voltaram. Noor tinha criado o hábito de dar uma descansada após o almoço e acabou arrastando Xilim com ela, que a viu aconchegar-se ao seu lado e logo dormir, um sono que não chegou aos 30 minutos.

- Amor, acho que não lhe falei, mas todos os anos, ao final da temporada, tiro três meses de folga. Em um deles, fico de férias. Os outros dois uso para definir o próximo repertório, escolhendo as músicas que apresentarei nos vários concertos. Já ouvi milhares de músicas e foi delas que escolhi as que canto. Desta vez vou fazer a seleção aqui, em Alta, com você ao meu lado. O que acha?

Xilim gostou da ideia de viverem parte do ano juntos como casal. Isso os faria suportar os meses de separação e de distância.



- Gosto da ideia, mas não de tê-la somente três meses no ano. Queria que fosse permanente, mas sei que teremos de adaptar nossas vidas nesse reencontro. Infelizmente, nem para mim, nem para você, minha volta a Ourea é uma opção. Eu não teria o que fazer e você seria muito afetada comigo ao seu lado, alguém que a cúpula da Igreja considera nocivo, capaz de abalar as estruturas religiosas, má influência para quem propaga a fé. Com um pouco de influência da Igreja a mídia me tornaria o inimigo número 1 do planeta. E para você, Noor, vir para cá também não é uma opção. Temos de encontrar um meio termo que nos atenda, embora não nos deixe totalmente satisfeitos.

Noor sabia que Xilim estava certo. Para ele, por enquanto, Ourea não era opção. Depois das conversas em Darka, chegou a pensar em abandonar a carreira, mudando-se em definitivo para Alta. A vida lhe ensinara a ser independente, tomar suas próprias decisões e arcar com as consequências dela. Faria isso de olhos fechados, mas amava a música e o que fazia. E se pudesse ter as duas coisas, estaria no melhor dos mundos. Não era possível, ainda. Então, deveria, mais uma vez, se adaptar. Tinha reencontrado o amor de sua vida e não mais iria perdê-lo. Xilim também queria ficar a seu lado, mas não podia deixar Alta e a universidade. Se dava prestígio à instituição, ela lhe devolvia com suporte, tornando-se mais atrativa para quem queria discutir ou propor novas ideias. Era um arranjo – como o dela – que deixava as partes satisfeitas. Xilim encontrara o seu meio e não podia tirá-lo dele.

- Você tem razão, amor. Nestes dias tenho pensado na nossa situação. Uma coisa é certa: Todos sabem que não faço concertos por três meses durante o ano e isso já nos dá tempo para ficarmos juntos. Ao planejar a próxima temporada vou fazer um arranjo que me permita vir aqui pelo menos uma vez a cada mês ficando dois ou três dias. É pouco. Mas esperamos quase que uma eternidade para nos reencontrar. Acho que podemos esperar mais um pouco. Eu aguento. E você, Lim?

Sensatez, análise, decisão. A vida tinha mudado a garota impulsiva que conhecera e por quem se apaixonara. É claro que não considerava a situação ideal. Ele a queria ao seu lado todos os dias. Mas era o que podiam, um arranjo que lhes permitiria continuar suas vidas profissionais. Embora tivesse boas economias, guardando a maior parte do que recebia, ir e vir não lhe seria possível devido ao custo de um salto entre Metis e Ourea. Felizmente para os dois, dinheiro não era problema para Noor, que o tinha em abundância.

- Noor este é um arranjo provisório. Ele nos atende, mas não nos satisfaz. Um dia quero voltar a Ourea, como quero ter uma família e filhos com você. Como lhe disse, aprendi a não planejar o amanhã, mas anseio que se concretize, completando os sonhos de adolescentes apaixonados que acalentamos. Por imposição, aprendi a ser paciente. Ainda somos jovens e podemos esperar.

Ao olhar para Xilim, que a encarava, Noor não viu o polêmico cientista social, mas o jovem tímido a quem surpreendera com a declaração de amor. Ela nunca tinha duvidado e agora estava mais certa ainda. Também não falaria do futuro, mas o passado lhe revelava que poderiam conquistá-lo, completando o que sonharam: juntos, criar uma família.

\*\*\*\*\*

O primeiro mês de Noor e Xilim juntos passou muito rápido, mas lhes permitiu criar uma rotina. Durante a semana ele saía cedo, indo para a universidade e, com exceção das quartas-feiras, só voltava à noite. Nos finais de semana, ficavam juntos e aproveitavam para conhecer locais da cidade e de localidades próximas a Alta, cidades pequenas e bucólicas em que Noor via muito charme. Estavam vivendo intensamente, aproveitando ao máximo, cúmplices no que faziam. E foi buscando esta cumplicidade que Noor pediu a Xilim que a ajudasse a escolher os equipamentos que precisava para selecionar o seu próximo repertório. Como um jovem casal remontaram o apartamento e escolheram os equipamentos. A estreia do novo estúdio foi em um concerto particular para Xilim, que o achou maravilhoso.

Noor queria que Xilim participasse da escolha de seu novo repertório argumentando que era especialista em música, com maior conhecimento que ela. Não aceitou. Noor tinha tomado as decisões corretas e suas escolhas transformaram suas temporadas anteriores em sucesso. Como apreciador de música, sabia que cada artista tinha um feeling, algo intangível, que acabava definindo a escolha de uma canção em oposição a outra. Já vira e ouvira Hari Setala, um músico soberbo, falar que suas escolhas não eram lógicas, já que as fazia com o uso da intuição. De princípio, Noor não gostou e, como bem se lembrava de sua juventude, fez beicinho, o que o levava muitas vezes a ceder. Dessa vez manteve-se firme, mas sempre que podia acompanhava as escolhas, sem opinar. Tinha tomada a decisão certa, pois às vezes gostava de uma música e Noor a rejeitava. Em outros, achava a melodia ou a letra estranha, e era selecionada.

Nos meses seguintes, a rotina deles se consolidou, inclusive em relação aos compromissos de Xilim, que comparecia a eles sozinho. De início, havia insistido para que Noor participasse. Acabou cedendo diante do argumento que compromissos públicos acabariam por expô-la, iniciando um processo que não teriam como controlar. Já viviam no risco de serem reconhecidos, menos por ele, que por ela, e não lhes era conveniente esse reconhecimento. Se quisessem continuar anônimos tinham de se passar por um casal comum, mas longe de seus ambientes profissionais. De um e de outro lado, seriam reconhecidos, o que desfaria de imediato seus planos. Como Noor havia aceitado a sua não interferência na escolha, também concordou com sua ausência de seus compromissos.

A vida seguir adiante e estavam muito felizes.

\*\*\*\*\*

A convivência com Noor, que o poderia distrair, fez com que Xilim ficasse ainda mais focado no que fazia. Dentre suas atividades, a cada mês o Departamento de História se reunia e os mestres atualizavam suas pesquisas, discutiam novos projetos e trocavam informações sobre o andamento do Mestrado e Doutorado. Essas informações permitiam que o Departamento tivessem uma visão do que o conjunto de mestres estava fazendo e também servia para que um ajudasse o outro. Muitas vezes, alguém tinha a informação que o outro procurava, mas não sabia que dela necessitava. Faziam, também, uma apreciação dos alunos de graduação e de pós-graduação, com maior foco nestes, destacando quem ia bem em suas respectivas áreas de interesse. Outra razão – que ninguém confessava – era saber das fofocas do campus. Embora vivessem em ambiente onde a bisbilhotice era condenada, ninguém resistia a uma boa fofoca, tendo ou não fundo de verdade. As reuniões eram sempre às primeiras segundas-feiras do mês e a sua parte séria havia acabado. Chegara a hora das fofocas.

De todos, o mais informado era Hari Setala, que conversava com muitos alunos e eles lhe “informava” as novidades. O menos, era Xilim. Na maioria das reuniões só ouvia, nada tendo para contar. Seus colegas achavam que ele vivia em um mundo à parte, em que somente as ideias existiam. Sabiam que não, mas não conseguiam evitar a provocação. Como sempre, Hari tomou a frente e contou o que ouvira sobre o acontecido no campus, sem poupar mesmo os amigos mais próximos.

- Doutor Wikse, o senhor sabe o que estão dizendo a seu respeito no campus?

Sabia, pelo menos em parte, já que Alma tivera a coragem de contar a ele o boato que ela mesmo havia espalhado. Não se importava, mas em se tratando de Setala, que fizera a pergunta, podia se preparar para uma ótima fantasia e as gozações dos colegas.

- Não, Doutor Setala. Acho que ninguém teve coragem de me contar. O que é que estão dizendo sobre mim? Fiquei curiosos.

Era sempre assim. Primeiro, vinha o tratamento formal, como se houvesse algo muito sério a comunicar e exigisse o formalismo. A própria reunião era informal, recheada de brincadeiras e de comentários que, muitas vezes, eram replicados como boatos. Olhou sorridente para o seu antigo mestre e tutor e percorreu os olhos pelos colegas, esperando.

- Doutor Wikse, a versão mais amena é que foi abduzido por um ET. Ele chegou ao seu escritório no meio do dia, causou-lhe um choque, tomou conta do seu brilhante cérebro e saiu levando-o pela mão e isso o deixou completamente lunático e nas nuvens. Outra versão também envolve um ET, mas acrescenta que além de abduzi-lo, tomou conta do seu corpo e é ele, não o verdadeiro Doutor Wikse, que anda pelo campus, fala com alunos, faz conferências, ministra aulas e participa de seminário. Tudo seria uma experiência extraterrestre para ver como é que os corpos humanos reagem à possessão. Há, ainda, professor Wikse, quem diga que isso é pura paixão e jura saber por ter experimentado os mesmos sintomas. O grande mistério, no entanto, é que, seja um ET, seja um amor avassalador, a mulher que o levou pela mão desapareceu. Ninguém mais a viu.

Xilim deu uma gargalhada ao final da explicação de Hari Setala, com os outros professores lhe fazendo eco. Ao silenciarem, ficaram aguardando para ver o que o jovem mestre diria.

- Doutor Setala, são boas teorias, com certeza. Mas tenho minhas dúvidas. Se fui abduzido por um ET, como ele chegou ao campus, se não há indícios de nenhuma nave alienígena? E se estou possuído, como posso ser eu mesmo? Será que o ET é apenas um voyeur? Bom, quanto a última versão, da paixão que me deixou lunático, pelo menos em relação a esta última parte não há novidade, não é? Sempre estão dizendo que estou fora do mundo, mas isso, como os doutores sabem, não é uma exclusividade minha. Tive um mestre que com frequência também é acusado disso. O que posso dizer é que me sinto absolutamente normal.

Divertidos, voltaram a cair na gargalhada e foi ainda rindo que deixaram a reunião. Xilim não saiu, atendendo a um aceno quase imperceptível de Setala. Com a intimidade que haviam criado, era quem mais lhe importunava com os boatos a seu respeito, mas era também o único que se preocupava com ele e com o que estava fazendo. E se o reteve é por pretender saber o que estava acontecendo, de verdade. O antigo mestre fez sinal para que fossem para o escritório, deixando a sala de reunião.

- Hari, não achei que os boatos e fofocas fossem chegar a este nível e fiquei surpreso quando minha assistente – que, com certeza, foi quem iniciou a fofoca – me contou o que tinha ouvido com ar de preocupação, que considere verdadeiro. Ela pretende fazer o mestrado e acha que posso ser seu orientador, por isso procura me agradar. Vou lhe contar a história.

Hari Setala conhecia parte da história de Xilim, um pouco por ter lhe contado e outra pelas informações trocadas com a professora Picard, de Amatea, o planeta do seu ex-aluno e agora colega. As lacunas foram preenchidas pelo resumo da história feito por Xilim, indo do dia em que conheceu Noor ao momento em que foi tirado do planeta, separando-se dela. Chegara a Alta e fora praticamente adotado por Setala.

Ele resumiu o encontro com Noor: Há pouco mais de um mês sua assistente lhe disse que uma estranha o queria ver, mesmo tendo lhe avisado que não recebia alunos no dia. Decidiu ver quem era e ao abrir a porta do escritório levou um choque. À sua frente estava a mulher com quem vinha sonhando por mais de uma década. Coincidia de ser a mesma que havia se transformado em uma das grandes estrelas da música no seu planeta e cujas gravações Setala o presenteara. Noor Iso Toma, a artista que os dois apreciavam, sempre discutindo detalhes de sua música, coincidiu de ser Noor Valke, por quem se apaixonara ainda em criança.

- Os boatos estão parcialmente certos, Hari. Sim, estou apaixonado, mas é uma paixão antiga. Agora, a tenho novamente ao meu lado, infelizmente por pouco tempo. Ela irá voltar a Ourea e assumir a persona da artista soberba que sabemos que é. Para mim, no entanto, Noor nunca será a cantora, mas a mulher que amo.

Setala vinha acompanhando Xilim há mais de uma década. Fora o conselheiro que virara tutor. Acompanhara e direcionara sua atenção para os assuntos desenvolvidos no Mestrado e Doutorado e fora ele que fizera as primeiras críticas e observações dos seus ensaios. O relacionamento aluno-professor acabou se

transformando em amizade que se estreitou com os anos. Mas Hari nunca o vira tão loquaz e com brilho no olhar ao falar da amada e do seu amor por ela. Lunático? Que nada, não conhecia ninguém mais centrado e mais na terra do que Achilles Wikse e o que ouvira apenas confirmara o que sentira em relação a ele desde o primeiro encontro.

- A propósito, Doutor Setala, o senhor está convocado para um jantar na nossa casa na sexta-feira. Queria ter feito isso há mais tempo, mas a Noor pediu que esperasse. Então, a hora chegou. E pode levar a namorada. Sim, eu sei.

Ao ver o espanto do amigo, acabou sorrindo, levantou-se e deixou o escritório.

## USO PRÁTICO

**C**allopse Greece, Einar Kristbe, Ethan Khan e Rainar Nevland tinham três coisas em comum, o que os havia aproximados. Eram filhos de conceituados líderes de Ourea no campo religioso, político, industrial e comercial, estudavam na Universidade de Amatea e eram ligados à Igreja. O que ouviam dos pais é que o planeta devia muito à religião, pois foi não só a sua fundadora, mas que, mediante a fé comum, permitiu que crescesse e se desenvolvesse. Sempre ouviram, também, que fora graça aos princípios pregados pela Igreja que tinham uma das sociedades mais justas na galáxia, sem pobreza, com justiça e bem estar. Além disso, havia um quarto ponto que os identificava: nenhum deles era o primogênito na família.

Dos quatro, apenas Callopse Greene era originariamente de Amatea. Nascera na cidade onde seu pai havia chegado como um dos representantes no Parlamento e galgara, aos poucos, postos importantes, até chegar, no momento em que ia para a Universidade, ao comando da economia planetária.

Einar Kristbe vinha de família de navegadores, os primeiros a estabelecer rotas marítimas no planeta, e o principal negócio da família ainda era a navegação, comandando a maior empresa do setor em Ourea. A sede da empresa ficava na cidade portuária de Malabo.

Ethan Khan era o filho mais novo de Anton Khan, que comandava o grupo que levava seu nome e possuía um portfólio diversificado de indústrias, cuja sede central era a cidade de Adana.

Rainar Nevland viera de Enaima para estudar, mas sua origem estava distante da capital religiosa do planeta. Seu pai, que ocupava importante posto na Secretaria Geral, respondendo pela parte de engenharia da instituição, viera de uma cidade menor, menos importante, Pecis. Capital de uma das menores regiões administrativas de Ourea, a cidade era conhecida por possuir a mais avançada indústria de pesca do planeta, comandada por sua família, sob a liderança de um tio.

O encontro dos quatro foi fortuito e levou tempo até que se aproximassem. O primeiro contato entre eles foi de Rainar com Callopse. Os dois estavam em uma festa na casa de outro estudante e a loura alta, de longos cabelos e olhos muitos azuis chamou a atenção do rapaz, que cuidou dela se aproximar e ser apresentado. Aparentemente, ela também havia gostado do ruivo alto e bonito que a acompanhava com os olhos pelos cantos do salão, mas fingiu ignorá-lo, o que chamou ainda mais a atenção dele. Rainar não podia ser colocado na categoria dos tímidos e como não encontrou ninguém que o apresentasse, tomou ele próprio a iniciativa, fazendo uma aproximação que parecia casual, mas foi direto.

- Oi, sou o Rainar. Desde que a vi fiquei com vontade de a conhecer. Fiquei impressionado com a sua beleza. E não estou fazendo um galanteio, não, mas dizendo a verdade.

Os dois acabaram ficando juntos enquanto a festa durou. Callopse estudava Filosofia e Rainar, como o próprio pai, Engenharia. Após o primeiro encontro houve o segundo, um terceiro, saíram para jantar e começaram a namorar. O encontro dos outros, tal como o primeiro, foi também fortuito e se deu em festas. No caso de Rainar e Einar, riram da coincidência da terminação de seus nomes no momento em que foram apresentados, o que abriu a curiosidade de saber de onde vinham, descobrindo que suas famílias tinham ligações comerciais, embora não soubessem de afinidade entre seus integrantes. Coincidiu, ainda, de Einar também estudar Engenharia, mas estava um ano à frente do futuro amigo, o que os fazia se encontrarem com frequência na faculdade.

A circunstâncias da chegada de Ethan ao grupo foi a mais estranha, acontecendo devido a um acidente. Em nova festa, Callopse ia passando e acabou, distraída, dando uma trombada em alguém, virando-se e provocando a sua queda de forma espalhafatosa. Ficou paralisada, sem saber o que fazer e foi Rainar que correu em seu auxílio, vendo se o jovem havia se machucado e se precisava de ajuda. Ainda no chão, Ethan olhou em volta, vendo as caras que, ao mesmo tempo, demonstravam espanto e divertimento. Abriu um sorriso e começou a se erguer.

- Caramba, da próxima vez que estiver por perto vou tomar muito cuidado. Assim, vou evitar um quase nocaute.

Embaraçada, Callopse se desculpou, garantindo que não o tinha visto e Ethan reconheceu que também não a vira, entendendo que houvera um acidente, que em nada o afetava. E como prova convidou-a para a próxima dança, que declinou. No fim, apresentaram-se. Agora, havia uma conexão entre os quatro. Mas o



que os uniu foi o interesse comum pelo último livro de Achilles Wikse, “A construção do povo de Ourea”.

Como as obras anteriores, havia gerado polêmica e, no caso do planeta, a Igreja Cristã Católica Renovada havia emitido nota recomendando aos fieis que não o lessem, pois contestava sua essência e desfazia, de modo grosseiro, ações desenvolvidas durante séculos para trazer justiça e bem estar social à população local.

Quem primeiro o leu foi Callopse, despertada por comentários de um dos seus professores, que o considerou fundamental para entender a sociedade de Ourea e a sua visão de vida. Curiosa, comprou-o. À medida que lia, ia identificando os pontos que o autor apontava e, mais e mais, concordava com ele. Ao concluí-lo, não só passou a defender a visão apresentada, mas a divulgar as ideias entre colegas e amigos e a incentivá-los a lê-lo. Alguns o leram e também gostaram e ajudaram a espalhar o interesse pela obra, de nada adiantando a posição da Igreja.

Rainar, Ethan e Einar não tinham interesse nas teses levantadas no livro, mas como se tornara assunto constante nas rodas que frequentavam, para não ficarem de fora das conversas também o leram e a leitura mudou suas visões da sociedade local. Como Callopse, passaram a defender mudanças na estrutura social, mas não pretendiam contestar a fé que envolvia os fieis da Igreja Cristã.

Com a viralidade da leitura, na Universidade estabeleceram-se círculos de discussão das teses da obra de Xilim e Callopse entrou para um deles, chamado de Fé e Mudança. Rainar acompanhou a namorada e acabou se envolvendo nas discussões. Ethan foi o terceiro a chegar, alegando que queria conhecer melhor as ideias pregadas no livro, já que a simples leitura o deixara confuso. O último a aderir ao grupo foi Einar. E foi nele que os quatro, efetivamente, se aproximaram. O que depois ficou conhecido como Ciclo de Estudos Fé e Mudança, era meio caótico, sem foco específico e, na sua organização, os quatro foram essenciais.

Callopse, que chamavam de Cal, era agregadora e negociadora. Rainar e Einar, com mentes lógicas, eram bons em organização e Ethan, por vocação e pelo que estudava, acabou cuidando da administração do grupo. Cal, em escolha democrática, foi eleita o seu líder. O grupo criou uma rotina, estabelecendo datas para o encontro, temas a serem tratados e ações de proselitismo para espalharem suas ideias. Em dois meses, tinham mais de 100 integrantes, o que os levou a organizarem subgrupos.

Estabeleceram que cada subgrupo, quando atingisse um limite, se transformaria em grupo e seguiria se expandindo e se partindo.

No final do semestre, apenas na Universidade de Amatea existiam cerca de 100 grupos, cada um deles com número variável entre 10 e 20 estudantes. Neles, o que discutiam de forma apaixonada era como mudar a sociedade sem afetar sua crença e desestruturar o que, até então, vinha funcionando. Como todo jovem – mesmo que não o soubessem – eram revolucionários e queriam mudar para melhor a sociedade em Ourea.

As discussões dos grupos acabaram ganhando outros campos na sociedade. Os participantes levaram e discutiram as ideias com amigos, familiares e colegas, dentro e fora da universidade. As ideias de Xilim estavam se espalhando, principalmente nos centros de ensino superior, tendo saído de Amatea e ganhado outras importantes cidades e instituições. O Ciclo de Estudos Fé e Mudança foi replicado, com os grupos mais distantes tomando-o como base e referência, usando-o em suas próprias discussões e estudos.

Os quatro amigos, cada qual responsável por um dos pontos que permitia o bom funcionamento do grupo, se tornaram referência. Cal ganhou proeminência e acabou visitando outras universidades para discutir o funcionamento do grupo e as ideias do professor estrangeiro. O crescimento dos grupos gerou o primeiro problema: como estudantes não podiam se dedicar inteiramente a eles. Foi então que surgiu a ideia de criar um centro virtual, repositório das ideias de Wikse e das discussões do grupo, aberto para o público. O espaço mais movimentado era um fórum onde eram debatidas as várias ideias de Xilim.

Apesar do envolvimento crescente dos jovens nas discussões das mudanças necessárias à sociedade de Ourea suas aplicações práticas eram nenhuma. Críticos já haviam apontado que o livro de Xilim ficava na teoria, citava exemplos, mas não apontava caminhos. O que ele fizera foi mostrar o processo de formação da sociedade e os entraves para sua mobilidade. Se quisessem avançar, teria de encontrar caminhos para a mudança. Quem forneceu o primeiro foi a professora Creissant Picard em uma palestra para integrantes dos grupos da universidade de Amatea.

O lado prático do que faziam era muito pouco. Concordavam com a análise de “Construção”, mas como já apontara críticos – dentre eles, alguns agentes da própria igreja – o livro cuidava de mapear o que chamava de “exemplos”, mas não apontava caminhos para a mudança. Os participantes do Ciclo que discutiam o livro e

suas ideias haviam ficado presos nos exemplos, mas sem nenhum caminho para provocar a mudança social. Muito foi discutido, mas nenhum caminho encontrado.

Em busca de opiniões de fora, os grupos da universidade convidaram a professora Picard para uma palestra. Nela, acabou oferecendo as primeiras ferramentas para transformar a teoria em prática. Dela, ouviram pela primeira vez referências às outras obras do autor de “Construção”, sobretudo um dos seus menores – e na sua opinião, um dos melhores – ensaios chamado “Religiões e imobilismo social”. Picard acreditava estar nele os caminhos para a promoção da mudança, desenraizando a atual noção de justiça social e criando uma nova, com maior democracia, transparência e mobilidade. Assim que a recomendação de “Religiões e imobilismo social” foi colocada no espaço virtual do Ciclo, a editora foi inundada por pedidos. Em duas semanas, foram vendidas 200 mil cópias do livro.

As discussões sobre a estrutura social e mudanças em Ourea tinham ganhado dimensão política, questão destacada por Picard em artigo especialmente escrito para a recém criada revista do Ciclo, chamada Metanoia. A professora afirmou, de maneira enfática, que os desejosos de mudança deviam entrar na política, fosse através da filiação a partidos existentes ou criação de um novo, com plataforma que encampasse as ideias de Xilim e mostrasse os benefícios de dar maior permeabilidade à estrutura social de Ourea. Para chegar à população, a discussão deveria sair do meio intelectual e atingir o maior número possível de pessoas, o que só seria feito com proselitismo e através da política.

A ideia de um novo partido foi colocado no fórum do Ciclo. De início, vieram muitas manifestações contrárias, mas aos poucos a onda foi mudando e mais de 70 por cento dos participantes concordavam com a ideia, achando que o caminho era, mesmo, criar o partido e usá-lo para espalhar as ideias que defendiam.

Vendo o apoio, os integrantes do Ciclo começaram a levar a ideia a sério. Foi uma nova integrante do grupo, Thi Lieu, estudante de Direito, que acabou viabilizando a criação da nova agremiação política. Aos interessados e no fórum do Ciclo explicou que o partido poderia existir em dois níveis, regional e nacional. Nos dois casos, existiam exigências legais, começando por determinado número de filiados e a instalação de um mínimo de comitês em cidades de cada região administrativa de Ourea. Com os números mínimos preenchidos o partido seria registrado e poderia concorrer às eleições regionais.

A decisão de criar o partido levou mais tempo que conseguir números mínimos, atendendo a legislação. Chamado de Partido Fé e Mudança, seus criadores saíram em busca de adesões. Usaram a imensa base que discutia as ideias de Xilim e os núcleos universitários do Ciclo. Em dois meses, tinham o número exigido de filiados. Em mais dois, comitês em todas as áreas, o que lhe permitia ser registrado não apenas em nível local, mas também nacional. Ourea tinha ganhado o seu quarto partido. Ele entraria em uma arena dominada por dois grandes partidos e que tinha participação de um terceiro, bem menor, que se aliava a um ou outro dos grandes em cada eleição.

A plataforma adotada pelo novo partido era simples, marcada por pontos que Achilles Wikse havia considerado no seu ensaio chaves para uma nova sociologia e que Picard apontara como os meios de promover a mudança: maior participação das mulheres, eleição para pelo menos um terço de todos os conselhos – públicos, privados e religiosos -, tornar ilegal qualquer restrição de acesso a cargos e funções decorrentes de posição social, adoção de critérios de meritocracia para contratação de empregados, servidores do poder público e de instituições religiosas e abolição da Lei de Herança.

Com o partido legalmente constituído, Callopse Green foi indicada para o Comitê Nacional e cogitada para presidir a nova agremiação. Recusou e articulou a eleição de Creissant Picard, muito mais madura e professora universitária conhecida e respeitada. Rapidamente estruturado, mas sob o descrédito dos partidos tradicionais e de parte da própria sociedade, o Partido Fé e Mudança começou a se preparar para a primeira eleição.

\*\*\*\*\*

- Senhores, tenho uma proposição para a consideração do Conselho. Nos últimos anos as várias obras de Achilles Wikse, um professor de Metis, tem provocado a mobilização de jovens, muito deles próximos de nós, que pedem mudanças nas instituições do planeta, incluindo a Igreja. Em maior ou menor volume, todos tomamos conhecimento deste movimento. Na história da Igreja sempre nos antecipamos aos problemas e, na minha e na análise da maioria dos teólogos que nos aconselham, devemos atender o apelo de uma vasta população jovem, fazendo pequenas mudanças.

Caleb Valk, que tinha se tornado o presidente do Presbitério da Igreja, lembrou aos seus pares que o imobilismo poderia leva-los à divisão e que havia inúmeros exemplos de outras instituições que, por ignorarem o desejo de mudança, haviam rachado, gerando

cismas. Sua proposta era que convocassem um Colóquio Nacional, reunindo as lideranças da Igreja, para discutir mudanças. Defendeu que o Presbitério deveria levar ao Colóquio uma proposta, facilitando sua aprovação. Nela, haveria maior espaço para as mulheres na hierarquia religiosa e participação dos fieis na condução da igreja, com a eleição de seus representantes pelo conjunto local de cada paróquia, que ganhariam assentos nos conselhos da Igreja.

Caleb distribuiu aos integrantes do Presbitério, também chamado de Conselho, estudos que mostravam a necessidade de mudança, apontando para a politização das ideias de Xilim com a criação de novo partido. Os estudiosos da própria Igreja consideravam mudanças inevitáveis, pois fazem partes da própria dinâmica social. O grande engajamento dos jovens, maioria entre os fieis, mostrava o desejo de mudar e se a Igreja não conduzisse o processo poderia ser atropelada pelas mudanças no futuro. Se fizesse pequenas concessões, como apontado pelos estudiosos, estancariam a mobilização dos jovens e tornariam a Igreja mais participativa, com o que instituição e seus fieis iriam ganhar.

Antes de levar a proposta ao Conselho, junto com seus auxiliares Caleb conduziu uma avaliação de um possível resultado. Nela, havia reais chances de pequenas mudanças serem aprovadas, o que lhe daria margem de manobra. A maior parte do Conselho era conservadora, formada por dirigentes já idosos que viam a fé consolidada e não julgaram necessárias mudanças. Mas Caleb achou que poderiam ser sensibilizados, não só pelas explicações dadas, mas pelos estudos que lhes foram entregues. A democracia prevaleceria na decisão do Presbitério, com a maioria determinando que rumo a Igreja iria tomar. Caleb era realista, mas achava que sua proposta seria aprovada por pequena maioria, um ou dois votos a mais.

Na incerteza, pensou que se o resultado fosse contrário teria uma decisão a tomar. Iria renunciar à Presidência do Presbitério e se aposentar.

Veria o fogo no circo de fora, não sendo o responsável por ele.

## AMOR E SUCESSO

**A**o chegar a Universidade, Xilim recebeu de Alma a agenda do dia com as suas demandas e compromissos. Tinha encontro com dois orientando, precisava terminar a crítica de um artigo, liberando-a para publicação, pedido de entrevista da revista Metanoia, de que nunca ouvira falar, e um convite para um ciclo de debate na Escola de Filosofia Não Linear, em Ethara, no planeta Tetama, que lhe havia sido passado por Hari Setala. Eram coisas que podia colocar de lado e foi o que fez, buscando o texto da crítica que fizera, já revisada por Setala, e a voltou a reler, fazendo pequenos ajustes e acertos. Considerando-a pronta, liberou-a. As horas seguintes foram tomadas pelas orientações do Mestrado, recebendo alunos, vendo o que faziam, aconselhando-os e direcionando o seu foco. Já no final do dia, quando pensava em dar uma passada na sala de Hari Setala, o seu computador deu um pequeno aviso e na tela apareceu apenas uma frase: “Chego na quarta, me espere!”. Abriu um largo sorriso e começou a pensar em como a vida lhe privilegiara.

Nos dois primeiros anos após a saída de casa fora profundamente infeliz e se não fosse o suporte de Hari Setala e de ter descoberto o fascínio do conhecimento, talvez não conseguisse superar a solidão e a mágoa com o pai e a família, que nada fizeram para defendê-lo do exílio e da perda da mulher amada. Concentrando-se nos estudos e ampliando seus horizontes, acabou achando um caminho, conquistando reconhecimento e sucesso. Era respeitado pelas ideias e conceitos, transformados em ferramentas para cientistas e pesquisadores na galáxia.

Surpreendentemente, também havia conseguido popularidade, com mais e mais pessoas o lendo, fazendo com que suas publicações - ideias, pequenos artigos e livros - fossem sucesso de vendas, o que lhe deixara em posição privilegiada, capaz de viver – e muito melhor – apenas do que produzia, sem necessidade de um emprego, como o da Universidade de Alta. Gostava do que fazia e, para ele, ensinar era uma parte da nova persona em que se

transformara. Apesar do sucesso intelectual e material, consubstanciado, este último, por uma recheada conta bancária, vivia da maneira mais simples e nisso fora influenciado pelo tutor, que considerava ser mais importante que ter. Há muito tinha deixado de ser o adolescente sonhador. Mas o antigo sonho acabou se concretizando com a vinda de Noor. Sorriu feliz e saiu para encontrar Setala.

- Ei, Hari, já com fome? Que história é essa de filosofia não linear que me passou? Me fez lembrar de quando lhe disse, no primeiro encontro, que pensava em estudar Filosofia Quântica, sem fazer a mínima ideia do que era. Então, se você sabe o que é filosofia não linear, me fale.

Não sabia muito, mas havia, há algum tempo, lido um artigo que discutia pontos da crença básica do grupo que praticava este tipo de filosofia. Acreditavam na não ação, o que não significava inação. Afirmavam que a natureza não era previsível e, por isso, não se pode tomar uma iniciativa esperando que desse um resultado específico. Acreditavam e praticavam a predição e cobravam de quem buscava resposta para questões definidas. Feita a pergunta, seria avaliada vendo se era possível respondê-la. Se fosse, definiam valores e com eles pagos, a questão era respondida, mas poderia resultar em nada para quem perguntava, devido a imprevisibilidade.

Para a resposta havia a reunião de um grupo com seus integrantes combinando meditação, ascetismo e estímulo sexual, com um condutor servindo de polo para a catarse grupal que levaria à resposta da pergunta feita. Seus praticantes viviam de forma simples, quase sempre cultivando a terra e partilhando o trabalho. Pelo que tinha lido, em Tetama a maioria praticava essa filosofia. A Escola reunia o conhecimento dessa filosofia e era transmitida aos estudantes do planeta e uns poucos de fora. Pelo que sabia, não havia livros ou publicações sobre ela, já que seus praticantes afirmavam que tinha de ser vivida.

- Embora o convite lhe fosse endereçado, chegou endereçado ao chefe do Departamento e o passei a você. Se aceitar, arcarão com os custos da viagem, sua estadia e ainda lhe garantem boa remuneração pela participação. Não lhe disse, mas dinheiro não é problema para eles, pois sua vidência rende fortunas.

Xilim ficou interessado e, ao mesmo tempo, curioso devido a explicação de Hari Setala. Tinha tempo, não precisava correr e antes de tomar a decisão iria buscar mais informações sobre o que era a Filosofia Não Linear. Anotou mentalmente para ver se na Universidade havia publicações sobre o assunto. Ele se divertia nos

encontros com Hari e riu das últimas fofocas do campus, inclusive das sobre ele próprio. Havia nova versão para sua “abdução” por um ET. Não mais era possessão, como de início. Mas o alienígena voltava a Alta a intervalos regulares submetendo-o a escravidão sexual. A nova versão guardava algum nexos com a realidade. Afinal, periodicamente Noor voltava a Alta e ele ficava mais ausente da universidade. Nesse período, Xilim dedicava-se apenas às atividades docentes essenciais. O restante do tempo era dedicado a Noor.

\*\*\*\*\*

Nos meses em que passava junto de Xilim, Noor recuperou parte do tempo perdido, sobretudo em relação ao sexo. Com as visitas corriqueiras, programadas para os intervalos em que não tinha concertos, o sexo ainda era importante, mas não tão vital quanto antes. O que queria era ficar ao lado do amado, sentir sua presença, o cheiro que quase perdera pela separação e ter a liberdade de conversar o que bem quisesse, sem se preocupar. Como bônus, tinha o fato de se transformar em anônima, estado que tinha perdido há muito em Ourea e que lhe tirava a liberdade. Em Alta os dois podiam se portar como namorados, casal ou amantes quem ninguém se importava. iam a restaurantes, passeavam e levavam vida de uma família comum. Era o que mais lhe agradava. Se Xilim pedisse, largaria a carreira e se tornaria a sra. Wikse, vivendo feliz. Ela queria filhos, ter uma família e portar-se como pessoa comum. A hora dos filhos viria. Até que chegasse iria contentar-se com o amor de Xilim.

Ao sair de casa, Noor passou a tomar conta de sua vida. Era o que fazia em relação às idas e vindas a Alta, concentrando-as nos meses de férias e na preparação de novo repertório. Para a nova temporada, havia mudado o planejamento. Trabalharia um mês e tirava uma semana de folga, que passaria ao lado de Xilim. Teria mais tempo para os dois e a mudança em nada afetaria o número de concertos, mantidos no mesmo número. A única alteração é que seriam gravados e editados para cinco programas. Ela seria também sua apresentadora.

O acordo com a Rede Um iria aumentar seus ganhos e dos músicos que a acompanhavam. Mas não só deles. Seu agente ganharia mais, assim como o staff que a acompanhava de modo permanente. Ao transformar-se em uma máquina de fazer dinheiro, beneficiava muitas pessoas, criando uma cadeia que começava com o fã, feliz por vê-la e ouvi-la, e passava por empresas as mais



diversas direta e indiretamente ligadas a seus espetáculos e terminava no seu staff e nos músicos que a acompanhavam.

Ela estava chegando ao final da temporada, o que a deixava ansiosa. Assim que o último concerto terminasse, iria para Alta. Os três meses contínuos que lá ficaria não seriam ocupados pela escolha de novo repertório. Já havia decidido que mesclaria as músicas do próximo ano, usando as que já tinha apresentado. Seu desejo – e sua maior expectativa – era convencer Xilim que tinha chegado a hora de terem o primeiro filho. Tinha consciência que um filho – aparentemente sem pai – iria causar escândalo, mas estava disposta a correr o risco. Podia perder fãs, mas sua carreira estava consolidada e a maioria iria achar que “era coisa de artista” ter um filho fora do casamento.

Outro sonho de Noor era o casamento formal com Xilim. Talvez o casamento fosse completar o seu sonho. Não se importava se ninguém soubesse. Queria sentir-se formalmente presa a quem amava. Imaginou que poderia reunir apenas as famílias, fazendo uma cerimônia simples. Ela como Xilim presavam a família, mesmo que ele estivesse longe da sua há vários anos. No caso de Noor era também uma concessão à sua própria família. Seus pais sabiam que tinha reencontrado Xilim e conheciam sua ligação com ele. Faziam vistas grossas, mas não aprovavam o relacionamento fora do casamento.

Pensando na viagem, anotou para contar a Xilim a ebulição política de Ourea a partir da formação do Ciclo e da criação do partido, formado em tempo recorde e que iria participar de sua primeira eleição, disputando cargos regionais e locais. Noor partilhava de parte das ideias pregadas pelo Ciclo e chegou a ser abordada para apoiar o movimento. Por respeito ao pai e à família, acabou recusando o pedido. Ela estava curiosa para ver a reação de Xilim quando lhe contasse que suas ideias tinham sido colocadas em prática e capazes de mobilizar milhões de pessoas no seu planeta natal. O curioso é que, dos que aderiam às ideias por ele pregadas, praticamente ninguém sabia que era da família Rsend, uma das mais tradicionais e importantes da Igreja.

Pronta para entrar no palco, Noor colocou de lado esses pensamentos. Daria o melhor dela no concerto. Depois, iria para os braços de Xilim, que a esperava.

\*\*\*\*\*

Mesmo com a rotina de idas e vindas de Noor, Xilim não saiu da casa que a universidade lhe reservara. Passou a usar o apartamento

na cidade como refúgio, local para se isolar, pensar e escrever com tranquilidade, sem que ninguém o importunasse. Às vezes, ia para lá apenas para ter a sensação de estar no mesmo espaço de Noor, sentindo seu cheiro e o gosto. Sentava-se na sala, colocava a música que mais apreciava e ficava imaginando o amor de sua vida sorridente, taciturna, zangada, fazendo biquinho ou exangue depois de longa sessão de sexo. O que via ou antevia, lhe agradava. Ao chegar ao apartamento na quarta-feira em que Noor chegaria, um pensamento lhe passou pela mente: Se ela lhe pedisse, aceitaria deixar a Universidade e ir para Ourea, viver abertamente com ela.

E se lhe pedisse que viesse viver com ele? Estava certo que o faria, mas julgava não ter esse direito. Como professor, o único público que precisava era de alunos, que o ouviam de forma compulsória. Os leitores de seus livros eram um bônus. No caso de Noor, era diferente. Dependia dos fãs para fazer sucesso. Não tinha o direito de lhe pedir que largasse sua vida e carreira apenas para satisfazê-lo.

Confortavelmente sentado e com a música de fundo, voltou sua atenção para a leitura. Tinha encontrado vários textos sobre a filosofia não linear e já lido alguns, achando-os, em muitos casos, contraditórios. A base do pensamento da Escola era o que Hari Setala lhe disse, mas ia além, incluindo um misticismo leigo, considerado uma forma de elevação, de integração com o divino, que viam em todas as partes, do mais pequeno inseto à mais grandiosa montanha. O divino era a vida e tinha de ser respeitada em todos seus níveis, daí adotarem a simplicidade, o consumo mínimo e viverem da forma mais simples possível, embora fossem milionários. A cada novo passo na leitura, ficava mais intrigado e curioso. Os filósofos não lineares, a se crer no que os artigos e notícias diziam, viviam o que acreditavam. O que seria lenda? O que seria realidade? Sua sensação era que só descobriria se aceitasse o convite e fosse até Tetama. Quando pensava no que podia encontrar, a porta do apartamento se abriu.

- Amor, cheguei. Onde é que você está?

Não respondeu, mas levantou-se e a esperou, sabendo o que aconteceria. Noor correria em direção a ele, o abraçaria e beijaria. E muito provavelmente, acabaria levando-o para a cama. Sentiu-se excitado. A presença dela se sobrepunha ao que fazia. Nos próximos dias, se acreditassem nos boatos que circulava na universidade, estaria dominado, não por escravidão ou por submissão, mas pela própria vontade. Juntos, eram diferentes de sozinhos. Deixavam de lado suas personas públicas e se

transformavam em quem eram, eles mesmos, pessoas comuns que, como tantas outras, haviam se apaixonado e gostavam de viver juntos.

Perdiam-se um no outro.

\*\*\*\*\*

Ninguém sabia quem tinha surgido com a ideia, mas os períodos em que ficavam juntos acabaram sendo chamado de “sonho”. Era quando se desvestiam de tudo, tornando-se eles mesmos, vivendo apenas um para o outro, sem questões, sem exigência e sem consequências. Ao término, voltavam ao mundo e a vida continuaria. Juntos, vinha o sonho e a vida parava ou pelo menos era vivida de forma diferente. Sentados na sala, vendo os primeiros pilotos dos shows que a Rede Um iria apresentar, Noor fazia anotações de mudanças e detalhes que precisavam ser cuidados. Xilim, quieto, apenas observava, ainda admirado com a presença de palco da amada, seu senso de colocação e o magnetismo que desprendia, parecendo hipnotizar a plateia. No final de cada número, vinha a recompensa nos aplausos. Quando a câmera mostrava o rosto de Noor nestas ovações dava para ver o brilho e a felicidade nos seus olhos.

- Lim, desde minha última vinda, venho pensando em algo que quero lhe pedir. São duas coisas. A primeira é mais simples. A segunda, não. Mas quero ambas e, por favor, não vou pedir isso como retribuição do amor e nem como prova dele, pois tenho absoluta certeza de que me ama, e não quero um não como resposta. Primeiro, quero me casar com você, mesmo que só nos dois fiquemos sabendo. Dois, quero tem um filho no próximo ano.

Xilim ficou surpreso, mas ao olhar Noor nos olhos viu-lhe a súplica e seu impulso foi concordar com os dois pedidos. Emocionalmente, não tinha dúvida que queria atendê-los, mas racionalmente havia o que considerar, não em relação a ele, mas a ela, sua carreira e imagem pública.

- Noor, estas são também coisas que quero. Caso-me com você amanhã, se legalmente for possível. Mas se queremos filhos, temos de considerar as consequências de tê-los. No meu caso, nada acontecerá. Mas e no seu? Você tem a imagem idealizada da mulher em Ourea: é independente, fez sucesso se contrapondo às crenças arraigadas que mulheres devem seguir seus homens, e além do mais é bonita, muito bonita. Tem tudo o que as outras mulheres queriam ter. Se aparecer com um filho, como o irá explicar? Onde está o pai dele? Sabe a importância que a família tem para o

planeta. Iria causar sério arranhão à sua imagem, talvez de forma irremediável. Se disser sim posso estar contribuindo para o fim da carreira de sucesso de quem tanto amo, gesto de puro egoísmo. Estaria pensando em mim, no que quero, sem levar em consequência sua posição. Veja bem, não estou dizendo não. Mas que tal pensar melhor e, na próxima vez que estiver aqui voltamos a falar nisso?

A reação de Noor mostrou sua contrariedade. Seus olhos fuzilavam Xilim por racionalizar o que via como puramente sentimental. O que mais a enraiveceu foi reconhecer que ele tinha razão. Seu sucesso era fruto de colocar o racional à frente do emocional, embora o explorasse em seu favor. Desde o início era vista como exemplo por outras mulheres. Ela mostrava que não precisavam ser submissas, que poderiam ter vida e brilho próprios. Não tinham de ficar em casa cuidando dos filhos. Ela acompanhava o noticiário e no clipping que recebia a independência das mulheres era um dos assuntos mais tratados, tendo se transformado em ponto focal da campanha do Ciclo e do Partido Fé e Mudança.

Noor odiara o momento, mas disse a Xilim que iria pensar no que lhe disse.

Talvez não tivesse o filho, ainda. Mas iria se casar. Disso tinha certeza.

## NOVA FILOSOFIA

**A**s pequenas férias, como era chamado o período de duas semanas no inverno, estavam chegando e Xilim ia aproveitá-las para ir a Tetama participar do Ciclo de Palestras sobre Filosofia Não Linear, já que Noor não viria para Alta. Estava curioso e perguntou a seus anfitriões se seria possível, antes ou depois do seminário, visitar uma ou mais comunidades. A resposta foi não só que podia, mas que teriam prazer em leva-lo a uma ou mais delas e mostrar-lhes como é que funcionavam. Disseram-lhe, ainda, que o Mesem da Escola – que não sabia quem nem o que era – o acompanharia, servindo como facilitador nos seus contatos com os locais. Xilim tinha a expectativa de ver coisas diferentes, mas queria, mais, vivenciá-las ou observá-las de perto, tentando ver como funcionava a tal de filosofia não linear. Um de suas maiores curiosidades era como tinham conseguido abolir a religião formal e como ela se incorporara ao modo de vida local.

No último contato antes da viagem, recebeu a informação que seria esperado no espaçoporto de Ethara e que, de lá iriam para uma das comunidades. Após o desembarque procurou com uma placa com seu nome, mas não encontrou nenhuma. Viu que alguém se aproximava e esperou.

- Doutor Wikse, bem vindo a Tetama e a Ethara, sua capital. Sou Kareen, o Mesem da Escola. Será um prazer acompanhá-lo à Teato, comunidade de onde venho, e ajuda-lo a entender como é nossa realidade e a filosofia que desenvolvemos e adotamos como modo de vida.

Kareen Aziz Ba, como Xilim sabia pela correspondência confirmatória de sua ida, tinha, dentro da Escola, um nível maior que o dele, podendo ser comparado ao reitor de uma escola de altos estudos. Era quem dirigia a Escola. Como Mesem era um concentrador que recebia a energia do grupo e a usava para obter resposta a uma determinada pergunta. Fisicamente, não era muito diferente do próprio Xilim, apesar de ter a pele mais escura. Tinham praticamente a mesma altura e, avaliando-o, considerou

que deviam ter peso muito aproximado. Vestia-se com maior simplicidade que Xilim, usando bata e calças largas, até os tornozelos. Uma sandália trançada lhe protegia os pés. Os cabelos eram curtos, bem aparados e tinha pouca barba, mas cultivava um bem cuidado cavanhaque. Ao cumprimentá-lo, pelo tato sentiu mãos grossas, de quem estava acostumado a trabalhos mais pesados, ao contrário dele que tinha mãos de intelectuais, apesar de uma horta que era admirada pelos amigos e colegas.

Ao deixarem o espaçoporto, Xilim observou que, aparentemente, não havia um sistema público de transportes. Usavam um veículo particular, identificado como de aluguel. Parecendo perceber a dúvida, Kareen lhe disse que não costumavam receber muitas visitas, com os voos que ligavam o planeta ao setor sendo destinados quase que totalmente ao comércio. Importavam o que não produziam e exportavam seus excedentes de produção. O seu modo simples de vida exigia pouco e a produção local era mais que suficiente, quanto se tratava de alimentos básicos. Confessou que a maior parte de seus recursos vinham de quem buscava resposta para uma questão, tentando antever o que lhe aconteceria. Era, como Xilim sabia, a busca pelo oráculo.

- Devo lhe dizer, Doutor Wikse, que vivemos de forma muito simples e, de antemão, peço-lhe desculpas se tudo não estiver do seu agrado. De qualquer forma, gostaria que se lembrasse de nós pelas ideias, não pelo conforto, mas garanto que suas necessidades serão supridas, talvez não no nível em que está acostumado, mas nada irá lhe faltar.

Xilim pediu a Kareen que abolisse o doutor e o chamasse pelo nome. Não fazia questão do título e gostava de tratar as pessoas como iguais, independente de títulos ou posições. Ele próprio havia adotado vida simples, mas reconhecia que era confortável, comparada com outros integrantes da população. Iria se sentir satisfeito com o que recebesse.

O percurso foi feito mais de silêncios que de conversas, com Xilim observando a paisagem, que parecia intocada. Ethara, se comparada com Alta ou Enaima, era uma cidade bem pequena, calculando que teria, no máximo, 50 mil habitantes. Pelo que havia lido a população do planeta era pequena e além de não apresentar atrativos para a imigração, a direção planetária a desestimulava. Mesmo assim, haviam imigrantes em busca da “iluminação” da filosofia não linear. A maioria não resistia ao modo de vida e voltava às suas origens. Alguns, se integravam e acabavam se

estabelecendo, exercendo atividades que os locais precisavam, mas nas quais não tinham interesse.

A colonização do planeta, Ihe contou depois Kareen, havia sido feita por cinco clãs diferentes, adeptos do modo orgânico de vida, com uma boa parcela sendo vegetariana, com larga experiência na agricultura e em trabalho colaborativo. Eram pessoas simples, mas trabalhadoras que acabaram comprando gato por lebre. O planeta era bem diferente do que Ihes havia sido “vendido”. Sem opções de volta, dedicaram-se a construir seu novo mundo, replicando a pregação dos primeiros povoadores e a levando mais adiante. Aperfeiçoaram o trabalho colaborativo e comunitário, aproximando-se ainda mais da natureza e trabalhando com ela, aproveitando o que oferecia.

Aos poucos, nova cultura foi se desenvolvendo e sem que ninguém soubesse como aflorou a vidência. Em uma de suas festividades, alguém chegou com uma questão não resolvida. Na celebração, com a adrenalina alta e a estimulação sexual em crescendo, um dos participantes entrou em transe e acabou respondendo a pergunta que tinha ouvido durante uma conversa. Os tetamaos acharam que ele tinha bebido e que fizera uma brincadeira.

Passado o transe, ele não se lembrou de ter dado a resposta. O enigma perdurou por um bom tempo e, embora não tenha desvendado o mistério, deu o caminho para a descoberta. A pessoa que havia obtido a resposta voltou à comunidade para agradecer e dizer que ela tinha sido correta, que tudo dera certo. O caminho estava aberto para reproduzir o que tinha acontecido de forma induzida, não espontânea, levou quase 100 anos. A técnica foi sendo aperfeiçoada e conseguiram reunir o número certo de pessoas com a técnica correta, provocando o transe que levava à resposta. A fama da existência do oráculo foi se espalhando e começaram a receber gente interessada em ver respondidas suas perguntas.

A demanda acabou provocando a adoção de parâmetros, não só em relação às obrigações do suplicante, mas na forma da pergunta, se poderia ou não ser feita. Foi necessário esforço para evitar que os transe acabassem provocando problemas nas pessoas. Muitas tinham sido prejudicadas. Ou regulavam o processo, importante pelos recursos que traziam ao planeta, ou teria de suspê-lo. Por decisão do Conselho de Anciãos, a atividade foi suspensa enquanto a discutiam.

A conclusão a que chegaram era que haviam perguntas sem respostas e eram elas que provocavam o problema. Como identificá-las? As experiências mal sucedidas Ihes mostraram alguns caminhos, que mapearam e levaram à mudança do processo. Quem faria a pergunta teria de entregá-la com antecedência. Ela seria estudada e aceita ou não. As sessões voltaram, mas em cada comunidade apenas uma delas a cada mês é que poderia servir como oráculo. A limitação gerou o efeito de aumentar as ofertas de remuneração pelas respostas. Os tetamaos haviam descoberto uma nova forma de financiamento.

Com o passar dos anos foram aprendendo. Uma das descobertas é que mesmo perguntas respondíveis podiam ser inúteis. A resposta do oráculo muitas vezes não era o que seus proponentes esperavam e podiam não se concretizar. Sabendo como manejar e estruturando o processo, voltaram a oferecer o oráculo, mas regulado. O Conselho de Anciãos decidiu que os recursos arrecadados iriam para um fundo, usado em benefício da população, não de pessoas específicas.

Xilim, que ouviu com atenção, tinha uma pergunta:

- Kareen, como os sensitivos são descobertos? É algum dom especial ou qualquer um pode desenvolver?

Pelo que sabiam – e nunca tinham investigado - os sensitivos eram exatamente iguais aos outros integrantes da população de Tetama. Nada os diferenciando. Era uma manifestação, não ensinado ou desenvolvido. Não havia testes para indicar se alguém era sensitivo e, normalmente, se revelava durante uma das sessões, com alguém que não fazia parte do grupo entrando em transe. Às vezes, a descoberta se dava quando ainda criança. Noutras, somente no período adulto e era comum a homens e mulheres. O grupo só funcionava se houvesse nele pelo menos dois casais, com as mulheres em período fértil, o que as tornava mais receptiva ao sexo e mais facilmente excitáveis.

Participar de um grupo era uma decisão pessoal, mesmo entre os que tinham a sensibilidade revelada. A participação era voluntária. Quem não desejasse, se afastava das sessões para não ser por elas afetados, nem nelas interferir. A escolha do Mesem era feita pelo grupo e o escolhido era submetido a exigências adicionais, como o celibato. Enquanto exercesse a função, não poderia se casar. A aceitação da escolha, como no caso do grupo, não era obrigatória. O escolhido podia recusar e continuaria participando como integrante.



A explicação que não explicava deixou Xilim pensativo no restante da viagem. As pessoas eram diferentes e as diferenças não eram estabelecidas só pela genética, pelo ambiente, mas predominantemente pela cultura. No final, era ela que moldava o indivíduo. Mas quem é que criava a cultura? O que o povo de Tetama lhe mostrava é que a sociedade não precisava de uma religião, mas não podia abrir mão de crenças. Mesmo não tendo uma igreja, um ou mais deuses, os tetamaos tinham crenças arraigadas, aperfeiçoando até chegar onde estavam. Era uma construção que dependia de como a viam: agindo para moldá-la ou deixando que o próprio tempo a moldasse. Fascinante.

- Professor, chegamos.

\*\*\*\*\*

Em Teato viviam pouco mais de 500 pessoas, incluindo as crianças. Os adultos se dedicavam a agricultura, plantando grãos, frutas e verduras. Por não serem vegetarianos – pelo menos não todos – tinham criação de carneiros, que lhes fornecia, carne, leite e lã, usada para as roupas de inverno. Havia ainda galinhas, criadas soltas, e porcos. Agricultura, fruticultura, hortaliças, ovinocultura, suinocultura e avicultura eram orgânicas. O que cultivavam atendia a comunidade e gerava excedentes, em sua maior parte trocados com outras comunidades por outros mantimentos e bens. O sistema monetário oficial era o de Créditos, mas a administração local havia desenvolvido uma tabela que estabelecia valores para a produção e equilibrava o sistema de trocas, onde o dinheiro oficial não entrava.

Como Kareen o avisara, a vida era simples, mas as casas, apesar de despojadas, eram confortáveis e acolhedoras. O seu quarto tinha uma cama confortável e móveis simples. Os banheiros eram coletivos, muito limpos. O primeiro encontro de Xilim foi Hyiam Dagher, a chefe da comunidade, que chamavam de Facilitadora. Calculou que devia ter cerca de 50 anos e havia sido escolhida para o posto há pouco tempo. Não havia tempo para seu mandato, como nas democracias. Exerceria a função enquanto a quisesse. E a deixaria na hora em que não mais a desejasse. Quando saísse, outro assumiria. Era um trabalho necessário, não desejado ou disputado. A maior preocupação do Facilitador era com a divisão do trabalho, estabelecendo o volume de tempo necessário para que cada coisa fosse feita e concluída no seu tempo. Dependendo das necessidades, mais pessoas podiam ser deslocadas de uma para outra tarefa.

A propriedade e a produção eram coletivos. Cada pessoa recebia o necessário para se manter e à família. Não havendo acúmulo de

bens, pois eram da comunidade, o que produziam era dividido entre seus integrantes. Uma parte ficava como reserva, prevenindo-se contra colheitas ruins. A vida pessoal, de trabalho e nas culturas que faziam seguia o ritmo da natureza, respeitando seus ciclos. Não é que não houvesse individualidade. Ela existia e Xilim a podia vê-la na forma em que as pessoas se portavam. Não eram iguais, havia diversidade, mas estavam imbuídos de um único propósito.

Visitando casas, conversando com pessoas, vendo as atividades e a vida fluir de modo lento, Xilim ficou pensando que a vida local seria monótona. Não era. Os integrantes da comunidade faziam tudo cantando, brincando e felizes. À noite, com suas tarefas concluídas, se reuniam na Casa Comunitária e se divertiam com as brincadeiras mais simples e ingênuas. Seu programa original era de ficar três dias na comunidade. Na hora de deixá-la e retornar a Ethara, sentiu o desejo de ficar mais tempo. O tipo de vida e as pessoas lhe deixaram impressionados e decidiu que, no futuro, voltaria a Tetama e iria assistir à sessão de vidência, matando mais uma curiosidade.

\*\*\*\*\*

A Escola de Filosofia Não Linear, em Ethara, era composta de várias casas, mais amplas e confortáveis das que vira na aldeia. Sem contar os estudantes, o complexo abrigava pouco mais de 100 pessoas como residentes permanentes. Em alguns períodos esse número poderia chegar a 500. Se tomado como base o ensino formal, a Escola era uma universidade, com as pessoas procurando-a para se aperfeiçoarem, obtendo acompanhamento e ajuda.

Os “filósofos” – e não se consideravam como tal – não impunham tarefas, não diziam o que o “aluno” tinha de fazer, que tarefas precisava cumprir. Ele escolhia a sua linha de estudos, definindo os campos e as disciplinas. A única formalidade do “ensino” era a avaliação bimestral, quando o estudante era submetido a um longo rol de perguntas, parte relacionada ao que estudava, parte genérica, buscando avaliar a pessoa, não o que estava aprendendo. A Escola não formava especialistas – e na verdade, nem tinha diplomas. Seu objetivo era ampliar o conhecimento. O aluno podia escolher uma área, mas tinha de conhecer outras, tendo uma visão muito mais geral. Além disso, nem alunos, nem professores estavam desobrigados das tarefas comuns do dia a dia.

Os alunos e professores, que se dedicavam em tempo integral à Escola, não participavam da produção de alimentos, mas não se livravam de outras tarefas como alimentação, limpeza, manutenção

e do que fosse necessário na vida da escola. A exemplo das comunidades, trabalhavam em rodízio, significando que não havia tarefas boas ou ruins, apenas as necessárias, obrigação do grupo. À primeira vista, era um quase perfeito sistema comunista, que tudo socializava, a começar pelos bens. Ninguém era rico, mas também ninguém era pobre. A hierarquia social era horizontalizada, baseada em funções, que nunca eram permanentes.

Xilim ficou impressionado. Reparou que, embora usassem a tecnologia, não o faziam de forma mais intensiva. Os objetos tecnológicos não eram presença constante nos locais que visitou, só os encontrando no escritório de Kareen ou do Facilitador. Como faltavam dois dias para o início do Ciclo de Debates, Xilim aproveitou para revisar suas anotações e incluir nela alguns pontos do que tinha observado em Tetama. Um desses pontos era a falta de curiosidade pessoal sobre o visitante. Ninguém havia lhe perguntado de onde vinha, mas queriam saber o que falaria, os assuntos que mais o interessavam e a abordagem de seus livros.

No debate, Xilim mostrou como a crença, a cultura e a religião influíam na formação de um povo, recheando a explanação com exemplos vistos em Tetama. Para um auditório sem lugares vazios, afirmou que pode haver povos sem religiões formais, mas não sem crenças, pois são elas que ajudam na consolidação da cultura. As crenças, um conjunto de princípios básicos aceitáveis para a maioria, poderiam levar à formação de religiões. Quando acontecia, uma reforçava a outra e podia torná-la dinâmica ou estática. Ressaltou que mesmo onde não havia uma religião estruturada, como ocorria em Tetama, as crenças estavam arraigadas e eram elas que davam estabilidade a sociedade.

Era o caso, por exemplo, do trabalho comunitário. Ele estava tão arraigado que era encarado como natural. O mesmo princípio se aplicava ao partilhamento igualitário de bens, mercadorias e serviços. Em um planeta onde o espírito comunitário não existisse, seria visto como aberração. Em Tetama, era natural.

A participação de Xilim foi um sucesso, não só pelo público, mas pelo número de perguntas recebidas e o debate delas resultantes.

Ele ficou muito satisfeito e prometeu que voltaria a Tetama e à Escola.

\*\*\*\*\*

Nas férias de meio de ano da Universidade de Alta e com Noor em Ourea no circuito de concertos, Xilim decidiu retornar a

Tetama. Queria ter novos contatos com as comunidades e pretendia, como disse a Kareen, acompanhar uma das sessões de vidência e, possivelmente, dependendo do que achasse, fazer uma pergunta.

Kareen não via problemas, nem no acompanhamento, nem na pergunta. Estrangeiros eram comuns nessas sessões. Vinham de longe para perguntar ao oráculo como seria o seu futuro.

- Nós próprios não fazemos esse tipo de pergunta. Consideramos que são inúteis. Sim, elas são respondidas, mas na maioria das vezes as respostas não tem sentido prático. Em outras vezes são verdadeiros enigmas.

Os tetamaos não interpretavam as respostas, apenas as davam no momento do transe. Cabia a quem perguntou desvendar a resposta, até por que quem a deu não se lembrar dela ao final do transe. As duas únicas exigências eram: apresentar a pergunta por antecipação para a avaliação do grupo e do Mesem e fazer a doação do montante determinado para a resposta, antecipadamente à realização da sessão de vidência. O primeiro passo era formular a pergunta. Ela seria avaliada sob a ótica da possibilidade de se dar uma resposta. Podia ser respondida com um Sim ou Não? Teria outro tipo de resposta? Seria possível respondê-la sem que afetasse o grupo? Considerando cuidadosamente cada pergunta e o resultado delas, o grupo decidiria aceitar ou não a pergunta. Uma outra coisa que devia ficar clara: não haveria uma segunda tentativa para a mesma pergunta.

- Como é avaliado o montante da doação?

- Não há critérios objetivos. Depende de cada grupo. Seus integrantes irão estudar a pergunta, levarão em consideração o que já responderam, se há clareza na questão e se ela pode ser respondida, além do risco para o grupo. Pode ser uma pequena quantia, quase simbólica, mas pode, também, chegar a alguns milhões de créditos. Cada caso é um caso.

- O que desejo perguntar, no meu entender, pode ser respondido apenas com um Sim ou Não. É uma questão tola, mas desejo saber se algum dia irei retornar ao meu planeta de origem. Eu o deixei há anos, nunca retornei e não tenho perspectivas de voltar, pelo menos no curto prazo. Pode parecer um capricho infantil, mas gostaria de saber.

Aproveitando a visita, Xilim deu um curso na Escola de Filosofia Não Linear. No final de semana Kareen o levou novamente à Teato e o apresentou a Alima Harb, a Mesem do grupo

local. Xilim calculou que tinha 30 anos e a achou muito bonita. No jantar, Alima sentou-se junto dele e de Kareen, que abordou a questão da pergunta. Alima mostrou-se surpresa e curiosa, pedindo que fizesse a pergunta.

- Dr. Wikse, não precisa formalidade. É só me dizer qual é a pergunta que a levo ao grupo para avaliação. Só respondemos quando há unanimidade no grupo, com todos concordando que podemos respondê-la e que não nos trará problemas, nem a quem a fez.

Xilim fez a pergunta. Alima a levaria ao grupo. Se a aprovassem, poderia ser respondida no dia seguinte, pois teriam uma sessão. Se houvesse dúvidas, a estudariam por mais tempo. Aprovada, seria levada à outra sessão na semana seguinte. Se rejeitada, ele seria avisado. No dia seguinte, anterior à reunião, Alima avisou a Xilim que sua pergunta havia sido aceita e a doação pedida era de 10 mil créditos. Era um valor alto, mas tinha recursos e fez o pagamento.

No dia seguinte iria ver algo inédito, uma sessão de vidência. Sua expectativa era grande em relação a resposta que dariam à sua pergunta.

\*\*\*\*\*

A música era envolvente, marcada pelo som rouco do tambor no ritmo das batidas do coração, fazendo com que o peito de Xilim vibrasse a cada pancada. No centro da sala o grupo dançava em círculos e de mãos dadas. Alima, a Mesem, começou as provocações, aumentando a tensão sexual já presente. Homens e mulheres se juntavam, se tocavam e se afastavam. Alima provocava os casais, puxando o par para ela, tocando-os e os liberando. Os casais trocavam de pares. A dança ganhou ritmo rápido, até parecer um único movimento. Ao lado de Kareen, que o observava com atenção, Xilim sentia a excitação que percorria a sala. Para sua surpresa, começou a ver a cena como se estivesse fora do corpo. Ele se via tenso, suando, com olhos fixos na roda e principalmente em Alima. O tempo e o espaço pareciam ter parado, menos para os sensitivos e a Mesem, que giravam, giravam, giravam. Xilim começou a ver os movimentos em câmera lenta, como se estivesse diante de um vídeo em superslow, embora o pulso da música continuasse lhe marretando o corpo e o cérebro.

Totalmente envolvido pela música e pelo movimento, não viu quando o grupo parou. Mas sentiu – mais do que ouviu – alguém lhe sussurrando um Sim. Sua pergunta tinha sido respondida. Um

dia voltaria a Ourea, segundo o oráculo. A certeza o invadiu e sentiu-se em paz, flutuando, relaxado e olhos fechados, não querendo ver o que acontecia à sua volta. Seu cérebro e seu corpo lhe diziam que podia ficar daquele jeito de forma permanente, sem se preocupar com o mundo, com o retorno da Ourea, em satisfazer o desejo de Noor de ter filhos e, tampouco, de continuar pensando nos fundamentos das religiões e nas bases sociais que construía.

Abandonou-se à sensação e seu corpo foi escorregando, o que o deixou deitado e adormecido.

## DESESPERO

**P**rofessor, está aqui uma pessoa que se chama Kareen e diz que precisa falar com o senhor. Ela não tem horário agendado, o que faço?

O interfone havia distraído Hari Setala, que atendia um dos seus orientandos em fase de conclusão da Tese de Doutorado. Não conhecia ninguém com o nome de Kareen, mas o horário seguinte estava livre e poderia receber a pessoa. Sua assistente pediu que o visitante aguardasse. Cerca de 30 minutos depois, o estranho foi levado à sala de Setala.

- Doutor Setala, sou Kareen da Escola de Filosofia Não Linear, de Tetama. Desculpe se não agendei minha vinda, mas é que tenho um assunto sério para tratar e como havia sido o senhor que fora nosso contato para o convite ao Dr. Wikse, achei que deveria procurá-lo.

Kareen explicou sua vinda. Após seu curso na Escola, o Dr. Wikse quis visitar novamente a comunidade onde antes passara três dias. Tinha curiosidade sobre a vida cotidiana local e queria, também, saber mais sobre os grupos de vidência e como funcionava. O próprio Kareen lhe havia explicado e ele lhe perguntou como era o processo de se fazer uma pergunta ao grupo. Após ouvir a explicação, disse que tinha uma questão e ela foi apresentada à Mesem de Teato, a comunidade visitada por Xilim. Analisada pelo grupo, a pergunta foi aceita, a doação estabelecida e quitada e o Dr. Wikse, junto com Kareen e os locais, foi para a sessão, em que seria mero observador.

- Essa atividade, Dr. Setala, é importante para as comunidades. Na verdade, as sessões que fazem não são específicas de vidência. É um divertimento e envolve a comunidade. O exercício do oráculo é um meio de recolher recursos, que nos são escassos.

Até então, quem fazia uma pergunta poderia acompanhar a sessão, recebendo a resposta ao seu término. Se não estivesse presente, ela seria levada a ele. O Dr. Wikse quis acompanhar alegando não só a curiosidade, mas o desejo de conhecer mais a

cultura local. Kareen o acompanhou e ficou observando-o e às suas reações. O ambiente, a música e as provocações levavam à excitação sexual, um dos componentes para a resposta à questão formulada. A tensão ia se acumulando e a música subindo, até chegar ao clímax com o transe da Mesem. Era nessa hora que era dada a resposta. O momento chegou, a resposta foi dada e o grupo se desfez. Só então Kareen observou que havia algo diferente com o Dr. Wikse. De início, atribuiu o comportamento à excitação, mas viu que tinha começado a deslizar, sentando-se e, depois, deitando-se e acomodando-se. Kareen tentou acordá-lo e não conseguiu.

- Não poderia deixá-lo na sala comunitária. Pedi ajuda e o levamos para um dos alojamentos coletivos, colocando-o na cama. Achei que no dia seguinte ele estaria bem e poderíamos voltar a Ethara, de onde retornaria para Alta.

Não foi o que aconteceu. Xilim não acordou e dormiu direto mais dois dias. Na manhã do terceiro dia, Kareen foi ver como estava e o encontrou desperto, sentado na cama. Aliviado, chamou-o para tomarem juntos o café da manhã. Xilim o seguiu em silêncio. Kareen tentou conversar, mas recebia respostas monossilábicas e, de quando em quando, ouvia ele repetir: “Eu vou voltar”. Do ponto de vista físico, Xilim parecia o mesmo. Mas alguma coisa lhe tinha acontecido e ele havia mudado. Preocupado, foi conversar com a Mesem, vendo se tinha notada alguma coisa. Para ela, nada aconteceu de anormal, mas sentiu uma presença extra na fase final da sessão, já muito próxima do transe.

Kareen tomou o caminho mais prático e decidiu levar Xilim de volta a Ethara e ao encontro dos anciãos, homens sábios que poderiam diagnosticar o que lhe aconteceu e prescrever tratamentos que o recuperassem. Junto, levou Alima. Ela poderia ajudar, esclarecendo o que tinha havido durante a sessão. A viagem contou com um Dr. Wikse muito silencioso, exatamente o oposto do que tinha acontecido na ida para Teato, quando encheu Kareen de perguntas.

Chegaram a Ethara e foram direto para a sede do Conselho, próxima da Escola. Dois anciãos os estavam esperando. Quem ficaria dele encarregado era Ayyub Basara, um dos anciãos mais idosos e considerado um dos mais sábios. Ele ouviu a história, fez pergunta e concluiu: Xilim era um tipo de supersensitivo, muito mais desenvolvido do que os Mesems de Ethara. Sua sensibilidade era tão alta que não precisava de estimulação para entrar em transe. Com o estímulo do grupo e o envolvimento da comunidade, acabou



em transe profundo, algo que esgota a pessoa, a razão de ter dormido três dias.

Ao mesmo tempo, algum tipo de informação – sensorial ou não – recebida durante a sessão de vidência tinha lhe causado a sensação de tão profundo bem estar que mergulhou nela, com seu corpo e mente não querendo regressar à realidade do presente. Estava vivendo e revivendo o momento, o que obscurecia seu passado, deixando-o em um círculo infinito de repetições de algo que, para ele, tinha sido único e do qual não queria acordar.

- Fiquei muito surpreso quando Ayyub nos disse que o Dr. Wikse continuaria nesse transe e dele só acordaria se fosse por vontade própria.

Nos dias seguintes, Xilim foi se recuperando fisicamente, mas o transe lhe tinha provocado amnésia total. Não lembrava de nada relacionado ao seu passado. Sua vida havia começado no momento do transe e a única exceção era para o nome, pois ainda atendia quando chamado. Ayyub e os outros anciãos disseram que a única chance de recuperar a memória seria deixá-lo em Tetama, vivendo uma vida normal, agregado à comunidade, recebendo estímulos certos para que despertasse.

Como havia sido Alima que, indiretamente, havia contribuído para o transe de Xilim, ele foi devolvido à Teato e ela ficou dele encarregada. Iria observá-lo, anotando o que fazia e, mensalmente, voltariam a Ethara para consulta com os anciãos.

- Após a decisão do Conselho, fui encarregado de procurar as pessoas ligadas ao Dr. Wikse e relatar a situação. Como não conhecíamos ninguém a ele ligado, achei que o melhor era encontrá-lo e fazer o relato do que aconteceu.

Kareen deixou claro que os anciãos só tinham retido Xilim em benefício dele. Eles conviviam há muito com a sensibilidade e poderiam ajudá-lo. Se quisesse voltar a Alta, não seria impedido. Como não havia impedimento para visitas a ele, fosse de familiares, pessoas mais próximas ou amigos.

- O que lhe posso garantir, Dr. Setala, é que o Dr. Wikse está obtendo a melhor e única assistência especializada nesse tipo de problema. Nosso desejo é que ele se recupere o mais rápido possível e estamos colocando todos os nossos recursos e conhecimentos nessa recuperação.

\*\*\*\*\*

Sem saber o que havia acontecido ao amado Noor desembarcou em Alta. Seu único pensamento era encontrar Xilim, que a estaria esperando. A cada hora, a cada momento nos últimos dois meses ansiara por ele e considerava não ser justo ainda viverem separado. Será que mais de 10 anos de sofrimento não havia sido suficiente? Racionalmente, compreendia a situação, mas não no emocional. Seu coração e seu corpo ansiavam por Xilim. Queria abraçá-lo, tocá-lo, estar com ele em todos os momentos, ter filhos e uma família normal. Estava farta de fugas e encontros furtivos e clandestinos, queria tornar o seu amor conhecido, tê-lo manifestado às claras, sem se preocupar com o que os outros diziam. Absorta nos pensamentos, chegou à portaria do prédio e deu de cara com Hari Setala.

- Hari, que surpresa vê-lo aqui. Você está chegando ou saindo?

- Nem uma coisa, nem outra. Estava esperando-a, precisamos conversar. Há algo sério que preciso lhe contar.

Sem imaginar o que poderia ser, fez-lhe sinal para que a acompanhasse. Ao entrar, chamou Xilim, mas a resposta foi o silêncio. Olhou preocupada e inquisitiva para Hari Setala, que aparentava tranquilidade. Os dois se sentaram frente a frente e foi Hari quem tomou a iniciativa da conversa.

- Noor, já observou que Xilim não está aqui. O que vou lhe dizer é difícil, mas ele não voltou de Tetama. Ele está bem, mas teve um problema. Por favor, acalme-se e espere. Vou lhe contar a história toda.

Hari resumiu o que Kareen lhe contou. Em razão do transe e de ter sofrido amnésia, os anciãos acharam melhor que ficasse em Tetama, onde poderia ser assistido. Não havia impedimento para que Noor o visitasse, mas devia ficar avisada que, muito provavelmente, não seria reconhecida. Seu amado havia sepultado o passado tão fundo que seria difícil despertá-lo e, pelo que ouvir de Kareen, o melhor lugar para que despertasse era em Tetama, com a assistência dos anciãos.

O silêncio ficou pesado. Noor olhava para Hari como se não tivesse entendido. De repente, pareceu ter despertado.

- Hari, Hari, o que farei da minha vida? Passei anos sonhando em reencontrar o Xilim e quando consegui o estou perdendo de novo. Não é justo. Mas não vou ficar inerte, nem passiva. Se preciso gasto tudo o que tenho para que se recupere e volte para mim.

Vendo o pesar e o desespero nos olhos de Noor, Setala considerou que precisava lhe preparar para o pior, o que incluía a permanência de Xilim em Tetama. Lá podiam ajudá-lo. Em Metis ou Ourea, não. A medicina iria tratá-lo com o racionalismo científico e recorrendo ao uso de drogas. Xilim era sensitivo, o que o deixava próximo do misticismo. Somente quem o entendesse é que poderia ajudá-lo na recuperação.

- Noor, se for a Tetama gostaria de ir com você. O Xilim deve ter lhe contado que não dou respostas diretas para resolver o problema de alguém. Entendo que decisões são pessoais e que devem ser assim. E isso me leva ao passo seguinte: Nossa civilização – a sua e a minha – não considera muito o que a mente faz, principalmente no caso de transcendência, misticismo, vidência e coisas similares. Nunca demos importância a elas. Sabemos que existem, embora não as vejamos com frequência. Tenho amigos místicos. Eles são diferentes, mas não verá essas diferenças observando-os apenas. É preciso entender o que são para vê-los como diferentes. Por favor, peço-lhe, não seja impulsiva. Considere o fato de os habitantes de Tetama, sobretudo os anciãos, estarem muito mais preparados para lidar com Xilim do que nós e nossa ciência.

Noor garantiu a Hari que iria ouvir Kareen e os anciãos, acatando o conselho que lhe dessem e iria com ela a Tetama, o que ocorreria no máximo em dois dias, tempo para que a viagem fosse preparada. Quando Hari Setala saiu, Noor se jogou na cama e chorou amargamente.

\*\*\*\*\*

- Bom dia, srta. Toma, como vai? E ao senhor, Dr. Setala?. Bem vindos a Tetama. Sei que desejam ver o Dr. Wikse e vou levá-los a ele. Antes, no entanto, preciso lhes dar algumas informações importantes e os cuidados que devem observar.

O que primeiro lhes contou é que ao regressar de Alta havia tido encontro com os anciãos e estes decidiram que Xilim deveria viver como um deles, inclusive ligando-se a alguém. A aproximação e uma possível união deveria ser dar por iniciativa dele. Em Tetama, não era incomum que as mulheres tomassem a iniciativa de relacionamento, acabar com ele e imediatamente começar outro. Talvez pela participação na sessão de vidência, Xilim aproximou-se de Alima, o que para os anciãos era satisfatório, já que ela não tinha companheiro. Ela havia se voluntariado para acompanhá-lo, supervisionando suas atividades e o integrando a comunidade.

Ela havia se tornado a observadora oficial dos anciãos, a quem relatava as mudanças e adaptações do novo integrante da comunidade. Ao aceitar acompanhar Wikse, Alima foi informada que, mais adiante, se assim o desejasse, poderia unir-se a ele, mas não ter filhos. Por precaução, haviam administrado um bloqueador de fertilidade em Xilim contando que poderia despertar. Quando e se acontecesse, deveria se sentir livre para retomar sua antiga vida, o que a existência de filhos iria complicar. Kareen não escondeu que a expectativa dos anciãos era que os dois se ligassem, com Alima se transformando na companheira de Wikse, o que lhe traria estabilidade e poderia apressar sua recuperação.

- O Dr. Wikse, que a senhorita e o Dr. Setala irão encontrar, na aparência é a mesma pessoa e se houve alguma mudança é que está parecendo mais saudável, fruto do trabalho ao ar livre, da alimentação e do seu próprio relacionamento. Mas não se enganem. Ele não é o mesmo, mas sim uma pessoa diferente, embora ainda atenda pelo mesmo nome. O Dr. Wikse que conheceram e com quem conviveram está enterrado tão fundo na mente dele que nada aflora, mas o seu velho self está lá. A senhorita precisará ser forte para enfrentar a situação e é por isso que a estou prevenindo. Antes de irmos, no entanto, o ancião quer falar com vocês e vou levá-los a ele.

Ayyub Basara os recebeu e foi gentil ao lhes explicar o que estavam fazendo para que a velha personalidade de Xilim aflorasse. Pessoas como ele tinham um domínio diferente da mente e podiam fazer coisas com as quais as pessoas comuns sequer sonhavam, como sobrepôr uma personalidade nova à antiga. Da mesma forma, poderia mudar e reassumir a personalidade antiga, mas não tinham como obrigá-lo a fazer a mudança. O que lhe ofereciam era uma vida normal, segura e feliz. Eram condições básicas para a volta, que poderia ocorrer a qualquer hora, embora não pudesse precisar quanto demoraria.

Os anciãos, que já tinham lidado com casos semelhantes, lhes disseram que havia três hipóteses. Xilim poderia retornar à sua antiga personalidade, continuar com a atual, sem nunca se lembrar de seu passado, ou juntar as duas, o que o tornaria esquizofrênico e o levaria à loucura. Os anciãos desejavam que reassumisse sua antiga personalidade e estavam trabalhando nesse sentido.

Em nome de Tetama, o ancião se desculpou pelo que consideravam erro deles, que era permitir a participação de estrangeiros em sessões de vidência. O acidente com o Dr. Wikse havia mudado as regras. As sessões continuariam e o oráculo

também, mas só com pessoas locais, preparadas para a excitação e o transe que a atividade acabava provocando.

- Noor, permita-me que lhe chame assim. Seja compreensiva e atenda as orientações do Kareen e da Facilitadora de Teato. Seu comportamento pode nos ajudar a recuperar o Dr. Wikse ou pode contribuir para que nunca mais volte a ser o mesmo. Deve entender que fora de Tetama o Dr. Wikse não encontrará a ajuda que precisa para voltar a ser o que era. Já tivemos casos como o dele antes e, por isso, estamos mais preparados para enfrentá-los. Infelizmente, para você, isso significa que não o terá ao seu lado, por enquanto. Mas, como Kareen já deve ter lhe dito, venha aqui quantas vezes quiser vê-lo.

\*\*\*\*\*

Noor e Hari ficaram na Escola de Filosofia e na manhã seguinte iriam para Teato. Chegariam antes do almoço e encontrariam Xilim. Apesar do sofrimento, Noor estava deslumbrante. Setala nunca a vira tão bela. Ele não tinha o mesmo ânimo. Ao longo dos anos o seu jovem estudante e, sem dúvida, o melhor discípulo, havia se transformado no mais próximo amigo. Questionava se ao guiá-lo para o campo do pensamento especulativo não tinha contribuído para seu colapso. O aluno havia superado seu mestre e fora muito além do que o próprio Setala conseguira, com originalidade nas suas teorias e, ao mesmo tempo, provocando polêmicas com elas. O trajeto foi feito em silêncio.

Como havia acontecido com Xilim na primeira visita, Noor ficou surpresa com o lugar, seu bucolismo e integração à paisagem. Sua ansiedade chegou ao máximo, impondo-lhe um enorme esforço para se controlar. Levou um choque ao olhar para o lado e ver quem vinha na direção deles.

- Kareen, que bom vê-lo. Quem são os nossos visitantes?

- Wikse, também é bom o ver de novo. Quero lhe apresentar a srta. Toma e o Dr. Setala. Ela é de Ourea, uma cantora de grande sucesso. O Dr. Setala é professor na Universidade de Alta, em Metis. Os dois estão visitando Tetama e queriam conhecer uma comunidade, por isso os trouxe aqui. Quer lhe mostrar tudo? Enquanto isso, vou conversar com Alima e com Hyiam. Preciso de algumas informações delas.

O que fizera, criando referências para os apresentados, era proposital, forma de dar a Xilim informações que o levasse a processar o seu passado, algo prescrito pelos anciãos. A Noor e a Hari pareceu que Xilim os via como estranhos. O mais chocante

para o professor era ver a indiferença em relação a Noor, que o seu discípulo amava e a quem esperara por mais de uma década. Observador, identificou pequenas mudanças no amigo: o jeito mais relaxado, o sorriso aberto e maior vitalidade, talvez provocada pelo trabalho, mais manual que intelectual.

Noor tinha outro sentimento. Queria ter corrido na direção de Xilim, abraçá-lo, beijá-lo, levá-lo para a cama e voltar com ele para Alta e Ourea. Controlou os impulsos e o ficou observando, ao mesmo tempo em que se segurava para não chorar.

Noor e Setala incorporaram os papéis de visitantes despreocupados e interessados em conhecer o modo de vida de Tetama. Seguiram Xilim. No conjunto de casas havia uma praça central e nela ficavam os equipamentos comunitários – refeitório, salão de reuniões, áreas de estocagem, equipamentos e o escritório de gerenciamento local, uma espécie de Prefeitura.

Xilim lhes explicou que as casas menores eram ocupadas por famílias com filhos. As maiores, eram comunitárias, com apartamentos para casais, como ele e Alima, ainda sem filhos. Levou-os a uma delas e mostrou as instalações, modestas para os padrões em que vivia em Alta e ainda mais pobre se comparada com o apartamento que ele e Noor usavam. A cada passo, a cada explicação, a vontade de Noor de sair dali correndo aumentava, mas ainda haveria outras surpresas.

- Srta. Noor, Dr. Setala, peço que me desculpem, mas tenho de ir para o refeitório onde estou trabalhando nesta semana e preciso ajudar no preparo do almoço. Vou deixá-los com a Hyiam, nossa Facilitadora, que irá lhes falar sobre como Teato é administrada e irá lhes mostrar o que mais for de interesse. Vemo-nos no almoço.

Os três foram andando em direção a Taba – nome que davam à Prefeitura – e Xilim, após apresentá-los à Prefeita, os deixou. Hyiam, dentre os habitantes da comunidade, era a única que conhecia a razão da vinda deles e, por isso, lhes fez um relato do progresso de Wikse, que de desorientado e passivo, passou a ser um cidadão exemplar, participando das tarefas comuns e sempre disposto a ajudar quem necessitasse.

Hyam lhes contou que ele fazia sucesso com as crianças. Contava-lhe histórias, os ouvia com paciência, tirava dúvidas e participava das brincadeiras. Estava sempre aberto às perguntas e era alegre, comunicativo e brincalhão, o que o aproximou das pessoas. Com um sorriso, lhes disse que era invejado pelos solteiros por sua ligação com Alima, muito desejada, mas que se

manteve sozinha, rechaçando as propostas de casamento. Ela não queria deixar sua posição de Mesem, mas quando soube que Vikse iria morar com eles, após ter sofrido o colapso, ofereceu-se para acompanhá-lo e cuidar dele.

- Na verdade, a Alima não é a companheira do Vikse. Ela atua mais como uma enfermeira que o acompanha, observando e relatando o que observa aos anciãos. Isso permite que vejam o seu progresso.

Hyam os levou pela comunidade e lhes falou sobre a dinâmica do trabalho, como era partilhado, o que colhiam e o que produziam, o que trocavam e o que precisavam comprar. Levou-os às culturas de arroz e amendoim, já próximo da colheita, e os aproximou dos trabalhadores, com quem conversaram rapidamente. Hari, mais observador que Noor, notou que não havia sinais de aborrecimento entre eles. Ao contrário, até. Eles pareciam felizes com o que faziam.

Ao final da visita e já se aproximando a hora do almoço, dirigiram-se direto ao refeitório. No trajeto, Hyam lhes disse que a comunidade possuía alojamentos para os visitantes e os acolheriam com gosto se desejassem passar a noite na comunidade, participando das atividades comunitárias após o jantar. Já havia conversado com Kareen e não se opusera à permanência, mas lhe disse que a decisão devia ser tomada pelos dois.

\*\*\*\*\*

O refeitório era no estilo self servisse. O cardápio básico em Teato e na maioria das comunidades, compunha-se de legumes, verduras, um ou dois tipos de cereal e uma ou duas proteínas diferentes, oferecendo opções para quem, por qualquer motivo, não comia uma delas. Noor comia frugalmente e fez o prato com salada, arroz com grãos variados e o que lhe disseram ser peixe, capturado do rio próximo à comunidade. Setala foi mais generoso, provando um pouco de cada comida oferecida, o mesmo acontecendo com Hyiam. Escolheram uma das mesas vazias e se sentaram para a refeição.

- Hyiam, Srta. Noor, Dr. Setala, posso me sentar com vocês?

A pergunta era mais retórica, pois Xilim sentou-se antes mesmo que alguém dissesse alguma coisa. Logo depois, Kareen também se juntou a eles, perguntando suas impressões da visita. Quando estavam no meio da refeição, Noor viu uma jovem alta, morena, longilínea e muito bonita se aproximar da mesa. Fazendo um

cumprimento com a cabeça, sentou-se ao lado de Xilim e sorriu para todos. O homem da vida de Noor abriu um largo sorriso.

- Alima, bom que pode vir. Aqui estão a srta. Noor, cantora famosa na sua terra, e o Dr. Setala, professor em Alta. Os dois estão visitando Teato junto com o Kareen. Eu lhes mostrei algumas coisas e a Hyiam deve ter mostrado outras.

Almoçaram em silêncio, com Noor observando Alima de modo disfarçado e Hari acompanhando suas reações. Vira no primeiro momento o sorriso dado, o que era desmentido pelos olhos. Perder um amor, não era fácil. Descobrir que vivia com outra – e que estava feliz – era pior ainda. Temeu que a amiga não aguentasse, mas seu estoicismo venceu e no final da refeição, como fizera ao chegar, Alima acenou, levantou-se e saiu. Xilim voltou à cozinha e ao trabalho. O salão estavam vazio e os encarregados da limpeza já se movimentavam.

Saíram e Hyiam os levou ao alojamento e os deixou a sós, explicando que tinham o hábito de fazer uma pequena sesta após o almoço.

\*\*\*\*\*

Noor ficava cada vez mais angustiada com o que viu em Teato. Estar ao lado do amado e não ser reconhecida e desejada, já fora terrível. Mas vê-lo ao lado de outra e feliz, era insuportável. Não sabia se resistiria. Com o sentimento aflorado, a estranheza do lugar, a sensação de impotência e sentimento de rejeição, estava chegando ao limite. Sempre fora forte, mas havia um limite e não queria desabar na frente de Xilim.

- Hari, não quero descansar, dormir ou ficar. Quero ir embora o mais rápido possível. Por favor, vamos achar o Kareen, voltar a Ethara e ir embora deste planeta o mais rápido possível. Não consigo pensar mais em nada. Vamos fazer isso, por favor.



## CIÚMES E SONHOS

**A**lima era a mulher mais desejada de Teato, talvez pelo que fazia, mas também devido à sua beleza. Como Mesem, sua função era estimular a tensão sexual, o que a deixava mais desejável. Mas até o dia em que conheceu Wikse nunca tinha pensado em juntar-se a nenhum homem. A visita do jovem professor a havia mudado. Ficou impressionada com ele, não só por ser muito bonito, mas sobretudo por ser diferente dos homens da comunidade. Tinha alguma coisa que nunca vira em ninguém e juntando as diferenças, ele se tornou irresistível para ela.

Na sessão de vidência, fez tudo para provocá-lo, aproximando-se em posições sensuais, enviando-lhe olhares e tentando envolvê-lo no clima da celebração, puxando-o para a energia do grupo. Alima podia sentir a estimulação do estrangeiro e havia ficado feliz por a ter conseguido. Pelo menos até o momento em que uma luz explodiu em sua cabeça, com a qual viera a resposta à pergunta que havia submetido. Ficou feliz, mas ao buscá-lo, levou um choque ao vê-lo estendido. Foi a primeira a tentar reanimá-lo. Kareen chegou e a afastou. Ela ficou com um sentimento de culpa, achando que sua estimulação tinha provocado o desmaio do professor.

Inicialmente, foi o sentimento de culpa que a colocou ao lado dele, vigiando-o enquanto dormia. Tentou usar sua empatia para avaliar o estrangeiro, mas nada aconteceu. Ele parecia relaxado e feliz. Quando Kareen lhe disse que seria levado para Ethara, ficou triste. Achou que nunca mais o veria, mas acabou descobrindo que iria com ele. Os anciãos poderiam precisar dela, ouvindo-a sobre o que havia acontecido. Ficou feliz por continuar ao lado de Wikse, mas amedrontada com o que poderia lhe acontecer, se julgada culpada pelo colapso do professor. Examinando seus sentimentos concluiu que queria ficar ao lado dele o resto de sua vida.

Na cultura tetamao, o amor não era expressado da mesma forma que em outros planetas. Não havia manifestações externas de carinho, como beijos e abraços. O amor era algo mais privado, mas homens e mulheres podiam tomar a iniciativa de procurarem quem

lhes agradava e propor parceria, tornando-se companheiros. Se não desse certo, se separariam e podiam tentar de novo. Ninguém os condenava e, em algumas situações, isso os tornava ainda mais desejável, devido a experiência sexual.

Em Ethara, Alima passou por extenso interrogatório feito pelas anciãos. Eles queriam os detalhes do que havia acontecido ao conhecido mestre. Alima confessou sua atração por ele e que o havia provocado durante a sessão e que, no auge da tensão, quando ia começar o seu transe, sentiu uma presença extra no grupo. Como Kareen era Mesem, achou que poderia ser ele, mas só pensou nisso no dia seguinte, muito depois de a sessão ter terminado.

Reconheceu que havia outros sensitivos na comunidade, mas com capacidades menores que a dela, o que os tornava incapazes de participar do transe. Nunca poderia imaginar que um estrangeiro fosse sensitivo, como lhes disseram os anciãos. Quando soube, imaginou que, de alguma forma, a sessão havia lhe afetado. Admitiu que, ao provocá-lo, talvez tivesse cometido um erro involuntário e disse estar disposta a ajudar o estrangeiro a se recuperar. Assim, quando os anciãos disseram que precisavam de alguém para tomar conta dele, ela se ofereceu para o trabalho.

Sozinha no apartamento, Alima relembra o que lhe tinha acontecido a partir do colapso de Xilim. Estava preocupada com a visita dos estrangeiros. Sua sensação é que a mulher tinha ligação muito próxima com Wikse, o que a deixou intranquila. Kareen e Hyam lhe disseram ser uma cantora famosa de outro planeta. Ficou imaginando que devia ser rica, ter poderes e que se realmente fosse ligada a Xilim, pudesse tirá-lo dela. Alima, embora não o admitisse, estava com ciúme. Noor era uma mulher deslumbrante, encantadora e que monopolizou a atenção da comunidade em sua visita e Alima se sentiu ameaçada. Não queria perder o companheiro. Ela tinha se esforçado para conquistá-lo e sequer podia imaginar como seria viver sem ele.

Seus pensamentos foram desviados pelo barulho de passos e por um abrir de porta. O amado havia chegado, sorridente. Despiu-se e se deitou, puxando-a para o seu lado e a beijando, ao mesmo tempo em que lhe desabotoava o vestido. Sentiu que já estava excitado e também se excitou. Ele a despiu com cuidado, beijando-a e a possuiu. A primeira vez com urgência e uma segunda mais calma. Ao final, esticou-se na cama, puxou-a para ele e abraçou e adormeceu. Meia hora depois, acordou e viu Alima já vestida.

Levantou-se, pegou suas roupas e vestiu-se. Sentiu que havia algo, pois a companheira estava quieta, quando era sempre falante,

sempre querendo saber o que fizera e lhe contando suas tarefas do dia. O silêncio o incomodou.

- Alima, o que houve? Por que você está tão quieta?

- Quem é essa mulher que chegou a Teato? Não gostei dela e acho que vocês se conheceram antes. Tive uma estranha sensação quando a vi na chegada e no almoço. Vi como olhava para você. O que está havendo que nem o Kareen, nem a Hyiam quis me contar? Estou com medo.

- Alima, sabe que não me lembro. Posso já a ter conhecido, sim. Só que, para mim, é a primeira vez que a vejo, assim como você. O que o Kareen e a Hyiam me disseram é que ela e o Dr. Setala são de outros planetas e que estavam em visita a Tetama. Não sei a razão de estarem juntos, mas acho que é coincidência, pois são de locais diferentes. Ele pode ter vindo participar de algum debate na Escola, em Ethara, e ela – foi o que disseram – está de férias. Que razão há para medo? Nenhuma.

Estrangeiros não eram comuns em Tetama, muito menos em Teato e talvez fosse a presença deles que a deixara temerosa. Alima não devia temer. Os dois iriam embora e a vida deles continuaria como sempre. Talvez nunca mais tivessem a ocasião de ver outro estrangeiro. Eram diferentes, mas não ameaça à comunidade ou aos dois.

A conversa de Xilim deixou Alima mais aliviada. Mas ele próprio sentia-se perturbado pela presença dos dois. Sua sensibilidade lhe dizia que, sim, havia ligação com a mulher em nível profundo e em outro nível com o professor. A visita tinha um propósito, mas não imaginava qual, embora desconfiasse fosse relacionado ao seu passado. Parecendo calmo, por dentro também estava agitado. Mas nada diria para alarmar Alima e jamais confessaria que ao fazerem amor a imagem que tinha era de Noor.

Se a mente de Xilim afundara o passado, ao rever o antigo amor seu corpo parece ter se recordado dele.

Alima nunca ficaria sabendo.

\*\*\*\*\*

Noor sentia urgência em deixar Tetama. Ao retornarem a Ethara, de forma gentil, recusou a hospitalidade de Kareen e da Escola, arrastando Setala em direção ao espaçoporto e à nave que havia contratado para lhes trazer ao planeta. Queria voltar a Alta e ao apartamento recheado de memórias de Xilim. Ficaria triste e iria chorar muito, mas teria boas lembranças dos ótimos momentos

passados ao lado do amado. Não se consolaria, mas amenizaria um pouco a dor que sentia. No ambiente familiar e seguro pensaria no que faria para recuperar Xilim, não só física, mas emocionalmente, fazendo com que lembrasse o passado e voltasse para ela. Ao voltar à nave, tinha alojamentos mais confortáveis que os encontrados em Ethara e Teato, embora fossem, mesmo pelo padrão despojado de seu apartamento, bem modestos.

Em respeito aos sentimentos da amiga – sim, Noor havia se transformado em amiga – Hari concordou com a volta à nave e seguiram em silêncio. O capitão a recebeu e, questionado, informou que só poderiam partir no dia seguinte, pois necessitava calcular o salto, o que levaria tempo. E tinha, também, de deixar a nave preparada, cumprindo uma longa rotina antes de iniciar o voo.

A contragosto, Noor aceitou. Foi para o pequeno mas confortável apartamento, despiu-se e entrou no chuveiro. Queria tirar o cheiro de Tetama de seu corpo. Lavou bem os cabelos e prolongou o banho, deixando que a água quente a relaxasse. Ainda molhada, ficou se olhando no espelho, vendo detalhes do seu corpo. Os seios empinados, glúteos fortes, resultado do seu programa de treinos, e o corpo longilíneo, bem formado. O rosto arredondado tinha um nariz pequeno, os olhos eram verdes, marcados por sobranceiras bem feitas, e o cabelo um louro natural, quase ouro. Era bela e desejável, mas estava se sentindo inferior em relação a Alima, o que a deixava enfurecida. Se alguém a tivesse visto, diria que a raiva a deixava ainda mais bonita.

Enxugou-se, escolheu roupa confortável, vestiu-a e se sentou. Descobriu que estava com fome e pediu uma refeição leve, com suco natural e um café. Pouco depois, os recebeu. Mastigando, não pode deixar de comparar com a refeição que fizera em Teato e com as que Xilim e às vezes Hari faziam para ela. Sem dúvida, Hari era o melhor cozinheiro dos três, mas a refeição que tomara em Tetama era muito boa e saborosa. E era a comida que Xilim tinha todos os dias, tomando-a não ao lado dela, mas de outra. Tinha ciúme e também inveja de Alima. Sua rival tinha conseguido o que sonhara por anos e que viu quase concretizado no reencontro com Xilim: uma vida juntos, filhos e uma família.

Alimentada, recostou-se na cama e, sem sentir, acabou dormindo.

\*\*\*\*\*

Hari Setala se considerava bom observador e isso tinha lhe facilitado a vida em muitas ocasiões e seu relacionamento com

colegas e amigos. Era capaz de identificar os menores sinais e reagir de acordo com eles, evitando problemas e antecipando comportamentos. Depois de um bom banho, deixou o minúsculo apartamento da nave e foi para a área comum – um espaço um pouco maior que área privada que lhes era reservada – e sentou-se, pensativo, analisando o que vira em Tetama. O que lhe interessava era, primeiro, as reações de Xilim. Os pequenos gestos e reações lhe indicavam que a antiga personalidade do aluno podia estar aflorando. O primeiro indício foi na apresentação de Noor. Os olhos de Xilim brilharam, como se houvesse um breve conhecimento. Depois, na visita, quando as suas reações corporais eram diferentes sempre que se aproximava de Noor ou estava próximo dela. O terceiro momento fora no almoço, com as discretas observações que lhe dedicava e, ao ser flagrado por Alima, sorriera, desarmando-a.

Via no comportamento do amigo uma tensão latente, mais patente cada vez que dizia o nome de Noor, modulado como na fala de Tetama, mas que soava mais íntimo, como a tratava na presença daqueles que deles eram próximos. Incomodada demais com a presença de Alima, Noor não notou o interesse de Xilim. Nem Alima, que claramente via Noor como rival. Era o que tinha interpretado no seu gestual e nas reações corporais de Xilim. Ele e Alima eram sensitivos, o que lhes davam maior empatia. Se Xilim sentia sua proximidade com Noor, Alima também a sentia.

Racionalizando, Setala pensou que, em outro mundo e outra cultura, os três poderiam viver juntos. Nas atuais circunstância, nem Noor, nem Alima aceitariam. As duas o queriam inteiro. Noor iria tentar de tudo para tirá-lo de Alima e de Tetama e trazê-lo novamente para o seu lado.

Hari colocou de lado esses pensamentos e voltou-se para a compilação dos princípios da Filosofia Não Linear, que Kareen lhe havia apresentado. O trabalho resumia centenas de anos do pensamento dos filósofos da Escola, mostrava sua evolução e, no caso específico de Setala, a estranheza da maioria dos seus princípios. Tinha se impressionado com a sociedade que os tetamaos construíram, quase uma utopia igualitária. Eram únicos, pelo que sabia. Podiam ser vistos como estranhos e diferentes por quem não eram da mesma cultura. Veio-lhe o pensamento que eram sábios.

Foi interrompido por Noor.

- Hari, você é o único amigo íntimo que tenho. Quando perdi Xilim, estabeleci uma espécie de cerca que impede as pessoas de se

aproximarem muito. Não evita os relacionamentos, mas não permite intimidade. Tenho excelentes auxiliares, mas nenhum amigo com quem possa me desabafar, falar livremente ou buscar conselhos, aliás o que nunca fiz em se tratando de vida particular. Mas quero lhe fazer uma pergunta e, em nome da amizade, quero resposta direta: O que é que eu devo fazer? Confesso que pela primeira vez na vida estou paralisada, sem saber onde é a saída. Por favor, Hari, me ajude.

Hari via as lágrimas do choro silencioso nas faces de Noor. Gostaria muito de mudar a situação, vê-la novamente com Xilim, com os dois felizes. Não tinha este poder e, como ela, estava impotente. Não podia fazer nada, mas poderia dar a ela uma esperança.

- Sabe que pode contar comigo, Noor. Infelizmente, como você, não sei o que fazer. Acho que devemos confiar em quem sabe, os anciãos de Tetama. Essa confiança não impede que consulte especialistas e até os leve para ver o Xilim. Vou ajudá-la a encontrá-los e poderá consultá-los, tendo uma segunda, terceira e quantas outras opiniões achar necessárias. O que não podemos fazer é perder as esperanças.

Hari lhe lembrou que até reencontrar Xilim, ela tinha vivido na esperança de reatar seus laços, mesmo não tendo nenhuma informação dele e sequer se ainda a amava. Agora, a situação era diferente: sabiam onde se encontrava, que estava assistido e cuidado. Talvez no próximo passo do tratamento Xilim despertasse, retomando seu passado e sua ligação com Noor. Contou-lhe os indícios observados no comportamento de Xilim que entendia como reações de reconhecimento, um fio de esperança para a recuperação dele.

- Não é confortável, nem desejável, mas precisamos ser pacientes e esperar, Noor. Vamos manter a esperança.

## SEDUÇÃO

**R**ecostada na cama e observando o ressonar tranquilo de Wikse, Alima pensava nos primeiros dias em que ficaram juntos. No primeiro momento em que viu o estrangeiro, sentiu-se atraída para ele. Era como se houvesse uma força, um magnetismo que a levasse em sua direção. Quando próximo, algo mexia com ela, muito diferente do que acontecia com os outros homens. Muitos tentaram se aproximar, mas haviam sido rechaçados. No caso de Wikse, no entanto, se a cortejasse, se quisesse levá-la para a cama, iria. E fora esta atração que não sabia explicar e da qual não sabia a razão que a levou a se voluntariar para observá-lo, acompanhando e, periodicamente, relatando o que observara aos anciãos. De início, ficaram no próprio Conselho, período marcado pelos pesadelos que a despertava e que mostrava alguém agitado, suando, com respiração entrecortada e que, muitas vezes, acabava acordando, olhando-a como se não estivesse presente. E não eram só os pesadelos. Tinha frequentes sonhos sexuais, cujos barulhos a acordavam, ela via suas ereções e, em alguns casos, abundante ejaculação.

À medida que os pesadelos diminuíram, foram enviados para Teato. Wikse, lhe disseram, deveria ter vida normal, integrando-se à comunidade e criando um vínculo com ela, se assim o desejasse. Mesmo que não quisesse se unir a ele, deveria continuar sob observação e semanalmente voltar à Ethara e relatar o que havia se passado entre uma visita e outra. À comunidade, sua tarefa foi apresentada como encargo dado, não pedido. Foi uma decisão dos anciãos, o que justificava sua presença ao lado de Wikse, até à noite, o que ocorria somente quando o casal estava formalmente comprometido – companheiro e companheira.

Relacionamentos sexuais sempre existiram, mas se não houvesse compromisso, os casais ficavam separados, diferente do que acontecia com ela em relação a Wikse. Daí, o reforço da decisão dos anciãos. Não fosse por ele, seria ainda mais estranho, pois Alima continuou como Mesem, significando que não mantinha relações sexuais. A prática do ato sexual lhe retiraria o título e a

função. Mesmo não tendo relações, não era indiferente ao sexo, que usava nas provocações das sessões de vidência. Prova de ser afetada eram os constantes sonhos eróticos de Wikse. Eles a estavam deixando obcecada. À noite, quando observava sua ereção, a vontade era de se despir e se entregar a ele. Só não o fez por recomendação estrita dos anciãos, que queriam contar com sua pulsão sexual para recuperá-lo.

De certa forma, Alima fazia papel de enfermeira. À noite, observava Wikse, seu sono, acordava com seus pesadelos e se excitava com suas ereções. De dia, era como uma conselheira que o acompanhava e tentava integrá-lo à vida comunitária. Foi, também, sua professora, mostrando como fazer e ajudando-o a aprender os costumes e as formas de trabalho da comunidade. O esforço para aprender e a disposição para trabalhar apressou sua integração. Poucos meses depois de chegar, foi aceito como um deles, entrando na rotina da comunidade. Foi nesta hora que uma certeza se consolidou em Alima: queria ser sua companheira. Desrespeitando, em parte, o que os anciãos lhe pediram, começou a provocá-lo.

Foi um processo de sedução, não tão longo, mas também não tão curto. Deu resultado e acabaram juntos na cama. Deixou que tomasse a iniciativa, pois não tinha prática nenhuma. Sua inexperiência não foi problema. O corpo de Xilim parecia se lembrar e deixou-se guiar por ele, obtendo um prazer que nunca imaginou existir.

Alima tinha descoberto o que era a felicidade.

\*\*\*\*\*

Os primeiros dias de Wikse após o colapso foram vividos em uma névoa. Não sabia quem era, onde estava e sentia-se permanente indisposto. Durante os dias, praticamente vegetava, aceitando os alimentos e os expelindo, mas sem se importar com nada. As noites, eram diferentes, marcadas por pesadelos que o deixavam exausto. Tinha muitos sonhos eróticos que o deixava embebedado em esperma. Não tinha controle do próprio corpo, de suas emoções e nem disposição. Queria apenas ficar deitado. Tomava as refeições que a bela Alima lhe levava e voltava para a cama. Só saía dela quase que obrigado, arrastado para uma caminhada no pátio do Conselho de Anciãos. Sentia-se permanentemente observado, embora Alima tenha negado que era sua vigilante. Foi ela que o levava para fora do nevoeiro, segurando-lhe a mão e deixando-o, finalmente, em local claro. As noites passaram a ser mais tranquilas e os pesadelos tinham sido substituídos por sonhos intensamente sexual em que – todos eles –



mantinha várias relações sexuais com uma bela mulher, muito diferente de Alima.

O que resultava desses sonhos, o deixava envergonhado. Nem mesmo na adolescência tivera ejaculações noturnas, mas parecia que, com o colapso, sua sexualidade tinha crescido e, incapaz de a satisfazer, os sonhos e a ejaculação noturna vinham em substituição ao verdadeiro ato sexual. Assim que começou a despertar, como um dos anciãos lhe disse, passou a sentir a constante presença de Alima e de seu apelo e atrativo sexual. Muitas vezes teve vontade de ir até a cama que ocupava, beijá-la e os dois fazerem sexo, mas se conteve. Não tinha memória do passado, não conhecia as convenções sociais, mas sentia necessidade de aprendê-las.

Descobriu uma sociedade aberta onde não havia assunto tabu. Era só perguntar que lhe respondia. Alima foi sua instrutora, falando dos costumes, como era o trabalho, como o dividiam e como as pessoas viviam e se relacionavam. Sexo era algo comum, com homens e mulheres livres para praticá-lo. Quando estavam juntos, como companheiros, restringiam o sexo ao casal. A única condição para o sexo é que fosse consensual, aceito pelo homem ou mulher. Podia haver provocações, mas nunca forçar outra pessoa a fazer sexo sem o desejar. Alima nunca tinha ouvido falar que algo assim acontecera.

Aos poucos e com a ajuda de Alima, a vida foi voltando ao normal. Ele foi se integrando à comunidade, participando das tarefas de manutenção do Conselho, inicialmente ajudado por Alima e depois sozinho. Achava que iria ficar em Ethara, mas os anciãos lhe disseram que não, iria para Teato, sua comunidade de origem, e se apresentaria à Facilitadora local. Alima iria com ele, ajudando-o a se restabelecer e se integrar. De início, a cada semana teriam de retornar a Ethara para conversar com os anciãos.

De volta à comunidade, reservaram-lhe um apartamento de solteiro, colocando nela uma cama extra para Alima. Ficou desconfortável, pois não era comum que casais não comprometidos ficassem juntos. Hyiam explicou que o arranjo era decisão dos anciãos e tinha relação com o “acidente” que havia sofrido. A permanência de Alima ao seu lado, mesmo à noite, era necessária e assim permaneceria até que houvesse decisão em contrário do Conselho de Anciãos ou, hipótese mais remota, que Alima decidisse não acompanhá-lo, desrespeitando a decisão tomada pelos anciãos. No final, Hyam lhe disse que ficasse tranquilo, pois a comunidade aceitava a decisão e compreendia que Alima estava se sacrificando em favor da saúde dele.

A volta à atividade, à vida comunitária vendo casais abraçados e sorridentes, a companhia constante e provocativa de Alima aumentavam sua compulsão sexual. Via nela sinais de também desejá-lo. Era um “bebê” aprendendo o trato social e foi deixando as coisas acontecerem. Quando chegavam ao quarto, o impulso de Vikse era propor-lhe que fizessem sexo. O desejo existia, mas a iniciativa foi contida. Limitou-se a observá-la, tentando não ser flagrado. Sentia, mais do que via, que o comportamento de Alima era diferente e que o estava provocando.

Destreinado no trato social não conseguia avaliar o comportamento de Alima, mas queria – e muito – fazer sexo com ela. Foi ela quem quebrou o impasse. Uma noite após mais uma sessão de vidência, das quais não participava por recomendação dos anciãos, Alima chegou quando já estava na cama. Ele acordou, mas fingiu que continuava dormindo e ficou observando-a. Talvez por se sentir observada, devido à sua sensibilidade, foi se despindo aos poucos, revelando o corpo moreno, curvilíneo e de proporções perfeitas. Primeiro, descobriu os seios pequenos, redondos e empinados. Depois, abaixou mais o vestido, deixando a mostra as nádegas, arredondadas e perfeitas. Para terminar de se despir, abaixou-se e pode ver uma vagina de lábios rosados e com vasta vegetação, o que o deixou excitado. Como em câmera lenta, Alima voltou a se levantar e virou-se para ele, ficando de frente parada, como se expondo de forma voluntária.

Na penumbra do quarto, ela estava deslumbrante. Esforçou-se para ficar quieto, continuar com o fingimento, mas não pode evitar a ereção. Sentiu o pênis endurecendo e levantando o leve lençol que o cobria e acompanhou os olhos de Alima, que se deslocavam do seu rosto para o movimento que seu sexo fazia. E viu o leve sorriso dela. Até então, não a tinha visto nua. Podia ver o contorno dos seios e até observá-los, dependendo da posição que assumia, mas a considerava recatada, comparando com outras mulheres da comunidade. À sua frente e nua, aparentemente de forma deliberada, Alima lhe provocou um profundo desejo sexual.

Ainda fingindo, virou-se e ficou de costas para ela. Gemeu baixinho, como se estivesse em um sonho sexual. Sentiu que sentava-se na beira da cama e se estendia, levantando o lençol, recostando-se nele e o puxando para ela, murmurando que o queria. Não se lembrava de envolvimento anteriores, mas o seu corpo entrou no modo automático e fizeram sexo.

Adormeceram abraçados.

\*\*\*\*\*

Alima mexeu-se na cama e acordou Vikse. Ele se mexeu e a viu acordada.

- Por que não está dormindo? Foi um dia duro e dormi assim que me deitei. Desculpe, não consegui esperá-la. Vamos dormir.

Alima se ajeitou na cama, o abraçou e começou a acariciar seu peito, segurando e soltando os pelos. Sua mão foi descendo, brincando, até chegar à área genital. Enfiou os dedos nos pelos que cobriam sua genitália, segurou gentilmente o escroto, massageando-o e sentindo o começo da ereção. Ele lhe segurou um dos seios e de forma carinhosa, brincou com o seu bico, o que a deixava excitada. A brincadeira sexual foi crescendo. Não como da primeira vez, mas Alima tomou a iniciativa, puxando-o para ela e o forçando a se colocar por cima, guiando seu pênis em direção à vagina. Levantou um pouco os quadris para que a penetrasse profundamente. Gemeu ao ser penetrada. Iam em um crescendo e explodiram juntos, relaxando.

- Tenho um pedido e quero que me atenda. Vamos ter um filho?

Xilim sentiu que já tinha vivido situação idêntica. Alguém, em momento que não se lembrava, também lhe tinha dito que queria um filho. Não fora Alima, tinha certeza. Ter a sensação mas não se lembrar, deixou-o pensativo, olhando para as paredes do quarto. O que poderia dizer? Sua sensação é que devia ganhar tempo para pensar no assunto e pesar as vantagens e desvantagens de ter filhos. No seu íntimo, achava que devia ter filhos, exatamente como as outras famílias da comunidade, mas havia alguma coisa no seu passado que o estava contendo. Pela primeira vez desde o colapso, desejou conhecer seu passado.

O que sabia dele foi o que lhe contaram. Era de outra comunidade e fora para Teato pouco antes de sofrer o colapso. Ele era diferente das pessoas locais e para constatar bastava olhar-se no espelho. Tinha a pele mais clara, era mais alto que os outros homens da comunidade e o único a ter olhos claros. A história do “acidente” lhe foi reafirmada por Alima, por Hyam e também por Kareen, figuras do seu presente. Ele era diferente, mas não tinha como avaliar essa diferença, nem como comparar-se com os outros homens. Pensando em filhos, famílias e em não ter passado, acabou adormecendo.

\*\*\*\*\*

Ao acordar, Vikse estava sozinho. Alima já tinha saído, o que não era incomum. Tinham tarefas diferentes e seus horários, muitas vezes, não coincidiam. Ela estava no refeitório e foi ajudar no

preparo do café da manhã. Ele estava na colheita e começava um pouco mais tarde. Teriam um rápido encontro no refeitório para o café e se reencontrariam à noite. Já desperto e se vestindo, não se lembrou do pedido de Alima. Sua preocupação era com a colheita, abundante e fundamental para a comunidade. Além de suprir suas necessidades, o excedente deixaria folga para conseguir suprimentos que não produziam. Os mais experientes comentavam que havia, ainda, excedentes para ser enviado a Ethara, contribuindo para o Fundo de Compras, que gerenciava as necessidades das comunidades, comprando e distribuindo o que necessitavam.

Alima tinha tido um sono muito repousante, ajudado pelo sexo que o antecedeu, mas não acordou muito animada. Esperou a resposta de Vikse sobre o filho, mas não lhe respondeu, o que a deixou decepcionada. O que pediu contrariava as determinações dos anciãos, mas estava disposta a desobedecê-los, achando que se tivessem filhos, Vikse ficaria mais preso a ela, afastando a possibilidade de um dia ir embora – ameaça que pendia como uma espada sobre sua cabeça. Os anciãos estavam impressionados com a recuperação física de Vikse, mas não estavam com ele todos os dias. Ela, sim. E vinha notando pequenos indícios de modificação. Temia que as mudanças lhe trouxessem as memórias de volta.

Alima descobriu que ao lado dele sua vida era plena. Só de pensar na possibilidade dele a deixar doía muito. Se um dia acontecesse, o que faria? Ela tinha sido feliz enquanto Mesem, mas ainda não tinha descoberto o sexo. Via na volta à função de Mesem uma possibilidade, mas teria de deixar Teato, indo para onde precisassem dela. Mas o que queria, de verdade, era ficar ali, junto com Vikse, ter filhos e formar família, criando raízes. Pensando no seu estranho relacionamento e ansiosa por uma resposta de Wikse, foi para o refeitório cumprir as primeiras tarefas do dia.

Em um dos aspectos, a personalidade de Wikse e de Xilim eram idênticas. Não era uma pessoa noturna e gostava de acordar cedo. Por isso gostava quando estava trabalhando no refeitório. O café da manhã era servido de 7 às 8 horas, o que o levava a chegar no trabalho uma hora antes do início. Não era o caso e teria de gastar tempo até a abertura do refeitório. Podia sair, circular, conversar com quem já tivesse acordado, mas decidiu esperar no quarto. Às vezes, gostava de ficar sozinho. Aproveitava esses momentos a sós para pensar e um dos pensamentos recorrentes nas últimas semanas era sobre seu passado.

No encontro periódico com os anciãos, perguntou sobre o passado. Ayyub, com quem estava conversando, não escondeu que sabia, mas lhe disse, com todas as letras, que não lhe diria. Dependia dele, e só dele, retomar suas memórias. Nem ele, nem os outros anciãos, Alima ou Kareen podiam ajudá-lo. Não era o caso de conhecer quem foi através de relatos de terceiros. Se queria retomar sua antiga vida teria de lembrar-se dela ele mesmo. Mas o que tinha de fazer para lembrar-se? Também não lhe tinham dito e nem o fariam. Não tinha a mínima ideia por onde começar.

Colocou o pensamento de lado e foi tomar o café da manhã.

Alima, servindo as frutas e os pães, o viu chegando junto com outros integrantes da comunidade. Junto deles, se destacava pela altura, pela pele mais clara e, aos seus olhos, pela beleza. Muitas mulheres, incluindo algumas ainda sem companheiros, a invejavam, considerando-a felizarda por ter conquistado o “bonitão”. A lembrança lhe abriu um sorriso, que morreu ao pensar que vivia permanentemente sob ameaça de perdê-lo. Era uma ameaça que não pairava sobre as outras mulheres que tinham companheiros. O seu rosto se ensombreceu. Concluiu a tarefa e foi, ela própria, tomar café. Pegou a bandeja, escolheu o que comeria e beberia e dirigiu-se à mesa onde Wikse estava sentado, conversando com outros casais. Aproximou-se, cumprimentou-os e sentou-se. Quando saíram, fez um sinal a Vikse para que esperasse.

- A Hyiam irá na parte da tarde para Ethara tratar de interesses da comunidade e me pediu para lhe ajudar. Pelo que me disse, deve ficar por lá dois dias. Algum problema?

Não havia nenhum, mas sentiria sua falta. Se necessário, tinha de fazer o trabalho, pois o interesse da comunidade era maior. Gostaria de ir também, mas terminar a colheita era prioridade e precisavam dele. Wikse deu-lhe um beijo e foi para o campo cumprir sua tarefa do dia. A exemplo dele, Alima voltou ao trabalho, recolhendo utensílios, guardando alimentos e ajudando na limpeza do refeitório. Ela tinha sido surpreendida pelo convite de Hyam e se atormentava tentando descobrir a razão dele. Não havia razão para sua ida, principalmente por necessitarem dela na comunidade. Ficou com medo e associou a ida a Ethara à visita dos estrangeiros, perguntando-se se tinham poderes para mudar sua vida. Tentou concentrar-se no trabalho à espera do que os anciãos iriam lhe dizer.

\*\*\*\*\*

Nada aconteceu de especial em Ethara até o último dia de sua estadia. Aproveitando-se da ida, quis conversar com Ayyub, que via como o responsável pelo acompanhamento da evolução de Vikse.

- Boa tarde, Ayyub, meus respeitos. Não tínhamos encontro programado, mas como estou em Ethara, achei conveniente conversar e lhe relatar o que aconteceu com Wikse desde o nosso último encontro.

Ela minudenciou o que tinha visto, chamando a atenção para o que considerava indícios de mudanças. Pelo que sentia, tudo estava indo bem e Wikse estava integrado e feliz. A confirmação da integração é que viera lhe falar sobre a possibilidade de terem filhos. Evitou o assunto e não respondeu, mas gostaria, sim, de ter um filho com ele.

- Alima, filhos não é uma opção. Lamento decepcioná-la. Dissemos que poderia unir-se a ele se assim o desejasse, mas infelizmente não lhe avisamos que não poderia ter filhos. A situação não mudou. O Wikse não pertence ao nosso mundo. Existem razões para o que estamos fazendo. Vou lhe explicar.

A visão de Ayyub e dos anciãos é que foram os responsáveis, mesmo de forma involuntária, pelo colapso, pois deviam ter tomado medidas preventivas em relação as sessões de vidência, o que só fizeram após o acidente. Consideram que eram moralmente responsáveis pela recuperação de Wikse, usando o conhecimento e técnicas disponíveis para torná-lo inteiro, o que só aconteceria se recuperasse a memória.

A proximidade e a ligação com Alima foi mais um passo no caminho da recuperação. Ao se tornarem um casal, ele ganhou base psicológica mais firme e começou a viver uma vida quase que normal, se comparada com o que era antes. Os indícios que Alima havia relatado aos anciãos mostrava que escolheram o caminho correto. A base segura que estava construindo iria amenizar o choque na hora em que recuperasse as memórias. Quando – e não se – acontecesse, teria de fazer uma opção: continuar em Teato e em Tetama ou retomar sua vida. Se ficasse, poderiam ter filhos. Mas se decidisse voltar à sua antiga vida devia ter liberdade que um filho não lhe dava.

- Confiamos em você, Alima, mas como não poderíamos prever a quem ele se ligaria, o Vikse recebeu uma droga que o torna infértil. É uma situação reversível. Quando recuperar a memória lhe daremos o antídoto. Sei que é difícil para você, mas terá de lhe

dizer que não pode ter filhos. Lamento. Não queria lhe dizer isso, mas faço o que é necessário para que paguemos o nosso débito para com Wikse.

Não havia segredos em Tetama. Alima saiu do encontro disposta a desafiar os anciãos, descobrir o antídoto e ter filhos com Wikse.

## AMNÉSIA E CURA

**A**lima tinha voltado decepcionada de Ethara. Achou injusto impedir que tivesse filhos do homem que amava. Os anciãos haviam privilegiado o individual sobre o coletivo e era ele que devia ser considerado. Tetama e Teato precisavam de mais pessoas, força nova, gente capaz de substituir os que estavam envelhecidos, sem mais capacidade de trabalhar. Filhos eram decisão individual, de cada casal e os anciãos não tinham o direito de interferir.

Os argumentos de Ayyub eram racionais, mas não lhe serviam de consolo. Eles a tinha deixado na pior posição, tendo de reprimir o que mais desejava. Tinha pensado em parar de tomar os preventivos de gravidez, precaução tomada quando começou a ter relações sexuais com Wikse. Mas de que adiantaria? De nada. Ela se ligou a ele voluntariamente e não podia reclamar do que fez. Inicialmente, tinha sido pelo sexo, despertado pelos sonhos sexuais do seu vizinho de cama. Depois, foi muito além, pois descobriu que o amava, uma ligação física e espiritual, que mexia com ela. Só de pensar em não tê-lo, sentir dor física, agravada pelo medo. Nunca tinha sido uma rebelde, mas iria buscar meio de contornar a infertilidade de Wikse. Se a encontrasse, teria o filho que tanto queria. Seria o seu troféu no caso de um dia ele partir, a lembrança viva de um tempo muito feliz.

Em Alta, Noor também pensava em Xilim. Não em filhos, mas em uma forma de trazê-lo de volta. Iria consultar especialistas, como aconselhara Hari Setala. Já havia se entrevistado com um deles, indicado pelo professor, e ouvira praticamente o mesmo que os anciãos de Tetama lhe haviam dito. A ciência não tinha como prever se a amnésia seria curada e, se fosse, quanto tempo levaria. Não havia um tratamento, mas várias tentativas. Uma delas era o uso de drogas estimulantes, que poderiam ou não funcionar. Em qualquer hipótese, o mais importante era que o paciente tivesse estabilidade emocional e segurança de um ambiente tranquilo e familiar.



Medoro Edouard, o indicado de Hari, aceitou ir a Tetama examinar Xilim e dar o seu diagnóstico. Noor agradeceu sua disposição, mas pediu-lhe tempo. Não lhe disse, mas queria ouvir outros especialistas, mas, antes, ouviria o amigo. Dentro de poucos dias voltaria a Amatea e à rotina dos concertos, por isso queria dividir suas dúvidas e angústias com Hari, que a ouvia pacientemente e sempre tinha uma palavra de estímulo.

- Hari, faz mais de um mês que fomos a Tetama e, até agora, não vislumbrei nenhum meio de apressar a recuperação do Xilim. E você, soube de mais alguma coisa?

Querendo ajudar, Setala tinha lido praticamente tudo o que encontrara sobre amnésia traumática e sobre choque psicológico. A leitura lhe trouxe uma conclusão: ninguém sabia, de forma objetiva e clara o que acontecia à mente e, nos casos de recuperação de amnésia, como tinha ocorrido. Alguns estudos achavam que com o uso de drogas a volta da memória podia ser apressada, mas outros constataavam que o fator principal era psicológico e estava associado à vontade de cada pessoa e à sua própria estrutura emocional. E quanto ao tempo? Outra incógnita. Podia ocorrer de forma rápida ou levar anos. Um dos relatos mais significados, dentre tudo o que leu, era de um professor que recuperou a memória após encontrar um amigo que não via há anos.

- Não consegui uma única informação objetiva. É quase sempre o que já sabemos. A recuperação pode ocorrer, mas ninguém sabe em quanto tempo e, sequer, se ocorrerá. Alguns tentam tratamento com drogas, que funciona. Outros, a tentam e fracassam. O mesmo ocorre com tratamentos puramente psicológicos. Minha capacidade de coletar informações está se esgotando. Lamento.

Eram más notícias e Noor ficou desolada. Ela tinha esperança que Hari descobrisse um caminho para a recuperação de Xilim, mas continuavam no marco zero de uma jornada que não tinha perspectiva de ir à frente. Iria levar sua incerteza para Amatea e para suas apresentações. Estava desanimada, não havia escolhido repertório novo, não tinha ensaiado, como sempre fazia, mas esperava que as músicas mais antigas ainda agradassem seu público.

Faltava-lhe algo vital, que era Xilim. Teria de fazer um grande esforço para seguir adiante.

\*\*\*\*\*

Em Ethara, Wikse estava reunido com os anciãos. Era mais uma conversa informal. Falava do seu dia a dia, do que pensava, do que o preocupava e se tinha ou não sonhos. As perguntas, lhe disseram, serviam para avaliar como estava se recuperando do trauma sofrido. O que mais despertou a atenção dos anciãos foram os novos sonhos. Neles, via-se como criança em companhia de uma menina, que parecia ser sua melhor amiga, já que estavam sempre juntos. Na última semana o sonho foi recorrente, mudando apenas as idades. Em um deles, ambos eram adolescentes e estavam sentados no que parecia ser uma praia. Não se lembrava de uma conversa específica, mas antes de deixarem o local, a menina virou para ele e perguntou:

“Você jura que vamos ficar sempre juntos?”

Ele jurou. Levantaram-se e saíram caminhando de mãos dadas.

- Você se lembra de como era a menina e, depois, a adolescente? Com quem ela se parecia? Por exemplo, com a Alima?

Sim, ele se lembrava. Não era Alima. Era tão alta quanto ela, mas tinha a pele mais clara, vestia-se de forma diferente e seus cabelos não eram negros, mas louros. Não se lembrava de ter estado em uma praia, mas no sonho a vegetação do local onde ele e a adolescente se encontravam era diferente da existente em Tetama. O sonho foi tão nítido que o descreveu e aos seus detalhes aos anciãos: a textura da areia, as árvores em volta, uma casa enorme no cume de um pequeno morro, a casa para a qual voltaram e até deu detalhes de como estavam vestidos e que só permaneceram de mãos dadas enquanto protegidos do público. Quando chegaram a local aberto, andaram como se fossem apenas amigos. Os anciãos ficaram bem impressionados com os detalhes dados.

- Você consegue vislumbrar algo parecido, aqui em Ethara ou em Teato? Ou mesmo por onde tenha passado aqui, no planeta?

Não se lembrava. Também não se lembrava de um dia ter estado na praia. Ele não entendia os sonhos e os tinha tido em profusão nos últimos dias. A menina da praia não foi a única a lhe aparecer. Por várias vezes sonhou com a cantora estrangeira que fez uma rápida visita a Teato. Acordado, não se lembrava do nome dela. Sonhando, não só o sabia, mas tinha certeza de se conhecerem há longos anos.

- Como está o seu relacionamento com a Alima? Ela tem reclamado de alguma coisa?

Alima era o tipo de mulher que qualquer homem desejaria. Pessoalmente, carinhosa e cuidadosa. Na comunidade, trabalhadora e companheira. Ele não tinha nenhuma reclamação e ela também não. Viviam uma ótima vida. A única coisa diferente de suas rotinas foi que lhe havia dito que desejava ter filhos – e ele começara a pensar no assunto, tentado a concordar com ela. Ele não havia voltado ao assunto e, aparentemente, Alima esquecera dele.

- Obrigado. Gostamos de saber que tudo está bem. Você está liberado.

\*\*\*\*\*

Alima estava ressentida por não poder ter filhos e não se mostrou muito colaborativa na conversa com os anciãos. Eles perceberam e Ayyub lhe disse que dependiam dela para saber como Wikse estava, avaliando-o e vendo se estava bem ou não. Se não desse as informações completas acabaria prejudicando-o e à própria recuperação, que podia influir na sua saúde física e mental. Os anciãos desejavam que tivesse vida plena, saudável e que recuperasse suas memórias. Alima fazia parte da cura ao lhe dar suporte, mas precisavam das informações e só ela é que as poderia dar. Era uma obrigação para com os anciãos, mas também com Wikse, que deveriam ajudar a preservar saudável.

- Vamos recomeçar. Como o Wikse tem se comportado neste último mês? Sentiu que houve alguma mudança?

Tudo ia bem. O relacionamento era ótimo. Wikse era modelo de marido e de cidadão. O que fazia, era com alegria e estava sempre pronto a ajudar a completar serviços que precisavam de mais mãos. A disponibilidade o tornou popular em Teato, com integrantes da comunidade pedindo sua ajuda. Fazia sucesso também com as crianças, a quem contava velas histórias e as ajudava em tarefas escolares. Chamavam-no dia tio e foi vendo ele envolvido com as crianças que surgiu, como já tinha lhes contado, o desejo de ter filhos.

- Nós, homens, evitamos falar de nossa vida sexual e quando falamos, exageramos. A vida sexual de vocês está satisfatória?

Alima estava satisfeita e achava que o marido também. Os dois faziam sexo constantemente e gostavam. Fez questão de ressaltar que sexo era complemento, pois o que os unia era o amor. Queriam e procuravam oportunidades para ficarem juntos, fosse no trabalho, no café da manhã, no almoço, no jantar e nos períodos de folga. A comunidade os via – e tinha lhe falado várias vezes – como um dos

casais mais unidos. As mulheres a invejavam por receber carinho e atenção de seu companheiro.

O Vikse tem tido sonhos?

Ele sonhava quase todas as noites e em muitas delas ela havia acordado, ouvindo-o balbuciar algo que não conseguia entender. Ao acordarem, quando lhe perguntava o que tinha sonhado, Vikse dizia não se lembrar. Às vezes, lembrava de fragmentos: estava na praia, os dois estavam juntos ou pequenos fiapos do dia a dia e do que os unia. O único sonho que lhe contara por inteiro era um sexual com participação deles dois. Ele acordou excitado e fizeram amor.

- Notou se ficou mais pensativo? Ou se aparenta algum tipo de tristeza ou excitação?

Nada havia mudado. Ele às vezes gostava de ficar sozinho, o que acontecia desde que voltaram à Teato. Também gostava de pensar, descobrindo como melhorar as coisas que fazia e quando conseguia seu intento ficava, sim, excitado. Mas não era uma coisa nova. Tão logo superou a letargia inicial, sempre se portara desse jeito. Depois, Alima ainda respondeu muitas outras perguntas – muito mais do que Wikse – e acabou sendo liberada.

\*\*\*\*\*

“Karen,

*Gostaria de levar a Ethara uma amiga especialista para ter uma conversa e fazer uma avaliação do Dr. Wikse. Lembro-me que tanto você quanto os anciãos me disseram que poderia fazer isso.*

*Não poderei ir pessoalmente, mas o Dr. Hari Setala, que me acompanhou na visita e que é muito amigo do Dr. Wikse, irá com ela, fazendo-me o relato do que aconteceu. Aqui, em Amatea, terei encontros com outros especialistas, que também me darão sua opinião.*

*Espero a confirmação para que possamos marcar a ida.*

*Muito obrigado*

*Noor Isa Toma”*

A comunicação apareceu na tela do computador de Karen e ele a levaria aos anciãos. Se tivesse de decidir, daria resposta afirmativa, mas Wikse não era assunto dele – mesmo que tivesse o desejo de ajudar. Somente os anciãos poderiam decidir. Pessoalmente, achava que uma simples visita não representaria

problema e não atrapalharia a recuperação do professor, que conheceu antes da amnésia e que considerava brilhante. O que iria sugerir é que fosse trazido a Ethara, evitando a participação da comunidade ou interferindo na sua dinâmica. Não tinha nada marcado com Ayyub, mas iria até ele.

- Ayyub, Kareen. Desculpe vir sem avisar. Acabei de receber pedido da srta. Toma – você deve lembrar-se dela – querendo trazer especialista a Ethara para avaliar o Wikse. Ela própria não virá, mas o especialista será acompanhado pelo Dr. Setala, que é amigo dos dois.

O ancião o olhou de forma inquisitiva e lhe perguntou o que achava. Kareen não via problemas na visita e nem como poderia interferir no que procuravam fazer para despertar Wikse. Sugeriu que o encontro fosse em Ethara, não alterando na dinâmica da comunidade de Teato. Certamente, começariam a perguntar o porque de tantos estrangeiros a visitarem quando, antes, as visitas eram esporádicas e sempre relacionadas às sessões de vidência.

Ayyub concordou e Kareen ficou encarregado de arranjar a entrevista. No dia seguinte, dispararia a resposta.

\*\*\*\*\*

Hari Setala ficou surpreso com o pedido de Noor para acompanhar a Dra. Eryn McGregor a Tetama. A médica era considerada a maior especialista de Ourea em tratamento de amnésia e distúrbios psicológicos e emocionais. É claro que iria, mas se tivesse sido consultado, recomendaria que fosse um homem a examinar Xilim, que era recatado, evitando a abordagem de assuntos pessoais em público e, muito menos, com mulheres. Amigo dele – e de Noor – não poderia dizer não. Uma nave viria de Amatea e o apanharia no planeta, saltando para Ethara. O voo seria dentro de três dias e ela já tinha acertado com Kareen os detalhes do encontro. Xilim estaria em Ethara, evitando que tivessem de ir para o interior.

No tempo em que ficaram em órbita e na aproximação com Tetama, Hari atendeu a curiosidade da médica e falou sobre Xilim, de sua chegada a Alta, passando pelos estudos e o sucesso de seus livros e sua posição como polemista. Eryn, como pediu ao professor que a chamasse, ficou surpresa com o relato. Considerava-se antenada com as atualidades, mas nunca ouvira falar do Dr. Achilles Wikse. Ao identificar quem iria avaliar, ficou mais interessada e compreendeu por que Noor, através de um amigo comum, havia pedido que fosse em sigilo. O que a mídia não

daria para saber a história? Os líderes mais conservadores da Igreja certamente aproveitariam muito, apresentando quem se transformara em seu maior adversário como um lunático.

Wikse observou a aproximação de Kareen e dos visitantes. Por um momento ficou com a impressão de já ter visto a mulher alta e loura ou alguém muito parecida com ela. Quanto ao outro acompanhante, lembrou-se dele. Tinha acompanhado a cantora na visita à Teato, aquela que despertara ciúmes em Alima e com a qual vinha sonhando. Chegou a pensar que a loura era a cantora, mas viu que as duas não tinham nada igual e a única semelhança era o fato de ambas serem louras, algo incomum em Tetama. Lembrou-se que o homem era o Dr. Hari Setala e, sem saber a razão, sentiu como se o conhecesse há longo tempo. A mulher lhe foi apresentada como Dra. McGregor. Ela iria lhe entrevistar e examinar e devia colaborar. Ficou curioso para ver como ela agiria. Em Tetama não havia médicos, mas os anciãos exerciam esse papel. Imaginou que a Dra. McGregor iria agir como eles, lhe fazendo muitas perguntas. Não teria problemas em responder.

O encontro da médica com Xilim durou cerca de três horas. Foi Wikse que a levou à sala dos anciãos e ao encontro do Dr. Setala. Curioso em relação a conversa que ela teria com os anciãos, ficou por perto. Pensou em ouvir a conversa, pois o ambiente era aberto. Mas a bisbilhotice era socialmente condenável em Tetama. Refreou a curiosidade e foi se preparar para retornar a Teato e à Alima.

Quando deixou a cidade algumas horas depois, Eryn McGregor e Hari Setala ainda conversavam com os anciãos, embora ele não o soubesse. Deles, ouviu o histórico do acompanhamento, as providências tomadas e o tipo de tratamento que adotaram, que já havia mostrado sinais de eficácia através da manifestação do inconsciente de Wikse. Setala ouviu com atenção, mas foi mero espectador. Quando finalmente a conversa e o inquérito mútuo terminou, cansados da viagem e do salto, voltaram à nave. No dia seguinte, voltariam a Alta.

Quem os levou ao espaçoporto foi Kareen. Mas não falaram de Xilim. Hari e Eryn pediram detalhes sobre a cultura do planeta. Setala o fez por curiosidade, mas Eryn estava interessada em ver a base que era fornecida ao seu novo paciente e no que ela poderia ajudá-lo a recuperar as memórias. Na nave, cada um iria para seu apartamento e talvez não tivessem oportunidade de conversarem antes do novo salto. Setala queria saber a opinião da médica sobre Xilim, o tratamento e se havia esperanças para ele.

- Dr. Setala, unindo as informações que me deu sobre o brilhantismo de Wikse, ao que apurei dele, inclusive com exames físicos, e acrescentando o relato dos anciãos, o meu diagnóstico é de Transtorno de Múltiplas Personalidades. A identificação da doença é difícil e, se estivesse em Ourea, eu o submeteria a exames físicos e psicológicos que não tivemos condições de realizar em Tetama. Então, meu diagnóstico pode não estar correto. Se tivesse mais tempo e melhores condições de análise, poderia falar com maior segurança. Devido às condições da observação e dos poucos exames, esta é a minha opinião inicial. Sinceramente, e levando em consideração as circunstâncias, espero que esteja errada e os anciãos de Tetama, certos.

## SAUDÁVEL E FELIZ

Noor havia voado para Alta no dia seguinte à viagem de Eryn e de Hari e aguardava, angustiada, a volta deles. O que haviam combinado é que a médica faria escala no planeta, aproveitando umas pequenas férias, e relataria suas conclusões. Estava ansiosa para ouvir uma boa notícia e renovar a esperança na recuperação e no reencontro do amado.

Se do lado amoroso sua vida era um deserto, acontecia o inverso no lado artístico e profissional. Tivera um dos melhores anos da carreira, embora não apresentasse repertório novo. Seus concertos foram rapidamente esgotados, havia fechado novo contrato com a Rede Um e os acordos de publicidade e de apoio lhe proporcionaram mais alguns milhões de créditos. Mas o dinheiro, que lhe sobrava, não tinha o poder de lhe devolver o amor. Se lhe fizessem a oferta de trocar o sucesso musical, pessoal e financeiro por uma vida simples ao lado de Xilim, não tinha dúvida que aceitaria na hora. Suas orações não tinham adiantado e sofria ainda mais por saber que outra mulher estava ao lado dele, feliz e – pelo que ela própria vira – também o deixando feliz.

Confirmando os pensamentos de Noor, Vikse chegou a Teato e encontrou Alima à sua espera, feliz por ter regressado. Era hora do jantar e os dois seguiram para o refeitório. O que Alima não podia imaginar é que o companheiro voltou a ser despertado para a figura de Noor com o encontro em Ethara. Ela estava curiosa sobre o que tinha acontecido e Vikse lhe deu os detalhes da conversa, mas não fez referência às lembranças que lhe surgiam como flashes com a imagem de Noor. A entrevista tinha sido idêntica a que era submetido pelos anciãos. Procurou responder de forma rápida, pois queria voltar para a comunidade e para casa, pois ali que era o lugar dele.

Alima sorriu, gostando do que havia ouvido. De mãos dadas, chegaram ao apartamento e sentaram-se na cama. Alima, recostou-se nele, debruçou-se sobre o seu ombro e lhe acariciou o peito, passando os dedos nos pelos como se os estivesse penteando. De



repente, o mundo parou para Vikse e ele se viu em outro lugar, muito diferente de onde estava. Estava sentado na cama e a loura com quem sonhava havia se debruçado sobre seu ombro e começou a brincar com os pelos do seu peito, descendo e acabando em sexo oral. O momento durou alguns segundos, mas a memória estava nítida. Queria repetir a experiência. Teria de ensinar a Alima como fazerem sexo oral.

Ainda em Tetama, no pequeno alojamento da nave, Hari Setala tinha tomado banho, trocado de roupa, comido alguma coisa leve e sentara-se com o intuito de ler o esboço do trabalho de um dos seus alunos, mas acabou distraído pelos pensamentos. Se a Dra. McGregor estivesse certa, mesmo que Xilim se recuperasse – isso significando a volta da memória passada – não haveria segurança, pois poderia, de novo, mudar de personalidade. Imaginou o impacto que poderia causar a Noor se houvesse a recuperação e, depois, nova mudança. Os dois viveriam inseguros, sabendo que a qualquer hora poderia haver uma nova mudança, a amnésia retornar e nascer uma nova vida do zero, como já lhe tinha acontecido.

“O que posso fazer para ajudar?” foi o pensamento de Hari. A única ação que poderia tomar era apoiar Noor. Desistiu da leitura e foi dormir. Tinha de pensar como iria relatar o encontro à amiga.

\*\*\*\*\*

Em Teato, Vikse estava começando a primeira lição de sexo oral com Alima. De início, ela ficou assustada. Ninguém que conhecia fazia isso – ou se fazia, não falava. Ele acabou convencendo-a que era bom e que iria gostar, tomando a primeira iniciativa, começando por despi-la, sendo didático em cada etapa e mostrando que ambos teriam prazer. As explicações e os cuidados não evitaram a tensão em Alima. Mas à medida que ia adiante o corpo dela foi relaxando. Quando chegou à área genital, ela segurava sua cabeça e a forçava contra ela, começando a se retorcer de prazer, em um crescendo que a levou ao orgasmo. Sentiu suas coxas apertando sua cabeça e as pernas prendendo suas costas e esperou que relaxasse. “Agora, vem a segunda parte, minha vez” e começou a segunda parte da lição, mostrando-lhe de forma gentil o que tinha de fazer, retribuindo o prazer que lhe dera e guiando-a em direção ao pênis enrijecido. Quando ejaculou, ela se assustou e acabou correndo para o banheiro. Ouviu a água aberta e ela se lavando. Ainda nua, retornou ao quarto.

- Onde aprendeu isso. Nunca ninguém me falou e as mulheres sempre falam sobre sexo.

- Não sei, Alima. Mas quando sentou-se ao meu lado e debruçou-se no meu ombro, brincando com os pelos do meu peito, a ideia me veio à cabeça e quis experimentar. Não me senti estranho. Era como se já tivesse feito muitas vezes antes. Sabia exatamente o que deveria fazer e, depois, o que você devia fazer comigo. Pra mim, foi muito bom. Espero que tenha sido para você, também.

Ao entrar no banho, ficou pensando sobre o que tinha feito. Ainda molhado, mas se enxugando, ao recordar a reação de Alima, teve outra ereção. Queria repetir a dose, mas achou melhor fazerem amor de modo convencional. Seu corpo havia lembrado de suas noites de amor com Noor, que quase sempre terminavam de maneira idêntica, com os dois banhados e voltando à cama para uma sessão tranquila de amor, o que não se lembrava.

Em Alta, Noor estava na cama olhando para o lado vazio, antes ocupado por Xilim. Sentia muita falta dele, não só pela companhia e pelo envolvimento, mas pelo sexo. Era verdade que não tinha tido muitas experiências com outros homens, pois desde muito cedo se dera a ele e nunca tinha pensado, de maneira séria, ter outro ao seu lado. Isso não a tornava celibatária nem casta. Sozinha, tinha descoberto a masturbação e ela lhe trouxe alguma satisfação. Tinha tido, depois de sair de casa, relacionamentos ocasionais, mas não era dada ao que as colegas chamavam de “foda rápida” ou “trepada rapidinha”. Pensava em sexo não apenas pelo prazer. Devia haver envolvimento e só se sentiu plenamente satisfeita com Xilim.

Quando não estava ao lado dele vivia a expectativa de reencontrá-lo. Só de saber que a esperava a deixava feliz. Foi um período maravilhoso, que viveu intensamente, recuperando parte do tempo perdido desde que Xilim fora exilado pelo pai. Mas o seu colapso a fez voltar no tempo, quando descobriu a sexualidade e a masturbação como forma de se satisfazer. Fechando os olhos, imaginou Xilim chupando-a, com o dedo fazendo as vezes de sua língua, uma massagem suave do clitóris em um crescendo até que explodiu no prazer. Relaxou e dormiu.

\*\*\*\*\*

Desde sua primeira chegada a Alta, Noor não se preocupou em ser reconhecida. Não era tão conhecida no planeta e sem o glamour dos palcos, ficava diferente, o que lhe permitia andar livremente, sozinha ou acompanhada de Xilim, conhecido entre os acadêmicos e nos meios intelectuais, mas pouco pelo público. Nos aeroportos e espaçoportos, era diferente. Sempre havia a possibilidade de ser reconhecida e alguém passar para a mídia que estava na cidade ou

no planeta, expondo-a e lhe tirando o anonimato. Por isso, não foi ao encontro de Hari e da Dra. Eryn McGregor, indicada por um amigo.

Combinou que os receberia em casa, onde podiam conversar livremente, e ofereceu hospedagem à médica durante as pequenas férias, propondo levá-la a alguns lugares, como Xilim havia feito com ela nas primeiras vezes que veio encontrá-lo. Quando estava ocupando o apartamento, lembrava-se dos seus tempos na casa dos pais e ela própria cuidava de tudo. Às vezes, contava com a ajuda da esposa do zelador que fazia limpeza nos apartamentos, completando a renda da família. Chamou-a para deixar a casa preparada para a visitante.

Na viagem de volta e enquanto esperavam o transbordo para Alta, Hari e Eryn conversaram. Ele estava interessado em saber detalhes sobre a doença de Xilim e ela o atendeu. Disse-lhe, por exemplo, que o Transtorno, conhecido como “dupla personalidade” é uma condição mental que leva a pessoa a ter identidades distintas e continuar interagindo com o seu meio. Cada personalidade é diferente, o que muda a interação. Os estudos com pacientes mostraram que, o mais comum, é a existência de duas personalidades diferentes. O despertar da nova personalidade ocorre em momentos traumáticos, como no caso do Dr. Wikse.

Apesar de ser muito estudada, não há consenso dos especialistas em relação ao Transtorno, ela lhe disse. Alguns psiquiatras consideram impossível a convivência de duas personalidades, pois tornaria a pessoa esquizofrênica e poderia levá-la à loucura. No caso específico do Dr. Wikse, após as conversas com ele, os exames e as conversas com os anciãos estava segura de tratar-se do Transtorno de Múltiplas Personalidades. Ela já tinha tratado de casos parecidos, mas sua opinião era baseada em dados parciais. Para um diagnóstico seguro, seriam necessários mais exames físicos e psicológicos. Só assim é que teria uma posição firme.

- Eryn, você considera correta as medidas tomadas pelos anciãos de Tetama?

Não havia um padrão de tratamento com cada caso sendo diferente. Os anciãos adotavam um modelo não ortodoxo, mas como eles haviam relatados, tinham passado por experiências anteriores e obtido sucesso, um bom indicador. Ela não tinha base ou informações que a permitissem julgá-los e ao que faziam, mas se fosse encarregada de acompanhar o Dr. Wikse certamente procederia de acordo com sua cultura médica e adotaria os tratamentos que seu conhecimento e a literatura recomendavam.

Mas assim como os anciãos não tinha como afirmar que o tratamento iria resultar. O que tinham era uma incógnita, embora segura que seu diagnóstico estava correto.

- Hari, a Noor que conheço é a artista de imenso sucesso no meu planeta, idolatrada por milhões e capaz de arrebatrar multidões. Vou ter de lhe dizer o que não quer ouvir e não posso imaginar como irá reagir. Gostaria que me desse mais informações sobre ela. O que pode me contar?

O que sabia era da convivência que tinham e de relatos que Xilim. Era oriunda de família ligada ao comando da Igreja de Ourea. Noor e Xilim se conheceram ainda na infância, cresceram juntos, chegaram à adolescência e à vida adulta, quando houve a separação. O pai de Xilim pretendia casar o seu primogênito com Noor e já tinha conversado com o pai dela, embora não tivessem fechado o casamento. Xilim se interpôs, avisando que não aceitaria, pois ele e Noor se amavam e iriam ficar juntos, quisesse ou não a família, o que lhe acabou rendendo o exílio e mais de 10 anos de separação da amada. No período de separação, ela se transformou em estrela, mas voltou correndo para ele tão logo soube onde se encontrava.

- Você é de Ourea e deve conhecer o sobrenome Rsend. Este é o sobrenome original do Dr. Achilles Wikse. Ele o escolheu ao invés do original para contrariar o pai.

- Sei quem são os Rsend. E se o pai do Dr. Wikse for Valgeir Rsend, foi um dos mais poderosos homens de Ourea e ninguém entendeu por que se aposentou, o que fez de repente. Agora vejo a razão.

\*\*\*\*\*

- Hari, muito obrigada. Você é um amigo verdadeiro. Dra. McGregor, sou imensamente grata pelo que fez e não sei como expressar minha gratidão. Se houve algo em que possa fazer, por favor, me deixe saber.

Hari se aproximara de Noor não como a artista de sucesso, mas como a mulher simples que amava o seu melhor amigo e discípulo, mas Eryn McGregor ficou impressionada com a simplicidade dela. O apartamento era muito modesto para os padrões das celebridades e a própria Noor não tinha o brilho das apresentações, o magnetismo que prendia a audiência. Além disso, estava vestida de forma simples e discreta, como se fosse uma dona de casa da classe média, e sem nenhum tipo de maquiagem. Sem querer ficar

encarando-a, de suas observações concluiu que era ainda mais bela despojada do que quando estava sob as luzes de um palco.

- Hari, se acomode. Vou levar a Dra. McGregor até o quarto. Talvez ela queira tomar um banho e se trocar antes de conversarmos.

Segurando Eryn gentilmente pelo braço, tirou-a da sala e a levou ao amplo quarto, mostrando-lhe o banheiro e onde encontrar o que precisava. Deixou-a e retornou à sala, olhando inquisitiva para Hari, que sorriu, mas nada disse.

- Acho que tem algo a me dizer. Antes que fale, quero observar que vi o seu olhar para a Dra. McGregor. Se desejar, vá em frente. Ela é solteira.

Enquanto Eryn não retornava à sala, Setala fez um resumo da viagem, assegurando que Xilim estava bem e que os anciãos e Kareen haviam lhe dito que estava evoluindo, com indícios de afloramento da antiga memória, o que era bom, mas não tinham como prever quando se recuperaria totalmente. Os anciãos consideravam a ajuda de Alima essencial, pois forneceu uma base emocional sólida para Xilim, o que o deixou seguro e com uma vida plena, integrado à comunidade.

Em casos como o dele, os anciãos consideravam que a integração era essencial, mesmo que a pessoa não recuperasse a memória. Neste caso, poderia ter vida tranquila e feliz. Se despertasse, também se sentiria em casa. As antigas memórias se juntariam as formadas durante o período de esquecimento, completando a personalidade e acrescentando novas experiências à pessoa. O que não disse é que, no caso de Tetama, cerca de metade dos recuperados de traumas como o sofrido por Xilim decidiam ficar no ambiente em que já estavam, não retomando a vida anterior.

Quando Setala concluía o seu resumo, Eryn voltou à sala e ele a achou ainda mais bela. O que Noor ouviu do amigo que a tinha indicado é que era considerada uma das melhores de Ourea na sua especialidade. E tinha uma característica única: era direta com as pessoas, com quem trabalhava ou atendia. Prevenida, não se surpreendeu com sua atitude.

- Noor, acho que o seu maior interesse é saber minha opinião sobre o Dr. Wikse. Não teria feito o que fez se não fosse assim. Então, acho melhor lhe falar logo e, depois, tirar as suas dúvidas.

O que Eryn disse a Noor foi basicamente o que Hari já lhe havia. Ela tinha um diagnóstico provisório, mas necessitava, para confirmá-lo, de mais exames e testes, só possíveis se Xilim deixasse Tetama e fosse, por exemplo, para Metis ou Ourea. Estava convencida de seu diagnóstico, mas não iniciaria o tratamento antes de ter certeza. Aí, sim, poderia estabelecer parâmetros para o atendimento recorrendo ao conhecimento existente para o tipo de distúrbio que sofreu. Não havia dois tratamentos iguais e quem a eles se submetiam não o faziam com a certeza de recuperação.

- Ninguém pode garantir que esse ou aquele tratamento vai curar o Dr. Wikse. Sim, pode acontecer. Mas também ele pode continuar com a amnésia ou recuperar apenas parte das memórias. Esta é a realidade da doença e de seu tratamento.

Eryn relembrou sua conversa com Xilim e afirmou ter sentido que lhe falou abertamente e de forma verdadeira. Ele se encontrava em muito boa forma física e parecia mentalmente são. Se não soubesse que tinha sofrido um colapso, não seria capaz de fazer diagnóstico. A conversa com os anciãos confirmou suas observações. Ela discordava do diagnóstico que tinham feito, mas respeitava o que estavam fazendo. Eles vinham tendo um índice de sucesso muito bom, maior que daqueles submetidos ao tratamento tradicional.

- A verdade é que do ponto de vista pessoal o Dr. Wikse está saudável, em ótimas condições físicas, integrado à sua comunidade e me pareceu feliz.

- Dra. McGregor...

- Chame-me Eryn, por favor.

- ...conversou também com a companheira do Xilim?

- Não, por não considerar necessário. O que ouvi do Dr. Wikse e dos anciãos foi suficiente para a primeira abordagem.

Ao chegarem a Tetama, Kareen, que os recebeu, informou que apenas o Dr. Wikse tinha vindo para Ethara. Se achasse necessário conversar com Alima, a companheira de Xilim, poderiam ir a Teato ou convocá-la a Ethara, mas pediu que a conversa fosse sem a participação de Wikse. Eryn consultou Hari, que deixou a decisão por sua conta. Após as conversas, decidiu não ser necessário ouvir Alima, o que apressou a volta deles a Alta.

- Mesmo que fosse a médica do Dr. Wikse, tendo lhe prescrito um tratamento, não teria como lhe dizer se iria se recuperar e em quanto tempo a recuperação ocorreria. Nenhum profissional

responsável pode estabelecer prazos para a recuperação de quem possui o Transtorno de Múltiplas Personalidades e nem garantir, antecipadamente, que irá se curar. Lamento, mas me acho profissionalmente obrigada a deixar claro a situação.

- Obrigado pela sinceridade, Eryn. Prefiro saber do que ficar no escuro, sem informação segura. Tenho uma questão que gostaria que me respondesse: As chances de recuperação de Xilim seriam maiores se o tirássemos de Tetama e o levássemos, por exemplo, para Amatea, para que cuide dele?

A resposta não foi direta, mas a partir situação hipotética. Se a Dr. McGregor estivesse no seu consultório ou no hospital e recebesse um paciente nas condições do Dr. Wikse iria submetê-lo à uma minuciosa avaliação. Primeiro, com exames laboratoriais. Depois, com exames físicos. Em seguida, testes psicológicos e, por fim, conversas com amigos próximos e familiares. Somente após esses procedimentos é que teria um quadro do paciente e poderia planejar o tipo de tratamento. O meio mais comum é a combinação de drogas, estímulos sensoriais, sessões de hipnose, trabalho físico e corporal, sem tirá-lo do seu meio, importante para sua estabilidade emocional. Recuperado ou não, devia viver uma vida o mais normal possível.

O tratamento a que o Dr. Wikse ou qualquer outro paciente nas suas condições seria submetido tinha duas finalidades: a recuperação das memórias e uma vida normal. Embora fosse considerado um doente, a vida da pessoa não podia ser paralisada. Devia vivê-la como qualquer outro e uma das razões era a possibilidade de não recuperar as memórias. Se as recuperasse, o que tinha vivido seria integrado à sua personalidade. Não mais seria a mesma pessoa, pois tinha tido novas experiências, bem diferentes das antigas. O que a moderna ciência dizia é que o Transtorno não tinha cura, daí a importância da estabilidade emocional.

- Respondendo sua pergunta: Não considero oportuno tirá-lo de Tetama. Ele está integrado e se sente seguro. É uma boa base para conduzir o tratamento, seja do nosso ponto de vista, seja da forma heterodoxa como agem os anciãos. De novo, lamento não poder lhe dar pelo menos uma boa notícia.

A sala ficou em silêncio. Eryn se sentiu desconfortável, mas percebeu o aceno quase imperceptível de Setala para que esperasse. Discretamente, desde que o encontrara para o voo de ida, vinha observando-o e gostava do que via. Dentro do seu padrão, era um homem bonito. Mais velho que ela, sim, mas atraente, chamando a

atenção pelo olhar profundo e meditativo. Havia se apaixonado por um dos seus professores que tinha o mesmo aspecto e ao ver Hari lembrava-se dele, o que lhe despertava boas lembranças. Como seria a cultura em que vivia? Será que as mulheres podiam tomar a iniciativa? Ficou imaginando como seria ir para a cama com o professor e gostava de pensar nisso. Perdida nos seus próprios pensamentos, não viu Noor se mexer e, em um gesto típico, acertar os cabelos, assustando-se com sua voz.

- Eryn, obrigada de novo pela sua sinceridade. É claro que gostaria que a situação fosse diferente e que Xilim estivesse aqui comigo. Ele foi, é e será o amor de minha vida, mas também estou segura de querer que, sejam as circunstâncias que forem, que viva bem e feliz. Se pudesse fazer isso ao meu lado – o que não tenho dúvidas que fará se recuperar a memória – é bom saber que conta com bom suporte, está tendo companhia, supervisão especializada, é aceito e tem apoio daqueles que o cercam. Para mim, esta separação é muito difícil, mas vivi na esperança por mais de 10 anos antes de reencontrá-lo e estou disposta a esperar um pouco mais, torcendo para que sua recuperação não demore.

Noor pediu licença e foi para o seu quarto. Se estava mais aliviada, sabendo que seu amado estava bem cuidado e saudável, o desânimo e a realidade da perda a deixou desanimada. Atirou-se na cama e chorou por um tempo, lembrando-se de outras vezes que chorara pelo seu amado, sem saber, sequer, se estava vivo. Agora, pelo menos tinha o consolo de saber onde e como vivia. Entre lágrimas, decidiu que sua vida seguiria e que não perderia as esperanças. Algo, lá no fundo do seu coração, lhe dizia que ela e Xilim se reencontrariam e que um dia, juntos, voltariam a Ourea.

\*\*\*\*\*

A saída de Noor deixou a sala silenciosa. Eryn e Setala estavam, eles próprios, imersos em seus pensamentos sem saberem que um havia pensado no outro. Ambos estavam desconfortáveis. Ele por ser amigo de Xilim e saber o grau de envolvimento dele com Noor. A exemplo dela, Xilim lhe dissera, logo depois de a ter reencontrado, que tinha sido e seria o amor de sua vida. O resto fora somente sexo. Eryn, por sua vez, ficou impressionada com a força de Noor e sua determinação, admirando-a pela forma como encarou o problema. Ela sabia como era perder um grande amor e, talvez por isso, é que não mais tivesse se ligado por muito tempo a alguém. Tinha casos, mas não um namorado ou companheiro por mais tempo e fugia de qualquer relacionamento com médicos ou



profissionais do seu meio de trabalho. O silêncio, no final, foi quebrado por Hari Setala.

- Eryn, acho que devíamos dar tempo a Noor. Embora seja cedo, a viagem me deixou com fome. Que tal descermos, dar uma caminhada, com você vendo alguns pontos da cidade e, depois, almoçarmos. Aqui perto tem um bom restaurante. Como só retorno à universidade na segunda-feira, tenho tempo e se o desejar posso bancar o seu cicerone.

Sorrindo, aceitou. Ele havia tomado a iniciativa e isso a agradou.

## LIGAÇÃO DE MENTES

O que era um mar calmo, começou a ganhar suas primeiras ondulações e o relacionamento de Wikse e Alima já não era o mesmo. De seu lado, continuava sendo o cidadão exemplar e participativo, satisfeito com a companheira, de quem gostava e tinha ótimo sexo. Do lado dela, o sexo a atraía, mas o desejo não satisfeito de ter filhos estava começando a deixá-la um pouco mais ácida e intolerante. Também começou a sentir saudades de quando era Mesem. Quem primeiro notou foi Hyiam, que a chamou para uma conversa.

- Alima, não sei o que está acontecendo, mas tenho certeza de que há algo. Tenho notado que anda irritada e se irritando por qualquer coisa e nunca foi assim. O que está havendo? Sabe que podemos conversar livremente e, se for em relação a alguém, ninguém irá saber.

Alima não tinha notada a mudança, mas se Hyiam notara, também os outros o fizeram, incluindo Wikse, que continuava carinhoso com ela. Na sua comunidade, os homens não costumavam ser muito tolerantes com as mulheres. Embora as tratassem em igualdade de condições, gostavam de relacionamentos tranquilos. Wikse era estrangeiro, mas entranhara-se na cultura local, transformando-se em um deles e acabaria agindo como os outros, o que poderia levar ao fim de seu relacionamento. Não queria que acabasse.

- Hyiam, não tinha percebido. Sim, talvez seja a frustração de não poder ter filhos com o Wikse. Acho que também quer, mas os anciãos me disseram que lhe ministraram um remédio que o torna infértil. Além disso, como o Wikse não pode participar, não tenho ido às sessões dos sensitivos e sinto falta do tempo em que fui Mesem. Acho que você não pode resolver nenhum dos dois problemas. Vou tomar cuidado e me policiar.

\*\*\*\*\*

Wikse mais sentiu do que viu a pequena modificação em Alima, questionando-se se era responsável por ela. Não se lembrava de ter

mudado, de lhe tratar diferente ou de lhe dar motivo para alterar o relacionamento. Talvez fosse cansaço. Eles estavam trabalhando muito, consequência da ótima safra. Era preciso colher, beneficiar e armazenar os cereais e frutas, o que vinha gerando trabalho extra e menor tempo de descanso, mudando a rotina de vida em Teato. Talvez essa mudança é que estivesse afetando Alima. Decidiu conversar com ela. À noite, chegou primeiro ao alojamento, tomou banho e esperou-a.

- Alima, temos trabalhado demais. Vejo que está cansada e eu também. Ainda temos mais alguns dias até o final da safra e muito trabalho. Quando terminar, que tal passarmos uns dias na praia?

À tarde, trabalhando na colheita de frutas, ouviu falar da praia a poucos quilômetros em outra comunidade. Quem fez o comentário já tinha ido nela, usando acomodações destinadas a visitantes ou trabalhadores que fossem ajudar nas tarefas locais. Aproximou-se e lhe perguntou como era a praia. Ouvindo a explicação, lembrou-se do sonho e sentiu vontade de experimentar. Talvez tenha sido despertado pelo corpo, que se lembrava das fugas com a namorada, de quem não se lembrava.

Alima viu que Wikse a estava aguardando a resposta, olhando-a de modo fixo, e concordou. Era uma boa ideia.

- Quero lhe dizer outra coisa. Os anciãos me pediram para não ir às sessões sensitivas e estou fazendo o que me pediram. Você, se quiser, pode participar. Não tem nenhum problema.

Nos dois casos, Alima viu generosidade e que se importava com ela. Por que estava irritada? O que dissera a Hyiam era verdade ou estava arranjando desculpa? Gostava de Wikse. Gostou dele no momento que o viu. E mais quando ficou tão próximo dela, cheio de desejo. Não era só gostar. Ia além, era amor. Ele era calmo, controlado, inteligente, trabalhador, saudável e bom de cama. Um sonho de companheiro. Era invejada pelas outras mulheres, que a achavam sortuda. O que estava lhe acontecendo?

\*\*\*\*\*

Uma semana após a conversa com Alima, Hyiam foi a Ethara. Tinha assuntos para resolver na capital e aproveitaria para conversar com os anciãos e fazer o relatório sobre Wikse. Primeiro, cuidou dos afazeres profissionais, resolvendo-os, e foi procurar Kareen, o intermediário entre ela e os anciãos. Ela tinha nutrido uma paixão pelo agora filósofo, mas com os anos o amor transformou-se em amizade. Gostava de conversar com ele e lhe

falar abertamente dos problemas da comunidade e dos seus próprios.

- Kareen, não sei se os anciãos irão me perguntar e se não o fizerem não lhes direi, mas notei pequena tensão em Alima. Conversei com ela e me disse que se sentia cansada pelo trabalho e irritada pelo fato de não poder ter filhos. Os anciãos tornaram o Wikse estéril. Você sabia disso?

Kareen não sabia e disse a Hyam que se envolveu com os problemas de Wikse não por sua iniciativa. Os anciãos, sem que lhe perguntassem se queria ou não, haviam lhe dado a função de ser o elo de Tetama com os estrangeiros e adicionalmente, ajudá-los com Wikse, que chegou a Ethara a seu convite. O trabalho extra lhe tirava tempo da Escola, a que se dedicara desde muito novo, galgando posições até chegar à sua direção.

Tetama não tinha governos formais. Os anciãos, para todos os efeitos, eram a última instância e, na prática, o governo do planeta. Cada comunidade era autônoma, resolvia seus próprios problemas, relacionava-se com outras e com o Conselho. Não precisavam de intermediários. Mas ele fora escolhido e não poderia recusar a tarefa. O colapso de Wikse colocou-os em posição desconfortável e, na sua opinião, os anciãos não desejavam que este tipo de problema fosse conhecido fora de Tetama. Ele era o anteparo que tinham colocado à saída da informação.

- Pedi muitas vezes que não permitissem a presença de estrangeiros nas sessões de vidência, mas não me ouviram. Só agiram quando o problema já estava criado. Se tivesse poder de decisão, ele teria sido evitado e não estaríamos cuidando do Wikse, escondendo-o dos mundos externos. E acabei ganhando mais uma tarefa, que não desejei, mas que tenho de fazer.

Como nas vezes anteriores – e apesar de saber o caminho até de olhos vedados – Kareen a levou aos anciãos. Ayyub a recebeu e a rotina se repetiu. Ela relatou o que vinha acontecendo na comunidade, como Wikse vinha se portando, como estava e o papel de Alima. Ao final, Ahmad lhe perguntou se havia algum tipo de tensão entre Wikse e Alima. Disse que sim e ele lhe pediu detalhes. Saiu com a tarefa de observar melhor o que acontecia com o casal, registrando, principalmente, se havia mudanças em Wikse.

\*\*\*\*\*

A mudança que Hyam lhe tinha relatado levou Ayyub a pedir uma reunião do Conselho. Pessoalmente, achava que deviam agir em relação a Wikse, evitando novo problema em potencial. Fora

contra retê-lo no planeta, mas fora vencido e, talvez por ter discordado, ficou responsável pelo acompanhamento do “paciente”. O que levaria ao Conselho ia além das preocupações com Xilim. Queria regular como a vidência seria exercida, evitando o contato direto com as comunidades ou os grupos de sensitivos. Sim, poderiam perguntar, mas alguém em Ethara receberia as perguntas e as levaria aos grupos para que a estudassem e vissem se eram aceitáveis. O Conselho deveria definir, ainda, uma espécie de tabela de honorários, dependendo da complexidade da pergunta e até limitando seu alcance.

- Colegas, vocês me encarregaram de acompanhar o tratamento do Dr. Wikse. A praticamente dois anos que o temos aqui e nesse tempo houve pequenos avanços. Acho que chegou a hora de tomar uma decisão sobre o próximo passo. Quero ouvi-los e às suas sugestões.

As reuniões nunca eram fáceis. Os anciãos mais divergiam que convergiam. Havia discussões acaloradas, como em qualquer colegiado humano. A diferença é que suas decisões nunca levavam em conta o pessoal, mas o coletivo, visando melhorar o planeta e quem nele vivia. Ao descobrirem a vidência e ao aceitarem as perguntas, cobrando por suas respostas, sabiam que havia risco, mas o julgavam pequeno. Nada havia de mais grave até o colapso de Wikse, nome conhecido no seu e em outros mundos. Se o que lhe aconteceu fosse divulgado, perderiam parte substancial da renda que os estrangeiros interessados em saber seu futuro. Não podiam correr risco.

A reunião estava uma balbúrdia e no meio das discussões, a voz de Ahamd se levantou:

- Por favor. POR FAVOR. Peço que me ouçam. Há um meio de buscarmos uma resolução mais rápida para o problema.

As vozes foram morrendo e estabeleceu-se o silêncio. Os outros anciãos se voltaram para Ahmad à espera.

- Há muitos anos nosso povo tem uma lenda sobre a ligação de mentes, promovida com ajuda de um Mesem. Sempre pensei que fosse apenas lenda, mas estava enganado. Há alguns meses encontrei um manuscrito que falava da ligação e remetia a outros, que explicavam sua técnica e como desenvolvê-la. Nele, era dito que foram nossos antepassados que abriram mão da ligação, mas não explicam a razão.

Ahmad tinha chamado a atenção dos colegas. Após a descoberta continuou a busca por manuscritos antigos que falassem da ligação

de mentes e o fez não só em Ethara, mas usando as conexões do Conselho, expandiu a procura para o planeta. O pedido lhe trouxe muitos manuscritos, a maioria inútil. Estava pensando em desistir e colocar de lado a ideia quando recebeu um último manuscrito, vindo de Edara, no Norte de Tetama.

O documento foi encontrado em um antigo templo e só o descobriram por ter a parede onde estava escondido ruído. A Facilitadora ao ser notificada da descoberta lembrou-se do pedido de Ahmad e lhe enviou o documento e ele confirmou que havia, sim, ligação de mentes e mostrava como a técnica era desenvolvida e aplicada. Não havia mistério. Qualquer sensitivo, se treinado, era capaz de fazer a ligação.

- Quero propor que tentemos a técnica. Temos aqui, em Ethara, o mais poderoso Mesem de Tetama e poderíamos usá-lo, junto com outros experientes. Alguns de nós, que já fomos Mesems, também poderíamos participar, criando a corrente capaz de fazer a ligação das mentes. Com ela – nos diz o manuscrito – é possível descobrir o que se passou com Wikse. E consertá-lo.

O debate foi acirrado. O maior questionamento era a razão de a técnica ter sido abandonada. Temiam que ao usá-la pudessem provocar problemas para Wikse e os Mesems envolvidos. Ahmad acabou convencendo-os do uso, mas aceitou que fosse limitada e controlada, supervisionada de perto pelos anciãos e só exercitada após autorização do Conselho. As primeiras experiências, com caráter apenas exploratório, não seriam feitas com Wikse, mas com voluntários. Os três anciãos do Conselho que haviam sido Mesems, participariam. Mas precisavam de pelo menos cinco pessoas. Poderiam acrescentar Kareen, se concordasse, mas ainda faltava um integrante. Ayyub sugeriu Alima, descartada por sua ligação emocional com Wikse.

\*\*\*\*\*

Apesar de ter sido seu mestre, Ahmad não era visitante corriqueiro ao gabinete de Kareen. Na verdade, raramente o via depois que terminou sua formação e enveredou pela filosofia. Sua escolha desagradou o mestre, que o queria administrador. O curioso é que, graças ao primeiro desvio, tinha chegado onde seu mestre queria. Além de ser o dirigente da Escola de Filosofia, tinha se tornado o responsável pela gestão dos contatos de Tetama com os mundos externos com autonomia para tomar decisões, só levando ao Conselho os casos que causavam impacto à população. Por isso, a visita do antigo mestre lhe causou surpresa.

- Boa tarde, Kareen. O Conselho precisa de sua ajuda e como fui eu que provoquei a questão, quis vir pessoalmente lhe falar.

Ahmad lhe fez o relato do que havia descoberto, das discussões do Conselho e do que os anciãos decidiram, incluindo a participação de Kareen no grupo que formariam. Tinham quatro integrantes e precisavam de um quinto, um Mesem que fosse experimentado, com alto grau de sensibilidade e discreto, que deveria se descobrir pelo ex-discípulo e trazido a Ethara. Ali, sob a vigilância do Conselho o grupo treinaria, seguindo as regras que haviam descoberto e fariam experiências antes de tentarem a conexão de mentes com Wikse. Era a oportunidade de sanar um problema e adquirir conhecimentos que poderiam ser usados em favor da comunidade.

- Ahmad, há uma velha tradição em planetas do sistema humano sobre a possibilidade de se comunicar com outra pessoa usando apenas a mente. Li a respeito, mas achei que fosse fantasia. Minhas leituras revelaram que a técnica foi desenvolvida no planeta de origem, a Terra, e era chamada de telepatia. Os telepatas conseguiram se comunicar sem usar palavras e o faziam em grandes distâncias. Os livros afirmam que os humanos perderam esta capacidade, mas existem lendas e elas dizem que continua a existir. Quanto ao que me pede, vou procurar.

De forma discreta, Kareen iniciou a busca pelo quinto integrante do grupo e acabou trazendo para ele a única mulher. Cheynia foi a escolhida de uma lista que tinha dois outros nomes. Os anciãos optaram por alguém de meia idade e com maior experiência nos grupos sensitivos. Moradora de Keviak, a comunidade onde ficava a praia que Vikse queria ir com Alima.

Era uma das Mesems com maior tempo de atividade em Tetama. Tinha começado cedo e nunca deixou a atividade, escolhendo o celibato e o fazendo com o intuito de ajudar pessoas. Era uma das poucas solteiras da comunidade e muito participante das atividades locais. Escolha definida, ela foi a Ethara e recebida por Ahmad e Ayyub. Eles iriam explicar o que pretendiam e saber se concordava em participar.

- Ahmad, Ayyub, sinto-me honrada pelo convite e por poder ajudar. Só pediria que deixassem passar a colheita. Estamos no meio dela e minha comunidade não tem sobra de mão de obra. Estamos fazendo um esforço extra para terminá-la e detestaria ter de sair nesta hora, mesmo que fosse para atender o Conselho. Aqui, não estão sujeitos a estes ciclos, mas nós sim. É importante para a comunidade e para eu própria.

Os anciãos viviam em um mundo à parte. Considerados os sábios de seu povo e reverenciados, não se envolviam nas tarefas do dia a dia, comum entre os que moravam nas comunidades. Eram pensadores e árbitros das questões comunitárias e planetárias, com suas opiniões e decisões sendo acatadas sem contestação. Embora por analogia o Conselho de Anciãos pudesse ser chamado de Governo planetário, a demanda deles era muito pequena e a população ficava feliz em supri-la, o que lhes liberava do trabalho mais pesado, a que até Kareen era submetido. Fora da rotina, ninguém havia se lembrado da colheita e do trabalho extra que exigia.

O pedido de Cheynia era sensato e não haveria problemas em adiar as primeiras reuniões do grupo.

\*\*\*\*\*

A colheita se findou e o novo grupo se reuniu. Tinha um aprendizado pela frente, o que estava sendo feito por tentativas e erros. Os manuscritos encontrados por Ahmad, se relatavam as técnicas, não mostrava o processo do seu desenvolvimento. O primeiro passo foi atuarem em conjunto, como se formassem um grupo tradicional de sensitivos. Não funcionou, mesmo seguindo as recomendações feitas pelas transcrições de Ahmad. O que seria preciso? Sim, Kareen, que funcionara como Mesem e catalizador, tinha chegado ao transe, mas embora sua empatia fosse forte, não conseguiu se conectar à mente de ninguém. Fizeram várias sessões sem nenhum progresso, o que os deixou desanimados. Os anciãos consideraram desistir achando que a técnica era inaplicável e que os manuscritos de Ahmad eram ficção. Como Kareen havia dito a Ahmad na primeira conversa sobre ligação de mentes havia farta literatura falando de telepatia, mas era pura ficção.

Quem descobriu o meio de ligar as mentes foi Cheynia.

Há muitos anos ela havia adotado a ioga e a meditação, juntando-as à noite. Antes de dormir dedicava-se às duas por pelo menos 30 minutos. Primeiro, realizava a série de exercícios de alongamento e equilíbrio da ioga, relaxando o corpo e fortalecendo os músculos. Com os exercícios terminados, sentava-se em silêncio e passava à meditação. Esquecia-se do mundo externo e se concentrava nela mesma, sentindo os batimentos cardíacos, o correr do sangue pelas veias, o ondular dos músculos, forçados à posição nada natural, expirava e inspirava em ritmo lento, até chegar à concentração total. Quando terminava estava relaxada e pronta para uma boa noite de sono.



Tensa e internalizando o fracasso que tinha afetado o grupo, Cheynia retornou ao alojamento. O menor número de pessoas e o maior distanciamento delas deixava o local mais silencioso. Sem ser de propósito, inverteu sua rotina.

Tomou banho, colocou a roupa de dormir e, só então, foi para a sessão de meditação, deixando a ioga de lado. Cercada pelo silêncio, mas ouvindo o farfalhar das árvores próximas, concentrou-se inspirando e expirando em ritmo bem lento, esvaziando e enchendo os pulmões. Aos poucos e à medida que ia se concentrando, os sons externos iam se apagando. Era quase como o transe das sessões de vidência, mas muito mais calmo. Ela estava profundamente concentrada e em sua mente surgiu um pensamento claro, como se alguém ao seu lado lhe estivesse falando. Olhou em volta, mas não havia ninguém e nenhum indício de outro humano próximo. Afundou-se um pouco mais na concentração e, para sua surpresa, começou a “ouvir vozes”. Não que lhe estivessem falando. Era algo dentro de sua própria cabeça. De forma passiva, ficou ouvindo a cacofonia das “falas”. A imagem mental que lhe surgia em cada fala não lhe permitia identificar a pessoa, mas podia dizer se era homem ou mulher.

210

Era cansativo e assustador. Tinha de falar aos anciãos.

Sem querer, havia descoberto a ligação de mentes.

## COM O AMADO

Faltavam poucos concertos para o final da temporada e Noor se via diante da necessidade de tomar uma decisão: o que iria fazer nas suas “férias”. Ela as criara para estar junto de Xilim, mas não havia sentido ir para Metis se ele não estava lá. É verdade que teria privacidade, podendo se movimentar livremente, mas também podia fazer isso se ficasse na casa dos pais. Em qualquer das duas hipóteses, mesmo próximo de outras pessoas, ainda assim estaria sozinha. Estavam fazendo dois anos que “perdera” Xilim, vendo-o se transformar em Wikse ao lado outra mulher.

O que deveria fazer?

A única pessoa com quem tinha liberdade para falar de Xilim era Hari Setala. Mas se fosse para Alta, meio de lembrar os bons dias ao lado do amado, não o encontraria. Ele tinha avisado que viajaria e que ficaria fora por um bom tempo, com compromissos em outra universidade.

211

Após o último concerto, foi direto para o hotel. Queria descansar e pensar. Ela chegou, tomou banho, vestiu roupa mais confortável e se preparava para dormir quando viu acessa a tela do seu tablete, avisando-a da chegada de mensagem. Poucas pessoas entravam em contato com ela por meio de mensagens, meio de preservar sua privacidade. Curiosa, foi ler.

*“Noor, espero que esteja tudo bem. Acabo de receber novas informações de Tetama e achei interessante lhe contar. Os anciãos irão tentar nova técnica com Xilim que, segundo o Kareen, pode levá-lo a recuperar as memórias, não de uma só vez, mas aos poucos, até que estejam inteiramente restauradas. No momento em que receber esta mensagem, provavelmente estarão conversando com ele, pois só usarão estas técnicas se permitir.*

*Beijo.*

*Hari”.*

Em um impulso decidiu que iria para Tetama. Mesmo que a nova técnica não desse resultado veria Xilim, lhe falaria e talvez sua presença ajudasse a despertá-lo da amnésia, o que o traria de volta para ela. Ao pensar nele, surgiu-lhe um plano louco e anteviu a possibilidade de levá-lo para a cama, engravidando, mesmo que não se recuperasse. Um filho seria a melhor forma de lembrar-se dele e dos belos dias que viveram juntos.

O cansaço foi posto de lado e chamou Karle, pedindo-lhe que preparasse a viagem. Sua ideia era ficar até um mês em Tetama com a desculpa de conhecer o planeta e sua cultura, mostrando maior interesse na música local, que avaliaria e à possibilidade de incluir algumas delas em seu repertório. Ao terminar com Karle, chamou sua assistente e a encarregou da compra de roupas adequadas à viagem, descrevendo rapidamente a cultura local e o modo de vestir das pessoas. Era o modo de não parecer tão estrangeira.

Como tinha prometido à mãe que iria para Enaima, avisou-a da viagem, ressaltando que ao voltar iria passar pelo menos um mês com a família. A ideia do reencontro lhe deixou excitada, o que não a impediu de dormir logo após deitar-se.

Como vinha lhe acontecendo com frequência, sonhou com Xilim.

\*\*\*\*\*

O dia de Wikse tinha sido intenso e estava cansado. Após o jantar, ia em direção ao seu apartamento, junto com Alima, quando foi abordado por Hyiam.

- Wikse, acabei de receber recado do Kareen. Ele pede que vá para Ethara. Os anciãos querem vê-lo.

- Estranho. Não está na época de minhas conversas. Mas, enfim, vamos. Amanhã eu e Alima partimos. Por favor, avise os companheiros de turma que estaremos ausente, atendendo ao chamado dos anciãos.

O pedido lhe deixou surpreso e a surpresa aumentou quando Hyiam lhe disse que o chamado era apenas para ele. Alima não precisava ir. Tirou do bolso um papel impresso e o passou a Wikse, que o leu. Kareen só havia se referido a ele, ressaltando que os anciãos queriam lhe falar e a presença de sua companheira não era necessária. Mostrou a Alima e viu sua reação de desconforto.

- Hyiam, sabe o que está acontecendo? Eu e Alima sempre fomos juntos falar com os anciãos. Por que querem me ver sozinho?

Hyiam nada sabia e lembrou-lhes que os anciãos não explicavam seus pedidos. Por tradição, eram atendidos sem questionamento. Alima reclamou, mais por ciúme de Wikse, mas sua cultura falou mais alto e se conformou. No recado, Kareen não dizia quantos dias ele ficaria em Ethara. Hyiam deixou-os seguiu e os dois foram para o alojamento.

- Wikse, não achou estranho este pedido? Queria ir com você, o que acha?

O lado racional de Wikse prevaleceu e lembrou a Alima que estavam sobrecarregados de trabalho. Já era ruim um deles deixar a comunidade, o que aumentaria a carga de quem ficasse. Com dois, seria pior. Se os anciãos não precisavam dela deveria ficar, ajudando os companheiros. Iria voltar o mais rápido possível, mostrando aos anciãos que era necessário na comunidade. Ela não ficou muito satisfeita e, amuada, não quis saber de sexo.

\*\*\*\*\*

- Noor, vamos aos detalhes.

Karle lhe mostrou os planos da viagem a Tetama. Em menos de uma semana, fez os arranjos. Noor utilizaria nave particular, pequena mas confortável, com tripulação de confiança, garantindo sua privacidade. Com o voo acertado, cuidou da logística local, assegurando que teria assistência de gente especializada.

O maior problema encontrado foram as acomodações. Como o turismo era incipiente no planeta, apenas Ethara e algumas das maiores cidades tinham bons hotéis. Nas cidades menores, havia alojamentos comunitários onde poderia ficar, mas eram simples e básicos. Explicou-lhe o roteiro, tomando por base o que Noor lhe pediu e voluntariou-se para acompanhá-la, ajudando-a localmente. Noor agradeceu, mas recusou. Tinha planos específicos e não queria a presença de um conhecido para o que tentaria fazer.

Noor tinha outros dois compromissos antes da viagem. O primeiro, com seu empresário. Era hora do balanço da temporada, da apuração dos seus ganhos e de definir a programação do ano seguinte. André lhe falou de alguns novos contratos de patrocínio e de publicidade, que teria de aprovar, e ela lhe encarregou de alguns novos contatos. André saiu e Nuriel chegou. Era hora das finanças e

ela lhe deu o panorama geral falando dos ganhos, gastos e lucros, já indicando as formas de como seriam aplicados. Noor aprovou.

Uma das satisfações que o dinheiro lhe deu foi empregá-lo em benefício de pessoas. Por sugestão de Nuriel tinha criado uma fundação educacional e subvencionava alunos de ótimo desempenho, permitindo que frequentassem as melhores universidades. Cuidava, também, de assistir crianças e idosos. Um décimo do seu lucro anual era destinado à fundação e ela recebia, ainda, 50% dos rendimentos de sua fortuna. Se não era a fundação que tinha o maior orçamento, estava entre as maiores, lhe garantiu Nuriel. O melhor é que tudo era feito de modo anônimo. A fundação aparecia, ela não. Além de André e Nuriel, poucas pessoas sabiam de sua ação assistencial e de caridade.

Quanto Nuriel saiu, Manu sua assistente estava chegando. Havia ido às compras, mas Noor precisava experimentar o que havia escolhido. Manuela sempre lhe dava várias opções, mas a escolha final era dela. De seu círculo profissional, Manu é quem tinha maior intimidade com ela, uma amiga de verdade. Juntas escolheram o guarda roupa da viagem, descobrindo, no final, que tinha muito mais do que precisava. Fizeram nova seleção, deixando-o enxuto e fácil de empacotar.

- Obrigado, Manu. Não sei como me vestiria se não fosse você.

\*\*\*\*\*

Wikse chegou a Ethara e foi procurar Kareen e o encontrou junto de uma desconhecida.

- Olá Wikse, sou Cheynia. Ayyub e Ahmad me pediram para conversar com você antes que os recebesse. Precisam saber algumas coisas e serei eu lhes direi na nossa conversa.

Achou estranho, assentiu e seguiu a mulher de meia idade, que transbordava sensualidade. Sentaram-se ao ar livre e Cheynia lhe contou que era Mesem em Keviak e sabia da sua visita à comunidade junto Alima.

- Fui chamada pelos anciãos para ajudar a testar e desenvolver nova técnica, que eles chamam de ligação de mentes. Estamos experimentando e testando essa técnica há algum tempo e tem se mostrado eficiente. O que preciso saber é se concorda em que tentemos nos ligar à sua mente. O objetivo é restaurar o que já foi, recuperando suas memórias. Vou lhe explicar como funciona e você decide.

Era como se fosse um grupo de vidência. Seria composto pelos anciãos, por Kareen e por ela, que funcionava como catalisadora. Não havia música, tampouco provocações de cunho sexual durante a ação do grupo. Primeiro, os participantes se ligavam, com Cheynia como concentradora, o que lhe dava uma espécie de premonição e lhe permitia ligar-se à mente de quem estivesse próximo e houvesse consentido com a ligação.

Cheynia lhe fez muitas perguntas sobre sua saúde, atividades físicas e detalhes de sua vida pessoal, o relacionamento com Alima, sua interação na comunidade, o que sonhava e como interpretava os sonhos e se tinha algum lampejo de suas memórias anteriores ao colapso que havia sofrido. Wikse não deixou nada sem resposta e fez muitas perguntas sobre o que estavam fazendo e como seria o processo. A conversa durou cerca de duas horas. Cheynia estava satisfeita.

- Não precisa responder agora. Os anciãos querem que pense bem antes de concordar ou não com a ligação. Se não quiser, não há problema. Eles vão respeitar sua decisão. Reflita bem e use o tempo que quiser. Quando decidir, me procure. Vou falar com Ayyub e Ahmad e lhes contar o que conversamos.

Ele estava pronto para responder. O que iria perder se aceitasse? Se a tentativa e obtivesse sucesso poderia mudar sua vida. Gostava da atual, mas deseja lembrar-se de quem foi. E uma das coisas que às vezes o fazia ansiar pelas lembranças era o rosto sorridente da bela loura que visitou Teato, apresentada como turista interessada em conhecer o modo de vida deles. No fundo, algo lhe dizia que era mais que isso e sentia-se ligado a ela, sem saber explicar a razão. O desejo de saber se contrapunha ao medo da mudança e da perda de Alima.

Como seria sua vida se as lembranças voltassem?

Xilim não tinha como saber, mas já tinha tomado sua decisão: iria se submeter à experiência. No dia seguinte, descansado, daria a resposta a Cheynia.

\*\*\*\*\*

- Noor, bem vinda a Ethara. O Dr. Setala me avisou da sua vinda e embora não tenha pedido minha ajuda vim colocar-me ao seu dispor para ajudar no que puder. Pelo que soube, você tem interesse em encontrar-se com o Dr. Wikse e por coincidência ele está aqui em Ethara, o que pode facilitar o encontro.

Agradeceu a acolhida e confirmou o seu desejo de encontrar Xilim. Explicou-lhe que a vida comunitária de Tetama a havia fascinado e desejava conhecê-la melhor. Um dos aspectos que mais lhe interessava era a música e poderia gravar algumas se gostasse delas. O que tinha planejado era passar 30 dias visitando várias áreas do planeta e tomar contato direto com a cultura local. Ela começou a colocar seus planos em ação.

- Kareen pensei se o Wikse, como o chamam, não poderia me acompanhar nas visitas, já que está integrado à cultura local. Ele agiria como um facilitador e me ajudaria nos contatos com as comunidades. Você acha que é possível?.

Kareen foi sincero e lhe disse que Wikse estava participando de atividades junto com os anciãos, daí só eles é que podiam liberá-lo, mas se prontificou a levar o assunto ao Conselho e ver que posição tomavam. Se aprovassem que Wikse a acompanhasse, seria informada.

- Obrigado. Vou me instalar, mas se não for possível o Wikse me acompanhar, você poderia me indicar outra pessoa como companhia. Soube que Tetama não tem agências turísticas, nem guias que acompanham os turistas. Preciso de sua ajuda.

\*\*\*\*\*

Wikse não sabia da chegada de Noor, mas sua imagem ocupava seus sonhos. Aliás, nem os próprios anciãos sabiam, pois Kareen achou desnecessário lhes dizer, mas com o pedido que lhe fez, teria de consultá-los. Talvez, como sugeriu, a antiga ligação ajudasse na recuperação das memórias. Desde o colapso, Wikse era problema dos anciãos. Tinha sido favorável a que o deixassem regressar a Metis, mas os anciãos decidiram retê-lo. Não poderia mudar a decisão, nem interferir na ação deles, mas podia, sim, contar que Noor estava em Tetama e que poderiam ajudá-la, lucrando com uma futura divulgação do planeta.

Ao retornar ao escritório, Vikse o estava esperando.

- Olá, Kareen. Queria saber se no final de semana posso voltar à Teato. Será uma visita curta. Vejo Alima e ajudo no que for preciso. Na segunda-feira estarei de volta. Como é você que conduz faz a ligação com os anciãos, poderia conseguir que me liberassem?

- Vou tentar. Mas não tenha muitas esperanças. Talvez o Conselho o encarregue de outra tarefa, que é acompanhar uma visitante pelo planeta. Fique preparado.

Ao deixar o escritório de Kareen, Vikse foi ao encontro de Cheynia para lhe dizer que concordava com os testes. Queria começá-los logo, sendo liberado para voltar a Teato e à sua vida ao lado de Alima. Estava entediado em Ethara, sem contato com a terra, sem tarefas e sem a vida da comunidade. Atenderia os anciãos, mas Teato era o seu lugar e era lá que queria estar.

No momento em que Wikse encontrou Cheynia, Noor chegava ao hotel. Como Karle lhe disse, nem de longe se comparava aos de Ourea, que conhecia bem e que lhe faziam as deferências devidas à estrela que era, a quem queriam agradar.

Fora dos holofotes tinha vida simples e considerou suficiente a suíte que Karle havia lhe reservado. Tinha mais que o básico e comparou-o com o apartamento em Alta, simples, funcional e confortável. Era-lhe mais que suficiente. Ela relaxou e sentiu o cansaço da viagem. Não gostava e se sentia desconfortável com os saltos espaciais, que lhe traziam a sensação de estar se dissolvendo e, em seguida, se recompondo. Iria descansar o resto do dia e esperar a resposta de Kareen.

\*\*\*\*\*

Ao receber a resposta de Wikse, Cheynia pediu-lhe que ficasse ao alcance. Iria levar sua decisão aos anciãos e eles poderiam chamá-lo para conversar. Separaram-se e ela foi em direção ao Conselho e ao chegar procurou Ayyub.

- Acabei de receber a resposta do Wikse, que concordou com as sessões. Você fala com Ahmad e os outros ou quer que eu fale? Acho que deveríamos começar logo. Minha impressão é que Wikse também está ansioso para retornar à comunidade.

Responsável por ligar-se as mentes de outros e de já terem testado a técnica com sucesso Cheynia não se sentia confortável com ela. Nas experiências, ficou com a impressão de intrusão, de fazer o que não era certo. Na cultura de Tetama, que girava em torno da comunidade, a intimidade e a privacidade eram valorizadas e respeitadas. Nas sessões, os sentimentos mais íntimos das pessoas acabavam revelados e ela se sentia desconfortável. O desconforto era uma das razões para querer terminar logo. Outra, era o desejo de retornar à sua comunidade e à vida pacata que levava. Continuaría com sua tarefa, mas lamentava não ter recusado o pedido dos anciãos.

Ayyub avisaria os outros anciãos e tentaria que adiantassem as reuniões, liberando-a. Quis saber se Wikse estava seguro na sua



decisão e ela confirmou. Ayyub pediu detalhes da conversa e lhe fez um relato completo. No final, deixou claro que teria tempo para pensar, não precisando se apressar. Foi surpreendida com a resposta no dia seguinte. Do seu ponto de vista, ele encarava sua participação como obrigação. Ao deixar o escritório do ancião, Kareen estava chegando. Pensou em lhe contar a novidade, mas deixou que Ayyub se encarregasse de avisá-lo.

- Tem um tempo, Ayyub? Há algo que preciso lhe dizer.

O ancião acenou afirmativamente e Kareen sentou-se. Primeiro, contou-lhe da chegada de Noor ao planeta, explicando que era a antiga namorada de Wikse e contou-lhe a pequena história do casal baseado no que Hari Setala lhe havia dito. Tinha chegado ao planeta com a desculpa do turismo, mas achava que seu objetivo era ver Wikse. Queria viver um pouco da experiência da vida comunitária de Tetama e explorar sua música, pensando em usá-la em seu repertório. Iria precisar de acompanhante nas suas visitas, alguém que a aproximasse das comunidades, não acostumadas aos estrangeiros.

- A chegada de Noor, no meu entendimento, nos abre duas possibilidades e podemos aproveitá-las. A primeira é que, por se tratar de estrela da música em Ourea, um dos principais planetas do nosso quadrante, pode fazer divulgação muito positiva de Tetama e da nossa cultura, o que nos traria mais visitantes e mais recursos. A outra é que o Wikse poderia acompanhá-la. Certamente, tentará reatar seus laços com ele e isso pode ajudá-lo a recuperar suas memórias. Como sabe, já tivemos casos em que o amor acabou vencendo o choque e propiciou a recuperação da pessoa. O que acha?

Kareen tinha jogado a isca e queria que os anciãos a pegassem. Se concordassem, tinha chance de livrar-se das sessões e da intrusão na mente das pessoas. Como Cheynia, sentia-se incomodado, até por não querer que a sua fosse lida. Tinha coisas que não gostaria de contar a nenhum dos participantes, principalmente as pequenas manobras para conseguir o que queria, como fizera agora. Junto com poucos outros intelectuais de Tetama, Kareen era favorável à maior integração com outros planetas, aproveitando o que as novas tecnologias ofereciam, principalmente na área de produção de alimentos, o maior gargalo que enfrentavam.

Tetama tinha belezas que podiam ser exploradas pelo turismo sustentável, trazendo-lhe recursos que precisava. Não era a primeira vez que levava o assunto ao Conselho, mas os anciãos não

havam concordado. Eram por demais conservadores. Também queria se livrar de Wikse. Enquanto estivesse por perto, lembrar-lhes-ia que tinham sido descuidados e criado um problema que ainda não tinham resolvido. Sempre apoiou a utilização do oráculo, mas tinha sido contrário à participação dos estrangeiros nas sessões de vidência. Não foi ouvido. Quando as precauções foram adotadas, já era tarde.

Seus devaneios foram quebrados pela voz de Ayyub.

- Kareen, boa sugestão. Se dependesse de mim, pediria que a implementasse. Vou conversar com os integrantes do Conselho e lhe comunico a decisão. Obrigado.

\*\*\*\*\*

No dia seguinte, descansada pelo sono recuperador, Noor desceu para o café da manhã e ao perguntar onde era servido, solícito, o recepcionista lhe indicou o local e lhe entregou um bilhete, que não chegou a abrir. Chegou ao restaurante, escolheu o lugar e foi se servir. Só depois de tomar os primeiros goles do café e comer um pequeno pão é que abriu o bilhete. Era curto e objetivo. Ao final, estava sorrindo. Xilim a iria acompanhar.

Parte do seu plano já havia dado certo.

## A PRIMEIRA ONDA

Caleb e alguns integrantes do Conselho Episcopal da Igreja Cristã Católica Renovada de Ourea estavam preocupados com as pregações do Primeiro Ciclo e com a plataforma e o proselitismo do Partido Fé e Mudança, que nasceu da iniciativa do Ciclo para ganhar voz e influir nos meios religioso e político. O Conselho era formado por conservadores e sua maioria considerava certo o rumo atual da Igreja, defendendo que não devia mudar para atender um pequeno grupo de insatisfeitos. Jeitoso e bom negociador, desde que assumiu a Presidência do Conselho, Caleb tinha conseguido mudar os métodos de recrutamento e promoção de pessoal, não importando se fosse burocrata ou religioso, arejando a forma como era feito.

O avanço foi maior no segmento não religioso, afeito à Igreja mas não envolvido diretamente no culto. Mas não conseguiu convencer os “notáveis”, como eram conhecidos os integrantes mais idosos do Conselho, a aprovarem as mesmas mudanças no lado religioso, principalmente no recrutamento e na preparação de novos padres. Muito menos no culto. Mesmo diante das evidências de insatisfação, não se moviam e amarravam as mãos de Caleb, defensor de reformas graduais, que distendessem as desatualizadas normas da Igreja, trazendo-lhe um pouco de democracia.

A forma rápida como o novo partido foi formado e como as ideias por ele pregadas se espalharam preocupavam Caleb. Temia que as mudanças na sociedade acabassem atropelando a organização religiosa e lhe impondo compulsoriamente mudanças para as quais não a achava preparada. O que a maior parte do Conselho não entendia é que era melhor a própria Igreja comandar as mudanças, não ser comandada por elas.

Não só Caleb, mas os partidos estabelecidos e a mídia se impressionaram com a rapidez na formação do novo partido. Ele se estruturou de maneira muito rápida, inclusive nas áreas mais conservadoras de Ourea. Os jovens não só ajudaram na formação, mas se encarregaram de espalhar as ideias do Ciclo, baseadas nos escritos de Achilles Wikse. Suas duas faces mais conhecidas eram

Callopse Greene e Ethan Khan. Ela era filha de um conhecido político, atualmente à frente do principal ministério do Governo, o de Economia. Ele, filho de um burocrata intermediário da Igreja, o que lhe dava conhecimento por dentro de como a instituição funcionava.

Caleb vinha observando o comportamento dos dois e via neles atitudes opostas. Call Greene, como Callopse ficou conhecida, era uma conquistadora e usava seu charme para mostrar a outros jovens que podiam mudar a situação no planeta. Bastava unirem-se e desbancarem os políticos com mandato, responsáveis pela estagnação social e pela estrutura arcaica adotada em Ourea, do que não escapava a Igreja. Ela era magnética, sorridente e se tornou na “cara” do partido. Mas era Ethan que dava o caminho para conquistar os que estavam vinculados à Igreja. Como jovem, vivera a burocracia e o separatismo que a religião impunha. Conhecia outros como ele, desejosos de mudança mas sem saber como conseguiu-la. O partido e o Ciclo lhes “vendiam” o caminho, afirmando que podiam mudar as estruturas. E eles se engajaram. O Ciclo continuava e o partido era a sua “cara” política, preparando para a primeira eleição.

O que Caleb não sabia era que os gênios por trás da organização partidária eram Einar Kristbe e Rainar Nevland. Por pura coincidência, quando a ideia do partido surgiu, os dois estudavam Logística, com foco na integração horizontal. Era uma das áreas em que viam maiores oportunidades e queriam se preparar para assumir papéis preponderante nos grupos familiares, cuidando do que os primeiros filhos sequer olhavam.

Juntos, planejaram a estrutura horizontalizada do partido, com as decisões tomadas na base. O partido dava aos jovens o que não tinham em casa, na Igreja, na escola e nem no trabalho: oportunidade de tomarem decisões, sem esperar que alguém acima as tomassem e fossem ordenados a cumpri-las. Tinham ambiente democrático, com as decisões sendo tomadas após ampla discussão e baseadas na maioria. Era o que os jovens queriam.

Se Call falava à juventude, de modo geral, Ethan chegava aos níveis mais profundos da Igreja. Era um deles, conhecia os mecanismos, viu amigos e colegas serem preteridos e acompanhou o sistema quase imperial, em que ao primeiro filho era dado tudo. Para os outros, sobravam migalhas. Como filho do meio, vivia a situação em sua própria casa. Era um apelo muito forte para os jovens da Igreja, a maioria dela. Pesquisa feita por solicitação de

Caleb mostrava que mais de 80% concordavam com a pregação do Ciclo e do partido.

Ele não tinha dúvida que a igreja precisava mudar. E também estava certo que, se não o fizesse, acabaria sendo levada pela onda de mudança.

Era o que queria evitar, mas não tinha conseguido devido à oposição dos mais conservadores do Conselho Episcopal.

\*\*\*\*\*

Caleb tinha linha direta com a maioria dos líderes políticos de Ourea, mas como os integrantes do Conselho Episcopal não estavam preocupados com as pregações do Ciclo, nem com a formação do novo partido. Eles viam os dois movimentos como passageiros e não acreditavam que pudesse ameaçar os partidos dominantes, que se revezavam no poder. À pergunta se pretendiam fazer concessões, diziam que não. O planeta ia bem e não precisava das mudanças pregadas pelos jovens.

O pai de Cal Greene foi um dos que afirmou não estar preocupado. Não desejava o insucesso da filha, mas não acreditava no novo partido e, tampouco, que conseguiria o número suficiente de votos para colocar representantes nos parlamentos locais e planetário. Na opinião dele, as máquinas partidárias eram eficientes e tinham recursos, o que lhes permitiria esmagar o novo movimento.

Preso a uma estrutura rígida, Caleb pouco podia fazer e conformou-se em esperar e ver. Talvez se os sinais de mudança se concretizassem, os notáveis e os líderes planetários tomassem iniciativas que impedissem a avalanche sobre o sistema que levaram séculos para construir. Desejava fazer correções, mas não queria ver o sistema desmontado. Pensativo, ficou contemplando o por do sol, cujos raios entravam pela janela do seu gabinete.

Um aviso do computador o fez voltar ao momento. Tinha uma mensagem pessoal e vinha no canal reservado à família e aos mais íntimos. Quando o abriu, era de Noor, avisando que tinha viajado e que ficaria fora pelo menos um mês, mas esperava achar tempo na volta para ficar alguns dias em casa, com eles. No final do bilhete vinha o que mais lhe surpreendeu:

“Pai, queria lhe dizer pessoalmente, mas as circunstâncias mudaram e, por isso, quero que saiba que gravei um vídeo de apoio ao Fé e Mudança”.

Caleb estava ciente da simpatia da filha para a pregação do Ciclo e que, a exemplo de muitos jovens, havia lido os livros de Wikse e concordava com a maior parte do que diziam. O estrelato não a havia afastado da fé da família e ficou imaginando quem dentre os artistas populares no planeta teria gravado vídeos semelhantes. Certamente ajudariam o jovem partido, o que piorava a situação, principalmente diante do imobilismo do Conselho. Voltaria a conversar com seus pares tentando, mais uma vez, convencê-los da necessidade de concessões. Era preferível fazer pequenas mudanças, que em nada ameaçavam a instituição, do que ser confrontado pela avalanche de votos e a mudanças muito mais radical.

\*\*\*\*\*

Cal e Ethan nunca tinham pensado em participar da política até surgir a ideia da fundação do partido. Queriam – como os integrantes do Ciclo – promover mudanças nas estruturas sociais de Ourea, mas estavam preocupados com a estrutura da Igreja, com a prevalência do primeiro filho e o quase total afastamento das mulheres de funções eclesiais e administrativas. Quando a ideia surgiu, não foram entusiasta dela, mas a viram espalhar como um rastilho de pólvora, com a formação de núcleos políticos dentro do Ciclo se espalhando e se multiplicando rapidamente.

Talvez por ser filha de político, Greene anteviu a possibilidade de construir um movimento além da Igreja, que abrangesse a sociedade e, a partir daí, dedicou-se com entusiasmo à formação do partido, convencendo os integrantes do Ciclo original que a nova agremiação daria visibilidade ao desejo de mudança e a oportunidade de tirá-la do âmbito da fé, levando-a para a sociedade. Meio relutantes, os outros concordaram e definiram que consultariam os integrantes do Ciclo. O apoio à criação do partido foi surpreendente. Mais de 90% disseram apoiar a criação.

Com a ideia aceita, o Partido Fé e Mudança, nome escolhido pelos participantes do Primeiro Ciclo, foi institucionalizado em tempo recorde graças à mobilização dos jovens. Ele estava nas grandes e nas menores cidades de Ourea. Uma das grandes atrações era a base democrática de suas decisões. Os jovens tinham voz, podiam opinar e tinham a oportunidade de convencer colegas de suas ideias, aprovando-as na base e levando-as para discussões em níveis regionais e planetário.

Cal, Ethan, Rainar e Einar formavam uma espécie de Comitê Executivo do partido e estavam encarregados de discutir a estratégia da campanha eleitoral. A consulta sobre os temas que

deveriam tratar havia sido fechada. Nos debates duas coisas ficaram claras: queriam mudanças e achavam possível fazê-las. O debate também apontou os principais pontos da plataforma eleitoral do partido, consolidados em uma Carta de Princípios. O novo passo do Comitê era entregar a campanha partidária a uma agência. Após a recusa de grandes agências, a escolhida foi uma média, muito premiada, mas que não tinha experiência em campanhas políticas. Quem a descobriu foi Ethan e os quatro estavam reunidos para ver a proposta visual da campanha.

Jonio Tainio, o diretor executivo da Álbum, estava diante do maior desafio de sua vida profissional. Se a campanha fosse bem sucedida, sua empresa teria chamado a atenção e a campanha poderia lhes proporcionar mais trabalho, ampliando o seu alcance no mercado. Se fracassasse, iria ficar marcando passo. Não estava insatisfeito com o portfólio de clientes, mas deseja crescer e ampliar os negócios, mas só conseguiria com uma campanha de grande porte, como a que iria apresentar em poucos minutos. Estava nervoso e antes de entrar para a apresentação respirou fundo. Encontrou olhares curiosos. Objetivo, não perdeu tempo e foi direto à apresentação da campanha, explicando o porque de a ter adotado e como é que pretendia desenvolvê-la, levando em conta que o partido – ao contrário daqueles que detinham o poder há longos anos – contava com poucos recursos.

- Cal, Ethan, Rainar e Einar, obrigado por nos confiar a campanha do PFM. Tomando por base o que nos disseram e levando em consideração a demografia do planeta, propomos dois eixos básicos para a campanha. Os dois tem em comum uma única palavra, mas indicam o mesmo caminho, com uma pequena modificação do eslogan.

À medida que Tainio falava um auxiliar ia projetando as peças da campanha. Na primeira – apenas como exemplo – embaixo do rosto de uma sorridente Cal aparecia em destaque a palavra MUDANÇA e embaixo dela “Nós acreditamos”. Na segunda, o rosto sério de Ethan também com a palavra Mudança em destaque, mas com eslogan diferente, “Nós podemos”. As peças tinham o mesmo mote, incluindo música e vídeos para a propaganda na mídia planetária.

O foco da campanha, no entanto, não era a mídia, mas o contato pessoal, aproveitando a capilaridade do partido e o fato de envolver jovens entusiasmados. O que imaginou era que cada integrante conquistasse 10 apoiadores e que os conquistados conseguissem outros 10, multiplicando exponencialmente a divulgação e tornando

os eslogans, música e vídeo virais. Se os integrantes e simpatizantes do PFM se engajassem, dariam o impulso essencial à campanha e tornariam a plataforma conhecida, fazendo-a desejada. Era a fórmula mais eficiente e com menor custo.

- O que buscamos é criar identificação e mostrar às pessoas que ela podem, sim, ser partícipes da mudança, mas que ela depende de cada um. E a propósito, achamos que a pessoa que deveria encarnar essa mudança é você, Cal. Faz sentido por não termos nenhuma mulher de destaque na política, muito menos jovem. Um terço da população de Ourea é jovem, com as mulheres sendo pouco mais de metade deste total. Estamos ainda fazendo contato com artistas, vendo se querem gravar em apoio ao partido e já conseguimos uma importante adesão, a de Noor Isa Toma. Acho que ela irá nos abrir outras portas, ajudando-nos a viralizar a propaganda.

\*\*\*\*\*

- Pai, pode me dar um minuto. Tenho algo que acho que devia ver.

Caleb tinha tido um dia exaustivo. Participou de mais uma reunião do Conselho e saiu desanimado. Tinha levado nova proposta de pequenas mudanças na Igreja mas as viu rejeitadas sob o argumento que não se mudava o que estava dando certo. Dado como o “todo poderoso” da Igreja, as decisões sobre a fé e a Igreja tinham de sair do Conselho. Diante da recusa da maioria de ver a necessidade de concessões e mudanças, que em nada afetariam a Igreja, mas daria satisfação à opinião pública, sentia-se frustrado. Estavam alheios do mundo, enclausurados e achando que o céu era azul, quando na verdade se formavam nuvens negras, anunciando a tempestade. Em casa, poderia relaxar. Mas nunca deixava de atender um filho.

- Claro que sim, Rami. Vamos para o escritório.

Rami o acompanhou. Sentaram-se e o filho abriu o seu tablete, passando-o para o pai.

- Não sei se já viu, mas queria lhe mostrar o que está circulando pela Universidade e entre os jovens, incluindo os que participam ativamente na igreja, aqui em Enaima. Este é um dos vídeos, mas tem outros três, sempre com a mesma intenção. Os meus amigos já os viram e tem encaminhado a amigos e conhecidos. Não tenho números, mas posso dizer pelas conversas que tive que pelo menos 90% dos alunos da universidade já os viram e ajudaram a espalhá-los. A Rumaya é uma das integrantes do grupo local e me disse que



as jovens da Igreja viram os vídeos, com muitas delas engajadas na sua difusão.

Caleb não os tinha visto e, tampouco, imaginava o seu alcance. Enaima, sede da Igreja, tinha grande parte da população diretamente vinculada à religião e aos empregos que oferecia. Se os vídeos faziam sucesso entre os jovens da cidade, o que pensar de outras onde a religião não exercia tanta influência.

Simples e diretos, os vídeos criavam impacto, sobretudo nos jovens, incentivando a rebeldia e a participação na mudança que, como dizia um dos eslogans, podiam fazer. Se já estava preocupado, sua preocupação aumentou. Pediu ao filho que lhe encaminhasse os vídeos e material que recolhesse sobre o PFM. Rami saiu e ficou sozinho e pensativo.

Até então os partidos tradicionais olhavam com desdém a nova agremiação. O que os líderes lhe disseram é que campanha se faz com recursos e o PFM não os tinha. Quando a campanha fosse iniciada, inundariam Ourea com sua propaganda, sufocando o pequeno partido. Duvidavam, até, que conseguisse o mínimo de votos para ser representado no Parlamento. O Governo fazia eco às principais lideranças políticas e essa certeza se refletia na posição do Conselho, que não desejava mudar, não por achar que não houvesse o que mudar, mas por ter certeza que não havia necessidade de fazê-las. O que poderia fazer para convencê-los?

Tinha de achar um meio.

\*\*\*\*\*

Os esforços de Caleb e de seus associados no Conselho Episcopal não surtiram efeito e os notáveis se mantiveram irredutíveis, dizendo não às mudanças. A decisão era final e pelas regras não escritas da Igreja, não poderia levar o assunto novamente à apreciação. Recolheu-se, mas não deixou de acompanhar a campanha eleitoral. Como haviam lhe dito os líderes políticos, inundaram o planeta de propaganda e usaram intensivamente a divulgação gratuita garantida por lei, e a paga, em maior volume. A desproporção entre eles e o PFM era enorme e essa desproporção acabou levando o pai de Calopse a ter uma conversa com ela, na tentativa de convencê-la a deixar o PFM e desistir da política. O argumento era a força e o poderio dos partidos há muito institucionalizados, que não podiam enfrentar. Ouviu o pai, mas não mudou.

- Pai, está enganado. Vamos surpreender. Em um cenário pessimista, vamos ter pelo menos 20% dos votos. E no otimista, podemos chegar a um terço deles, o que nos daria maioria no Parlamento. De qualquer forma, vamos pagar para ver. Mas obrigado pela sua preocupação.

Não era – e o pai lhe disse isso – o que as pesquisas de opinião apontavam. Nas consultas internas, feitas pelo seu partido, o PFM aparecia apenas com três por cento dos votos, o que o levou a chamá-la para a conversa. O que a filha sabia que ele não tinha conhecimento?

Cal apenas sorriu.

- Pai, estamos fazendo política de um jeito novo. Não sou eu ou o Comitê do PFM que decide, são os nossos participantes. Invertemos a ordem das decisões, levando à maior participação. Nossa estrutura é horizontal e temos a vantagem de ninguém estar buscando cargos. Estão comprometidos com uma ideia. E são as ideias que fazem a diferença. O senhor e todos os líderes dos partidos tradicionais vão levar um susto com o resultado. Sei que não acredita, mas vamos esperar e ver quem está certo. Mas obrigado por se preocupar comigo.

Ainda sorrindo, levantou-se, beijou o pai e saiu.

\*\*\*\*\*

Na luta de Davi e Golias, como no livro sagrado da Igreja de Ourea, o pequeno Davi saiu vitorioso, derrubando os gigantes. Terminada a contagem de votos, duas coisas ficaram claras: Tinha havido participação maciça dos jovens na votação e o PFM saiu da eleição como o partido majoritário em Ourea. Das 700 cadeiras em disputa na Assembleia planetária, ele conquistou 266 assentos, a maior bancada. No Senado, também foi o mais votado e conquistou 35 dos 100 assentos. Cal Greene havia sido a parlamentar mais votada para a Assembleia, transformando-se na cara do partido no Legislativo planetário.

O resultado deixou no chão a credibilidade dos institutos de pesquisa, com exceção de um pequeno, pouco conhecido, cujos dados foram desprezados. O Índice, que trabalhou para o PFM, já na época da conversa de Cal com o pai apontava a vitória do partido, dando-lhe a mesma dimensão colocada pela filha na conversa. Com o resultado, Cal foi transformada pela mídia em líder do PFM. Além de cara nova na política, era ainda mais destacada por ser mulher, a primeira na história a conseguir votação tão consagrada.

Nas entrevistas, negava ser a líder do partido, explicando que o PFM não tinha uma única liderança, pois era uma organização horizontal e quem definia seus rumos eram os núcleos locais, não a cúpula, como nos partidos tradicionais. E mostrava que não tinha sido a única eleita, mas que metade de todos os eleitos pelo PFM era de mulheres e em quase todas as regiões e núcleos locais, tinham sido as mais votadas. A mídia não lhe ouviu e consagrou-a como a líder do partido.

Nas entrevistas com Cal e com outros eleitos pelo partido a pergunta mais frequente era: o que iriam fazer? Os repórteres e entrevistadores se surpreendiam quando entrevistados simplesmente lhes entregava os tópicos da plataforma do partido.

Às vezes, Cal provocava:

- Se não acompanhou nossa campanha, leia o que vamos fazer.

## PRIMEIRO PASSO

Noor estava descendo para o café da manhã onde encontraria Kareen e Xilim. A Noor que Xilim conhecia e que amava não tinha glamour da estrela que se tornou e foi para ele que se preparou. Prendeu os cabelos, colocou roupas simples e confortáveis e não usou maquiagem. Olhou-se no espelho e se sentiu preparada para o início da nova aventura. Nela, usaria seu poder feminino e sedutor com Xilim. Ele podia se sentir como Wikse, não se lembrando dela, mas não a iria resistir. Se sua memória estava bloqueada, o seu corpo certamente se lembraria e iria despertar essas lembranças. Os dois nunca tinham se imposto limites, até por quererem ir além, dando e recebendo prazer. Exploraria a memória sexual dele, levando-o para a cama e conquistando-o, trazendo-o novamente para seu lado. Ao chegar ao café, viu que os dois a estavam esperando e sentiu o olhar curioso de Xilim.

- Bom dia, Kareen. Bom dia, Wikse. Obrigado por virem.

Os dois retribuíram o cumprimento e Noor os convidou para se servirem, encaminhando-se para a mesa com frutas e frios. Escolheu um suco, pegou um pouco de café e pãezinhos, que tinha provado e aprovado no dia anterior. Viu que Kareen e Xilim se serviam fartamente. Embora vivessem em um planeta de escassez, não eram acostumados à frugalidade como ela, até por que, no caso de Wikse, enfrentava trabalho pesado. Comeram em silêncio e foi Kareen o primeiro a falar.

- Noor, conversei com os anciãos, como havia lhe dito, e concordaram que o Wikse a acompanhe. Quis vir com ele, pois não tinha certeza se a reconheceria de sua visita anterior. Conversamos e concordou em acompanhá-la, facilitando seus contatos e ajudando-a no que precisar. O Conselho não só lhe deu permissão, como lhe forneceu recomendação de acolhida, que facilitará a viagem. O Wikse tem algumas coisas a lhe dizer.

Xilim virou-se para ela e fitou-a nos olhos. Explicou que o transporte básico no planeta era o trem. Não usavam veículos

aéreos. Abriu o mapa do planeta indicando os locais que os anciãos consideravam que devia visitar e as cidades com melhor estrutura. Dependendo do ponto para onde fossem, teriam de viajar até dois dias, parando no meio para pernoite. Em alguns locais não havia estações ou linhas de trem e para chegar a elas teriam de usar meio alternativo, inclusive andando a pé quando a distância fosse pequena. A ideia do encontro era para que discutissem o roteiro, estabelecendo a logística e planejando os movimentos com antecipação. Enquanto Xilim mostrava os locais, apontando-os com o dedo, Noor aproximou sua mão e, delicadamente, segurou a dele, movendo-a para outro ponto, perguntando-lhe o ali havia.

Ao ser tocado, o contato suave de Noor provocou nele uma corrente elétrica, que lhe percorrer a espinha e lhe deixou excitado. Embaraçado, desviou o olhar, fixou-o no ponto indicado e pediu ajuda a Kareen. Thuanides era o nome da cidade e fora nela que a colonização de Tetama começara. Lá estavam os marcos dos primeiros que aportaram e era local de veneração dos tetamaos. Xilim tinha pouca informação sobre a cidade, que ainda não tinha conhecido.

- Kareen, Wikse, gostaria de conhecer Thuanides. Tenho queda por história e minha música reflete parte desse gosto. Pode ser uma visita interessante. No mais, vou aceitar as sugestões que derem. Quanto tempo acham que levarão para ter tudo acertado? Assim que o Wikse estiver pronto, podemos partir.

\*\*\*\*\*

Kareen e Vikse deixaram o hotel. Mais Kareen do que Vikse, que tinha conhecimento limitado do planeta, iria definir os roteiros e o instruiria sobre o que deveria fazer, a quem procurar e como proceder em cada um dos locais, de forma a oferecer o melhor à visitante. Sua visita era importante e queriam, ele e os anciãos, que levasse boa impressão do planeta e de seu povo. Inicialmente, Kareen pensou em um meio de divulgar a vista de Noor, mas ela lhe pediu anonimato. Não estava ali como a cantora famosa, mas apenas como uma turista ocasional. O turismo poderia se transformar em ótima oportunidade de renda para Tetama.

Kareen tinha se aproximado de outros mundos, primeiro como diretor da Escola, atraindo a atenção para ela. Agora, queria promover o turismo local, convencendo os anciãos que era bom para Tetama. Ele considerava que dentro de mais alguns anos seria um dos participantes do Conselho e, então, poderia influir mais. Queria ter os contatos acertados para quando a ideia fosse aprovada poder implementá-la rapidamente. Líderes regionais, como ele,

viam no turismo meio de conseguir recursos que beneficiassem as comunidades, sem alterar a cultura planetária. A decisão de abrir Tetama, no entanto, não era dele, mas do Conselho de Anciãos, no qual não tinha assento, o que limitava sua ação. A abertura ao turismo só seria discutido se um dos anciãos o propusesse e, de forma discreta, trabalhava para que pudesse acontecer.

Enquanto o pensamento de Kareen se ocupava do desafio presente e nas perspectivas futuras, Wikse estava perturbado. E sua perturbação tinha nome e rosto, mas não explicação. Desde que se ligara a Alima considerava-se feliz. Tinha vida pacata, bem acolhido pela comunidade, integrou-se a ela, gostava do que fazia e, se questionado, optaria por nela continuar.

Por que, então, Noor o havia perturbado tanto? Podia descrever seu rosto, os olhos, o modo de olhar e o sorriso magnético. Ela exalava beleza e se um simples toque o havia excitado e o embaraçado, o que iria acontecer durante a viagem em que estariam sempre juntos? Ao deixar o encontro, a sensação que o acompanhou é que os dois se conheciam e haviam ficado juntos, mas poderia estar enganado devido à excitação sentida. Sem recordar o passado, podia muito bem estar enganado. Intimamente sentia que ficar junto dela seria para ele natural. E só de pensar na sua proximidade, vinha-lhe o desejo e a excitação sexual. O que poderia acontecer na viagem?

Noor acompanhou a saída de Kareen e Xilim imaginando o que ele sentiu ao tê-la tão perto. Sua presença o havia afetado e sus reações, quase imperceptíveis para quem não o conhecesse, mostravam claramente o seu incômodo. O que tinha planejado era usar o tempo que estivessem próximos para se insinuar e o provocar, fazendo com que se lembrasse dela e do envolvimento profundo dos dois.

Com cuidado e amor poderia lhe dar o empurrão que o levaria de volta às suas memórias e, no final, a volta para ela. Ao preparar a viagem concentrou-se nos detalhes que poderia fazê-lo lembrar-se dela. O tipo de roupa, o perfume preferido, posturas, falas, sorrisos e os olhares tinham sido escolhidos e ensaiados para ele. Não seria simplesmente a Noor que amava Xilim. Seria mais, usando seu charme e o magnetismo que conquistava multidões, transformando-se de mulher apaixonada na artista que representaria o papel mais importante de sua vida. Se tivesse êxito, teria a família e os filhos com que sonhou.

Ter Xilim de volta era prioridade absoluta. Se conseguisse, não precisava de mais nada.

\*\*\*\*\*

Kareen chamou dois auxiliares e montaram o roteiro de Noor por Tetama. A primeira preocupação foi levá-la a lugares interessantes que, ao mesmo tempo, oferecessem o mínimo de estrutura, importante para a visitante acostumada a ter seus desejos satisfeitos. No final, o tour completo de 30 dias, como o desejo de Noor, incluía as cinco principais cidades de Tetama e visitas, a partir delas, às áreas com menos estrutura. As bases ofereciam algum conforto, com hotéis razoáveis. A preocupação de Kareen não era economizar, pois Noor deixou bem claro que o custo não era problema, mas conseguir boas acomodações e facilitar as visitas aos locais escolhidos.

Os auxiliares de Kareen pesquisaram e concluíram que Noor individualmente talvez fosse mais rica que o planeta Tetama. Ela ganhava rios de dinheiro a cada ano, ampliando a fortuna que a colocava como uma das pessoas mais ricas de Ourea. Mas guardaram os dados para eles.

Com o planejamento pronto, Kareen chamou Wikse.

- Temos a viagem preparada. Vamos repassar juntos os roteiros e indicações de lugares e pessoas que podem ser procuradas para atendê-los. Teremos bases em cinco cidades. Nelas, o hotel está reservado e sairá daqui com a indicação de restaurantes ou refeitórios comunitários onde poderão fazer as refeições.

Kareen tinha proposto que Wikse ficasse nos dormitórios comunitários, que sempre tinham lugares disponíveis para visitantes. Noor recusara. Queria seu acompanhante no mesmo hotel em que ficaria. Kareen não devia se preocupar, pois arcaria com os custos da viagem – transporte, hospedagem, alimentação, serviços, etc. Se necessário, havia se disposto a fazer depósito prévio que cobriria seus gastos na instituição que indicassem. Em nome do Conselho, Kareen rejeitou a oferta, mas concordou que assumisse as despesas. Foi o que explicou no briefing com Wikse, que fazia a intermediação com os locais, agradando-a e fazendo com que aproveitasse as férias. Era importante para Tetama e deveria atendê-la no que pedisse. Em caso de dificuldade, deveria entrar em contato com ele, de forma a que pudesse resolver rapidamente o problema.

- Se tiver alguma dúvida vamos esclarecê-la agora. O desejo do Conselho de Anciãos é que nada dê errado nesta visita e você tem papel importante para que não haja erros. Noor simpatizou-se com

você e não pode decepcioná-la. O Conselho conta com sua ajuda para que nossa visitante saia com impressão favorável de Tetama.

Wikse não tinha dúvida. Mas o que não disse – e não confessaria a outra pessoa – é que vivia a expectativa da companhia de Noor, o medo de decepcioná-la, não pela visita, mas pessoalmente, e vivia a ansiedade por saber que passariam um mês juntos ou muito próximos. Nos dois dias de espera - entre o encontro com Noor e as instruções de Kareen - tinha sonhado com ela, vendo-se como jovem e adulto. Os sonhos lhe traziam cenas de lugares, de situações e ressaltava o estreito envolvimento dos dois. Ao acordar, ficava pensando se o que tinha sonhado algum dia tinha sido realidade ou era apenas divagação do seu cérebro, impressionado com a bela mulher.

- Kareen, fique tranquilo e pode tranquilizar o Conselho e os anciãos. Não vou decepcioná-los. Farei o que puder para que a visita seja um sucesso. Estou ciente da importância dela e que estarei acompanhando alguém que, desconhecida em Tetama, é famosa no seu mundo e acostumada ao melhor, muito além do melhor que podemos oferecer.

Kareen passou as informações e deixou-o encarregado dos próximos passos. Deveria ir ao encontro de Noor e combinar a partida. De agora em diante, era responsabilidade dele. Confiava em Wikse, até por o ter conhecido ainda como o Dr. Achilles Wikse, mas não estava tranquilo em relação a visita. O que acontecesse podia determinar o seu futuro e detestava entregar seu destino a uma mulher, principalmente a uma estrangeira, que não conhecia sua cultura e via Tetama como lugar exótico. Mas este tipo de visita era necessário e desejável.

Conformava-se com isso.

\*\*\*\*\*

Noor se surpreendeu quando a recepção lhe avisou que Xilim estava à sua espera. O primeiro impulso foi pedir que subisse até o apartamento, mas achou que seria ousadia e foi encontrá-lo no café. Preparou-se de forma rápida e desceu. Parou à porta do café e correu os olhos pelo salão à procura de Xilim. Encontrou-o em um canto discreto, fora do foco principal do salão. Sorriu. Mesmo não se lembrando dela e do passado, sua personalidade não o havia abandonado, mantendo-o discreto. O que lhe ocorreu é que o comportamento era fruto da educação recebida. Por ser o filho do meio, nunca ficava em primeiro plano, lugar reservado ao



primogênito. A discrição era a forma de sobrevivência em uma sociedade onde só o primeiro filho tinha direitos.

Ao entrar no café, de forma instintiva, Xilim escolheu local discreto que lhe permitia controlar a entrada, acompanhando a chegada de hóspedes e visitantes. Queria ver a chegada de Noor e um lugar tranquilo para conversarem. Foi quase um choque vê-la à porta, parada e buscando-o pelo salão. Ao avistá-lo, abriu o sorriso e se encaminhou para a mesa, o que gerou nele a mesma corrente elétrica do primeiro encontro. Assim que se aproximou, tomou a iniciativa.

- Bom dia, Noor. Desculpe não ter avisado que viria, mas achei que gostaria de saber que tudo está pronto para a viagem. Quis lhe dizer pessoalmente e combinar quando vamos começar. Se quiser, podemos partir amanhã para Thuanides. Se sairmos cedo podemos parar e conhecer algumas comunidades, pois temos trens para a cidade a cada duas horas. Assim, chegaríamos no final da tarde. De lá podemos visitar outros lugares próximos. Depois, seguiríamos viagem. Depende de você.

Noor agradeceu e deixou claro que não precisava se desculpar, por entender que programar a viagem era complicado. Como estava ansiosa para iniciá-la, definiu que partiriam no dia seguinte. Seguiria as recomendações que lhe desse, parando onde achasse interessante até chegarem a Thuanides. Não tinha pressa e queria aproveitar bens as férias.

- Obrigado por me acompanhar. Fico agradecida, não só a você, mas aos anciãos e à sua comunidade, sabendo que é necessário nela. O que estou fazendo é um capricho, muito diferente do que os tetamaos fazem. Mas, de outra forma que vocês, tenho a vida cheia e estes períodos me ajudam a enfrentar o próximo ano, sempre exaustivo e que me exige muito. Além disso, vou gostar de sua companhia. Obrigado, de novo.

Noor segurou as mãos de Xilim de maneira firme, olhando-o nos olhos, enquanto fazia o agradecimento. No final, levantou-se e lhe deu um beijo no rosto, sentindo a sua reação. Sentou-se de novo e ficou observando-o.

Ela havia tomado a iniciativa e dado o primeiro passo.

## PROVOCAÇÕES

Noor acordou animada. Começaria a realizar o que tinha planejado. Xilim iria chegar ao hotel e partiriam para explorar Tetama. A visita e o turismo foi a forma que encontrou para estar junto dele e tentar despertá-lo do sonho em que vivia. Se não conseguisse, tinha um plano alternativo que acionaria somente na última semana da visita. Estava decidida a aproveitar as férias para conhecer a cultura local, ver lugares e pessoas diferentes e principalmente desfrutar da companhia de quem amava, mesmo que não a retribuísse por ter perdido as memórias. Sorriu ao pensar que amava Xilim e Wikse, para ela a mesma pessoa. Mas, do lado dele, quem a amava era Xilim. Wikse, não. Ele estava ligado a outra linda mulher, o que lhe despertava enorme ciúme. Faria tudo ao seu alcance para roubá-lo dela, mesmo que não voltasse a ser o seu Xilim, por quem se apaixonou no primeiro encontro quando ainda criança.

Terminou de se arrumar e conferiu como estava e se tinha à mão o que iria precisar. Estava tudo certo. Vestia-se de maneira simples, ao estilo de Tetama, que manteria nas férias. Nada de grandes malas. Apenas uma pequena, com o que julgava essencial. Não teria o mesmo conforto de Ourea ou Metis. Nem mesmo o de Ethara, mas não tinha dúvida que valeria a pena, principalmente se o seu plano obtivesse êxito. Na viagem, queria incorporar a simplicidade dos tetamaos.

Criada em casa de classe média, seu momento mais simples foi na pensão em que morou enquanto estudava. Depois, ao fazer sucesso escolheu o que, para o padrão de Ourea, era simples, mas imensamente mais luxuosa do que viu em Ethara e na rápida visita à comunidade onde Xilim vivia, na sua primeira ida a Tetama. O simples em que vivia era mais que o superluxo local. Pensando na disparidade, desceu para o café, preparada para deixar o hotel. Na pequena mala, o único objeto essencial era o comunicador, meio de contatar Karle, no caso de necessidade ou emergência.

O café estava praticamente vazio e escolheu mesa que lhe desse visão do lobby do hotel, controlando a chegada de Xilim. Havia se

servido e tomava o suco quando o viu dirigindo-se à recepção e o recepcionista indicando-lhe o restaurante. Voltou sua vista para a mesa, como se estivesse concentrada no que fazia e não o tinha visto chegar. Colocou o suco ao lado, pegou um pãozinho e colocou um pouco de geleia. Deu a mordida, apreciando o gosto e tomou um gole de café.

- Bom dia, Noor. Pronta para a viagem?

Fingiu surpresa, mas lhe abriu o sorriso, indicando que também se sentasse.

- Ah, Wikse, me surpreendeu. Estava concentrada no café. Sim, estou pronta e ansiosa para começarmos. Mas antes vamos nos alimentar bem. Aproveite o café da manhã comigo.

Xilim tirou a mochila das costas, colocou-a na cadeira e foi se servir, o que fez fartamente, evitando doces, uma das paixões de Noor. Observando-o, via as marcas do antigo Xilim, não do novo Wikse. Ele podia não se lembrar, mas ainda escolhia o que sempre tinha gostado, ressaltado quando passou pelo café e pegou somente leite. Bem servido, retornou à mesa e como fazia quando estavam juntos, comeu em silêncio. Satisfeito, levantou o rosto e sorriu para Noor, um sorriso tão límpido e amigável que a deixou arrepiada. Ali, na sua frente, estava o homem que amava e que não tinha dúvida que a havia amado. O sorriso lhe trouxe esperança. Era o início da jornada.

No final dela queria receber o mesmo sorriso, só que dado por Xilim, não por Wikse.

\*\*\*\*\*

Ao chegar à estação de trem, Noor observou que o vagão de passageiros tinha janelas amplas e Wikse lhe disse que seus lugares permitiam que observassem a paisagens e as pequenas comunidades próximas da linha. Até chegarem a Thuanides haveria várias paradas e trocariam de trem, o que lhes daria tempo para visitar as comunidades próximas. O trem não tinha luxo, mas era confortável. Não havia divisão de classes e os vagões de passageiro eram idênticos. Além deles, havia outros, mais numerosos, que transportavam bens. Wikse lhe disse que os trens eram sempre mistos, não só por economia, mas por praticidade, sendo a única ligação entre várias comunidades para as quais distribuía suprimentos. Noor admirava a simplicidade e o sentido comunitário de Tetama, mas ressentia do planeta por ter lhe tomado o amor de sua vida. Era o que queria corrigir na viagem.

O trem se movimentou devagar e começou a ganhar velocidade. Wikse e Noor estavam sentados no mesmo banco e o balanço fazia com que suas coxas se tocassem. Mais do que casual, ela estava provocando o contato, observando as reações dele. Fazia parte do plano provocá-lo e deixá-lo excitado. À medida que o trem se movimentava, começou a sentir o aumento da temperatura corporal de Xilim nos toques de suas pernas. Como o ambiente era arejado e a temperatura amena, atribuiu a mudança às suas provocações.

Ao escolher os lugares, Wikse pensou em sentar-se de frente para Noor. Não o fez, temendo que interpretasse como descortesia e acabou ao seu lado. A presença dela o incomodava, mexia com ele. Com o trem ganhando velocidade e devido ao balanço, suas coxas começaram a se tocar e sentia o calor da perna dela, apesar da proteção do tecido do vestido e de sua calça. A cada toque – de alguns segundos – sentia-se mais quente, excitado, esforçando-se para não o demonstrar. Nunca, pelo que lembrava, tinha sido tão afetado por uma mulher, por mais bela e desejável que fosse. Esforçando-se para não parecer afetado, veio-lhe, novamente, flashes de memória dela, como se a conhecesse de longo tempo e tivessem algum tipo de envolvimento. Não conseguia afastá-la de sua mente e seu desejo por ela foi aumentando.

À medida que o tempo passava, ele começou a se sentir torturado, imaginando como seria ir para a cama com a bela mulher. Tinha de se conter, mas desejou que em uma das paradas tivesse uma desculpa para usarem uma das casas comunitárias para descanso, criando a oportunidade de levá-la para a cama. Racionalmente, sabia que não o faria. Era fiel a Alima e tinha sido desestimulado por Ayyub a se envolver com a visitante. Ela poderia não gostar da tentativa e seu comportamento acabaria manchando a imagem que levaria de Tetama.

Lembrava-se claramente do que lhe tinha dito: “seu objetivo ao acompanhar Noor era fazer com que tivesse a melhor imagem deles, do povo, dos lugares visitados e do planeta”. No trem, sentindo a coxa de Noor, se perguntou se resistiria à investida dela e concluiu que não. Provocá-la, era uma coisa. Outra totalmente diferente era aceitar suas investidas. Neste caso, não poderia ser culpado. Desejou que Noor tomasse a iniciativa e estava pronto para aceitá-la.

Pouco mais de uma hora de viagem, Noor levantou-se e se apoiou em Wikse, que a ficou observando. Devido ao balanço do trem, foi se apoiando nas cadeiras até o final do vagão. Sentiu o impulso de acompanhá-la para a amparar, se fosse preciso, mas se

conteve. Ficou observando-a, pronto para entrar em ação se necessário. Relaxou quando a viu entrar no banheiro e não se deu conta de sua volta. Ao se aproximar, Noor aproveitou o balanço do trem e fingiu desequilíbrio, caindo sobre Vikse, que a amparou, segurando-a e colocando as mãos em seus seios. A queda calculada foi melhor do que Noor esperava e lhe permitiu – ao fingir-se desamparada – apoiar-se nas coxas de Vikse e uma das suas mãos escorregar para a genitália dele. Intimamente sorriu, ao sentir a ereção. Rapidamente, retirou a mão, apoiando-se nele, que a ajudou a colocar-se de pé e a sentar-se.

- Obrigado, Wikse, por me ajudar e evitar minha queda. Não estou acostumada a este tipo de viagem e acabei me descuidando, perdendo o apoio na hora que o trem teve um balanço mais forte. Muito obrigado, mesmo, pela ajuda e por evitar um acidente.

Wikse não sabia o que fazer nem o que dizer. Apenas olhou Noor e balançou afirmativamente a cabeça. No seu íntimo, queria era tê-la abraçado, lhe dar um beijo e apertá-la de encontro a ele. Mas ficou rígido, imóvel. Temia a censura dos outros passageiros. Noor era diferente dos locais, o que lhe punha a etiqueta de estrangeira. Gente de fora, diferente, era pouco comum nos trens locais. Lutou para acalmar-se e reduzir as batidas aceleradas do coração. Excitado pelo toque de Noor, abaixou-se, pegou a mochila, retirou dela recipiente vazio e o mostrou.

- Vou pegar água. Assim, se quiser beber, não precisará se levantar, correndo o risco de queda. Com licença.

Noor apenas acenou com a cabeça, como se ainda estivesse envergonhada pela cena que provocara. Viu-o levantar-se e ir em direção ao bebedouro no final do vagão. Intimamente, estava sorrindo. A “pequena experiência” havia lhe deixado a certeza que Vikse reagia a ela – e do modo que esperava. Era bom para o seu plano. Na primeira etapa dele daria pequenos passos. Sua esperança de alcançar seu objetivo havia aumentado.

\*\*\*\*\*

Noor, acostumada aos voos fretados, achou a viagem longa, mas gostou dela. Nas paradas tomou contato com a vida local e as diferenças dela em relação a Ourea e Metis, experimentou novos sabores e fez uma refeição leve, mas muito gostosa, à base de vegetais e pouca proteína. Na última parada e na troca de trem, o vagão ganhou novos passageiros, incluindo um casal diferente, fora do padrão dos tetamaos. O casal sentou-se no banco em frente ao de Noor e Xilim. Noor os tinha visto assim que o trem parou. O

homem era mais alto que a média dos tetamaos, tinha pele mais escura, podendo ser considerado mulato, aproximando-se do negro, cabelos castanhos lisos e longos, presos em rabo de cavalo.

Ao lado dele, a mulher se destacava pela beleza diferente e pelo que vestia. Ao contrário das mulheres de Tetama, que adotavam o monocromático como norma, as roupas dela eram coloridas. Xilim pareceu surpreso ao vê-los, indicando que não era comum na parte onde vivia. O estilo bata usado pelas mulheres tetamaos podia ser confortável mas não tinha graça. Observando a mulher notou que vestia saia ampla com listras coloridas e tinha um xale amarrado à cintura, sobrepondo-se a ela. Na parte de cima, uma camisa branca fechada, sobreposta por uma espécie de cachecol, formando um conjunto vistoso, que chamava a atenção, sim, mas que era harmonioso e destacava a silhueta alta e fina de quem a usava. Noor observou-os à medida que se aproximavam e surpreendeu-se quando, já muito próximo, o homem se dirigiu a eles em um perfeito galáctico.

- Boa tarde, meu nome é Taitomo Horea e esta é a minha esposa, Maioro. Se não se importarem, ocuparemos o banco em frente a vocês.

- Boa tarde, Taitomo. Eu sou a Noor e este é o Wikse. Sentem-se e fiquem à vontade, não é Wikse?

- É sim. Taitomo, Maioro, fiquem à vontade.

De forma discreta Noor continuou observando-os enquanto se arranjavam no banco. Taitomo – um nome estranho – sentou-se empertigado e a esposa fez o mesmo, mas com olhos baixos, sem encará-los. Curiosa, mas não querendo iniciar a conversa, imaginou se, como ela, não seriam visitantes. Quando buscou informações sobre o planeta, nada havia sobre povos diferentes. Sua pesquisa foi superficial e poderia, sim, haver diferentes etnias que viviam em outras áreas e este poderia ser o caso do casal diferente. Aguentou-se durante um tempo, mas a curiosidade acabou vencendo.

- Taitomo, desculpe se estou sendo inconveniente, pois sou estrangeira. Vocês também são estrangeiros?

- Noor, se me lembro bem, não é? Talvez eu, Maioro, e o nosso povo sejamos estrangeiros, mas se formos, somos estrangeiros em nosso próprio planeta. Desculpe se brinco. Na verdade somos até mais tetamaos que os outros, mas, sim, somos diferentes. Eu e Maioro fazemos parte do povo Sanbar. Se vieram de Ethara, provavelmente não encontrou nenhum de nós. Vivemos nesta parte

do planeta e estamos indo para Thuanides participar da Katanga, que é o encontro anual das sete tribos.

Taitomo explicou que seu povo era formado por sete tribos diferentes – embora, no início, fossem treze – e que cada uma mandava um casal para representá-la na Katanga, apresentando-se na Kananga, auge das comemorações. Ser escolhido para representar a tribo era a maior honraria que um casal poderia receber, mas também grande responsabilidade.

Na Kananga, eles se apresentariam sozinhos e também juntos com os outros casais. Cada apresentação seria julgada por um grupo de anciãos, antigos campeões da Katanga. Ele e Maioro esperavam levar o título para sua tribo, que era ganhadora da maioria deles. O festival durava dois dias, com apresentações de canto, dança e outros tipos de arte, inclusive pintura e escultura, além de trabalhos em ourivesaria. Os sanbares eram considerados artesãos originais. A maior parte do artesanato em ouro era vendido fora do planeta e a demanda, muito maior do que poderiam produzir.

- Se forem ficar em Thuanides, seria honroso que acompanhassem a Katanga, vendo o que o nosso povo pode e sabe fazer. Serão meus convidados. Posso lhes arranjar os passes. Garanto que irão gostar.

Wikse não se sentiu interessado, mas nada disse. Noor, curiosa sobre os sanbares, de quem ninguém lhe havia falado, aceitou o convite. Como gostava e vivia da música e para ela, tinha interesse em conhecer a música sanbar e ver as apresentações. Deu o endereço do hotel onde ficariam a Taitomo, agradecendo o convite.

Se havia interesse dela, também havia do casal e a conversa se inverteu, com Taitomo querendo saber de onde vinha, o que fazia e a razão da visita a Tetama.

- Sou de Ourea, que não fica muito longe de Tetama. Estou de férias e esta é minha segunda vinda ao seu planeta. A primeira me deixou curiosa e quis conhecê-lo melhor. Vou visitar algumas de suas cidades e comunidades, fazendo contato com as pessoas, vendo como vivem, a dinâmica das comunidades e como é a cultura e a música local.

Apontando para o acompanhante, acrescento que que era de uma comunidade próxima de Ethara e que, gentilmente, havia concordado em acompanhá-la, mostrando as atrações de Tetama. Noor aproveitou e elogiou a roupa de Maioro, aparentemente deixando-a orgulhosa, pois fez questão de esclarecer que tinha sido

ela própria quem as fizera. Admitiu que as mulheres sanbares eram vaidosas e gostavam de andar bem vestidas, embora nem todas pudessem se vestir igual a ela.

Wikse, até deixaram o trem e seguiram para o hotel, ficou a maior parte do tempo calado. A chegada dos sanbares havia retirado dele a atenção de Noor, mas não o contato próximo. Continuou excitado e não mais escondia a excitação com a atenção de Noor voltada para o novo e exótico casal. Noor, talvez por não andar de trem, acabava deixando-se levar pelo balanço do vagão e os dois se tocavam em mais lugares do que as coxas protegidas pelas roupas. Mais de uma vez, o seio dela roçou seu braço e, em um balanço maior, sua boca chegou tão perto do rosto dele que sentiu sua respiração, ficando arrepiado. Ela não tinha notado, pois sua atenção estava em Maioro e nos detalhes da roupa. Ele se sentia aliviado, mas se preocupava com a proximidade dela e como seria nos dias em que estivessem juntos.

\*\*\*\*\*

No hotel, Wikse se surpreendeu ao saber que seu quarto ficava ao lado do de Noor. Ao entrar sua apreensão aumentou devido a porta que o ligava ao outro apartamento. Preocupado, perguntou ao atendente do hotel como abri-la e foi informado que só seria aberta nos dois quartos ao mesmo tempo. No caso de famílias com filhos pequenos os dois quartos poderiam ser usados ao mesmo tempo. Havia duas portas, uma de cada lado, e o hóspede só conseguia abrir a sua, não a do outro. Outra surpresa foi descobrir que havia banheiro e chuveiro no quarto. Cansado, tomou banho, ensaboando-se devagar, tentando relaxar. Mas a tensão sexual continuou e acabou se masturbando. Foi fácil. Bastou pensar em Noor.

Repetindo o que tinha se tornado hábito, antes de sair do banheiro lavou suas roupas e as colocou para secar. Tinha dois trajes na mochila e os usaria alternadamente, lavando e secando o do dia. Se houvesse problema iria recorrer à Casa Comunitária mais próxima e requisitar nova roupa, colocando-a na sua quota. Vestido e relaxado, acabou dormindo. Acordou com a batida na porta. Era Noor.

- Desculpe por acordá-lo. Senti fome e gostaria de comer. Pode ser no próprio hotel se tiver restaurante ou podemos procurar por um, aqui próximo, e jantar. O que acha?

Desperto, descobriu que também estava com fome e acenou afirmativamente, só então reparou em Noor. Estava com o cabelo



preso e um vestido diferente, cheirando bem e bela, o que o levou a admitir que não conseguiria resistir a ela. Lamentaria por Alima, mas Noor tinha um magnetismo que o arrastava para ela. Sua simples presença o afetava e o seu desejo era abraçá-la, beijá-la, ficar grudado nela e saírem de mãos dadas, do jeito que fazia com Alima.

No meio do pensamento lhe veio um pequeno flash de memória e se viu ao lado de Noor, de mãos dadas. Lembrou-se que teve um sonho exatamente igual à imagem que anteviu e que foi a partir dele que começou a andar de mãos dadas com Alima. Wikse tinha a impressão que seus sonhos pareciam conhecer Noor há mais tempo que ele.

- Noor, se o que Taitomo nos disse é verdade, a cidade deve estar cheia e podemos ter dificuldade nos restaurantes. Então, se aqui tiver um, acho que talvez seja melhor ficarmos nele.

- Você está certo. Vamos perguntar na recepção. Quando chegamos não vi restaurante, mas pode estar em um dos andares ou locais que não vimos.

Wikse tomou a dianteira, perguntou e o recepcionista lhe indicou a porta larga, à sua direita, que dava acesso ao pátio interno do hotel e ao restaurante. Ele e Noor cruzaram o pátio e encontraram a área externa, com mesas cobertas com toldos. Como a noite estava amena, Noor quis ficar em uma delas. Quando se aproximaram, um dos garçons lhes avisou que a área estava reservada, mas que havia lugares disponíveis no interior do restaurante. Noor agradeceu e, ao se virar, viu Taitomo e Maioro chegando.

- Noor, Wikse, que bom vê-los. Veja a coincidência de nos termos encontrado aqui. Vem, estamos sozinhos e se não se importarem gostaríamos que se sentassem conosco. A mesa tem espaço para nós quatro.

Anos depois, o que a lembrança do encontro trazia a Noor era a recomendação de Maioro na hora de escolher o prato.

- Prove o bobotie. Aqui, em Thuanides, este restaurante é o único capaz de fazê-lo de modo decente, não tão bom quanto o feito na sétima tribo, mas bom. Acho que irão gostar.

A lembrança também trazia o cheiro e o gosto do prato, sua primeira comida exótica e que se tornou uma das preferidas, cuja receita, escrita por Maioro, guardava com carinho.

## NOVO COLAPSO

Feliz, bem alimentada, cansada e um pouco alta pelo vinho do jantar, Noor dormiu bem e profundamente, só acordando quando o dia já havia clareado. Xilim, não. Além da preocupação, a excitação e a incerteza lhe tiraram o sono. Demorou para dormir e teve muitos sonhos, alguns que o atormentaram, pois via-se em várias situações e, em todas elas, acabava perdendo Noor. Em uma das vezes, acordou chorando. Voltou a dormir e novamente sonhou. Um dos sonhos foi sexual, muito intenso, o que pareceu deixá-lo relaxado e permitiu que dormisse o restante da noite. Mesmo assim, não conseguiu ficar completamente descansado. Acordou cedo, tomou banho frio que o despertou totalmente e desceu para o café. Ao terminá-lo foi caminhar pelas redondezas do hotel. Antes de sair, deixou um bilhete para ela na recepção.

Noor acordou e não teve pressa em se levantar, ficando na cama e pensando em como seria bom ter Xilim ali, a seu lado. Estava tão perto dele e, ao mesmo tempo, tão longe. Ficou imaginando como convencê-lo a deixar a porta do quarto sem tranca, podendo surpreendê-lo à noite, insinuando-se na sua cama. Estava certa que a aceitaria e que os dois iriam fazer sexo. Via o desejo nos olhos dele e sentia a reação do seu corpo ao toque. Além do sexo, pelo qual ansiava, Noor queria muito mais o que estava embaixo da casca de Wikse, queria de volta o Xilim que amava. Não se satisfaria só com o amante. Queria o amor de sua vida. Sim, iria para a cama com ele e procuraria engravidar, mas o seu objetivo era despertá-lo, fazer que suas memórias voltassem e lembrá-lo que foram feitos um para o outro.

Se não conseguisse, aí sim, entraria no plano B. Pensando em Xilim, espreguiçou-se, levantou e foi para o chuveiro. Como iria passear pela cidade retomou o uso da roupa sem graça, monocromática, marca das mulheres locais. Não desejava chamar atenção, como faziam Taitomo e Maioro.

Ao passar pela recepção em direção ao café, recebeu o bilhete. Tomou o café devagar, experimentando o que era oferecido e

lembrando-se da conversa com Maioro, bem informada sobre Tetama e sobre a sua etnia. Os sanbares, ao contrário dos tetamaos, se preocupavam mais com a educação e a tinham bem mais formalizada. As tribos tinham escolas de formação e mantinham a Universidade Sanbar, em Thuanides, com presença também nas tribos, onde ofereciam diversos cursos. Reunidas, as tribos tinham instituído um fundo de educação e ele financiava estudos fora do planeta para ampliar o conhecimento sanbar.

A exemplo dos tetamaos os sanbares viviam e trabalhavam em comunidade, mas se especializavam profissionalmente por áreas de conhecimento ou trabalho. Maioro era administradora da cooperativa de artesãos da tribo. Taitomo estava se preparando para ser o líder de sua tribo e continuava estudando disciplinas como administração, finanças, um pouco de psicologia, oratória e liderança. Fora do estudo e do trabalho, dedicavam tempo em favor da comunidade, representada por sua tribo. Tal como em outras áreas de Tetama, ninguém era rico, mas nenhum sanbar era pobre, no verdadeiro sentido da palavra, pois tinha casa, comida, trabalho e suporte do o seu povo.

Um dos aspectos que mais fascinou Noor foi a filosofia de vida dos sanbares. Tinha certeza que Xilim se interessaria por ela, por ser diferente. Eles viam o passado à frente e o futuro atrás, justificando que o passado podia lhes servir de exemplo e lhes permitir proceder de forma diferente, mas que não tinham como prever o futuro. O tempo invertido era combinado com algo pessoal, o mana, com o qual os indivíduos nasciam, mas que podia ser ampliado, desde que vivesse de forma verdadeira. Ao nascer, cada pessoa recebia seu mana e, ao mesmo tempo, um tipo de sacralidade que, junto ao mana, lhe ligava às coisas e ao mundo, cabendo-lhe preservar a vida, por menor que fosse, e contribuir para o bem estar de todos.

Quando Xilim voltou ao hotel, Noor ainda estava no café, submersa nos pensamentos envolvendo a postura e a cultura sanbar. Iria visitar a Casa de Cultura Sanbar. Segundo Taitomo, lá encontraria publicações sobre a história e a cultura do seu povo, incluindo a música. Noor tinha começado a acalantar a ideia de fazer um repertório especial com músicas de diversos planetas dentro de um tema específico. Tinha pensado no amor, algo universal e que desde tempos imemoriais vinha proporcionando a criação de belas canções. Maioro assegurou que a Casa Sanbar tinha material sobre a música de seu povo e garantiu que Noor iria gostar. Quando Wikse se aproximou, ela abriu o sorriso.

- Está tudo bem? Fiquei preocupada de alguma coisa ter dado errada. Não foi isso, foi?

- Não, Noor. Nada errado. Estou acostumado a andar e ontem ficamos muito tempo parados. Quis fazer exercício e como acordei bem cedo aproveitei para dar uma boa caminhada. Estou pronto para acompanhá-la no que quiser fazer.

- Isso me deixa mais tranquila. Gostaria de agora pela manhã ir à Casa de Cultura Sanbar. Vou subir e, enquanto isso, poderia ver na recepção como chegamos a ela e a que hora abre. Se for mais cedo, iremos lá primeiro. Se mais tarde, vamos passear um pouco pela cidade. Está bem assim?

Quando Noor retornou, Wikse tinha as informações. Seguiram diretamente para a Casa de Cultura, começando uma ronda que o deixou entediado, mas que a cada minuto deixava Noor mais excitada. Comprou alguns livros e gravações de música. Viu-a embebedar-se no que o museu oferecia e não conseguia compreender o fascínio por essa gente diferente. Começou a ficar com ciúmes, vendo-a mais interessada nos sanbares que nele. Ficou irritado e pensou em voltar a Teato e para Alima, que lhe daria atenção. Mas tinha uma missão e não poderia deixá-la, decepcionando Kareen e os anciãos. Colocou a ideia de lado e esperou pacientemente por Noor.

Ela estava fascinada não apenas pela cultura sanbar, mas também por Thuanides. Sua simplicidade era bela e em cada local descobria coisas novas, mais encantadoras. De descoberta em descoberta, foi arrastando Vikse pela cidade. Ele não tinha o mesmo entusiasmo. Noor percebeu e lamentou vê-lo assim. Xilim era diferente e a cultura o deixava fascinado. Wikse estava no automático, fazendo o que pedia sem questionar, como se fosse um cachorrinho que obedientemente seguia seu dono.

Se o que estava fazendo a alegrava, as reações de Vikse a entristeciam e, meio desgostosa, começou a elaborar um plano C para o que iriam fazer. Ainda esperava que o plano A resultasse, mas se falhasse, começava a ver o plano B não como uma solução, mas como problema. E precisava repensar a situação. O que não percebeu no aborrecimento e tédio de Wikse é que, na verdade, ele estava com ciúme, pedindo mais atenção. Preferia estar em Teato, mas a seguiu.

Ela parecia esfuziante, o que contrastava com o seu tédio. Estavam, desde a saída do hotel, andando juntos e Noor o tocava, chamando sua atenção, e seus corpos faziam contato e chegou a

receber um beijo quando lhe disse algo que lhe agradou. Sentia-se frustrado ao lado dela, mas quando se afastava, queria sua companhia. Pareciam um casal desajustado para quem os visse de fora.

Se seus dias estavam difíceis, pior eram as noites. Os sonhos continuavam cada vez mais intensos, lembrando-lhe pela manhã de coisas que não recordava ter vivido, mas que eram tão nítidas, tão claras e lhe diziam tão fundo que achava impossível não terem sido realidade. E no meio vinha o sexo sempre de modo diferente.

Havia entrado em uma rotina: acordava cedo, tomava café, caminhava e se desesperava por saber que teria outro dia igual e que à noite tudo se repetiria. Sentia que ao lado de Noor era outra pessoa, mas não se lembrava de nada do passado, embora o seu corpo estivesse se comportando como se esse conhecimento fosse antigo. Foram dias longos e noites curtas. Se continuassem assim, iria enlouquecer.

No quarto dia em Thuanides, ao chegarem ao hotel o recepcionista lhe entregou um envelope. Ele a passou a Noor, que o abriu. Eram os ingressos prometidos por Taitomo, convite especial que os colocaria próximo das apresentações da Kananga. A Katanga, as comemorações finais, seriam na tarde do dia seguinte. Taitomo e Maioro estariam esperando por eles. Noor ficou feliz. Vikse, não. Estava cansado de Thuanides, do barulho, da diversidade, das diferenças e queria voltar à quietude e, novamente, ter a atenção de Noor. O que começou a detestar era um poderoso imã para ela e a estava perdendo.

\*\*\*\*\*

Manhã do quinto dia.

O universo se repetia. Depois da noite cheia de sonhos, terminando em novo ato sexual, que sentira mas não tivera, Wikse acordou cedo e repetiu os dias anteriores: banho frio, café e caminhada matinal. Na volta, encontraria Noor no café e seria arrastado ao longo da cidade. O pior estava por vir, pois à tarde teria de acompanhá-la à apresentação e não era competidor para a plumagem usada pelos sanbares. Pelo menos a caminhada lhe fazia bem, desviando um pouco de seus pensamentos.

Ao retomar ao hotel ficou imaginando onde Noor havia se sentado, já que nos dias anteriores nunca repetira o lugar, e que tipo de roupa estaria usando – pois também não repetira nenhuma. Gostaria de ver o seu sorriso e de sentar-se à sua mesa para discutirem as atividades do dia. Ali, eram só os dois e lhe dava

atenção. Fora, a situação era outra. Mas o que aconteceu foi diferente. Noor não estava no café e não tinha saído, lhe garantiu o atendente na recepção. A súbita mudança lhe deixou paralisado por poucos segundos, sem saber o que fazer.

Controlado, foi até o apartamento de Noor e bateu na porta, esperando. Nada aconteceu. Bateu outra vez com mais força e não obteve resposta. Meio desesperado, usou os punhos para bater, provocando um barulho alto. Colado à porta ouviu um débil “quem é?”. Resposta sonolenta de quem estava parcialmente dormindo.

- Noor, é o Wikse. Não a vi no café e não tinha saído, fiquei preocupado. Desculpe-me por a ter acordado. Vou descer e ficar esperando.

Mais clara, ouviu-a novamente.

- Espere. Vou abrir a porta.

Ele ouviu passos se arrastando, com o som se aproximando da porta. Ouviu o trinco deslizar na fechadura e o barulho da porta se movendo e ficou completamente atônito e assustado. À sua frente, estava a mulher com quem vinha sonhando, mas diferente de como a via. Estava despenteada e ainda assim bela. Praticamente nua, sem ser provocativa. Teve vontade de abraçá-la, de a beijar, de a envolver em seus braços e de forma delicada e suave a recolocar na cama, cobrindo-a e deixando-a dormir. Mas nada fez. Ficou estático e sem ação.

- Credo, Wikse. Parece que viu um fantasma. Entra homem, não fique aí parado feito uma estátua.

Entrou, sem saber o que fazer. Noor, com a maior naturalidade, encaminhou-se para a cama, deitou-se novamente e se cobriu. Só então, virou-se para Vikse e o encarou.

- Desculpe. Perdi a hora e dormi demais. Foi o que fizemos ontem. Fiquei excitada e cansada. Foram muitas sensações em um único dia. Foi muito gentil de sua parte se preocupar. Me dê alguns minutos para acordar completamente, que tomo banho e descemos. Quero que me acompanhe enquanto tomo café.

Parecia que estar no quarto de Noor com ela quase nua era a coisa mais natural do mundo. Ainda espantado, a viu espreguiçar-se, esticando-se de um e do outro lado, flexionando braços e pernas. A cada movimento, um pouco mais de sua quase nudez era mostrada. Noor fez algo que achou engraçado, que foi girar o pé, o que provocou alguns estalos. De repente, os movimentos pararam e ela ficou muito quieta, mas foram poucos segundos. Na maior

naturalidade e sem se cobrir, levantou-se e foi direto para o banheiro, olhando para ele e sorrindo. Perdido, esperou. Quando saiu, estava totalmente mudada e estonteante, o que lhe provocou dor no coração. Foi como se tivesse sido iluminado e lhe veio um pensamento:

“Estou apaixonado por essa mulher”.

\*\*\*\*\*

A tarde chegou e com ela a principal apresentação do festival, a Katanga. Noor e Wikse chegaram mais cedo, acharam seus lugares e falaram com Taitomo e Maioro. Ele tinha outros compromissos, mas a mulher os acompanhou. Os dois participariam da última apresentação. Para Noor, foi bom, pois explicou o que estava acontecendo e a simbologia de cantos, danças e expressões faciais. Estava chegando a hora final, mas havia antes da dela, outra apresentação. Ao ser anunciada, o silêncio foi tomando conta da ampla praça dos festejos. Chegou a tal ponto que se podia ouvir ao longe o zumbir de um inseto.

Noor ficou curiosa e se assustou ao ver entrando na arena um homem imenso, não só pela altura, mas pelo corpo, musculoso e completamente pintado. Caminhou em silêncio até o centro da arena, parou, encarou a plateia, virando-se em todas as direções ao mesmo tempo em que levantava as mãos viradas ao contrário e flexionava o pescoço para os lados. Os movimentos pareciam feitos em câmera lenta de início, mas foram ganhando velocidade. Além das mãos e da cabeça, o homem começou a mexer com os pés, balançar as coxas, movimentar a barriga e rodar. Tudo ao mesmo tempo.

Quando o ritmo estava próximo do frenético, começou a cantar bem baixo e foi subindo o tom, como um tenor no seu mais alto. A música era triste, mas a tristeza era quebrada pelos movimentos do homem que também passou a fazer caretas. A apresentação não deve ter durado cinco minutos, mas para Noor pareceu uma eternidade. Aos poucos o ritmo foi diminuindo e os movimentos sendo feitos ao contrário, até que o homem estava parado no centro da arena olhando a multidão. A única mudança em relação a entrada foi que se curvou em direção a plateia e emitiu um único som. Depois, ergueu-se e saiu. Noor teve o impulso de aplaudir, mas foi segura por Maioro, o que a surpreendeu. Ficou atônita a ver que o silêncio continuava, como se estivessem paralisados.

- Maioro, por que ninguém aplaudiu? Se aplaudisse estaria cometendo um erro? Ah, e outra coisa, que tipo de pintura ele usa?

- Noor, esta é a única apresentação feita em silêncio e em que não há aplausos. Quem se apresentou foi o Grande Zukar, visto não só como o grande curandeiro sanbar, mas o escolhido que faz a ligação com o mana e controla a tapu. O que estava fazendo era pedir para que fôssemos abençoados, agradecendo em nosso nome e anunciando que, em homenagem às forças primordiais, os sanbares iriam apresentar a Katanga, cada tribo fazendo a Kananga. Ah, e o que viu não é pintura, mas tatuagens rituais, que representam as tribos e as forças que nos rodeiam e protegem. Desculpe-me, tenho de ir. Depois, se quiser, lhe explicou mais.

No momento em que Maioro deixava o camarote, os alto falantes anunciaram o início da Katanga, solicitando aos representante das tribos que se apresentassem. Os casais foram entrando em fila, cada um deles vestido de forma diferente. A única semelhança era a camisa branca das mulheres. No centro da arena, formaram um círculo dando-se as mãos e começaram a cantar em uníssono. Para cada estrofe, havia a resposta com a voz estrondosa do Grande Zukar. A cada vez, ela ficava mais próxima e foi se aproximando do círculo até chegar bem perto dele. Taitomo e Maioro soltaram as mãos e o grande homem entrou no círculo, que se fechou, o tom foi mudado e eles começaram a rodar, dançando, agachando-se, rodando e levantando, o que fizeram por cinco vezes e pararam, virados para o homem do centro.

Como mágica, um pequeno cetro apareceu na sua mão direita e ele o levantou, girando no sentido anti horário, até completar o círculo. Baixou os braços e o cetro sumiu. Cruzou as mãos à altura do peito e foi se agachando, até estar sentado sobre os calcanhares. Desenlaçou as mãos e o cetro reapareceu, oscilando, até apontar para um dos casais. Os outros abriram o círculo e o casal escolhido tomou o centro da arena, começando sua apresentação.

Noor acompanhou fascinada a primeira apresentação, os movimentos casando-se perfeitamente com a voz do casal e a música cantada. Evoluíram, agacharam-se, quase se sentaram, levantaram, se curvaram, fizeram caretas e medidas ao ritmo da dança e da música. E tão de repente como haviam começado, pararam. O círculo foi fechado e o cetro novamente oscilava. A cada vez novo casal era escolhido.

Noor não sabia a simbologia do ritual, nem o que representava as escolhas, mas cada apresentação era mais incrível que a anterior. Embora as performances parecessem semelhantes, eram totalmente diferentes, feitas de detalhes e de maneios. Ficou imaginando quanto tempo cada dupla treinou e ensaiou. Após meia hora,



chegou a vez de Taitomo e Maioro, cuja música a tocou ainda mais. Wikse, que de início achara tudo chato, também tinha sido tocado e na apresentação do casal amigo, sentiu-se embalado pelos movimentos e pela canção, que achou triste e, ao mesmo tempo, estimulante, o que parecia ser uma contradição.

Assim que Taitomo e Maioro terminaram o círculo se uniu, repetindo as danças em sentido reverso ao do início. O Grande Zukar se levantou, repetiu seus movimentos e saiu do círculo, novamente com a separação de Taitomo e Maioro. Uma música muito parecida com a do início começou e o Grande Zukar, como fez antes, respondia a cada estrofe, até que o tom fosse baixando, saindo da arena e a música terminando.

Noor e Vikse pensaram que a apresentação havia terminado, impressionados com o silêncio, quebrado por um grito. Taitomo e Maioro havia quebrado a corrente, afastando-se e começando a cantar. Cantavam o primeiro verso e os outros casais continuavam. Na terceira estrofe, se aproximaram e novamente fecharam o círculo, que diminuiu de tamanho, os casais ficando mais próximos. A música cresceu e o movimento foi acelerado. De olhar fixo no grupo, Noor e Wikse sentiam a música na alma e acompanhavam fascinados a rapidez com que os casais giravam.

A música acelerando e girando, girando, girando, girando... girando e girando, criando uma espécie de transe coletivo, concentração de força que passava da plateia para o grupo de dançarinos, que foi se entrelaçando, formando uma massa só, até que, no meio deles, alguém se destacou e cantou uma estrofe diferente. Foi cercado pelos outros, que se revezavam segurando suas mãos, tocando nele, imóvel, enquanto giravam e o mundo parecia girar à volta.

Wikse, acompanhando o movimento, começou a se sentir tonto. Era como se ele próprio estivesse girando, de maneira quase alucinante, com a música lhe penetrando, lhe mostrando coisas que não sabia, coisas que havia esquecido e uma pergunta, que fazia e que repetia, não só por ele, mas pelo grupo que dançava e pela plateia. Era uma cacofonia, com a multidão fazendo a mesma pergunta e esperando pela resposta.

Noor não percebeu que Wikse estava mais e mais envolvido, caindo fundo em algo que não controlava e que, ninguém ao lado, parecia perceber. Na mente de Wikse a pergunta se repetia e ele buscava a resposta, que devia estar na música ou na dança. Afundou-se mais e viu novas coisas, mas não a resposta. Sentiu o bater de corações, a respiração acelerada de muitos, o espanto de

outros, e viu Noor de forma diferente, como menina, lhe sorrindo e segurando suas mãos.

Era um sonho.

Não, era realidade.

A sua realidade, e afundou-se um pouco mais.

Já não via os movimentos, mas a música continuava a lhe envolver, trazendo-lhe o fluxo de centenas de pessoas que, devido à dança e à música, haviam se unido. E foi entre elas que buscou a resposta, sentindo-a ao longe e ouvindo uma voz estrondosa lhe dizendo que estava no caminho certo. Só precisava ir mais um pouco e foi. A cada aprofundamento sentia-se mais solto, como se flutuasse. Quando estava totalmente envolvido, soube exatamente quem era, o que fizera, do que fugira e o que lhe estava reservado. E ao saber, também podia responder à pergunta que ainda se repetia. Devagar a foi silenciando, até que ninguém mais perguntava. O silêncio era total. Ele podia responder que iriam escutar. Respirou fundo e, de forma clara e alta – mas com a voz menos tonitruante do que queria – simplesmente pronunciou SIM.

Noor se assustou quando sentiu que alguém estava caindo sobre ela. E o susto foi maior quando viu que era Xilim. Amparando-o, teve a impressão que desfalecia e o que lhe veio à memória foi a história contada por Hari Setala, do colapso em uma sessão de sensitivos em Tetama. Ali não era este tipo de sessão, mas havia grande envolvimento. Será que o afetara? Ou seria outra coisa? Desde o dia anterior estava diferente. Sem forças para conter Xilim, olhou para o lado e viu olhares preocupados. Chamou-os.

- Por favor, me ajudem. Meu amigo desmaiou. Ajudem-me a sentá-lo e vejam se há alguém que pode atendê-lo e para onde podemos levá-lo. Eu não sou daqui e não conheço a cidade. Por favor, ajudem.

A ajuda veio rápida, Xilim foi sentado e Noor ficou ao seu lado. Alguém mediu-lhe a pressão, observando que estava normal e que sua respiração parecia tranquila. Outro, lhe recomendou levá-lo à Mesem local, a pessoa mais recomendada. Muitos queriam ajudar, mas seus conselhos não levavam a nada, pois não sabia o que era uma Mesem ou o que fazer. Foi neste momento de confusão que Taitomo e Maioro chegaram. Ao ver Xilim desfalecido, Maioro perguntou o que havia acontecido, com Noor lhe fazendo o relato do que vira.

- Taitomo, corra e traga aqui o Grande Zukar. Diga que estamos precisando dele e que é urgente.

Minutos depois, ainda em roupas cerimoniais, o impressionante homem estava diante deles. Maioro explicou, em sua língua, o que Noor lhe tinham dito. O Grande Zukar fez perguntas, cujas respostas aparentemente não lhe deram as informações pedidas. Então, em galáctico, dirigiu-se a Noor.

- Senhorita, pode me dizer se o seu amigo é sensitivo? Ou se já teve algum tipo de experiência com sensitivos? Sabe se tem facilidade de entrar em transe?

Respondeu que, sim, Xilim havia tido experiência com sensitivos, participando de uma sessão ali mesmo, em Tetama, o que lhe provocara um colapso e o levava à amnésia, apagando seu passado. Mas não sabia se era ou não sensitivo, pois de onde vinha este tipo de pessoa não era comum e nem tinha certeza do que significava a palavra para os tetamaos. Também não sabia se tinha facilidade de entrar em transe, pois nunca o vira assim, embora o conhecesse a maior parte da vida.

- Taitomo vamos levá-lo para a minha tenda. Lá tenho melhores condições de examiná-lo, preservando-o da curiosidade pública. Senhorita, por favor, peço que acompanhe a Maioro. Fique tranquila, seu amigo está seguro. Se precisar da senhorita, peço ao Taitomo para chamá-la.

Os dois, sob o olhar atento de Noor e Maioro, não tiveram o menor problema em transportar Xilim. Quando Noor fez menção de segui-los, Maioro a segurou gentilmente pelo braço, balançando negativamente a cabeça.

- Noor, ele está bem. Se há alguém em Tetama que pode ajudar o Wikse é o Grande Zukar. Ele precisará de todo o tempo e de nenhuma distração e é por isso que pedi para ficar. Venha, vamos voltar ao hotel. Seu amigo está em ótimas mãos. Vamos esperar em local mais confortável.

Resistiu, mas acabou se curvando aos argumentos de Maioro aceitando que não poderia ajudar, mas poderia atrapalhar o Grande Zukar. Ressaltou que Taitomo lhe traria a informação do estado de Wikse assim que fosse liberado.

- Noor, conheço bem o Grande Zukar, que é de nossa tribo e por ser discípulo dele. Posso garantir que tem o controle da situação.

Disse-lhe que uma das coisas irritantes no comportamento do zukar era ser direto, sempre dizendo não o que pensava, mas o que

acontecia e se a tinha tranquilizado é por saber que tudo iria ficar bem. Já no hotel, as duas foram para a área de café, onde ainda estava servida uma mesa de frutas. Maioro separou algumas e ofereceu a Noor, que recusou pois não sentia fome. Insistiu e acabou pegando uma fruta local, que havia provado e gostado e lhe deu uma mordiscada. Quebrando o silêncio e tentando tirar o foco de Noor do que acontecera, Maioro perguntou-lhe sobre a apresentação.

- Não entendo a simbologia, mas foi uma das coisas mais belas que vi. As músicas são lindas e a perfeita sincronia entre vocês é impressionante. É incrível como conseguem fazer tudo ao mesmo tempo, cantando, dançando e se mexendo de várias maneiras possíveis. Tenho uma pergunta: por que vocês não foram os primeiros?

Maioro sorriu. Tinham conseguido o que queriam. A ordem de apresentação não era decisão dos participantes, mas do Grande Zukar. E ninguém sabia o porque de um ser escolhido em detrimento dos outros. Não havia justificativa e ninguém a pedia. Cada casal estava pronto para a sua apresentação, fosse no início, meio ou fim, mas ficar por último, como acontecera com eles, era considerado uma grande honraria e distinção.

- Não sei se notou, mas apesar de parecerem iguais as apresentações são diferentes, tem nuances e movimentos que só os que estão dançando conhecem. No geral, a base é a mesma, mas a forma de apresentar-se, difere. É como se dois cantores diferentes cantassem a mesma música. Cada um fará do seu jeito, embora a melodia e a letra sejam as mesmas. E há refinamentos que cada casal aperfeiçoa. Eu e Taitomo estamos treinando juntos há mais de cinco anos, mesmo antes de nos tornarmos oficialmente um casal. Em muitos casos, não são casais, mas duplas.

- Notei que a plateia ficou silêncio. Há uma razão para isso? É alguma forma de respeito aos deuses?

A maior parte da plateia era formada por sanbares e o silêncio era para ouvir a música, o que dizia, pois tinha significados específicos, dependendo da forma como se casava com a apresentação. Como era a mais tradicional festa da cidade e do planeta, os tetamaos também haviam aprendido e acompanhavam o silêncio geral. O canto, a dança, os gestos e a simbologia deles não eram dirigidos a um deus ou aos deuses, mas às pessoas. Com a atenção presa no que era feito na arena, as pessoas poderiam interpretar o que cada casal estava contando – ou na linguagem

sanbar, chamando. As apresentações eram discutidas, gerando debates apaixonados, principalmente entre integrantes de tribos diferente. No caso deles, o fato de serem os últimos a se apresentarem individualmente trazia grande prestígio para a tribo, principalmente pelo precedente, pois de todos as duplas, era a mais nova, fazendo apenas sua segunda apresentação. Alguns casais já se apresentavam a 10, 15 anos seguidos. E muito deles nunca tinha fechado a chamada.

A honraria estava na chamada e na apresentação, mas ser o último casal era importante, por fechar a Kananga, integrando o mana e o tapu das tribos. Eles não imaginavam que seriam os últimos. Sim, estavam preparados, mas eram os mais novos do grupo e não havia, nos últimos 100 anos, nenhum precedente do que acontecera. Ambos estavam felizes e esperavam que a chamada deles fosse boa para os sanbares.

Maioiro explicou os detalhes da apresentação, o porque da participação do xamã, o que o seu canto dizia, como chamava os casais e o que indicava a cada casal, que tinha desenvolvimento diferente na apresentação. Repetiu que a música e o canto se juntavam à dança e era dirigido à plateia, podendo, como no caso de Vikse, afetar uma ou mais pessoas. A diferença é que sanbares e tetamaos estavam acostumados e preparados para ela.

- Quem se apresenta há muitos anos faz sempre a mesma peça? Ou há variações a cada ano?

Cada dupla ensaiava várias músicas e coreografias, mas não eram elas que definiam a Katanga, mas o Conselho de Anciãos das tribos. Sempre que uma apresentação terminava, ele se reunia e fixava os princípios para a festa do próximo ano. O mais comum era escolher três tipos de canto e dança. Com isso, cada dupla poderia treiná-los, mas só ficavam sabendo qual seria apresentado na hora, quando o Grande Zukar a anunciava no seu primeiro canto. A incerteza fazia com que se esforçassem ao máximo para, qualquer que fosse a escolha, fazerem a melhor apresentação, não só por eles, honrados com a escolha, mas pela tribo, pois estavam lá representando seus integrantes. No meio da explicação Noor bocejou, descobrindo que estava cansada.

- Maioiro, vou para o quarto. Tentarei descansar. Você se importa? E, por favor, assim que tiver notícia, me conte. Estou preocupada e ansiosa.

Ouviu a promessa de informação e o oferecimento de acompanhá-la, se considerasse necessário. Noor recusou a

companhia, alegando que tentaria dormir um pouco, o que a relaxaria. Despediu-se, subiu para o quarto, atirou-se na cama e chorou. Tinha resistido até então, mas ao ficar sozinha o choro veio e ela o deixou fluir.

Aliviada, acabou dormindo, um sono agitado, povoado de imagens de Xilim.

## TUDO BEM

**A** batida na porta tirou Noor do torpor do sono. Ainda meio desorientada, levou algum tempo para perceber que a estavam chamando. Teve o impulso de levantar-se, mas apenas se virou de lado e perguntou quem era.

- É a Maioro. Por favor, abra. Tenho notícias do Wikse.

Praticamente deu um pulo da cama e saiu cambaleando em direção a porta. Atrapalhou-se com a tranca de tanta ansiedade. Ao ver Maioro, não soube o que dizer, mas o sorriso dela a tranquilizou.

- Tenho boas notícias. O Taitomo acabou de chegar e contou que está tudo bem com o Wikse. Ele acordou e chamou por você. O Grande Zukar conversou com ele, que se lembrou da ligação de vocês e contou que estão juntos há muito tempo. As memórias voltaram...

- Maioro você vai lá comigo. Quero ver o Xilim o mais depressa possível.

- Lamento, Noor, mas terá de esperar um pouco mais para vê-lo. O Grande Zukar o acordou apenas para saber se estava bem e o colocou para dormir de novo.

Maioro explicou que o xamã apenas checkou se as medidas que tomou deram resultados. Não havia trabalhado para recuperar as memórias de Xilim, mas para evitar danos do novo colapso que tinha sofrido. Vendo-o bem, induziu seu sono, a melhor forma de lhe devolver as forças. O cálculo do Grande Zukar é que iria dormir de 24 a 36. Não era hora de emoções e, por isso, não teria contato com outras pessoas.

- O Grande Zukar quis apenas tranquiliza-la, sabendo de sua preocupação. Se fosse lá, não o conseguiria ver. Ninguém contraria o Grande Zukar, seja gente do nosso povo, seja dos tetamaos. Ele nunca usa a força, embora pudesse usá-la pela sua estatura e poder. Mas exala respeito e de nada adiantaríamos tentar. Se quer o Wikse dormindo e descansando, é assim que irá ficar. Lamento e entendo

sua ansiedade. Se algo acontecesse com o Taitomo, também ia querer vê-lo. Mas o melhor é esperar a hora certa. Faça isso pelo Wikse e por você. Eu e o Taitomo estaremos no lobby do hotel e se quiser descer e conversar é só nos procurar.

\*\*\*\*\*

Quando fechou a porta, dois estados marcavam Noor. Estava feliz, muito feliz, e preocupada. Feliz por ver que Xilim estava bem e, mais ainda, por saber que havia recuperado a memória. Preocupada por não entender o que tinha acontecido, nem agora, nem antes. Como é que alguém pode ser influenciado por outros de tal maneira que o leve a um colapso e à amnésia? Perguntaria a Taitomo e Maioro. Eles deviam saber. Tomou banho, trocou-se e desceu para conversar com os dois. Ao chegar ao lobby, de início não os viu. Só com um segundo olhar mais cuidadoso é que os identificou. Sim, eram eles, mas estavam bem diferentes de antes. Vestiam roupas comuns. Lembrou-se, então, que ao acordá-la, Maioro não estava com suas roupas coloridas. Ficou curiosa em saber se era algo relacionado à religião deles.

- Maioro, Taitomo, vocês estão diferentes!

Os dois sorriram, mas foi Taitomo quem começou a explicação. As roupas que estavam usando quando a encontraram eram cerimoniais e tinham um propósito de anunciar que participariam da Katanga, identificando-os como sanbares. Eles a usavam na viagem e durante as comemorações. Quando terminavam, voltavam às roupas comuns, parecidas com a dos tetamaos, mas diferentes devido ao tecido e às cores que usavam, menos monocromáticas.

- Além do que as roupas cerimoniais não são nada confortáveis e assim que podemos nos livramos delas, voltando ao modo comum de vestir.

O modo descontraído e a gargalhada que Taitomo soltou no final, incentivaram Noor a lhe perguntar se o modo de vida dos sanbares era idêntica a dos tetamaos, contando-lhe que estivera em uma comunidade, há algum tempo, e ficara impressionada com o trabalho comunitário. Desta vez, foi Maioro que explicou.

- De um modo, somos iguais. De outro, muito diferentes.

Ante o olhar inquisitivo de Noor, ampliou o que queria dizer. Eram iguais no modo de vida comunitário. Trabalhavam para a comunidade, não havendo propriedade privada. O fruto do trabalho era dividido. A diferença é que havia especialização, embora, quando necessários, qualquer um pudesse assumir a tarefa do outro.



Os costumes eram diferentes e não tinham habitações comunitárias. Os casais moravam em suas próprias casas e é nelas também que viviam os filhos até se casarem. A maior diferença era a educação formal. As crianças começavam a frequentar a escola aos cinco anos e podiam chegar ao curso universitário, ao mestrado ou ao doutorado. Em cada tribo havia ramos da universidade. Em alguns casos os alunos eram enviados para fora do planeta para se especializarem. Um desses casos era o Grande Zukar, que tinha estudado na Universidade de Alta, sendo discípulo de um famoso professor, chamado Hari Setala.

- O Hari é um grande amigo do Xilim, desculpe, do Wikse, e foi seu orientador no Mestrado e Doutorado. Ele me acompanhou na primeira visita que fiz a Tetama, mas não me disse que tinha tido um aluno daqui.

Maioro especulou que, talvez, o Grande Zukar nunca tenha dito ao seu professor que era de Tetama. Se lhe perguntassem, daria o nome sanbar para o planeta, que é Ataroa, e também designaria a cidade pelo seu nome local, não pela identificação tetamao. O zukar tinha a biblioteca repleta de obras em galáctico e muitas delas eram de Hari Setala e de outro professor chamado Achilles Wikse, certamente uma coincidência com o nome do companheiro de Noor.

- Não, Taitomo. O Wikse que conheceu é o Dr. Achilles Wikse, que para mim é o Xilim, apelido familiar e como o chamo desde que nos encontramos na infância. Vou lhe fazer um resumo da história.

Quando ia começar, alguém chegando ao hotel lhe chamou a atenção, pois teve a sensação de o conhecer. Esperou um pouco e viu o imenso Grande Zukar, desta vez vestido de forma comum, entrar pelo lobby e dirigir-se para onde estavam.

- Noor, Maioro, Taitomo. Bom encontrar vocês aqui. Preciso lhes dizer algumas coisas.

O Grande Zukar procurou uma cadeira e a colocou próxima dos três, o que formou um círculo. Antes de começar olhou de forma interrogativa para Maioro e Noor. Maioro fez leve movimento com a cabeça. O homem sorriu.

- Noor, desculpe pela forma como a afastei do Wikse. Só o fiz por julgar necessário. Creio que tenha dúvidas e perguntas. Chegou a hora de as esclarecer. Quero avisá-la, no entanto, que talvez as respostas a confunda mais do que esclareça. Vamos falar de algo

que embora sendo físico está muito mais do lado sobrenatural e místico. Acho que é melhor fazer uma introdução.

Viu que Maioro e Taitomo também se mostravam curiosos. Será que nunca tinham visto o homem fazer algo assim?

- Vou começar lhe dizendo algo surpreendente: O Dr. Achilles Wikse foi meu colega de faculdade. Depois, seguimos o nosso próprio caminho e não nos encontramos mais. Continuei a segui-lo através do que escreveu, que tenho na mais alta conta. Imagine, então, como foi reencontrá-lo aqui, em Anoriike – desculpe, Thuanides – e do modo como o reencontrei. Mas isso é apenas um detalhe. Acho que para entender o meu papel, primeiro precisam entender quem sou.

\*\*\*\*\*

O Grande Zukar parou, olhou para o salão vazio no início da tarde e sua voz ficou ainda mais baixa. Puxou sua cadeira um pouco mais para a frente, fechando o círculo e se aproximando dos três. Correu os olhos por Taitomo, parou em Maioro, que lhe sorriu, e concentrou-se em Noor, olhando-a nos olhos.

- A primeira questão é o que é um Grande Zukar? Certamente este não é o meu nome, mas submergi nele. O que faço? Por que faço? Se perguntar a outro sanbar, provavelmente ele lhe dirá, mas se perguntar a um segundo, ouvirá versão diferente. O que darei, agora, é a minha versão.

Como sanbar, não era diferente de um tetamao, de Noor ou de Wikse. Geneticamente, eram praticamente idênticos, embora de altura e compleição diferentes. O que os diferenciava era a cultura. Cada um vivia sob determinadas regras consensuais na sociedade, seguindo-as e identificando-se com elas. Os sanbares acreditavam que as pessoas tinham dois dons: o mana e o tapu. O mana era algo com que nasciam, mas podia ser ampliado, dependendo do caminho seguido pelo indivíduo. O tapu era único, uma sacralidade que os ligava às coisas, mesmo inanimadas, e às pessoas. Todos eram irmãos e partilhavam o mesmo espaço. Por isso deveriam tratar bem um ao outro e ao próprio ambiente em que viviam, preservando-o, pois também era sagrado. No universo sanbar uniam-se, então, o material e o sobrenatural, com este, em muitos casos, sendo expressão do primeiro. Esta junção que não podia ser separada ou quebrada formava o universo sanbar.

Quem não pertencia ao seu povo, via a crença no mana e no tapu como religião. Não era. Como Grande Zukar não era religioso, mas fazia a ligação do natural com o sobrenatural, não à procura de

transcendência, mas por saber que estavam ligados através do mana e do tapu. Não era um xamã, já que nunca houve tal figura no seu povo. Mas tinha ações curativas, invocando, ao mesmo tempo, o universo sanbar, que lhe dava conhecimento, e caminhos para chegar ao problema, na maioria das vezes psíquico. Não era professor, mas ensinava. Cada ação tomada sempre representava uma lição, acompanhada por mentes curiosas e sedentas de aprender. Não era conselheiro, mas vivia aconselhando as pessoas, partindo de problemas reais e nem tanto, mas lhes oferecendo uma palavra que as pudesse ajudar.

Então, o que era?. Julgava-se apenas homem. Era assim que queria ser reconhecido. Tinha virtudes e defeitos, não se importando com as primeiras e procurando corrigir os segundos. Mas o que o tornava diferente era o que os sanbares chamavam de haroa e que, de maneira tosca, poderia ser traduzido como “sensitivo”.

A haroa era um dom adicional que algumas pessoas recebiam, além do mana e do tapu. Ela lhes dava maior sintonia com o mundo, tornando-os receptivos a detalhes que outros não viam. Ninguém a pedia, nem desenvolvia. Mas podia treiná-la, controlando-a e vivendo uma vida normal. Havia aqueles que, como ele, haviam escolhido servir. Quem o fazia recebia treinamento especial, diferenciado, mas não o tornava mais humano ou melhor do que qualquer homem.

A haroa vinha com o nascimento, mas só começava a aflorar na adolescência. Percebida, o adolescente era levado ao zugar local, que o avaliava. Dependendo do seu grau de haroa era encaminhado ao zugar da tribo e, se nesta avaliação se constatasse que tinha uma haroa alta, acabava chegando ao Grande Zugar. Ao chegarem a este estágio, tornavam-se responsáveis dele, que os ensinava e mostrava os caminhos que poderiam seguir. A escolha era sempre individual.

O ensino não era místico, mas oferecia ao aluno, além da educação formal, conhecimentos que lhe daria segurança e lhe permitiria optar pelo caminho que gostaria de seguir. Tinha formado muitos jovens. Alguns, como Maioro, ficavam, escolhendo ensinamento mais específico. Estes, no futuro, poderiam se transformar em zugar, atendendo comunidades. Alguns, enveredavam pelo lado místico, mas muitos ao chegar ao final do treinamento retornavam à vida normal, integrando-se à comunidade e vivendo uma vida comum.

Os caminhos eram individuais e escolha de cada indivíduo. Nem o zugar, nem o Grande Zugar podiam escolher por alguém. Mas podiam lhe dar base para a escolha segura.

A certa altura, parou e voltou a olhar Noor de frente.

- Mas o que isso tem a ver com o Wikse? É o que deve estar se perguntando. Vou lhe dizer. Meu colega Achilles Wikse sempre foi aluno brilhante e intuitivo, conseguindo respostas onde os outros não a achavam. Convivemos durante quatro anos, mas não de forma intensiva.

Em Alta, o Grande Zugar – conhecido pelo seu verdadeiro nome – não chegou a ser amigo íntimo de Vikse, mas ficaram próximos. Lamentou não ter prestado tanta atenção a ele, o que lhe teria permitido descobrir que tinha uma haroa forte. A medição do grau, era outra coisa. Tinha de fazer testes, não disponíveis em Metis. Mas ao notá-la, poderia de forma sutil chamar a atenção dele e lhe alertar sobre o dom que tinha. Eram hipóteses, pois Wikse poderia simplesmente rejeitar os conselhos e seguir em frente. Mas gostaria muito de ter-lhe dado tais conselhos.

- Chegamos ao agora, quando um Taitomo preocupado me chamou para acompanhar alguém. Foi uma completa surpresa ver o Dr. Achilles Wikse ali, prostrado, respirando com dificuldade. Precisava agir. Neste momento precisava ser o xamã, reconectando-o ao mundo. E precisava ficar a sós com ele. Foi quando pedi à Maioro para trazê-la para o hotel.

O Grande Zugar fez nova pausa, acenou para um dos garçons e lhe pediu água. Esperou, tomou um pouco, pousou o copo sobre a mesa, mexeu-se na cadeira endireitando-se, fechou os olhos e ficou alguns segundos imóvel.

- Noor, o Dr. Achilles Wikse, o seu Xilim, é um super empata. Em uma escala onde 10 é o máximo, ele tem 50 de haroa. O que fez durante a Katanga é extraordinário. Eu, com todo o treinamento e conhecimento, teria morrido se catalisasse o que ele suportou. Ele tem uma força psíquica impressionante, mas é preciso saber controlá-la, não ficando vulnerável ao que acontece à sua volta, como na apresentação.

Como Grande Zugar havia estudado a história do seu povo, principalmente no que se referia ao que fazia. O conhecimento era necessário para o treinamento dos sensitivos e na educação de seus discípulos. Ao longo da linha de grandes zugar, apenas dois ou três haviam ultrapassado o grau 10. Era muito raro e quem o tinha

era considerado fenômeno, diferente e receptivo. Se se mantivesse aberto poderia captar a emoção das pessoas, catalisando-a, juntando-a e a tornando mais forte, mais poderosa.

- Novamente, o que aconteceu com Wikse é algo de que não existe registro na nossa história. O fato dele estar vivo é extraordinário. Sua força é tanta que é capaz de sintetizar e descarregar a emoção de milhares de pessoas, começando com a do próprio grupo da Katanga. Ao mesmo tempo, isso é extremamente perigoso para ele, que não pode controlar o dom que possui. Só há uma forma de o fazer: aprender esses controles, o que não é fácil para alguém que não tem a cultura sanbar e é adulto.

O Grande Zukar parou, tomou mais um copo de água e olhou de forma interrogativa para Maioro, que fez apenas leve aceno de cabeça.

- Noor se estou lhe dizendo o que aconteceu é para pedir sua ajuda. Precisamos convencer o Wikse a fazer o treinamento. Sem controle, o grau de empatia que tem é uma constante ameaça à vida dele. Temo que, racionalmente, rejeite o que vou propor. É um direito e uma escolha que não posso mudar. Mas, falando como líder religioso, xamã, conselheiro e professor, o que lhe digo é que precisa do treinamento. Só assim irá tirar esta ameaça da vida dele. Maioro, conte o que viu.

Noor voltou-se para Maioro, que estava séria, e a viu segurar na mão de Taitomo. Quando, ao longe, vira Noor gesticular desesperada pedindo por ajuda, correu em sua direção. Ao se aproximar, vira Vikse desmaiado e, mesmo antes de chegar a ele, pediu a Taitomo que chamasse o Grande Zukar, pois sentiu como se estivesse sendo envolvida por um halo. A energia fluía do corpo de Vikse e captou parte dela, embora subisse seus bloqueios. O corpo parecia iluminado e dele saíam torrentes de energia, espalhando-se.

Achou que estava morrendo, pois nunca vira nada igual. Chegou mais próximo e o tocou, sentindo seu pulso e viu a energia reverter, voltando ao corpo, concentrando-se e explodindo, o que lhe trouxe imagens superpostas, que reverberava sobre o seu corpo. Uma delas, foi se fortalecendo, agigantando-se e viu um Wikse iluminado e sorridente, murmurando que sabia o que tinha acontecido e tinha a resposta para a pergunta que fizera. Depois, a grande imagem sumiu, levando sua energia, coincidindo com a chegada do Grande Zukar.

- Quero chamar a atenção para o que Maioro disse. Ela subiu seus bloqueios e, mesmo assim, continuou vendo o que Vikse fazia,

vendo o que ele estava vendo. Com o treinamento que tem e com o seu grau de haroa, não era para acontecer. Mostra a força de Wikse, que conseguiu se sobrepor a ela, emitindo algo visível, mesmo estando protegida.

Noor estava confusa. O que Maioro era, na verdade? Parecendo ler seus pensamentos, o Grande Zukar, retomou sua fala e explicou que Maioro era uma entre milhares ou milhões de sanbares cuja haroa era maior do que 10. Na verdade, o seu grau chegou a ser medido como 15, o que era extraordinário. Para se proteger e àqueles que estavam à sua volta, vinha treinando desde os 10 anos de idade. Só por isso, podia resistir às emoções da Katanga e, talvez por isso, também, é que tinha suportado a força de Wikse.

- Alguém tão poderoso como o Wikse, se não tiver treinamento adequado, pode matar outra pessoa usando apenas sua vontade. Muitos pensam que o exercício da haroa depende de cerimônias, misticismo, cantos, danças, etc. Nada disso é verdade. Depende apenas da vontade de quem a tem. Ela pode tanto ser usada para o bem, quanto para o mal. O que nós fazemos, ao treinar quem a tem, é lhe oferecer opções. É o que quero fazer com o Wikse e só vou conseguir se me ajudar.

O que o Grande Zukar disse deixou Noor assustada. Se não o ajudasse, no caso de Xilim resistir, viveria com medo, esperando e imaginando que poderia ter novo colapso, perder novamente a memória ou, em último caso, enlouquecer. Mas e se mesmo com o seu pedido não aceitasse? O que ela poderia fazer?

- Estou disposta a ajudar. Preocupo-me mais com Xilim que comigo mesmo. Somos – e deve ter percebido isso – mais que amigos. Desde crianças somos ligados e com a juventude, a ligação se transformou em amor, um grande amor, que resistiu ao tempo e à distância. Estava aqui em Tetama para tentar recuperá-lo, fazendo que sua memória voltasse. Eu o quero inteiro ao meu lado e farei o que puder para o ter.

- Obrigado, Noor. Achei que me ajudaria. Vou retornar à tenda e ver como o Wikse está. Sei que continua dormindo, o que é importante. O sono irá ajudá-lo a recuperar suas forças, drenadas pelo que fez. Assim que puder, avisarei para que o veja.

De forma delicada para seu tamanho e força, o Grande Zukar segurou as mãos de Noor, apertando-as de leve. Acenou para Maioro e Taitomo e saiu.

Ao vê-lo sair, a única coisa ocorreu a Noor é que o Grande Zukar era uma pessoa impressionante.

## A QUESTÃO DO NOME

**A**o deixar o hotel o Grande Zukar estava pensativo. Na conversa, acabou revelando muito dele. Não que tivesse alguma coisa a esconder, pois não tinha. Mas não gostava de lembrar o que fora – e o que deixara de ser por opção – e muito menos falar do passado. Gostava de olhar para a frente, para o futuro, mas concordava com a filosofia do seu povo, que o futuro era indeterminável e a única coisa concreta era o passado. Ele já fora outros, tivera nomes diferentes, de ocasião. Quando nascera, seus pais lhe chamaram de Tatafu. Primogênito, carregara o nome da família, Maaka. E fora assim que vivera sua infância, apegado aos pais e circunscrito à pequena comunidade em que viviam.

Ao descobrirem sua haroa, tão grande que surpreendeu o zukar local, deixou sua família e mudou-se para um centro maior, começando o treinamento que controlaria o seu dom e assumiu novo nome Tatafu Parata, que carregou pela adolescência e o início da vida adulta. Ao mudar-se para outra tribo e para escola mais avançada, ganhou novo nome, transformando-se em Haeme Haemata. Disseram-lhe, então, que era o nome mais apropriado para um futuro líder, alguém que estaria à frente de uma grande tribo. E ele se acostumou com ele.

Anos à frente seus mestres decidiram que iria para um mundo estranho onde estudaria e aprenderia disciplinas que os sanbares e suas escolas não ofereciam. Trocou de nome mais uma vez, com seus mestres explicando que não devia relevar suas raízes, mas mesmo assim ficar identificado com Ataroa. E foi assim que se transformou em Matti Selanne, um nome tetamao. E foi com esse nome que chegou a Metis e à universidade, em Alta. Achou o lugar estranho e mais estranha ainda a sua gente, considerando-a inadaptada à vida local.

Foi em uma das classes com muito estranhos que encontrou alguém tão inadaptado quanto ele. Aproximaram-se, conversaram, mas não chegaram a se tornar amigos íntimos. Era Achilles Wikse, aluno brilhante, mas retraído. Duvidava que tivesse um amigo

verdadeiro entre seus colegas. Talvez, como ele, sonhasse em retornar à casa, ficar no meio dos seus, sentir que pertencia a uma comunidade, a um povo. Conviveram na graduação e no Mestrado, recebendo aulas de professores comuns. Depois, se separaram.

O jovem quieto e introvertido transformou-se em Mestre e produziu o primeiro trabalho de sucesso. Foi um dos seus leitores, admirando como tinha conseguido construir um cenário que, ao mesmo tempo em que estava à vista, era complexo. Continuou no Doutorado, que não quis fazer. Nunca mais se encontraram, mas transformou-se em seu leitor e admirador. Suas obras ganharam destaque em sua biblioteca. Elas o ajudaram a entender o seu próprio povo, sua cultura e o seu lado religioso, que nada tinha de formal, como inúmeras outras religiões.

Sim, tinham uma religião, embora não a chamassem assim. Era uma crença arraigada, passada de pai para filho, praticada e integrada à vida. O que o Wikse produziu lhe deu clareza para conduzir seus discípulos, levando-os a um novo caminho, como fez com Maioro. Ele, como outros que foram estudar fora, tinha voltado e cumprido seu destino assumindo a função de zukar, que se sobrepôs aos seus nomes. Era sua quinta transformação. Ninguém o chamava de Tatafu ou outro dos seus vários nomes. Era o zukar. Acostumou-se tanto que deixou de lado o seu verdadeiro nome.

Um passo à frente, outro passo, um terceiro e um quarto e, orgulhoso do seu feito – o primeiro na sua idade a chegar à função – virou o Grande Zukar, o que levou a nova mudança de nome. Agora, muito mais por respeito – e em alguns casos, temor – era aquele que podia falar com os deuses, lhes levando os desejos e aspirações dos humanos. O nome o transformou em entidade.

Não era ninguém, não tinha personalidade, mas ao mesmo tempo era o Grande Zukar, alguém que reverenciavam. Tinha chegado quase à condição de santo e podia, quando se tratava das tribos, fazer e conseguir o que queria sem ser contrariado. Afinal, era o sagrado falando. A manifestação da haroa. Tornara-se grande, talvez o maior zukar que as tribos reunidas tiveram. Transformou-se de simples humano em alguém muito acima – pelo menos na visão dos sanbares. Começou a viver com a nova aura, acostumando-se e adaptando-se a ela, como Vikse havia dito em um de seus escritos.

Ao reencontrar o antigo colega voltou a pensar na sua história. Ele era a soma de todos os seus nomes, mas não tinha nenhum. Não



era um indivíduo, mas instituição. Quando chegou para socorrer um estranho e se deparou com Wikse, o que era e o que tinha sido começou a tomar sua consciência. Era como se estivesse despertando de um sono profundo, lançado à realidade por alguém que admirava e que o havia surpreendido, ajudando a tornar claro o que sabia: a haroa não era exclusividade dos sanbares. Tampouco dos tetamaos.

Era inerente ao humano. Ali, no seu pequeno planeta, as pessoas a tinham. E Wikse lhe mostrara que existia em outros locais. Em Alta e outras cidades da galáxia dezenas, centenas, milhares ou milhões de pessoas tinham o mesmo dom que ele. Tomando como exemplo o grau de haroa do antigo colega, quem era o “surdo” era ele. Com a potência que tinha Wikse poderia “ouvir” o planeta inteiro. O que revelava era um novo caminho, o início de nova estrada que, nem ele, nem ninguém, sabia se teria fim.

Pela primeira vez em muitos anos ficou desnortado e sentiu-se inadequado, tal como o jovem Tatafu Maaka e suas dificuldades para se adaptar à mudança. O que deveria fazer? Talvez o próprio Wikse pudesse lhe dizer algo.

O aluno iria ensinar o professor. Sorriu com o pensamento e, por um momento, voltou a ter esperanças no futuro.

\*\*\*\*\*

Assim que o Grande Zukar os deixou, Noor, Taitomo e Maioro descobriram-se com fome e fizeram um pequeno lanche, com o restante do tempo em que ficaram juntos marcado mais pelo silêncio, pensando no que o líder sanbar lhes disse. Noor sentia-se desnortada e temia por Xilim, mas estava feliz por vê-lo recuperar suas memórias. O que lhe perturbava era a possibilidade de Xilim continuar em Tetama sob a tutoria do Grande Zukar. Quando chegou tão perto de tê-lo de volta, iriam separá-los de novo.

Ao reencontrá-lo em Alta, depois de longos anos de espera e incerteza, não imaginou que iriam novamente se separar. O colapso em Tetama havia mudado sua vida. Ela o tinha perdido e ninguém podia lhe dizer se Xilim iria se recuperar. Ao planejar a viagem queria recuperá-lo, fazendo que se lembrasse dela. Podia falhar e seu plano B era ter um filho dele. Sentiu que o estava afetando e viu os sinais por conhecê-lo tão bem. A esperança retornou e, então, veio o novo colapso.

O que o Grande Zukar lhe disse a deixou feliz. Xilim não só havia se lembrado mas perguntado por ela. Esse era o lado bom. O

ruim era que teria de ficar em Tetama. Suas vidas estariam juntas e ao mesmo tempo separadas. Ela criaria nova rotina, dividindo-se entre dois lares, um profissional e o outro, afetivo. Ao chegar ao quarto e ir para o banho, pensou que valeria a pena se Xilim não mais sofresse ameaça de novos colapsos.

Relaxada do banho quente foi dormir. Queria estar descansada para o encontro com o amado.

\*\*\*\*\*

Maioro também reclamou de cansaço, lembrando a Taitomo que tinham tido um dia intenso, não só pela apresentação, que lhes exigiu alta concentração, mas também pelo que viram acontecer. Ela tinha notado que o marido também mostrava cansaço.

A apresentação havia consumido grande parte da energia deles e ainda estava presente em seus pensamentos. Estavam muito satisfeitos com o que tinham conseguido, principalmente por terem fechado a Katanga. A satisfação aumentou quando ouviram o elogio do Grande Zukar, mestre severo, que mais apontava erros do que fazia elogios.

Parte da felicidade de Maioro foi ver o reconhecimento dos esforços feitos por Taitomo. Era a primeira vez que o Grande Zukar reconhecia o acerto de sua escolha. Quando lhe disse que iria casar-se com Taitomo, ele se opôs. Um dos argumentos era que alguém com uma haroa tão elevada como a dela não daria certo com um “surdo”, referindo-se à ausência de sensibilidade no seu escolhido. Ela enfrentou o líder, reafirmando-lhe que com ou sem sua aprovação iria casar-se com quem amava e estava disposta a abandonar a escola e os estudos para ficar junto dele. O Grande Zukar cedeu.

O feito de Taitomo foi extraordinário. E mais impressionante por ter se transformado, junto com a mulher, no centro da Katanga. Apesar de posição elevada na sua tribo – dentro de mais alguns anos seria o líder dela – nunca tinha pensado em se dedicar à dança. Como todos jovens sanbares, tinha começado o treinamento, mas nunca pensou que um dia representaria sua tribo na Katanga. Além do amor, Maioro havia lhe incutido o gosto pela dança. Ela era exímia dançarina e muitas vezes ficou admirando-a nos ensaios.

Inicialmente, Taitomo pensou que Maioro o temia. Ela o evitava, mesmo quando havia outros jovens juntos, mais ainda se fosse uma das poucas mulheres no grupo. O que jovens de sua tribo diziam e que já tinha sido prometida em casamento ao filho de um líder de

outra tribo. Acreditou e achou que por estar compromissada evitava os outros jovens e especialmente fugia dele. Distraído pelas recordações – e pelo que havia conquistado - não viu os movimentos da mulher.

- Taimo, vou tomar banho. Quer vir comigo? Posso esfregar suas costas e você relaxa um pouco.

- Quero sim, amor. Estou cansado e um banho vai mesmo me deixar relaxado. Obrigado. Depois vou tirar um sono. Vamos dar uma dormida? Ah, e Maio, obrigado por me permitir realizar um sonho. Sem você, acho que seria muito mais difícil.

Maioro já estava nua e Taitomo, tirando a roupa. Quando os dois se dirigiram ao banheiro, ele tomou suas mãos, enlaçando-as e se aproximou olhando-a nos olhos e encostou sua testa na dela. Os dois ficaram parados por alguns segundos, em uma estranha ligação, para quem os visse de fora. Felizes, foram juntos para o chuveiro e a mulher cumpriu a promessa, esfregando suas costas. E fez um pouco mais – que sabia iria acontecer – oferecendo-lhe seu amor em um sexo sem pressa, muito bom.

Relaxados, dormiram.

\*\*\*\*\*

Noor acordou descansada e ficou lembrando dos sonhos. Neles, voltara a ser feliz, acompanhada de Xilim. Primeiro, foram cenas de sua adolescência, quando se declarara para ele. Depois, vendo-o adulto e juntos, na primeira vez em que fizeram sexo, quando nenhum deles tinha experiência. Ela fora mais desenvolta e ao lembrar-se do sonho – e do que acontecera – sorriu. Xilim tinha participado dos momentos mais felizes de sua vida. Em oposição, também nos mais tristes. Neles, a música foi o seu maior suporte. Gostava do que fazia e não o fizera pensando em enriquecer, mas acabou acontecendo. Como dissera ao Grande Zukar disporia de sua fortuna para ter Xilim bem e feliz ao seu lado. Mas isso era passado, tinha de pensar no futuro e no que faria. Olhou o relógio e apressou-se, pois tinha marcado com Maioro e Taitomo para tomarem o café juntos.

Normalmente acontecia o contrário, mas Taitomo acordou antes da mulher e procurou levantar-se sem acordá-la. De costas para ele, ressonava o que destacava a grande tatuagem cerimonial. Em preto e branco, três grande símbolos se juntavam, unindo seus significados, importantes para os sanbares. O primeiro símbolo representava a conexão do povo com a terra. O segundo, protegia

quem o usava, garantindo-lhe jornada segura e, o terceiro, combinando com os outros dois, trazia harmonia. Juntos, iam da omoplata até próximo do glúteo e mexiam dependendo dos movimentos de Maioro.

Na primeira vez que a viu nua e à tatuagem, ficou admirado e fascinado. Tinha tido experiências com outras mulheres, mas descobriu que era o primeiro homem na vida de Maioro. Ela havia se entregado com a mesma delicadeza com que fazia todas as coisas da vida. Para ele foi marcante. Se fechasse os olhos podia reviver a cena e senti-la como se estivesse acontecendo. Depois, como ali no quarto, ela dormiu e a tatuagem seguia os movimentos de sua respiração. Sentou-se e ficou observando, ainda sem saber que estava completamente apaixonado por ela.

Como se algo lhe dissesse que estava sendo observada, Maioro acordou, virou-se na cama e encarou sorrindo o marido. Não era a primeira vez – e nem seria a última – que acordava com o seu olhar amoroso, que às vezes chegava a considerar de adoração. Taitomo era de uma das mais respeitadas famílias da sétima tribo e, ainda jovem, fora escolhido para aprender as danças e cantos tradicionais. Os escolhidos eram supervisionados pelo Grande Zukar, que o considerava talentoso, mas lamentava que não tivesse haroa. Era “normal”, também visto como “surdo”.

Maioro, adolescente tímida, sempre o via à distância, admirando-o por ser forte e respeitado pelos colegas, ao mesmo tempo em que sua beleza a encantava. Nunca, no entanto, se aproximou dele. Viviam próximos, mas em mundo à parte. Até que um dia as coisas mudaram. E ela fora a culpada. Por alguma razão, saíra correndo de uma das tendas e se chocara com ele, maior e muito mais forte que ela. O resultado é que tinha ficado estirada no chão, envergonhada.

Surpreendendo-a, Taitomo foi muito gentil, abaixando-se e lhe oferecendo ajuda. Tomou-lhe as mãos e de forma delicada, ajudou-a a ficar de pé. Foi como se tivesse sido enfeitiçada. A qualquer momento que fechasse os olhos podia rever a cena, sentir o toque em sua mão, o sorriso largo e o seu olhar cuidadoso, que a deixou quase sem fôlego. A partir deste dia, decidiu que iria conquistá-lo e conseguiu. Via nele o mesmo olhar carinhoso que lhe tinha dado após a “trombada”.

Ela lhe sorriu, mexeu-se, saiu da cama, aproximou-se, abraçou-o e lhe deu um beijo, seguindo novamente para o banheiro e fazendo sinal que a acompanhasse.

\*\*\*\*\*

Xilim não estava dormindo, mas também não estava acordado. Podia sentir os cheiros à sua volta e ver o tremeluzir de velas espalhadas pelo ambiente, em meia penumbra. Sentia-se confortável, mas fraco. Procurou fazer movimentos e sentiu dificuldade. Mexeu-se de forma incomodada e viu uma sombra se aproximar, sentindo uma caneca em contato com seus lábios e um líquido frio, saboroso. Bebeu em pequenos goles e sentiu-se saciado. Fechou os olhos e uma música de fundo tomou conta do seu cérebro. Ele a conhecia. Já a tinha ouvido muitas vezes e em mais de um lugar. Não entendia a letra, mas alguém a cantava para ele, quando era ainda muito pequeno. Também a ouvia na Igreja, com letra diferente.

Mais tarde a tinha redescoberto com outra letra e outro ritmo, mas era a mesma música. Ela o embalou e acabou voltando ao sono profundo e aos sonhos. Era novamente criança se divertindo. Havia crescido e vivia cercado de amigos. Nessa época, apareceu em sua casa uma menina tímida, que lhe chamou a atenção. A menina virou adolescentes e adulta. Lembrou-se da primeira vez que fizeram sexo e as sensações lhe voltaram. O sonhos iam e viam e refletiam no que o seu rosto exibia.

Ao lado, sentado em posição de Lótus, o imenso zugar observava seu antigo colega, aquele que chegara para o questionar, lembrá-lo de quem fora e no que se transformou. Cuidadoso e observador, acompanhava seus movimentos, via as expressões do seu rosto e ficava alerta para intervir, servindo o chá que mataria sua sede, o tranquilizaria e o alimentaria, permitindo que recuperasse parte de suas forças. A recuperação física levaria tempo e precisaria de ser superalimentado nos primeiros dias, o que iria providenciar.

Se dependesse dele, quando Vikse ganhasse alguma força, sairiam dali direto para a sétima tribo. Lá, seria o professor, mais uma ironia da longa atividade que transformou o pequeno Tatafu no Grande Zugar. O “incidente”, como mais tarde se referia ao reencontro, inexplicavelmente lhe havia trazido o desejo de voltar a ser Tatafu Maaka. Não seria fácil, mas estava disposto a iniciar uma pequena revolução, quebrando costumes milenares. Vikse iria ajudá-lo nos primeiros passos. Não queria ver Maioro ou outro sanbar ser sobreposto por um título ou função, como aconteceu com ele e seus antecessores. Nem sempre tinha sido assim. Tinha precedentes e os iria usar.

Como Noor, Maioro e Taitomo, o Grande Zugar estava cansado, um cansaço provocado principalmente por suas reflexões. Ele havia se acomodado à posição, assumindo que o importante era a função e como a exercia. O choque de reencontrar Wikse e ver que sua haroa era fenomenal, mudou sua perspectiva, deixando-o certo que o indivíduo era mais importante que qualquer título, posição ou função.

Como pessoa, não precisava subsumir-se à representação, mas realizá-la como tal, mostrando que pessoas e funções eram diferentes. Viver no simbólico era uma grande carga. Precisava se desvestir dela, tornar-se humano novamente, vivendo como pessoa e assim sendo reconhecida.

Não era uma divindade. Não estava acima dos outros. Não era diferente dos outros homens.

Tinha um dom. Mas cada um deles tinha outro, diferente do seu. Começava a ansiar por ser comum, visto como igual, de não impor barreiras, mas abrir-se à aproximação, à conversa simples, ao convívio descompromissado. Cabia-lhe mudar sua posição e, com ela, como as pessoas o viam. Pensando no que fazer, recostou-se nas almofadas e foi tomado pelo sono relaxante.

\*\*\*\*\*

Acordados e relaxados, o Grande Zugar, Noor, Maioro e Taitomo estavam prontos para começar o dia. Noor desceu e, logo depois, Maioro e Taitomo fizeram o mesmo. Encontraram-se no café, ficaram juntos, mas pouco conversaram. Teriam o dia inteiro para se falarem. Diferente deles, o Grande Zugar estava sozinho e havia preparado – como havia feito um sem número de vezes – o seu desjejum. Quando estava pronto, pegou-o e voltou para o lado de Wikse, que ainda dormiu tranquilo, um bom sinal. Devagar, apreciando o sabor do que comia, o Grande Zugar observava seu “paciente” e ao vê-lo sorrir, fruto de um sonho, pensou e quase expressou o seu pensamento.

“Hoje, vou dar o primeiro passo de um novo futuro”.

## O FUTURO?

**X**ilim sentia-se despertando de um sonho. Abriu os olhos e não reconheceu o lugar. Mexeu-se inquieto e virou a cabeça, acompanhando o tremeluzir das velas que deixavam o ambiente na penumbra. Não sabia se era dia ou noite, sentia-se fraco, meio anuviado e faminto. Fez menção de levantar-se, mas não teve forças. Esforçou-se e conseguiu virar-se para o lado. Fechou os olhos e, quando os abriu, à sua frente, sentado e imóvel, estava uma imensa figura – quase uma estátua de tão imóvel. Ao encará-lo, lembrou-se da sequência dos acontecimentos, vendo-os como se estivesse assistindo a um filme, cena a cena. Uma delas lhe revelou quem era o homem à sua frente. Conhecia o papel que desempenhara. Quando ia falar, ouviu a suave voz do Grande Zukar.

- Por favor, Dr. Wikse, não se esforce. Está fraco devido ao esforço e, certamente, com bastante fome. Vou buscar algo para alimentá-lo. Já volto.

O aviso fez com que se sentisse, de fato, enfraquecido, mas não impediu que voltasse às cenas de dois dias atrás, na apresentação da Katanga. Lá, no centro, estava o Grande Zukar, por coincidência, o mesmo homem que viu ao acordar, só que embora fosse o mesmo, era diferente. Ficou com a impressão de o ter conhecido, não no papel que exerceu de forma magnífica, prendendo a atenção de quem assistia o espetáculo. Associou a voz a alguém que conhecera há muito tempo. Não o podia considerar amigo, pois não os tinha na verdadeira acepção da palavra, mas fora próximo, com quem convivera.

Será que estava sonhando? Será que era fruto de sua fraqueza, que lhe trazia alucinações?

Não. Lembrava-se dele nitidamente, da timidez, maior que a sua, mas também da segurança com que defendia suas ideias. Sorriu à lembrança e ficou pensando como é que as pessoas se transformam. Era ele próprio o exemplo perfeito da mudança. O que desejou – e que pensava ser fácil – era ficar ao lado da mulher

que amava, o que o tinha levado para longe, transformando-o em outra pessoa. Talvez tivesse acontecido o mesmo com o jovem que tinha conhecido há muitos anos e com quem conviveu. Fechou os olhos e viu a imagem do amigo de forma nítida.

- Dr. Wikse, peço desculpas se o que trouxe não for muito gostoso. Mas o objetivo é alimentá-lo, fazendo com que se recupere. É um alimento altamente proteico e tem bastante carboidratos. Vai lhe saciar a fome e ajudar na recuperação.

Antes de lhe entregar o alimento, o Grande Zukar aproximou-se, preparou almofadas, e de forma delicada, ajudou Xilim a se recostar nelas, garantindo que estava confortável e bem acomodado. Só então lhe entregou a pequena tigela com uma sopa marrom, de bom cheiro e que lhe despertou mais a fome. Levou-a aos lábios com cuidado e sorveu o primeiro gole. Sentiu esquentar-se e o seu paladar foi inundado por um gosto estranho, que misturava amargo com doce e cítrico. Não era gostoso, mas suportável. Tomou-a em pequenos goles, devolvendo a tigela. Seu anfitrião lhe passou uma caneca com líquido escuro. Provou-o, o gosto era melhor e o tomou.

- O que vamos fazer, até que recupere as forças e comece a se movimentar, é alimentá-lo a cada três horas. Confesso que não sou bom cozinheiro, mas vou cuidar para que tenha alimentação certa. Acredito que em dois dias poderá deixar esta tenda e voltar para o hotel. Aí, então, terá uma alimentação mais elaborada, mas deve seguir comendo determinados tipos de comida, que ajudarão na sua recuperação. Vou lhe trazer água, pois deve estar com sede.

Xilim sentira fome, mas não sede. Diante da observação, descobriu-se sedento e que o líquido não satisfizera sua necessidade de água. Era uma boa ideia hidratar-se. Confortável, esperou. O Grande Zukar voltou com outra caneca, estendendo-a a Xilim, que a pegou e, aos pequenos goles, tomou a água, enquanto observava seu anfitrião. Satisfeito, devolveu a caneca ainda com um pouco do líquido.

- Matti, achei que era um sonho e que, nele, o tinha visto, lembrando-me de Alta e das aulas com o professor Setala. Mas não era. Você está diferente. Mudou. Mas a voz continua idêntica e foi ela que me convenceu que era você. Jamais podia imaginar que iria se transformar em uma espécie de grande guru de todo um povo. Como foi que isso aconteceu? Estou muito curioso.

- Achei que não iria me reconhecer. Mudei muito nestes anos. Confesso que desde que deixei Alta nunca mais ouvi alguém me



chamar de Matti. O fato de se lembrar é bom. Indica que sua memória voltou e que com ela a capacidade de identificar as coisas pelo som, pela fala, pelas imagens. Se está curioso, imagina como estou. Afinal, descobri que estava em Tetama e que não se lembrava de nada do seu passado. Temos muito que conversar e vamos fazer isso. Mas, agora, vou avisar a Noor que acordou e que pode vê-lo. Ela está muito ansiosa.

\*\*\*\*\*

Noor, Maioro e Taitomo estavam encerrando o café da manhã quando um jovem aproximou-se da mesa, acenou e falou algo ao ouvido de Taitomo. Noor o observava e o viu sorrir. O garoto saiu rapidamente, do mesmo jeito que havia chegado. Olhou interrogativamente para Taitomo e o viu sorrir novamente.

- Noor, uma notícia que irá lhe agradar. O Wikse acordou, está bem e a quer ver. Eu e Maioro vamos acompanhá-la. Por favor, seja cuidadosa e faça exatamente o que o Grande Zukar pedir. Lembre-se que a maior preocupação dele é com a saúde do Wikse. Podemos ir assim que puder.

Noor voltou ao quarto do hotel e se preparou. Desceu, encontrou o casal de amigos e foram, os três, em direção à grande tenda, caminhada de cerca de 20 minutos. Estava muito ansiosa. Mesmo que a notícia fosse boa, que o seu amado estava bem, ainda não sabia se tinha recuperado a memória e temia que continuasse sendo Wikse, não o seu Xilim. O plano que havia arquitetado falhou, envolvida no que não esperava e não compreendia. O que Taitomo e Maioro lhe disseram em nada contribuiu para esclarecê-la. Pelo contrário, sentia-se ainda mais confusa com conceitos de sensibilidade e sobrenatural. Mas nada importava, na verdade. O que queria era ver Xilim bem, mesmo que não se lembrasse dela.

O trajeto foi feito em silêncio. Ao se aproximarem, ficou impressionada com o tamanho da tenda. Maioro explicou que se tratava de habitação típica do deserto, comum nas proximidades dos oásis do Grande Mar. Era feita para oferecer conforto e segurança, mesmo diante da mais violenta tempestade de areia. A diferença era que a tenda do Grande Zukar, além de sua moradia, servia como espécie de “consultório” e para treinamentos individuais, o que a tornava maior, dividindo os aposentos de outras áreas.

As tendas tradicionais tinham área comum e uma ou duas dependências, de acordo com tamanho da família. As outras instalações – cozinhas, banheiros, chuveiros, etc. – eram

comunitárias e todos participavam de sua manutenção. Dentre eles, o único que tinha o privilégio de não participação era o Grande Zukar, mas era quem mais participava das atividades comunitárias. Ao se aproximarem, Noor observava os detalhes. Foi Taitomo que tomou a iniciativa de abrir a “porta” para ela. Na meio penumbra interna sobressaltou-se com a silhueta do Grande Zukar.

- Noor, o Wikse a quer ver. Acredito que tenham muito o que falar. Peço-lhe, no entanto, que lhe poupe, pois está fraco e precisa de repouso, o que ajudará na sua recuperação. Confio em você. Vamos deixá-los a sós. Vou aproveitar para fazer compras, contando com a ajuda do Taitomo e da Maioro. Voltamos logo. Nesse tempo, cuide do Vikse.

O Grande Zukar indicou a direção a Noor e fez sinal ao casal, saindo junto com ele. Ficou indecisa. Seu coração estava muito acelerado e se sentia excitada ao afastar a cortina e entrar no aposento de Xilim. Era bem cuidado, iluminado por velas, o que o deixava aconchegante. Em um dos lados, recostado em almofadas e sorridente, Xilim a observava. Sentiu o impulso de correr ao seu encontro, abraçá-lo, beijá-lo e se agarrar a ele. Mas lembrou-se da recomendação do Grande Zukar e se conteve. Forçou-se abrir o melhor sorriso e foi chegando devagar.

- Amor, você está parecendo a menina que conheci quando foi a primeira vez à nossa casa. Ao vê-la agora lembrou-me da menina tímida, que não sabia bem o que fazer. Vem, fique aqui ao meu lado. Não precisa dizer nada. Sua companhia me basta.

Ao ouvi-lo e ver que lembrava-se, Noor não conseguiu se conter e as lágrimas começaram a rolar. No meio do choro que não tentou conter, sentou-se próximo de Xilim, sorrindo-lhe e se deitou, colocando a cabeça no seu colo, repetindo uma cena que tinha se tornado comum nos seus encontros. Ele começou a acariciar seus cabelos com gestos suaves. Juntos e em silêncio, era como se o mundo fosse somente deles. Não havia tempo. Não havia nada do lado de fora. Noor foi se acalmando, o choro diminuindo, até parar. Levantou a cabeça e o olhou, vendo o sorriso. Mexeu-se e se levantou, sentando-se a seu lado. Virou-se e de forma delicada lhe deu um beijo rápido, fazendo com que, ao mesmo tempo, ele sentisse seus lábios e o sabor das lágrimas, que os havia molhado. Ele segurou sua cabeça, ampliando a duração do beijo. E os dois voltaram ao silêncio por um tempo.

- Noor, obrigado por se preocupar comigo. Se não fosse por você, talvez nunca voltasse a ser eu mesmo. Acho que sua presença e as provocações que me fez – sim, lembro-me delas – foram os

catalisadores da reação que tive na apresentação. Felizmente para nos dois, sobrevivi a ela e estou novamente com as memórias intactas, inclusive do tempo em que fui apenas Wikse, aqui em Tetama. Quero lhe contar o que aconteceu, mas ainda me sinto fraco, bem fraco e estou sonolento. Vou voltar a me deitar, mas quero que fique. Sua presença me deixa mais tranquilo. Se dormir, não se preocupe. O Grande Zukar me disse que o sono ajuda na recuperação e quero sair daqui o mais rápido possível.

Ajudou Xilim a deitar-se, deixando-o confortável. Segurou-lhe a mão e ficou observando-o, vendo que, aos poucos, sua respiração ia se acalmando e entrando em um sono mais profundo. Com cuidado, deixou sua mão e afastou-se um pouco. Procurou posição confortável e ficou observando-o dormir, pensando no que tinha passado e no amor por Xilim, que havia resistido. Nunca pensou em destino, mas não duvidava que existisse e que, no seu caso, estivesse escrito que passaria por dificuldades no amor, embora tivesse vida de sucesso artístico e material, que trocaria, de bom grado, para ficar ao lado de Xilim. Esta era sua maior aspiração. O que a tinha movido durante fora a busca por Xilim, seu amor por ele. Era o que a tinha sustentado e iria ajudá-los a construir seu futuro.

\*\*\*\*\*

Mesmo que pessoas muito próximas dele, como Maioro, não percebessem, o Grande Zukar estava começando novo processo de mudança. A decisão de adotar um caminho diferente foi tomada durante a vigília, acompanhando Wikse, alimentando-o e refletindo sobre quem foi e quem era. Havia um contraste entre ele e o seu amigo de juventude, que tinha seguido seus sonhos e reafirmou-se como pessoa, marcando o seu nome, e o que era, reafirmando sua individualidade.

Era uma grande diferença do Grande Zukar, líder de um povo, mas sem identidade própria, adotando como identificação a função que exercia. Assim como Vikse, tinha sonhos. Alguns, concretizou. Outras foram perdidos à medida que se encontrava na figura do feiticeiro, conselheiro e professor. O ego tinha ficado satisfeito, mas seus sonhos foram colocados de lado. Ao invés de trazer mudança, tinha confirmado as tradições, seguindo-as e as reforçando.

A sua cultura foi mais forte que ele, dominando-o e o impulsionando ao papel de representação que não buscou, mas aceitou e conformou-se com ele. Havia se transformado em líder

que não queria liderar, em alguém que tinha voltado o olhar para o passado, deixando que o futuro acontecesse sem nele intervir. A presença de Vikse, a descoberta de uma haroa nunca antes vista e a constatação que não eram os únicos possuidores do dom lhe deu nova perspectiva e lhe despertou a vontade de voltar a ser apenas Tatafu Maaka, reconquistando sua juventude e trazendo-a para integrar-se a ele, o que iria enriquecer e, ao mesmo tempo, modificar o papel que exercia. No novo caminho teria muitas coisas para consertar. Seu temor é que a mudança atingisse os que estavam à volta e nele confiavam.

Um bom jeito de começar era reconhecer que estava errado em relação a Maioro quando escolheu juntar-se a Taitomo. Iria aproveitar que estavam juntos para fazer a primeira correção.

- Maioro, venho pensando nesse assunto há algum tempo e chegou o momento de lhe falar. Você foi a única pessoa que contrariou uma decisão minha, enfrentou-me e fez o que desejava. Zanguei-me, mas não tinha razão. Quero dar minha mão à palmatória, reconhecendo que estava certa e eu, errado. A escolha que fez foi o exercício de uma opção, de não submeter-se ao destino, a um caminho que lhe indicavam, não o que tinha escolhido. Me desculpe e me perdoe pelo que lhe disse e ao Taitomo.

- Obrigado, Grande Zukar. Fiz o que meu coração mandava. Eu e Taitomo conversamos muito. Não quisemos lhe magoar, mas tínhamos de fazer nossas próprias escolhas. Viver juntos, nos amando, teria de ser decisão nossa, só nossa. Sabíamos que enfrentaríamos consequências. Foi o que nos ensinou. Mas achamos que valeria a pena fazer o que fizemos e, de minha parte, posso garantir que faria tudo de novo.

O Grande Zukar também ouviu de Taitomo que nunca teve dúvida de sua opção. Amava Maioro e se ela também o amava e queria ficar ao seu lado, era capaz de enfrentar a tribo e seu próprio povo. Nunca aceitou que uma pessoa que não tivesse haroa não pudesse se unir a outra que a tivesse alta, caso dele e de Maioro. Achava absurdo segregar o amor, matá-lo por unir pessoas diferentes.

- Muitas vezes desafio o que é estabelecido, culturalmente posto. Não acho que cultura e comportamentos sejam imutáveis. Eles mudam e nós podemos provocar sua mudança. Entre os mais jovens, temos muitos que pensam assim. Ninguém quer renegar o que fomos e o que somos, mas achamos – e a Maioro concorda

comigo – que podemos ter um futuro diferente, construindo-o e não apenas esperando que aconteça. É isso, Grande Zukar, que nos moveu e que tem nos movido. Talvez não tenha percebido, mas a mudança já começou, por pequenas coisas, é verdade, mas é uma constante.

Ao chegarem ao mercado, o assunto foi posto de lado e os três se concentraram na escolha dos alimentos destinados a Xilim. Escolheram o que era mais nutritivo e que tinha melhor gosto. Maioro mais afeita à cozinha fez a maior parte das escolhas e o Grande Zukar aproveitou para pedir sua ajuda, lembrando-a que tinha se aproximado de Noor e que poderia contribuir para deixá-la mais à vontade e ajudar na recuperação de Vikse.

- Grande Zukar eu e o Taitomo temos de voltar à tribo. Temos tarefas nos esperando. Ficamos aqui mais dois dias e partimos. Mas vou arranjar alguém local para ajudá-lo na tarefa de alimentar o Vikse.

\*\*\*\*\*

Quando voltou à tenda e depois de arranjar o que havia comprado na pequena cozinha improvisada, o Grande Zukar encontrou-se novamente com Noor e Xilim. Ela velava pelo sono do amado, observando-o. Ao olhar inquisitivo do homem, relatou-lhe que Xilim reclamou de cansaço e de fraqueza. Ela o ajudou a deitar-se e o deixou confortável. Vinha dormindo tranquilamente e ficara ali, acompanhando o seu sono.

- Isso é bom. Quanto mais ele dormir, mais rápida será sua recuperação. Sempre que acordar, temos de alimentá-lo e lhe hidratar. Minha previsão é que em dois dias estará bem o suficiente para se levantar e andar pela tenda.

Noor perguntou se não seria melhor levá-lo a um hospital. Ficou surpresa ao saber que não havia hospitais na cidade. O Grande Zukar explicou que os tetamaos – e tampouco os sanbares – tinham o conceito de hospital. Os doentes eram tratados em suas comunidades e ajudados por seus companheiros. Quando a situação exigia, o médico era convocado. Entre os sanbares, quem primeiro cuidava dos doentes era o zukar. Explicou que não era como em outros planetas, cheios de especialistas, cada um cuidando de uma parte da doença. Os médicos sanbares e tetamaos eram generalistas. Além disso, não se restringiam a medicina, mas se dedicavam a outras tarefas, participando da vida comunitária e isso valia tanto para os sanbares quanto para os tetamaos. No caso dos sanbares, a única exceção era o zukar.

O que deixou Noor ainda mais surpresa foi saber que no planeta não existiam cursos de medicina, como em outros lugares. Quem exercia a “medicina” aprendia com quem já a praticava, usando os ensinamentos mais antigos e agregando a eles novos conhecimentos. O mais comum era o zukar local exercer a função.

- Noor, o Dr. Wikse não está doente. No colapso – e para suportar a carga emocional que ele provocou – gastou enorme quantidade de energia. Suas forças foram quase esgotadas e é por isso que precisa de repouso e de alimentação rica em carboidratos e proteína. Os dois irão lhe devolver a força, permitir que se movimente e, aos poucos, se recupere. Acredito que o colapso não lhe deixará sequelas, mas a recuperação é lenta.

- Grande Zukar, confio no que diz e no que faz, mas pedi a um amigo que viesse me ajudar. Espero que não se importe. Vou me sentir mais segura na hora em que o Hari chegar, o que deve acontecer ainda hoje.

- Por acaso, você está falando do professor Hari Setala?

Noor confirmou que era ele e relatou tê-la acompanhada na primeira vez que veio a Tetama, logo após o colapso de Xilim. Depois, a pedido dela, acompanhou uma especialista em amnésia que veio avaliar seu amado, pois queria tirá-lo do planeta e levá-lo para local de mais recursos, o que acabou não acontecendo.

- O Hari é experiente e sensato, por isso quero ouvir sua opinião sobre o Xilim.

O Grande Zukar sorriu - o que Noor não entendeu - e ficou pensando que o destino lhe pregara uma peça. Primeiro, tinha sido o Wikse, que o reconheceu. Agora, o professor Setala. Outra vez teve a sensação de que o momento lhe indicava novo futuro começando e que nele não seria o protagonista, mas apenas espectador.

## ENCONTRO E PARTIDAS

Setala chegou cedo ao aeroporto de Alta e foi direto para o setor privado de embarque. Identificou-se e foi apresentado a um jovem piloto, responsável pelo voo que o levaria ao espaçoporto do planeta e, de lá, a Tetama, onde Noor o esperava. Embarcou, o voo partiu e foi tranquilo. Estava virando viajante frequente, mas, nesse caso, uma viagem diferente, feita em voos em que o único ocupante era ele, se não contasse piloto e tripulantes. Foi deixado no espaçoporto e apresentado àquele que o levaria à Tetama. Era o mesmo piloto que o tinha levado e a Eryn na visita anterior.

- Bem vindo, Dr. Setala. Nosso voo parte dentro de uma hora. Pode escolher esperar aqui, o que pode lhe ser mais confortável, ou irmos direto para a nave. Se estivermos embarcados há chance de adiantarmos o voo dependendo do tráfego que tivermos hoje.

Hari decidiu embarcar. A nave estava distante e chegaram a ela levados por um móvel. O capitão apresentou sua tripulação, composta de dois jovens. Colocou suas coisas no aposento que usaria e instalou-se na pequena sala. Até sair da atmosfera do planeta, passariam por pequena aceleração, mas depois não haveria mais movimento, embora sentisse a mudança de um para o outro ponto, durante o salto. O piloto informou que a viagem seria feita em dois estágios por precaução. Assim, não se desviariam do objetivo, pois os saltos menores permitiam cálculos mais precisos. A programação do voo indicava que chegariam a Ethara no início da manhã. Lá, um voo local estaria esperando para levá-lo ao encontro de Noor e Xilim. Ouvindo o capitão, ficou imaginando a pequena fortuna gasta com o seu traslado. Saltos espaciais eram caros e poucos podiam pagá-los.

Sentiu quando os motores principais foram ligados e a nave começou a se movimentar. Comparada às naves de carreira, sua aceleração era quase imperceptível. Minutos se passaram e tudo ficou quieto. Tinham chegado à primeira órbita e tomado posição para o salto. O computador cuidava dos cálculos e determinava o

empuxo que precisariam para chegar ao primeiro ponto. Quem estivesse do lado de fora, como observador, simplesmente viria a nave sumir. No outro ponto, outro observador a veria surgir do nada. Entre a partida e a chegada haviam percorrido milhões de quilômetros em instantes.

Racionalmente, Setala entendia o salto, mas se maravilhava com sua simplicidade e louvava o gênio que o tinha descoberto. Graças a ele, a humanidade se expandiu, ganhando as estrelas e se espalhando pela Via Láctea. Deixou as especulações de lado e procurou relaxar. Por mais confortáveis que fossem, as mudanças sempre causavam stress e queria estar descansado quando encontrasse Noor e Xilim.

O voo de Ethara a Thuanides foi tranquilo. Ao desembarcar, uma placa indicava o nome de Setala. Apresentou-se e pegaram o móvel que o levou à cidade e à grande praça. O que primeiro notou foi a grande tenda, onde o jovem parou o veículo e o acompanhou até à entrada, indicando que era esperado. Setala ficou curioso. O que Noor estava fazendo ali? Afastou a cortina de acesso e chegou à ampla sala, menos iluminada que a rua. À sua espera estava um homem imenso, que lhe abriu um largo sorriso.

- Bem vindo, professor. Espero que tenha feito boa viagem. Antes de ver a Noor e o Dr. Wikse precisamos ter uma conversa. Por favor, queira me seguir.

Algo mexeu com Setala quando ouviu a voz. Sensível à música e às suas variações, tinha excelente memória para sons, incluindo a voz humana. Era capaz de identificar as pessoas pela voz. Não precisava olhar para um aluno para saber quem era. Bastava que lhe falasse. Tinha tido um aluno com voz, se não igual, muito parecida. Acompanhou o seu anfitrião e acabou se sentando a uma indicação dele, observando-o enquanto fazia o mesmo. Assim que estavam acomodados, não esperou.

- Matti, sabia que era de Tetama mas nunca imaginei que iria reencontrá-lo. Afinal, depois que deixou Alta nunca mais fizemos contato e não sabia, sequer, se tinha voltado ao planeta. O Xilim o reconheceu?

O homenzarrão sorriu abertamente. Sim, havia sido reconhecido. Antes de relatar a Setala o que havia acontecido com Xilim, fez um resumo de sua trajetória após terminar os estudos em Alta. Justificou não ter feito contato pelo papel que assumiu ao retornar para casa, o que o tinha levado à posição de Grande Zukar. Observou que não era hora de falar dele, mas de Wikse, pois iria



precisar de sua ajuda. Fez, então, um resumo do que tinha acontecido ao seu aluno e amigo e alinou as providências já tomadas e as que ainda tinha de tomar, destacando a importância do treinamento para que Xilim pudesse controlar seu dom, evitando que fosse novamente afetado por ele. A repetição de colapsos podia levá-lo à loucura.

- Professor, o Vikse está do outro lado nessa tenda. Provavelmente dormindo e observado pela Noor. Ela só me falou hoje de sua visita, o que me surpreendeu. Não creio em coincidências e nem em acasos. Tê-lo e ao Wikse aqui, ao mesmo tempo, tem um significado especial. Ainda não sei o que é, mas minha intuição indica um ponto de mudança e ele nos envolve a todos.

O Grande Zukar se levantou e levou Setala em direção ao aposento onde Xilim estava efetivamente dormindo e o deixou em companhia de Noor.

\*\*\*\*\*

Ao entrar e ver que o amigo dormia procurou fazer o mínimo de barulho. Apenas acenou para Noor e esperou, mas viu Xilim mexer-se como se estivesse acordando. Viu que abria os olhos e um largo sorriso ao vê-lo.

- Hari, que surpresa. Não precisa dizer nada. Sei que a Noor pediu para vir, embora não me tenha dito. E vejo também que encontrou o Matti. Acredito que tenha lhe feito o relato do que me aconteceu.

Noor ficou olhando interrogativamente, primeiro para Xilim e depois para Setala. Nenhum dos dois pareceu notar.

- Obrigado por vir, Hari. É bom ver que temos um grande amigo. E é bom tê-lo aqui, conosco. Estou bem assistido. O Matti sabe o que faz. Quem diria que o nosso querido e tímido colega iria se transformar no líder espiritual do seu povo, hein?

- Esperem aí, vocês estão me deixando confusas.

Hari fez um resumo do que tinha acontecido, com Xilim e Matti sendo seus alunos e trabalharem juntos no Mestrado, observando que, tal como o amado de Noor, o sanbar poderia ter uma ótima carreira acadêmica. Ao final do Mestrado, tinha se desligado da universidade e nunca mais o havia encontrado, sendo surpreendido pela sua presença na tenda, antes do encontro com os dois.

Satisfeita com a explicação de Hari, Noor mudou o foco. Queria que Xilim fosse com eles, assim que se sentisse melhor. Tetama praticamente não tinha recursos médicos e, em Alta, poderia ser acompanhado por profissionais com reconhecida capacidade e se recuperar mais rápido. Estava agradecida ao Grande Zukar, mas entendia que Xilim deveria ser assistido por profissionais e ter à disposição o melhor que a medicina pudesse oferecer.

Ficou muito surpresa com a reação de Xilim.

- Você está equivocada, Noor. Preciso ficar aqui e aprender com o Matti. Se não fosse por ele podia ter virado um vegetal, alguém que vive, mas que depende inteiramente dos outros. Sei que está ansiosa e compreendo, mas minha melhor chance é com o Grande Zukar. Não quero nunca mais passar pelos colapsos, como me ocorreu em Teato, primeiro, e agora, aqui em Thuanides. Só entendendo o dom que tenho e o controlando é que posso evitar novos colapsos. Vou fazer isso por nós dois.

Noor ia protestar, mas Setala tocou levemente no seu braço, impedindo que falasse e de forma discreta lhe fez a indicação de saírem.

- Xilim, o Matti me disse que precisa descansar para recuperar sua força. Eu e a Noor vamos sair e conversar um pouco, aqui mesmo na tenda. Vou pedir ao Matti que se junte a nós.

\*\*\*\*\*

Devido ao seu status, praticamente ninguém contrariava Noor. Ao tornar-se estrela, as pessoas tentavam agradá-la de todas as formas. O que queria, o que pedia, se transformavam em realidade. Não precisava mandar, mas quando o fazia, era atendida prontamente e sem que a questionassem. A posição de Xilim a deixou contrariada, mas não tirou dela a ideia de levá-lo para Alta ou até mesmo para Ourea. Queria dar a ele a melhor assistência, não deixá-lo à mercê de um xamã, mesmo que tivesse sido seu amigo há anos. Era o que iria dizer a Setala e ao Grande Zukar.

Ao saírem do quarto o Grande Zukar os estava esperando. Noor, sem saber a razão, sentia-se intimidada diante do homem. Sem dizer uma única palavra, indicou outro aposento na tenda. Ao entrar, Noor ficou com a sensação que era uma espécie de oficina, cheia de objetos estranhos e muitos frascos com coisas que não tinha ideia do que eram.

O Grande Zukar sentou-se em uma almofada e indicou outras duas aos seus visitantes.

- Professor, Noor, acho que precisamos esclarecer e definir como iremos nos relacionar de agora em diante. Vocês, como eu, foram surpreendidos com o que aconteceu com Wikse. Fomos e seremos afetados de modo diferente pelo acontecido, mas estaremos ligados ao que dele resultar.

Matti, como Xilim e Setala o haviam chamado, falava de maneira calma e em voz baixa. Lembrou a Noor que o novo colapso tinha conseguido o que buscava, restaurar as memórias de Wikse, mas não era o fim do problema. Em relação a Setala, havia encontrado seu antigo mestre e revivido sonhos de juventude, que foram colocados de lado. Muitos deles haviam sido discutidos com Xilim, que se manteve fiel aos seus sonhos e conquistou o que almejava.

- No meu reencontro com o Wikse – nunca o consegui chamar de Xilim – vi algo extraordinário acontecer. Já lhe disse, Noor, que alguém com o poder dele pode matar usando apenas o pensamento. Por isso, é importante que domine o dom. E só há um jeito de conseguir, que é aprender. Temos de encarar a realidade e olhar adiante, pensando como será o futuro do Dr. Achilles Wikse sem o domínio de sua haroa.

O Grande Zukar tinha a atenção dos dois. Iria lhes contar, como ilustração, uma história que o envolveu e ao Wikse. De planetas diferentes, com formação, cultura e interesses diferentes, acabaram se tornando próximos, embora não se reconhecessem como amigos. Interessados em livros, ocupavam o tempo explorando a biblioteca da universidade e a do professor Setala, que a franquiava aos seus alunos, um verdadeiro tesouro de histórias antigas, fantásticas e de pessoas com poderes extraordinários.

- A coleção de livros de fantasia do professor era imbatível e mergulhamos neles e nas histórias que contavam.

Um livro em especial lhes chamou a atenção, mas por algumas razões não o tinham aberto, folheado ou lido. Sempre passavam o título, embora não fosse chamativo, lhes intrigava. Um dia Xilim acabou pegando o livro e o abriu. O título da folha de rosto era diferente do da lombada, o que o deixou curioso e o fez olhar o índice. Eram 12 histórias diferentes. Delas, 11 falavam sobre a volta de alguém ao seu povo, como se reintegrava e o que lhe acontecia depois. Uma contava a história do exílio de um jovem, tirado do planeta e levado para uma cultura diferente.

- Foi a história que nos atraiu devido à semelhança de nossa situação.

Um dos jovens da história era, sem saber, um poderoso feiticeiro. Longe do seu povo e sem contato com sua cultura, não pode desenvolver seus poderes. Tinha flashes dele, chamando-os de intuição, palpite ou lhe dando qualquer outro nome.

- Ficamos fascinados com a história e com os dois personagens por parecerem tanto conosco, pelo menos na nossa imaginação. Ela acabou se tornando leitura recorrente e a cada vez que a líamos descobríamos novas facetas dos personagens.

O fascínio era tão grande que Xilim havia proposto que escrevessem um ensaio sobre ela, falando em realidade e misticismo. Começamos a escrevê-lo, mas acabou na gaveta pois nunca o apresentamos ao professor. Apesar de colocar de lado o ensaio, continuaram discutindo a história e Wikse decidiu que iria descobrir seu autor. Durante um semestre esta foi sua obsessão. Ele comparou-a com outras histórias, identificou semelhanças e diferenças, descobriu personagens parecidos com caminhos diferentes e tornou-se especialista no que convencionou chamar de “misticismo sonhador”.

Mas o que efetivamente descobriu?

Basicamente, que várias culturas tinham histórias semelhantes, sempre com alguém poderoso, que se destacava dos demais e que podia usar seus poderes para o bem ou para o mal. Ao concluir que a história não era única, Wikse se desinteressou dela. E ele fez o mesmo.

- O que nunca contei ao Wikse, seja nos momentos em que estávamos entusiasmado com o livro ou depois de ter perdido o interesse nele, é que conhecia a história, pois a ouvira inúmeras vezes.

Por que confessar?

O ambiente em que viviam não comportava este tipo de história e Matti não queria ser motivo de brincadeiras ou chacotas. Temia que o próprio Wikse, seu único amigo, acabasse olhando-o de modo estranho, provocando estranheza. Achou melhor ficar em silêncio e ajudá-lo nas pesquisas, que acabaram dando em nada.

Ao longo da graduação, a história ficou esquecida. Mas ao procurar um tema para o Mestrado, a história lhe voltou e sua proposta de trabalho combinava misticismo e cultura. Era a oportunidade de voltar às origens e debruçar-se sobre o complexo mundo dos sanbares, que viviam duas realidades, uma mística, rodeada pelo sobrenatural, e outra física, enfrentando seu dia a dia.

Uma dependia da outra e se completavam. Seu povo seria muito diferente sem elas.

O projeto foi aprovado, ele o desenvolveu e, no julgamento, recebeu nota máxima. Os avaliadores destacaram a originalidade da abordagem e o lembraram que havia poucos estudos sobre a interligação das crenças no místico e sobrenatural com o dia a dia da vida. Com o título de Mestre, veio o convite para o Doutorado. Considerou-o, mas queria voltar ao seu povo, à sua cultura, acabando com o deslocamento que sentia. Não se despediu, não anunciou sua partida e nunca mais fez contato. Temia que seu professor e seu amigo não entendessem e não queria ter a desaprovação deles.

O retorno a Tetama não lhe trouxe conforto e acentuou sua diferença devido à nova visão dos sanbares, suas práticas e sua cultura. A inadequação determinou seu caminho e escolheu juntar os dois mundos sanbar, estudando-os e sintetizando-os. Recuperou tradições, começou práticas abandonadas e incentivou outras, como a Katanga, que foram ganhando maior significado. Continuou estudando a cultura do seu povo, mesmo não a fazendo do ponto de vista acadêmico e uma de suas iniciativas foi registrar a história oral de seu povo. Outra, de catalogar as práticas, sobretudo relacionadas ao artesanato, que era e continuava a ser único. Queria oferecer aos jovens a visão do passado, de como tinha sido vivido e lhes ensinar com ele.

Ainda no seu primeiro posto, de zugar local, começou a estudar a língua ancestral sanbar. Acabou por escrever um livro sobre ela, detalhando sua fonética e o significado de palavras há muito não usadas. Foi o responsável pelo primeiro curso completo da língua, ensinando-a aos jovens e restaurando a tradição, tornando-a conhecida e falada, ampliando a identidade do povo e o reconhecimento de sua diferença. Graças à iniciativa, praticamente 100% dos mais jovens eram fluentes na língua. Seu estudo se tornou obrigatório e o que era apenas um registro no papel se tornou vivo.

Suas iniciativas culturais lhe deu visão diferente do lado sobrenatural, parte da essência da cultura sanbar. Aos poucos foi mergulhando no lado místico, descobrindo-se com vários atributos idênticos ao que leu na história que ele e Xilim tanto exploraram. Já era zugar, mas lhe deu a base para crescer, ganhar o próximo posto e chegar ao atual, tornando-se no líder espiritual de seu povo.

- O que fiz, no final, foi adotar o papel como princípio de vida. Incorporei-o de tal modo que deixei de ser uma pessoa e me transformei em entidade. Até o início da Katanga, não tive questionamentos sobre o meu modo de vida e o papel que exerço entre os sanbares.

Nas comemorações, ao perceber que havia alguém muito mais poderoso do que ele e que era o seu antigo amigo, levou um choque, que o colocou diante de uma realidade que não tinha percebido: havia abdicado da identidade.

Ao cuidar do antigo amigo e refletir sobre o que tinha acontecido, voltou-lhe a sensação de inadequação. Com ela, veio a pergunta: Tinha feito o certo?. Não tinha uma conclusão.

- O primeiro passo que estou dando, iniciando nova mudança, é contar-lhes minhas dúvidas. Não sei exatamente o que vou fazer, nem como. Hoje, tenho uma obrigação, que é mostrar ao Wikse como não ser afetado pelo seu grande poder. Farei por ter sido meu amigo, pelo que já fiz, pelo que conheço e pelo que me transformei. É o que os sanbares fazem e é uma obrigação para o Grande Zugar. Quando terminar, começarei o caminho de volta a mim mesmo.

Os três ficaram em silêncio. Noor não sabia o que dizer. Setala olhava admirado o antigo discípulo. O ar parecia denso e a presença do Grande Zugar, um pouco maior. O que viam era não só o enorme homem, mas uma áurea que também os envolveu. De certa forma sentiram o que ele estava sentindo e viram o que pretendia ensinar a Xilim. Era como se estivessem em um lugar irreal, difuso, mas que, ao mesmo tempo, lhes trazia clareza dos acontecimentos, unindo-os e os levando a entender o que lhes fora dito. Foi Noor quem rompeu o clima.

- Obrigado por nos contar, Grande Zugar. Vou lhe ser eternamente grato pelo que fez pelo Xilim. Queria tirá-lo daqui o mais rápido possível e foi para me apoiar que chamei o Hari. Depois do que nos disse, não mais o farei e vou esperar que nos diga quando estiver pronto.

Quando o Grande Zugar se levantou e dirigiu-se ao aposento onde Xilim descansava, era alguém diferente. Setala o viu como o jovem chegado a Alta e ao seu escritório em busca de orientação. Ele havia crescido, se modificado, transformado em homem e em líder de um povo. Pensou que certamente tinha feito muito mais do que havia sonhado enquanto jovem e que também pela sua ação tinha o direito de voltar a ser ele mesmo. Uma coisa que Matti não

disse – talvez por não ter percebido – é que ele, o professor e Xilim tinham histórias de inadequação.

Os três as superaram e conseguiram sucesso.

\*\*\*\*\*

Setala voltou para Alta e Noor ficou em Tetama para acompanhar Xilim e os arranjos que o levariam para a sétima tribo e aos ensinamentos do Grande Zukar. Com a ajuda de Taitomo arranjaram uma casa e, contando com Maioro, equiparam-na, tornando-a um lar provisório. Noor gostou da pequena cidade que, de alguma forma, a lembrava de Enaima. Descobriu que os sanbares eram muito gentis e sempre dispostos a ajudar.

Entre deixar Thuanides e começar seu treinamento, Xilim levou mais de duas semanas para a plena recuperação. Na primeira delas, ficou na tenda do Grande Zukar e Noor mudou-se do hotel para ela. Na segunda, seguiram para Coomata, onde Xilim seria instalado. Foram recebidos por Taitomo e Maioro, que praticamente os impediu de irem para uma habitação comunitária. Tinham uma casa grande com uma suíte disponível e os dois se instalaram nela enquanto providenciavam o local onde Xilim ficaria até completar seu treinamento.

Noor mudou seus planos e as férias em Tetama se prolongaram. Ela só retornou a Ourea para a nova temporada e como já tinha feito antes usou o antigo repertório, repetindo músicas de maior sucesso e intercalando-as com outras. A exemplo do que fazia em relação a Alta, a cada mês arranjava uma semana para passar com Xilim. A logística era um pouco mais complicada, mas Karle cuidou para que funcionasse. O ir e vir, de certa forma, havia restabelecido a normalidade na sua vida. Era o que fazia desde que reencontrou Xilim e, olhando o futuro, a única modificação que pretendia fazer a curto prazo é ter o seu primeiro filho.

A convivência com os sanbares deu nova perspectiva da cultura do povo a Noor. Descobriu que tinham uma ótima música, tanto a mais moderna, quanto a antiga. Foi a muitas apresentações e voltou a acalantar a ideia de gravar músicas antigas que falassem de amor. Ela as vinha coletando e sua coleção havia enriquecido com o que vinha ouvindo nas viagens a Tetama e na estadia em Coomata. Como antes do primeiro colapso de Xilim, tinha o que queria: a música e o amor de sua vida.

\*\*\*\*\*

Havia mais de uma semana que Wikse tinha ido para Ethara e Alima não tinha notícias dele. Estava preocupada. O que é que os anciãos estavam fazendo que precisavam retê-lo por tanto tempo? Será que não lhe dariam folga, permitindo que voltasse a Teato para encontrá-la? Ela o queria de volta, mas não podia se antepor à decisão dos anciãos. O que podia fazer era ir ao encontro dele. Procurou Hyam para conversar.

- Hyam, você tem alguma notícia do Wikse?

Ela lhe disse que não. Os anciãos não lhe deviam explicações e se não tinha voltado é que ainda precisavam dele. Adotou a atitude típica dos tetamaos, que tinham total confiança em seus anciãos e respeitavam as decisões que tomavam sem questionar. Alima achou passiva a atitude de sua Facilitadora e anunciou que iria a Ethara, saber o que estava acontecendo com Xilim, mesmo que precisassem dela na comunidade.

Durante a semana, deu o máximo para realizar e completar suas tarefas. No sábado pela manhã pegou o trem e foi para Ethara. Ao chegar, foi direto à procura de Kareen, o elo que a ligava e ao Wikse aos anciãos. Como das vezes anteriores, encontrou-o no escritório.

- Bom dia, Kareen. Você sabe onde posso encontrar o Wikse? Queria falar com ele e ver se está tudo bem e, também, se não poderia voltar para a comunidade nos finais de semana. Iria nos ajudar e poderíamos ficar juntos.

- Alima, o Wikse não está aqui, em Ethara. Ele está cumprindo missão para os anciãos, acompanhando uma visitante estrangeira. Ele vai levá-la a vários locais de Tetama e só deve voltar dentro de mais uns 25 dias.

Alima não precisou perguntar para saber que a visitante era uma cantora famosa e que os anciãos consideraram importante sua visita, pois poderia divulgar as belezas de Tetama e atrair mais turistas. A importância era tamanha que haviam adiado o início do novo tratamento do Wikse, que só começaria após seu retorno.

- Não sei exatamente onde ele está nesse momento. O que sei é que foi recomendado que dê toda atenção e ajuda à visitante. É possível que estejam em Thuanides, mas não sei ao certo. Desde que partiu não entrou em contato.

- Quem é a cantora, Kareen?



- Ela é de um planeta chamado Ourea. Lá, faz muito sucesso. Ouviu falar de Tetama e quis visitá-lo para conhecer a nossa cultura. Os anciãos esperam que goste e que isso nos traga muitos outros turistas.

Alima não ficou satisfeita com as explicações de Kareen. Perguntou-lhe se não poderia falar com Ayyub e pediu-lhe que lhe perguntasse.

- Posso perguntar, mas ele tem as mesmas informações que eu. Irá repetir o que lhe disse. Não sei e ele também não sabe onde o Wikse está. Sabemos a região em que se encontra, mas não em que comunidade.

Ayyub recebeu Alima e como Kareen havia previsto não acrescentou informações ao que já sabia. Ela ficou frustrada e seu temor aumentou. Saiu de Ethara com a sensação que tinha alguma coisa errada e que não lhe tinham dito.

\*\*\*\*\*

Após receber Alima, Ayyub chamou Kareen para uma conversa, contando-lhe que Wikse havia sofrido novo colapso em Thuanides e que estava sob os cuidados do Grande Zukar dos sanbares. Os anciãos não tinham como interferir, mas poderia pedir informações sobre o estado dele, embora ainda não o tivessem feito. Era um assunto em discussão e não haviam chegado à decisão.

- Não deve dar essa informação a ninguém, principalmente a Alima. Vamos esperar, pois temos exemplos anteriores de um segundo colapso levar à recuperação das memórias. Se for o caso de Wikse, ele sairá de nossa alçada e será quem irá tomar as próximas decisões, inclusive em relação a Alima. Vamos esperar e ver o que vai acontecer.

## APRENDIZADO

O primeiro ano foi difícil e graças a paciência e gentileza de Matti, Xilim não desistiu. Voltou-lhe a sensação de deslocamento, de não pertencer àquele mundo tão estranho e, ao mesmo tempo, tão igual. A amizade de Taitomo e Maioro foi outro componente importante. Ela, mais que o Grande Zukar, é que lhe explicou e lhe chamou a atenção para vários pontos da cultura sanbar, ligando-as à crença e à prática cotidiana, no que estava incluída a haroa, seu exercício e controle.

Aos poucos, como havia acontecido após o primeiro colapso, foi se integrando e a sua vida foi ficando mais fácil, a não ser pela situação de Alima. Era-lhe muito agradecido e jamais poderia pagar o que ela lhe deu, dedicando-lhe o seu tempo e o seu amor que, como Wikse, havia correspondido. Não era mais quem ela conheceu e amou, tendo, novamente, se tornado em uma pessoa diferente. Ele precisava resolver a situação, mas não sabia como fazê-lo e recorreu aos conselhos do Grande Zukar. Ele foi direto, dizendo-lhe que devia dizer a verdade, mesmo que ela magoasse.

Reconheceu que era o certo a fazer, mas temia pela reação dela. Era uma situação estranha. Tinha amado Alima – e o passado era correto – mas a recuperação das memórias tornou esse amor apenas uma boa lembrança. Sua ligação com Noor falou mais alto e era para ela que voltava seus pensamentos. Tinha uma dívida com Alima e ela precisava saber que estava vivo e bem, embora não fosse voltar para ela.

Xilim, através dos sanbares, fez contato com Kareen e o informou da recuperação das memórias, da religação com Noor e de sua permanência com os sanbares, pedindo-lhe que informasse os anciãos e lhes agradecesse pelo que tinham feito por ele. Futuramente, iria os procurar e fazer o agradecimento pessoalmente. Como favor pessoal, solicitou que informasse Alima que estava bem e que, no futuro, iria procurá-la.

Como o caso Wikse estava sob a responsabilidade dos anciãos, Kareen levou a eles as informações, vendo-os aliviado pela recuperação do professor e pela retirada da responsabilidade que havia caído sobre eles e Tetama. O polêmico professor deixava de ser problema deles e poderia seguir sua vida do jeito que quisesse e não mais tinham de se preocupar com ele.

- O que vamos fazer em relação a Alima?

A pergunta foi mais formal, pois que a ligara ao Wikse foi os anciãos e caberia a eles definir se falariam com ela ou não. Para sua surpresa, foi o encarregado da conversa, instruído a lhe dizer a verdade e, em nome do Conselho e de Tetama, agradecer pelo que tinha feito. Ao deixar a reunião do Conselho, Kareen saiu pensando que havia se transformado em portador de más notícias, aquelas que o Conselho e seus integrantes não queriam dar a quem eram destinadas. Não tinha opção e chamou Alima a Ethara, não escondendo que o assunto era o Wikse.

Ao receber a notícia, Alima ficou animada e, ao mesmo tempo, temerosa. Sua esperança é que os anciãos restabelecessem o seu status, permitindo que se juntasse ao Wikse, não importando onde estivesse. Tinha uma novidade para lhe contar: teria um filho dele. Seu sonho estava sendo realizado e tinha certeza que Wikse ficaria feliz. Ela havia contornado as proibições que lhe impuseram e tinha conseguido o que desejava.

Havia chegado a hora de saber. Saiu cedo de Teato, chegou a Ethara e foi direto para a Escola de Filosofia à procura de Kareen. Não o encontrou. Esperou, a cada momento mais impaciente. Parecia que havia passado uma eternidade quando apareceu.

- Bom dia, Alima. Obrigado por vir. Me dê mais algum tempo, pois tenho um assunto a resolver, a pedido dos anciãos, e já nos falamos.

Não tinha escolha e esperou. Cerca de uma hora depois, ele a chamou.

- Kareen, o que houve com o Wikse? O que estão me escondendo?

Ela estava irritada e Kareen não lhe tirava a razão. Na situação dela iria querer saber o que tinha acontecido com alguém que amava. Mas havia recebido determinação a lhe dizer a que tinha perdido o seu amor e iria cumprir a tarefa.

- Alima, não escondemos nada de você. Não sabíamos o que tinha acontecido ao Wikse. Agora, sabemos. Ele está com os

sanbares. A informação que deram aos anciãos é que está bem, recuperou as memórias e decidiu ficar na cidade, aperfeiçoando-se sob a orientação do Grande Zugar, uma espécie de líder espiritual dos sanbares.

- Kareen, não sei onde é, mas vou para essa comunidade...

- Alima, espere. Primeiro, me ouça. Depois, pode tomar a decisão que quiser.

A segunda parte da conversa foi a mais penosa. Wikse tinha acompanhado Noor, que Alima havia conhecido de uma visita a Teato. Ela tinha sido a primeira e única namorada dele e os dois viviam juntos, eram companheiros. Ao recuperar suas memórias, havia voltado para ela. Os dois estavam juntos novamente.

- Esta é a situação. O Wikse que conheceu e amou não existe mais. O que temos é o antigo Dr. Achilles Wikse, que nada tem a ver com Tetama, Teato ou com o nosso povo. Ele voltou ao que era, religando-se a pessoa que sempre amou. Agora, para nós, é apenas mais um visitante.

Os anciãos haviam colocado Wikse no novo caminho ao determinar que acompanhasse Noor, assim como pediram que não desse detalhes do que tinha acontecido com ele, nem o que estava fazendo. Atendeu os anciãos, mas como fazia muitas vezes, do seu jeito. Não podia simplesmente deixá-la sem saber. Ela tinha feito mais do que lhe haviam pedido e merecia ser informada do que tinha acontecido.

- Alima, o Wikse não voltará para Teato. Os anciãos foram informados que retornará à sua vida antiga. Os anciãos não vão interferir. Consideram que, agora, é responsabilidade dos sanbares e respeitamos o que eles fazem. Sei que gostaria de ir ao encontro dele, mas não será possível.

Kareen foi muito além do que lhe haviam pedido e explicou a Alima quem era os sanbares e como viviam, ressaltando sua independência e que não se submetiam aos anciãos, como os tetamaos. Quem os liderava era alguém chamado de Grande Zugar e Wikse estava sob os cuidados dele. Para chegar ao Wikse era necessário um pedido dos anciãos, que não o faria. Se antes tinham um problema, com a perda de memória do professor, já não o tinham mais. Estavam aliviados e deixariam a vida seguir adiante.

- A decisão dos anciãos é que volte para a sua comunidade e siga adiante. O Wikse, tanto para você, quanto para nós, é passado. Mas

se tomar a iniciativa de procurá-la, não vamos interferir. Ele é livre para fazer o que desejar, incluindo voltar para Teato e para você.

Alima ficou irada com Kareen e com os anciãos e desolada por ser impedida de procurar Wikse. O que eles não sabiam – e não iria lhes contar - é que tinha um segredo e que o guardaria muito bem, distante dos olhos deles.

\*\*\*\*\*

O primeiro aprendizado de Xilim com o Grande Zukar foi a meditação. Da primeira tentativa até conseguir se concentrar e limpar sua mente foram seis meses e na sua primeira vez ficou assustado. Ele tinha conseguido isolar-se do mundo exterior, mas não de seu próprio corpo, cujas funções “ouvia” e acompanhava. O esforço para se manter concentrado foi tremendo, mesmo assim sua concentração durou apenas alguns minutos.

Ao abrir os olhos, o seu mestre estava à sua frente, sorrindo.

- Vi que conseguiu se concentrar. O que descobriu?

- A única palavra que me ocorre é assustador, mas ela não é apropriada. É como se o mundo não existisse, sendo eu a única presença nele.

- Para quem não é sanbar, o que fez é um grande passo. Nós próprios temos dificuldades. O mundo está tão entranhado em nós que não conseguimos nos afastar dele, concentrando-se em nós mesmos. Acho que assustador é a palavra correta para a primeira experiência. Você deu um passo importante e vai ficar mais fácil.

O Grande Zukar estava certo. Xilim foi se aperfeiçoando, não só na concentração, mas em outras áreas que jamais pensou existir. O que lhe deixou maravilhado é que, se o desejasse, podia “ouvir” o mundo à volta, determinando presenças e atividades. Era ainda mais assustador que ouvir o próprio corpo. Ao fazer a descoberta, lembrou-se da ligação de mentes, que os anciãos iriam tentar com ele. Ele a estava experimentando e se maravilhava com a experiência, que também lhe trazia muito medo.

- Matti, ainda não entendo a haroa. Mas começo a perceber como é que a usam e como a dominam. Ela pode nos dar ferramentas fantásticas, mas é também uma arma. Se concordei com este treinamento antes, agora tenho absoluta certeza de sua necessidade.

- Você deu mais um passo importante. A haroa é algo espontâneo. Nascemos com ela. Alguns com maior grau, outros,

com menos. Devido à nossa crença, para os sanbares o aprendizado é mais fácil e começa quando a haroa é descoberta, ainda na infância. Para adultos, é mais difícil. Você me surpreende pela rapidez com que está aprendendo. Achei que teria muito mais dificuldades.

\*\*\*\*\*

Noor estava a duas semanas do final da temporada e já tinha tudo preparado para voar para Tetama ao encontro de Xilim. De certa forma, havia voltado à sua rotina após o intervalo em que o amado havia se ligado a outra mulher. Era-lhe uma lembrança distante, como se tivesse sido um sonho ruim. O seu Xilim tinha voltado, havia recuperado o amor e o sucesso veio na onda dos dois, com uma das temporadas mais exitosas de sua carreira. Ela estava feliz e sua felicidade seria ainda maior se os dois pudessem retornar a Alta. Quando o fizessem, tinha planos de ter seu primeiro filho.

Ao ouvir a contagem regressiva para sua entrada no palco, colocou o pensamento em Xilim de lado e concentrou-se na música, relembando a sequência do show e o que havia preparado para o bis. A banda estava pronta e, no um, começou uma das músicas mais conhecidas e cantadas de sua carreira. Ela continuou nos bastidores e entrou apenas com a voz, ouvindo o aplauso do estádio. As luzes estavam na banda e só a revelou quando à frente do palco e no meio de uma das partes em que a audiência a acompanhava em uníssono. Era arrepiante ver o estádio lotado cantando a música, fazendo coro a ela e abafando sua própria voz.

No dia seguinte, teria novo show com o estádio cheio. Os ingressos haviam esgotado em menos de 2 horas, uma audiência fiel e cada vez maior, ansiosa por ouvi-la e participar das músicas que mais gostavam. A música lhe dava energia e sentia-se plenamente feliz e completa, não só pela acolhida de seus fãs, mas por saber que Xilim a esperava. E foi pensando no reencontro que terminou o show. Na semana seguinte estaria em Ourea para as três últimas apresentações.

Ao terminar a temporada, não mais seria a estrela, apenas uma mulher apaixonada que iria ao encontro de quem amava.

\*\*\*\*\*

O Grande Zukar tinha iniciado o caminho da mudança pessoal e na representação que tinha assumido e na qual tinha sido submerso. A médio prazo queria retornar ao que foi, reassumindo

sua primeira identidade e tornando-se mais um cidadão sanbar, não uma espécie de deus. Quando a transformação se desse, ele não mais seria o grande líder, mas apenas um dos líderes de seu povo. Tinha consciência de suas responsabilidades e não iria fugir delas.

Um dos caminhos que tomou foi dedicar-se mais à família, tornando-se mais presente. E foi neste espírito que contou a Xilim sua trajetória, convidou-o para sua casa, apresentou-lhe a esposa, Mere, e os filhos, surpreendendo-o ao descobrir que Maioro era sua filha. Ele lhe tinha falado dela, mas era como se referisse a uma estudante, alguém que, como ele fazia em relação aos mestrados e doutorandos, estivesse orientando.

Aos poucos, Xilim foi ficando mais próximo da família, fez amigos e, da estranheza inicial, começou a fazer parte da paisagem local, mais um que o Grande Zukar ensinava. E foi com essa aproximação que descobriu não ser a grande tenda a residência do líder. Ela era o símbolo do seu poder e importância, mas vivia em uma casa idêntica a da maioria. Tinha esposa e filhos, alguns adultos, como Maioro. Era surpreendente e, ao mesmo tempo, tão comum, que fez nascer em Xilim o desejo de ter sua própria família. Foi a primeira vez que efetivamente pensou em casamento e em ter filhos com Noor.

Com o aprendizado Xilim foi mudando. Nada tão aparente, mas sua visão de mundo foi ampliada e baixou barreiras que, antes, tinha sempre levantadas. O conhecimento pessoal lhe deixou mais confiante e ampliou o número de pessoas com quem fez amizade, o que o levou a frequentar outras casas que não as de Matti e Maioro. Sua nova disposição o levou a aceitar o convite da Universidade Sanbar para palestras e de ministrar curso sobre História, focando nos pontos que considerava importante e no relacionamento entre religião e sociedade, que já tinha explorado.

Estabeleceu uma rotina. Pela manhã, duas vezes por semana, dedicava-se à Universidade. Nos outros dias, ficava à disposição de Matti e dos ensinamentos que lhe estava proporcionando. Aprofundou-se na meditação, no controle corporal, nos exercícios de relaxamento e os foi incorporando no seu dia a dia, tratando sua sensibilidade como uma coisa comum. Exercitava-a quando necessário, mas a recolhia e a controlava para não afetar outras pessoas. À medida que foi aprendendo os controles, ficou mais tranquilo. Considerou que, depois de muitos anos, estava em paz.

\*\*\*\*\*

Noor chegou a Coomata, incorporou o papel de esposa e vendo Xilim mais integrado, acompanhou-o. Vieram novos amigos, novas descobertas, sobretudo em relação a música. Os sanbares eram muito musicais e tinham um vasto repertório de canções. Participou, como espectadora, de algumas apresentações, a maioria escolhida por Maioro, que queria aproximá-la da cultura local. Gostou de muitas músicas, achou outras estranhas e muito diferentes do estilo que tinha adotado.

A proximidade e a ampliação do círculo de amizade fez com que voltasse a considerar a gravação de um álbum com músicas de vários locais que falassem de amor. Uma delas, que tinha conhecido em Alta devido a curiosidade de Xilim, iria ser o destaque do trabalho. Por curiosidade, havia reunidos outras, tão ancestrais quanto a primeira. O contato com os sanbares lhe trouxe novas melodias e o projeto foi colocado na linha de produção. Noor deixou de lado a escolha de um novo repertório e dedicou-se a escolher 10 diferentes músicas que iriam compor o seu novo álbum. Algumas iriam entrar nos seus próximos shows.

A proximidade com os sanbares, a acolhida de Mere e de Maioro, levaram-na a descobrir outro aspecto da cultura local: a comida. As vezes, era exótica, mas os pratos eram deliciosos. Foi Mere quem lhe preparou o primeiro bobotie “como deveria ser”. Ela já o tinha provado em Thuanides, mas era diferente. O prato que Mere lhe apresentou era delicioso e tornou-se um dos seus preferidos. Maioro contribuiu para o seu conhecimento da culinária sanbar fazendo outros pratos. Com o passar dos dias, Noor concluiu que nunca tinha comido tão bem.

O único senão de sua primeira estadia mais longa em Coomata foi o fato de Xilim não voltar com ela, restabelecendo-se em Alta. Quando comentou a possibilidade da volta, ele lhe disse que ainda não era hora. Tinha muito a aprender, até chegar a um controle satisfatório de sua haroa. No atual estágio, era como uma criança de 5 anos. O que sabia não era suficiente e só aprenderia se continuasse sob a orientação de Matti, usando o nome pelo qual tinha conhecido o Grande Zukar em Alta.

\*\*\*\*\*

Xilim sentia-se em casa em Coomata, tinha ampliado sua participação na Universidade e recebido convite para tornar-se professor permanente, mantendo os ganhos e condições de pesquisa que lhe ofereciam em Alta. Era uma oferta atraente, mas em contato com Hari, ele lhe disse que sua cátedra continuava à sua



disposição e que a Universidade considerava-o um de seus mais importantes mestres. Sentia-se como se tivesse uma dívida para com a escola e seus colegas devido ao afastamento forçado.

Na época, Hari providenciou para que fosse licenciado e afastado de suas atividades docentes. Inicialmente, a licença foi por dois anos. Ela foi renovada por mais dois, quando não se recuperou e novamente prolongada, após o colapso em Thuanides. Mais do que a maneira como agiram em relação a ele, Xilim sentia que a Universidade de Alta era o seu lugar e foi o que disse a Matti e aos dirigentes da universidade sanbar, que haviam feito o convite. Voltaria a Alta, mas anualmente daria um curso de verão em Coomata, o que coincidiria com as férias escolares de Alta, época em que Noor estaria em Ourea, cumprindo seu roteiro de concertos.

Estava quase na hora de voltar, mas quem daria a última palavra seria o Grande Zukar. E ela veio cerca de um mês depois de discutirem se ficaria em Tetama ou se regressaria a Alta. Em uma de suas avaliações periódicas, Matti lhe disse que não tinha mais nada a lhe ensinar sobre os controles da haroa, considerando-o apto a se proteger de um possível novo colapso e de a controlar, para que não afetasse outras pessoas. Cabia a ele decidir o que faria.

- Pessoalmente, gostaria que ficasse, até pela maior proximidade que criamos e pela possibilidade de lecionar na Universidade. Mas é uma decisão que não pretendo influenciar, deixando-a com você. Avalie bem. Vou apoiá-lo no que decidir.

Xilim pediu um tempo para pensar. Poucos dias depois procurou Matti e lhe disse que retornaria a Alta. Repetiu a mesma decisão para os dirigentes da universidade e foi quando acertou a realização dos cursos de verão. Estaria de volta a tempo de reencontrar Noor, quando sua temporada terminasse. Mas ainda lhe restava uma pendência em Tetama: Alima.

Não podia partir sem antes falar com ela.

\*\*\*\*\*

A conversa não foi fácil, como supôs que seria. Como explicar que ele não era mais ele, mas havia voltado ao que era antes? Para os dois era inusitado, mas tinha a vantagem de ter tido outro amor, por quem esperou muitos anos e com quem queria continuar.

- Alima, o Wikse que dois anos viveu com você a amou de verdade. Não sou mais ele. Ao recuperar as memórias voltei ao que era antes, quando cheguei a Tetama e me conheceu. Não posso e não quero fingir, enganando-a. Pelo resto da vida vou lhe ser grato.

Você foi importante na minha vida e não vou esquecê-la. Terei doces lembranças de nossa vida juntos. Fui feliz, mas não vou fingir que continuo o mesmo. Não seria justo com você...

Antes que ele terminasse, Alima levantou-se e saiu. Ela foi estoica até certo ponto e sentindo que não mais resistiria ao choro, preferiu abandoná-lo. Seu coração estava despedaçado. Ela o havia perdido, o que era seu maior temor. O estrangeiro que a encantou e que se transformou em seu companheiro, tinha mudado. Ela era impotente para mudar a situação. O que lhe restava fazer, pelo menos de momento, era chorar. Esquecê-lo, não iria. Mas teria de tocar sua vida para a frente.

Xilim queria que fosse diferente, mas não voltou a procurar Alima, entendendo o sentimento dela e a perda, tão grande quanto a sua quando tinha sido afastado de Noor. Talvez o tempo mudasse o que Alima sentia, mas do lado dele não seria justo dar esperanças a ela. Uma coisa tinha clara: era muito grato a ela e jamais iria esquecê-la e ao que lhe deu de amor e de atenção.

\*\*\*\*\*

Xilim tinha cumprido o seu roteiro, terminando-o com a penosa conversa com Alima. Era hora de reencontrar Noor. Deixou a Escola de Filosofia, onde a conversa tinha sido realizada, e retornou ao hotel. Dele, saíram direto para o espaçoporto.

No hotel, antes de subir para o quarto, parou no restaurante e fez um pequeno lanche. Satisfeito, subiu. Bateu levemente na porta do quarto e entrou.

- Noor, estou pronto para voltarmos e recomeçarmos. Dessa vez, sem mais percalços. Vamos aproveitar a vida que ainda temos.

Ela caiu nos seus braços, beijaram-se e ficaram juntos, quietos, por um bom tempo.

\*\*\*\*\*

Exílio, perda, medo, reconquista, reencontro, afastamento, temor e distância. No final, o amor venceu. Abraçados e em silêncio, tinham a promessa do futuro e estavam certos de poder construí-lo juntos, cumprindo a promessa que fizeram um ao outro ainda na adolescência.



***Outras  
Histórias***

## UMA EXPLICAÇÃO

A história de Xilim e Noor, inicialmente ia mais adiante e envolvia contar, também, parte da vida de Hari Setala, falando de sua infância, família e, mais adiante, da ligação com uma ex-aluna. Além disso, avançava pela família de Xilim e seus filhos, já adultos.

Com o desenvolvimento da história, os detalhes sobre a família de Xilim não avançou e a razão é que, no final, ficaria um livro muito volumoso, com excesso de detalhes que não eram tão importantes para a trama e seu desenvolvimento.

Se a participação de Hari Setala foi fundamental na vida de Xilim e no livro, falar de sua família, não era. Já a opção por deixar a família de Xilim de lado, principalmente em relação aos filhos, foi tomada para não alongar a trama, torná-la mais complicada e longa.

Assim, mesmo que já tivessem sido escritas, as duas histórias que aqui são acrescentadas ficaram de fora do livro principal, mas como são histórias paralelas ilustrativas do que aconteceu no universo de Xilim, decidi publicá-las à parte.

Espero que gostem.





*A história de*  
**Hari Setala**



Depois de um dia agitado, em que bancou o cicerone para a médica Eryn McGregor, que tinha avaliado Xilim, em Tetama, Hari Setala foi para casa, chegando ao anoitecer. A meia penumbra do fim do dia era acentuada pelas cortinas parcialmente fechadas, dando à sala ambiente de contemplação. Hari se sentiu nostálgico. Deixou suas coisas no quarto, voltou à sala e à poltrona preferida, quase de frente para a janela e o por do sol, colocou um de seus playlists de música antiga e sentou-se, meditativo.

Ao fundo, a música fluía suavemente, subindo e descendo ao som das cordas e da voz que destacava a melodia. Hari gostava de ler e de pensar ao som da música, que o relaxava. Envolvido pela bela canção, ficou pensando em Noor e Xilim e no que vinham passado – amigos, amantes, separados, juntos e novamente à parte. Se fosse romancista, podia escrever uma saga com base na história. Se poeta, um belo tema de amor, paixão e desilusão. Como músico, poderia transformar a história em canção triste e melancólica, daquelas que são cantadas por gerações.

A nostalgia acabou levando-o a pensar no passado, já distante. Há décadas havia perdido parte da vida, afastado dos familiares e do local onde nasceu e cresceu. Fez as contas e descobriu que há mais de 10 anos não visitava a família. O pai continuava bem e não mais o detestava, mas sentia falta da mãe. A última visita à casa dos pais não terminou do jeito que imaginara. Acabou se desentendendo com o pai e dissera o que não tivera coragem de dizer quando partiu. Era dono do próprio nariz, não lhe devendo satisfações. Tinha superado o abandono, provocado por crença descabida de quem era mais ultrapassado que a ultrapassada cultura em que vivia. Ofendeu o pai e fez a mãe chorar, do que se arrependeu.

Na visita, Hari chegou sem avisar, fazendo surpresa à mãe, que aniversariava. Aproveitando o pretexto do aniversário, irmãos, cunhados, filhos e netos, juntaram-se para comemorá-lo, revivendo as velhas tradições familiares. Hari ficou encantado. Era o momento família que não vivia há anos. Conheceu sobrinhos, conversou com irmãos, viu a casa cheia e soube de planos futuros, sonhos como os que tivera e que contribuíram para o afastar. Ouviu mais do que falou, mas ressaltou a posição segura que ocupava na Universidade de Alta.

Estava feliz com o que fazia e suas pesquisas não se restringiam apenas à história, mas enveredava pela música, que sabiam ser uma de suas paixões.

Apesar das velhas feridas, Hari ficou satisfeito de saber que o pai havia galgado degraus na hierarquia da Igreja, chegando ao segundo posto mais importante e com possibilidade de comandar a instituição em nível planetário. Se para Hari o pai era muito conservador, no espectro da religião que professava e da qual era dirigente, podia ser considerado moderno e inovador, equilibrando-se entre o mais tradicional e ações mais abertas. Agia como conciliador, permitindo algumas práticas, satisfazendo os mais liberais, e proibindo outras, agradando os conservadores. Sua posição era de não impedir o progresso, mas também não apressá-lo, o que poderia colocar em choque o que a Igreja levava séculos para construir. Era um bom articulador e mostrara isso.

Hari achava ter superado o ressentimento contra o pai devido ao exílio – como classificava sua saída de casa e do planeta. Admitia ter sido rebelde e confrontado o pai, que agiu no sentido de preservar a família. Ou pelo menos pensou que sua ação fosse nesse sentido. E foi duro, afastando o filho, colocando-o à parte. O que lhe caíra como punição, acabou transformando Hari Setala no que era, abriu-lhe horizontes, levou-o a lugares desconhecidos, conheceu novas pessoas, estudou, cresceu intelectualmente e enriqueceu culturalmente. Talvez se não fosse a ação do pai não teria nada disso. Mas, lá no fundo, ainda havia ressentimento.

Na nova trajetória descobriu que mantinha o cerne da crença religiosa em que fora criado, mesmo depois de ter renegado a religião da família e se transformado em agnóstico. Na família, Hari não existia. Ao nascer, recebeu o nome de Mariko, escolhido com base em nomes familiares ancestrais. Mas ninguém o chamava assim, usando o apelido, Maro. A visita lhe trouxe, também, a sensação de recuperar algo que havia perdido. Fora do pequeno mundo familiar, era Hari Setala, conhecida autoridade acadêmica em História Antiga e Música Religiosa. Seus livros eram referência, principalmente o que historiava o nascimento das religiões, obrigatório para os que queriam entender o espírito religioso.

Outro, que dissecava os meandros da música religiosa também tornara-se referência para os que estudavam as crenças e se interessassem pelo assunto. Nos dois campos, era autoridade, com seu prestígio indo além dos limites de influência da Igreja e do pai. Para todos os efeitos, tornara-se exemplo para os familiares. Hari não tinha voltado em busca de reconhecimento, mas ficou satisfeito quando o pai confessou que tinha orgulho dele e do que fizera, mesmo reclamando da escolha do nome.

Na família – e no seu planeta de origem – as pessoas tinham nomes públicos e nomes internos, chamados de “nomes íntimos”, dado quando a criança era batizada e reconhecida como filha da Igreja. Podia ser usado nos cultos, mas nunca publicamente. Hari Setala quebrou a tradição.

\*\*\*\*\*

Desde que deixara a casa dos pais, Hari sempre viveu sozinho – tal como o Noor e Xilim. O fato de não ter esposa e não aparecer com namoradas, gerou a suspeita que fosse homossexual. O boato se espalhou e começou a receber “cantadas” e propostas de outros homens. Surpreso, decidiu deixar claro que era hétero, gostava de mulheres, mas não de publicidade e de casos duradouros. Seus relacionamentos eram discretos e também sua postura.

Entendia sexo como questão privada, nada que fosse tratar publicamente, gabando-se de seus dotes e de sua potência sexual. Hari se sentiu incomodado com os boatos e decidiu colocar um fim neles. E foi fácil conseguir. Envolveu-se com uma colega, bonita, atraente e fofoqueira. Aproximou-se dela, galanteador, e a convidou para jantar. Depois de dois encontros, estavam na cama e Hari pode mostrar sua perícia sexual. Tiveram alguns encontros, mas o caso não durou. O resultado foi o esperado. E as fofocas acabaram.

Foi pouco depois que, contrariando suas próprias regras, envolveu-se com uma aluna do Doutorado. Aniina era brilhante, bonita, falante e extrovertida. Exatamente o oposto dele e foi o que o atraiu. Ela começou a provocá-lo, talvez em razão das fofocas do campus. Inicialmente resistiu, mas acabou conquistado. Devagar, sem se insinuar, sem pedir nada, Aniina foi se aproximando e, quando Hari se deu conta, estavam envolvidos.

Nos três anos do Doutorado de Aniina ficaram juntos, sem que ela nada exigisse. Foi um tempo bom, de calma, e aproveitou. Nina, como a chamava carinhosamente, obteve seu doutorado com louvor, deixando-o orgulhoso. A tese foi transformada em livro e a aluna e amante recebeu convite para ocupar cátedra na principal universidade do seu planeta de origem. Hari ficou feliz pelo sucesso da amada, mas despedaçado pela perda. Despediram-se em noite de intenso amor. Não disseram adeus, mas Aniina se foi. Hari voltou a ficar sozinho.

Revolvendo o passo, veio-lhe novas lembranças ligadas a Nina.

\*\*\*\*\*

Seus pensamentos foram cortados pelo chamado da campanha. Levantou-se e, do lado de fora, viu um jovem alto e louro à espera, como se receoso do que acabara de fazer. Abriu a porta e, antes que dissesse qualquer coisa, o jovem se desculpou pela abordagem, mas só a fez por ter necessidade de lhe falar. Hari convidou-o para entrar.

- Professor Setala, desculpe-me por importuná-lo, mas achei que tinha o direito de saber e tomei a decisão de lhe contar. O senhor e Aniina, que foi sua aluna, se relacionaram, mas não sabe que é pai de uma bela criança?

Hari ficou estupefato, sem saber o que dizer.

- Aniina é minha prima, minha melhor amiga, e um dos orgulhos da família. No lugar onde vivemos não somos pessoas de destaque. Por isso, ter um familiar reconhecido é motivo de orgulho. Ao lado disso, sou dos parentes mais próximos de Nina - sim, sei que é assim que a chamava - e nunca consegui entender a razão de não lhe ter contado que tem um filho seu. Aliás, se souber que falei com o senhor, é capaz de cortar as relações comigo.

- Você tem certeza disso?

O jovem confirmou e lhe contou a história. Algum tempo depois de retornar e assumir a cátedra Nina descobriu a gravidez e, apesar da oposição da família, resolveu ter o filho, mas por mais que insistisse, não revelou quem era o pai. Quando o filho fez um ano, contou ao primo e amigo que o nome dele era um homenagem ao seu mestre, confessou o seu caso com ele e lhe fez jurar que nada revelaria à família, nem a ninguém. Era o segredo dos dois e pediu que não contasse nem à esposa. Quebrar a promessa significava a perda da amizade. Mesmo depois da confissão, nunca falava sobre o pai da criança, desconversando quando o assunto era abordado.

- Professor, Nina continua amando-o e este amor parece ter crescido com o nascimento do filho, que é muito parecido com o senhor.

A conversa durou e o visitante afirmou que, mais de uma vez, ouviu Nina dizer que o relacionamento com Hari foi a segunda melhor coisa que lhe acontecera, e que lhe deixara a melhor coisa, o nascimento do filho. Mesmo admitindo seu amor, jamais iria contar a ele a existência do filho, e Martti, o nome primo de Nina, vira a criança crescer e, chegando aos quatro anos, cercado por primos e colegas, começou a questionar a ausência do pai.

O pequeno Hari era, dentre os primos e amigos, o único que não conhecia o pai e nada sabia dele. Martti não considerava a situação justa, principalmente por ter sofrido ausência paterna, pois havia perdido o pai muito cedo. Sempre tivera, como ocorria com o pequeno Hari, o suporte da família, mas sentia falta da sua presença. E foi pensando no que passou que decidiu contar ao professor a existência do filho.

- Ao lhe contar, professor, posso perder a amizade da Nina. Acho que vale o risco. Não sei o que fará e não é minha intenção levá-lo a qualquer tipo de ação. Apenas achei que devia saber que tem um lindo

filho. Desculpe se o estou incomodando ou causando problema. Se tiver interesse, posso lhe dar os contatos da Nina.

Hari preso à surpresa e reflexivo com a infirmação recebida, sentou-se. Era a segunda vez na vida que uma informação lhe deixava abalado e estático, como se não conseguisse pensar direito. Era estonteante. Jamais pensara na possibilidade de um filho. Jamais planejara ter um. Gostava de sexo. Praticava-o com frequência, mas nunca tinha pensado nas consequências dele, gerar crianças, dar início a novas vidas. De chofre, era confrontado pela realidade: era pai. O que mudaria em sua vida? Não sabia, mas tinha de fazer alguma coisa.

- Como pode observar, estou chocado e sequer perguntei seu nome. Desculpe. É um grande impacto. Nunca poderia imaginar a Nina grávida. Esporadicamente, ainda mantemos contatos, principalmente sobre o trabalho dela. Não nos vimos depois do Doutorado. Não podia imaginar que estava levando um filho meu. Muito obrigado pela informação. Aceito sim os contatos. Vou pensar no que vou fazer.

O jovem Martti lhe passou os contatos, pedindo que o encontro deles jamais fosse mencionado, pois Nina não o perdoaria por revelar o segredo. O jovem despediu-se e partiu. Hari continuou parado e pensativo.

\*\*\*\*\*

A notícia de que tinha um filho deixou Hari meio desnordeado e pensativo por dias, traçando cenários e testando hipóteses, como se fizesse trabalho acadêmico, teorizando sobre algo. Depois de idas e vindas, concluiu que só indo até Nina é que saberia o que poderia acontecer. Tinha de ver o filho, mas o primeiro problema era como chegar até Nina sem despertar suspeitas de que fora informado da existência do pequeno Hari. A partir do momento em que Martti lhe revelou a existência do filho, Nina e a criança não lhe saíram da cabeça.

A situação o fez refletir sobre seu relacionamento com Nina e constatou que não só a amava, mas que fora a única mulher por quem se apaixonara de verdade. De certa forma, Hari ficara em situação semelhante a de Xilim e Noor, agravada pela aparição do filho. Se pudesse voltar no tempo, Hari teria pedido a Nina que ficasse, mas deixou-a ir. Agira racionalmente. Não queria – e não podia – impedir o crescimento intelectual da amada, que certamente trocaria a posição oferecida por continuar a seu lado. Bastava pedir. Contentou-se com a última noite de amor e a viu partir. As lembranças e a sensação de perda lhe doíam. Quer ironia: até o encontro com Martti, pensava em ter um caso com a bela e conhecida Eryn McGregor.

Imerso nos pensamentos, não viu a noite chegar. O que o

despertou foi o fim da música. Estava com fome e prepararia o jantar. Separando os ingredientes, lembrou-se de ter sido introduzido na cozinha por Nina, primeiro como auxiliar. Depois, para agradá-la. Não moravam juntos, mas pelo menos duas vezes na semana dormia em sua casa e também cozinhava, mimando-o com pratos diferentes. Aprendera a cozinhar para retribuir, apresentando-lhes pratos que não estava acostumada a fazer. Fora um tempo bom: conversas inteligentes, risos, carinho e muito sexo. O melhor momento em sua vida pessoal, passado na companhia de quem o amava, era inteligente e divertida.

Diante da realidade de Noor e Xilim, via que vivera o melhor, mas, ao contrário deles, fora passivo. Nada fez para que Nina ficasse e se arrependia. Então, achou que tinha sido realista. Agora, sabia que tinha sido medroso. Se pedisse – e Nina ficasse – não teria dificuldade em arranjar – como fez com Xilim - um posto na Universidade de Alta, que queria reter os melhores talentos. Perdera a chance e, agora, fora colocado diante de nova realidade: tinha um filho.

Ao buscar meios de reencontrar Nina sem levantar suspeitas, lembrou-se de convite recebido da Universidade onde ela lecionava. Vinha adiando a resposta se aceitaria ou não participar de seminário promovido pela instituição, que lhe deu flexibilidade de datas quando disse não poder atender o evento nos dias anteriormente programados. Se não respondera, não era por ter a agenda cheia, mas por temor de reencontrar Nina com outro, casada, estabelecida e feliz. Era um cenário que não o agradava.

A notícia da existência do filho tinha mudado tudo. Podia aceitar o convite, acertar a data e conseguir a desculpa perfeita para a visita. Hari terminou de jantar, achou o convite, conferiu a agenda, achando datas disponíveis, e mandou a resposta à Universidade. Além da conferência, faria também noite de autógrafo do seu mais recente livro. Mais tranquilo, foi dormir.

No outro dia, a confirmação da universidade chegou e mandou mensagem a Nina, anunciando a visita e pedindo para encontrá-la. O primeiro dia passou. O segundo também, deixando Hari ansioso. Na manhã do terceiro dia, ainda sem resposta, decidiu que não iria. Mudou de ideia à tarde com o recado exibido pelo computador:

“Será ótimo reencontrá-lo, Maro. Fique tranquilo, ninguém sabe e nunca saberão”.

A referência ao seu nome íntimo lhe fez sorrir. A curiosidade de Nina o levou a contar sua história, revelando a existência dos nomes íntimos. Ela insistiu para que lhe revelasse o seu. Resistiu, mas, no final, acabou cedendo. E passou a chamá-lo por ele. Em público, continuava sendo “professor”, não que fizesse diferença, pois todos no campus sabiam sobre os dois. Ficou excitado com a resposta. Não

via a hora de encontrar Nina e ver o filho.

\*\*\*\*\*

Quando chegou a Beros, Nina estava à sua espera. Sorridente, se aproximou, deu-lhe um abraço e o beijou nas faces, brincando que era seu comitê de recepção. No caminho para a cidade, contou que convenceu o Colégio de Mestres – congregação de professores – que por ter sido sua aluna era a pessoa adequada para recebê-lo, o que o deixaria mais à vontade, antes dos compromissos oficiais. As duas conferências haviam atraído grande atenção e suas lotações esgotaram-se rapidamente, com convites sendo disputados. Sua ida havia, ainda, despertado o interesse da mídia local e a universidade reservou horário para uma coletiva antes da primeira conferência. Não havia outras agendas e Hari poderia aproveitar o tempo livre.

- Maro, minha vinda tem um lado egoísta. Queria lhe ver. Para os meus colegas foi um alívio terem se livrado deste encargo. Tenho razões pessoais para buscá-lo e vão além do que fomos um para o outro. Quero lhe contar um segredo.

Sem esperar que Hari respondesse, Nina disse que o segredo só seria revelado mais tarde, no jantar que iria lhe oferecer, prometendo fazer seu prato preferido. Do aeroporto, iria para o hotel onde ficaria, podendo descansar.

- Maro, preciso de privacidade para o que quero lhe contar, pois tenho, também, de lhe mostrar algo, o que farei durante o jantar. Acho que terá uma grande surpresa.

Nina não imaginava que Hari sabia do filho. Teria de ser bom ator para mostrar-se surpreso com a notícia que lhe daria.

- Nina, não consigo imaginar a surpresa que tem. Você me deixou curioso e, também por isso, aceito o jantar.

Hari não esperava ser recebido por Nina. Em suas experiências de viagens sempre se via cercado por professores que procuravam ser gentis, estavam curiosos, mas que não lhe dedicavam nenhum calor humano. Sentiu-se recompensado por ser recebido por ela.

\*\*\*\*\*

Ao chegar para o jantar, Nina estava deslumbrante e o recebeu à porta, com um largo sorriso. Em tom meio jocoso, lhe disse:

- Bem vindo à minha humilde casa, professor Hari Setala.

O “professor” soou como se tivesse sido escrito todo em maiúsculas. Era um dom que Nina tinha, de dar ênfase as palavras e uma brincadeira que sempre fazia, destacando o seu título, principalmente quando estavam em público. Nina o pegou pelo braço e o levou para a sala, pequena, aconchegante e decorada com bom gosto. Nela, estava um casal, o jovem Martti, que havia conhecido



rapidamente, acompanhado de outra bela jovem que imaginou ser sua esposa.

- Estes são o Martti, meu primo, e esposa dele, Tiblets. São meus melhores amigos. Acho que você já encontrou o Martti ou, pelo menos, foi o que me disse.

Hari cumprimentou-os e confirmou o rápido encontro depois de uma palestra. Martti serviu-lhes vinho, Nina deixou-os conversando e foi cuidar do jantar. Como prometeu, quando sentaram-se à mesa lá estava o prato preferido de Hari, que lhe trouxe lembranças de outros jantares e das noites de amor que tiveram depois deles. Esse seria diferente e focou-se na comida. Falaram de banalidades. Após a sobremesa e o café – ao jeito de Hari – Nina os levou novamente para a sala e adotou ar mais sério.

- Hari, disse que tinha uma surpresa. Obrigado por não ter levantado o assunto. O que vou dizer não é fácil. A única pessoa que sabe é o Martti. Desconfio que tenha contado a Tib, mas não tenho certeza. Jurou que nunca diria nada. Não queria, por nada nesse mundo, que descobrisse o que direi por outro meio. Vou ser direta: Você tem um filho!

Apesar de saber da existência da criança, Hari ficou surpreso com a revelação, principalmente pelo modo como Nina a fizera. Não soube o que dizer e o silêncio persistiu por alguns segundos. Ninguém parecia saber o que fazer e era o mais desnortado. Suspirou e se levantou, vendo o olhar surpreso de Nina, Martti e Tiblets. Tenso e desconcertado, olhou fixamente para Nina, tentou modular a voz, e perguntou:

- Como assim?

E rígido, voltou a se sentar. Nina também estava tensa. Olhou para Hari e tentou sorrir. Ajeitou-se na poltrona, baixou os olhos e a voz e começou a contar a história.

Dois meses depois de voltar, descobriu a gravidez. De início, ficou sem saber o que fazer, considerando a possibilidade de um aborto. Na sociedade em que vivia as mães solteiras não eram bem vistas. Teria de enfrentar preconceitos, mas seu emprego e posição não estavam ameaçados, o que lhe dava condições de criar o filho. Antes de chegar à decisão, em nenhum momento pensou em contar a ele por saber que não pensava em gerar descendentes, mas considerava felizes os anos que viveram juntos e o filho que crescia no seu ventre era resultado desta felicidade. Não tinha o direito de rejeitá-lo. Já que se deixou engravidar, a coisa certa a fazer era ter o filho.

Foi a decisão que tomou. Sabia das consequências e das dificuldades que enfrentaria e definiu, desde o princípio, que não daria um pai substituto para a criança. Iria criá-lo, dando-lhe todo amor e

um dia, quem sabe, contaria quem era o pai. Neste início, em momento de fraqueza, acabou confessando a Martti que o pai de seu futuro filho era o professor Hari Setala. Depois, lhe fez jurar que manteria o segredo. A segunda decisão que tomou em relação a criança foi o nome. Se fosse um menino iria se chamar Hari, como o pai.

- Conte à minha família que estava grávida, mas não sabia de quem, e que teria o filho e o criaria sozinha, pois não julgava correto delegar a tarefa. Surpreendi-me ao ver o apoio familiar, mobilizada pelo meu pai em meu favor. Quando Hari chegou, foi celebrado, recebeu amor e me senti confortável para criá-lo e continuar minha carreira. Estava satisfeita com minha vida até receber seu aviso.

O fato de Hari vir ao planeta e querer lhe ver a abalou. Nina pensou em inventar uma desculpa, evitando o encontro. Podia deixar a cidade alegando outro compromisso, sabendo que apenas adiaria o problema. Hari iria perguntar por ela e receberia a informação que tinha um filho de pai desconhecido. O que pensaria dela? Não queria que a julgasse mal e não era de fugir. Conversou com Martti, que a ajudou a tomar a decisão de contar a Hari que tinham um filho, mesmo temendo a reação. Tal como na decisão de manter a gravidez, achou que era a coisa certa. Puxou alguns cordões e foi encarregada de receber o convidado da Universidade. O objetivo é que fossem os primeiros a conversarem, permitindo que lhe contasse.

- Pronto, agora já sabe. Obrigado por ouvir. Computador, mostre o documentário do Hari.

O documentário o deixou sem fôlego. Ele mostrava o pequeno Hari desde o nascimento e em diferentes ocasiões: em casa, na escola, junto com outras crianças, com os avôs, com tios e primos. Era alegre, brincalhão e curioso. Estava sempre cercado de carinho, como se fosse protegido por todos. Hari lembrou-se da infância e ficou ainda mais emocionado. Além do mais, o menino tinha sua cara, o que lhe gerou a sensação de inadequação. Sabia que deveria dizer alguma coisa, mas não conseguiu. Se falasse, a voz sairia embargada. Simplesmente levantou-se e se sentou ao lado de Nina, abraçando-a fortemente e a puxando para ele e lhe sussurrando baixinho:

- Eu te amo.

Depois, chorou copiosamente.

Envolto no escuro da noite, Hari tinha acabado de mastigar a última garfada da refeição noturna. Como na lembrança, estava chorando, algo incomum na sua vida. As recordações de Nina e do pequeno Hari o fizeram sentir-se sozinho. Comparando-se com Xilim e Noor, tinha sido inerte. Conformara-se com a situação, não correria risco e tinha vida vazia, principalmente depois de ter conhecido o filho e confirmar que, não só continuava amando Nina, mas que era correspondido. A ausência dos dois lhe doía e resolveu mudar a situação. Sabia como a resolver e começaria no dia seguinte. Iria assumir Nina e o pequeno Hari.

Na Universidade de Alta, Hari era considerado excêntrico. E não só pelas disciplinas que lecionava e os gostos pessoais, mas por não ser, como a maioria, tão ligado à tecnologia. Prezava o que muitos desprezavam, como cuidar do jardim, plantar a horta e fazer sua comida. Os colegas aproveitavam os jantares que oferecia, usando o que produzia, mas achavam excentricidade que um intelectual de alto nível pusesse suas mãos na terra. No caso dos eletrônicos, Hari também os usava, mas não era deles dependente. Tinha livros físicos, ouvia música analógica no velho toca-discos, precioso para poucos e desprezado por muitos. O pior era a música que ouvia. A maioria a achava insuportável e não entendia a preferência e o respeito que tinha de consagrados pesquisadores musicais. Hari sabia o que pensavam, mas não se importava.

Sem saber porquê, pensava nesta estranha interação ao levantar-se e voltar à cozinha, lavando e guardando a louça. No último ano, suas constantes idas a Gatlan, fizeram sua estranheza aumentar. Seus amigos e colegas não entendiam por que se prendera tanto à Universidade de Beros, chegando a criar um curso de curta duração em História das Religiões. O que não sabia é que tudo não passava de desculpa para viajar sem levantar suspeitas. O curso lhe proporcionou a oportunidade de ficar três meses com Nina e o filho. Neste período, pai e filho criaram uma ligação e o pequeno Hari começou a chamá-lo de “papi”, para o seu deleite.

Nina inicialmente resistiu, mas vendo-o junto ao filho e a ligação que estavam criando, curvou-se ao antigo desejo e refizeram seus laços. Os encontros eram justificados por Nina ter sido sua aluna, discretos e longe dos olhos curiosos. Martti e Tiblets serviram de escudo, permitindo que os dois Hari ficassem juntos e, quando a criança se cansava e ia dormir, discretamente davam cobertura ao retomado relacionamento do casal, que vivia como se estivessem em

lua de mel. Hari, o pai, criou uma rotina: a cada dois meses voava para Beros e passava o final de semana com Nina e o filho. Ao deixá-la e ao filho, sentia a ausência deles, mas não havia, ainda, decidido a assumir os dois, trazendo-os para Alta. Comparando-se novamente a Noor e Xilim, via como tinha sido egoísta. Semelhante, no entanto, não era idêntico. Como Xilim, tinha boas reservas, mas não era milionário como Noor, que podia mover o mundo para ficar junto de quem amava. Como é que Nina reagiria ao convite?

Ao terminar de arrumar a cozinha, Hari tinha esquecido a atração por Eryn. Quem lhe ocupava o pensamento era Nina e o filho. Como gostaria de tê-los ali, junto dele. Seria bom mostrá-lo a Noor e Xilim. Ver como reagiriam. Chegou a sorrir ao pensar que o amigo ficaria atrapalhado. Por que nunca falou do filho com eles? Detestava ser notado, causar celeumas, chamar a atenção, e o aparecimento do pequeno Hari o transformaria no “astro” das fofocas na universidade. Exposto, se sentia inseguro, mas tinha de superar o medo e fazer o que deveria, seguindo principalmente o exemplo de Noor e sua luta para recuperar o amor de Xilim. Iria mudar. E começaria no dia seguinte.

\*\*\*\*\*

Hari acordou descansado e foi preparar o café. Ao manipular o pó, sentindo o cheiro agradável, lembrou-se de Nina, a quem servia o café na cama. Juntos e ainda nus usavam a bebida como estimulante. Às vezes, Nina o excitava e faziam amor. Tomava banho e saía. Ela ficava, arrumava a casa, só depois indo para o curso. Gostaria que estivesse ali, para levar o café e conversar, mas Nina estava distante. Lembrou-se da última visita a Beros e, à noite, juntos, pediu-lhe que voltasse com ele para Alta, onde se casariam e poderiam até ter outro filho. Nina recusou, apresentando como argumento o suporte que recebia de amigos e da família. Estava satisfeita com o arranjo que fizeram, com as visitas periódicas de Hari e de ver como o pequeno Hari crescia e se desenvolvia.

Surpreendendo Hari, inverteu a questão.

- Por que não vem morar com a gente? A universidade já lhe ofereceu um posto permanentemente e ele continua aberto, esperando-o.

Hari ficou sem argumentos e fugiu do assunto. Estava acostumado demais à rotina para mudar, mas já com o café pronto admitiu que tinha medo da mudança. Ela não mudaria sua situação acadêmica, apenas o tiraria da zona de conforto. Seria bom ficar com o filho? Sim, seria. E com Nina? Também, mas temia que a ligação permanente desgastasse a relação dos dois e levasse ao distanciamento. Do jeito que estava, não corria este risco e tinha quase tudo o que queria. O convite a Nina fora mais retórico que

sério, contando que não o aceitaria. Se aceitasse, teria sido surpresa. Mas e se insistisse, o que aconteceria? Provavelmente, Nina o levaria a sério e iria considerar a proposta.

Mais uma vez, reafirmou a decisão de mudar a situação.

\*\*\*\*\*

Hari chegou cedo para a reunião do Departamento de História e encontrou a sala ainda vazia. Como seu chefe, tomou assento e reviu a pauta. Um dos itens era a contratação de um novo professor. A vaga estava aberta há tempo, mas não tinham procurado ocupante para ela, o que vinha trazendo sobrecarga aos titulares de cátedra. A chegada de novo mestre seria bem vinda. Iria provocar o assunto, até por interesse particular. A sala ficou cheia e Hari assumiu o comando.

- Bom dia. A maior parte dos assuntos pode ser resolvida rapidamente e nos liberarmos. Gostaria, em benefício de todos, que voltássemos à contratação do novo professor. Como sabem a vaga está criada e aprovada. Tenho um candidato e quero lhes submeter o currículo. Trata-se da Doutora Aniiina Fellova, aluna deste Departamento e minha orientanda. Sua tese foi aprovada com louvor, o que lhe gerou convite da Universidade de Beros para assumir a cátedra de História. Sua produção é excelente e dois de seus trabalhos são referenciais. Vejam o currículo e se a acham adequada. Se aprovarem, faça o convite na próxima visita a Gatlan.

Os mestres examinaram o currículo. Muitos deles não tinham a metade da experiência de Nina quando chegaram à Universidade de Alta, nem o nome que havia construído. A maioria conhecia o trabalho dela, recomendando-o a seus alunos. Era mais do que adequada para a vaga e se sua contratação fosse concretizada, o Departamento se valorizaria. Sem oposição, a contratação foi aprovada por unanimidade e Setala encarregado do convite e de explicar as bases de remuneração, planos de financiamentos de pesquisas, apoio institucional e condições para o exercício do ensino e pesquisa. Os mestres contavam com a aceitação do convite. No braço da galáxia em que estavam, os professores da Universidade em Alta eram invejados. Nina poderia se juntar a eles.

Apesar de ter prometido fazer surpresa para Noor, Hari detestava ser surpreendido e, talvez por isso, não gostasse de fazer nada sem antes avisar aos envolvidos. No dia seguinte à conversa com Noor, tão logo chegou à Universidade, avisou Nina que tinha adiantado sua ida para Beros em uma semana, sabendo que se prepararia para recebê-lo. Em Beros, era preciso manter as aparências e eram apenas amigos, professor e aluna. A convivência fora do casamento era reprovada, vistas como socialmente condenável. Hari e Nina ficavam juntos, mas não publicamente. Havia espaço no apartamento dela, mas ficava no alojamento da universidade. Nos finais de semana iam

para o interior, escolhendo locais onde pudessem ficar como marido e mulher sem despertar suspeitas. No dia a dia, no entanto, eram Dr. Hari Setala e Dra. Aniiina Holante, que dividiam a mesma paixão por história e eram muito amigos.

Ao despachar o recado, Hari ficou pensando na cobertura que Nina desenvolvera para justificar a gravidez e o nascimento do filho. Quando se descobriu grávida – e depois de superar as dúvidas – procurou a família e contou a verdade. Sim, tivera um caso quando em Metis, mas não fora sua intenção engravidar. Queria ter o filho, mas não expô-lo à sociedade e precisava do suporte da família. Seus pais sabiam que jovens mantinham relações sexuais fora do casamento. Era corriqueiro, mas torciam o nariz para mães solteiras e uniões que não fossem formalizadas, embora se condõessem das grávidas por acidente, abandonadas pelos parceiros. Foi a história que Nina construiu. Sim, tinha tido um caso, não pretendia engravidar e nem viver com o namorado, sabendo que retornaria a Beros. Ao descobrir que estava grávida, o procurou para dizer que teriam um filho, mas não o encontrou. A universidade informou que havia retornado ao planeta de origem e lhe deu o contato. Escreveu a ele, contando e recebeu uma respostas lacônica:

- Problema seu, não meu.

O namorado era de outra cultura, se portava de modo diferente e havia fugido de suas responsabilidades, deixando-a sozinha para ter a criança. O desamparo da mãe abandonada, lhe gerou simpatia e tirou o estigma de ter se transformado em mãe solteira. Os mais próximos procuraram saber quem era o pai do pequeno Hari. Nina, ao invés de ajudar, colocou obstáculos. Fora uma ligação rápida e ao voltar a seu planeta, provavelmente havia se ligado a outra, talvez até casado e já tivesse filho.

Não queria que o filho crescesse sabendo que o pai era fugitivo. Havia conseguido boa cobertura e pode começar a criação do filho em paz. A Hari, Nina admitiu a paternidade do filho, mas nada lhe disse sobre a história de cobertura que inventara. Martti podia ter contato, mas não o fez. Nina e Hari se reaproximaram, como o primo queria. Estavam todos satisfeitos, mas queria dar um passo à frente.

\*\*\*\*\*

Hari não se sentia confortável fora do ambiente familiar e não gostasse de viajar. Gostava menos ainda dos saltos temporais, que deram à humanidade condições de se espalhar pelas estrelas. Não considerava natural passar entre o tempo, deixando um local e surgindo em outro em poucos segundos. O sucesso acadêmico não fizera dele um viajante, mas o tinha levado a vários planetas da Via Láctea e estava completando mais um trajeto na descida para o



espaçoporto de Beros, onde ficaria três meses, algo excepcional na sua vida.

Até a descoberta do pequeno Hari, nunca tinha passado mais de uma semana fora de casa. Saía, fazia conferências, dava aulas, participava de debates e voltava. Não fora ele que mudara, mas a situação. Ainda se sentia deslocado, mas tentava se adaptar. O trajeto foi suave, a nave pousou, as portas foram abertas e os passageiros desembarcaram. Hari foi um dos últimos, percorrendo com seus passos longos o caminho até o saguão. Sua intenção era tomar um táxi, chegando rápido ao alojamento, deixar suas coisas e ficando livre para encontrar Nina e o filho. Ao sair, teve uma surpresa. Nina o estava esperando.

- Dr. Hari Setala sou novamente seu comitê de recepção. A Universidade lhe dá boas vindas e espera que seu tempo conosco seja proveitoso. O Colégio do Departamento de História gostaria de recebê-lo, mas infelizmente tem tarefas a cumprir. Por isso, fui encarregada de recebê-lo.

A ironia da brincadeira fez Hari sorrir. Era típico de Nina aproveitar-se das situações para ironizar os outros e as rígidas posições que mantinham. Ela era diferente, mais maleável. Respeitada, não era empolada e enfatuada como os colegas da área de História e de outros Departamentos. Esse jeito – nítido contraste com o comportamento de outras mulheres – ajudara Nina a conquistá-lo, pois se divertia com ela.

- Nina, por que não avisou que viria me esperar?

- Maro, sei que não gosta de surpresa, mas tenho uma que irá gostar. Estou com a semana livre e assim que recebi o recado, consegui que Martti me emprestasse a casa de Kevila, em que podemos ficar juntos, eu, você e nosso filho, que já está preparado e nos esperando. Vamos pegá-lo e seguir diretamente para lá. O que me diz?

Nina parecia ter o dom de adivinhar o que queria. Antecipara a viagem exatamente para terem um tempo só deles e pretendia que saíssem da cidade, levando o filho. Havia acertado em cheio, gostou e lhe disse. Ao caminharem para o metrô – Nina não tinha veículo próprio – Hari se surpreendeu de novo, quando segurou sua mão e entrelaçou os dedos com os deles. Saíram de mãos dadas. Desde Alta e há bastante tempo, não caminhavam de mãos dadas e Hari sentiu o leve calor que o toque de Nina lhe trazia. Era muito agradável. Pegaram o filho, que havia ficado com Tip, e seguiram para Kevila, onde chegariam na hora do almoço.

\*\*\*\*\*

Às margens de um grande lago, com praias limpas e calmas, Kevila era pequena e bucólica, só ficando cheia na temporada de verão. Por

estar próxima, era o reduto preferido de parte da classe média de Beros. Muitas famílias, incluindo Martti e Tib, tinham casas na cidade. Embora não fosse grande, era funcional e confortável. Tinha boa cozinha – importante para os dois, que gostavam de cozinhar – dois quartos, sala e pequena varanda de frente para o lago, com bela vista do por do sol. Ficava no início de uma escarpa e a da varanda era possível ver praticamente toda a cidade. Hari gostou do local e ficou satisfeito ao ver que não teriam de colocar o filho na cama deles. Martti tinha filhos pequenos também e o pequeno Hari iria dormir no berço de um deles.

Instalaram-se e foram almoçar. Kevila ficava em área de forte cultura orgânica e o mercado local oferecia boa variedade de alimentos. Após o almoço iriam explorá-lo, comprando o jantar. Nina tinha prometido preparar um prato chamado Soiko, tradicional na família, e que Setala não havia experimentado. O mercado tinha o peixe que necessitava e os outros ingredientes. Saíram, com Hari empoleirado no pescoço de Setala, o que adorava, e se divertia mais ainda quando o pai o balançava. Inicialmente, Nina fora contra este tipo de brincadeira, temendo que o filho caísse, mas acabou desistindo de se opor. Os dois Hari se divertiam muito e era o que muitos outros pais também faziam.

Quem os visse juntos, de mãos dadas e o pai carregando o filho, podia afirmar que formavam um casal feliz. Eram diferentes, de mundos e culturas diferentes e também tinham diferenças de idade, com Hari sendo bem mais velho. Juntos, no entanto, isso não parecia tanto e quem reparasse no casal, via alguém mais maduro que se casara com alguém mais jovem. Hari, aos 50 anos era alto, moreno e esbelto, o que camuflava a idade real. Avaliado, lhe dariam 40 anos. Nina parecia mais velha do que era, talvez pelo se vestir de modo mais conservador. Olhando-a, diriam que estava na casa dos 30 a 35 anos. A diferença entre os dois não era tão grande. A verdade era outra. Hari tinha 25 anos mais que a mãe de seu filho.

Nina nunca se importou com a diferença de idade e tinha escolhido se ligar a Hari, descobrir quem de verdade era o misterioso professor. Hari relutara, mas ela o conquistara. Foi um capricho que acabou se transformando em amor, mas ter filho não foi escolha, mas acidente, embora se sentisse feliz por o ter e a felicidade crescia ao ter ao lado o homem que amava. O círculo fechava quando via Hari e o filho felizes, cada vez mais envolvidos. O que surpreendia Nina era o jeito de Hari com as crianças, inventando brincadeiras, fazendo o filho chegar às gargalhadas e entendendo-se melhor que ela com a criança.

O filho até comia melhor com o estímulo do pai. Era mais do que queria. Era o que sempre tinha sonhado e teriam uma semana inteira só deles, como família. Estava satisfeita com o arranjo que trazia Hari para o seu lado a cada três meses. Mas ao se juntarem, vinha sempre a



questão da família e Nina relembrou o convite para retornar a Alta. Dissera não e não mais voltou ao assunto. Pensou, no momento, que não era séria. Mas e se Hari fizesse novamente a proposta, o que diria? Tinha de pensar seriamente no assunto.

Com o filho se divertindo, enganchado no seu pescoço, Setala pensava no próximo passo e nas duas vezes que pediu a Nina que ficasse com ele. A primeira, ainda em Alta, não tinha sido séria. A segunda, quando descobriu o filho. Sua ligação com Nina o deixara com o desejo de ter família ou, pelo menos, de tê-la junto. Solteirão e sem compromissos sérios com mulheres, Hari julgou que com Nina seria idêntico, com o romance durando pouco, até o fim do encantamento com o sexo. Estava enganado e foi conquistado, decidindo que a queria por perto. Gostava da companhia, da inteligência, da ironia com que encarava a vida e as coisas. Descobriu o amor, mas conformou-se quando Nina partiu. Podia ter lutado por ela, mas não o fez. Ao descobrir o filho, o desejo voltou, mas ficou receoso de abordar Nina, até por não saber como reagiria com a descoberta. O filho havia despertado o instinto paternal e lhe dera a oportunidade de formar a família que desejou quando se descobriu apaixonado por Nina.

Iria novamente pedir que voltasse com ele, mas não sabia como Nina reagiria?

\*\*\*\*\*

Após o almoço e aproveitando o dia agradável, foram às compras, deixaram-nas em casa e passearam pela arborizada orla do lago, planejando levar o pequeno Hari à praia no dia seguinte, ensinando-lhe a nadar. A caminhada e a agitação cansou o menino e, na volta, veio no colo de Hari, que ao chegar o colocou na cama. Nina, que arrumava o quarto, observou o modo carinhoso com que o filho foi colocado na cama, ajeitado e coberto. Viu que se sentava e observava o filho. “Quero esta vida!”, pensou.

Nina deixou os dois no quarto e foi cuidar de outras tarefas. Hari, depois de alguns minutos também deixou o quarto e foi para a varanda, apreciando o por do sol e a vista do lago, encarnando o protótipo do homem de férias, relaxado e aproveitando a inatividade. Nina sentou-se a seu lado, pegou sua mão, colocando-a sobre a coxa e a segurando. Quem os visse, diria que era um casal apaixonado, aproveitando o tempo juntos. Em silêncio observaram o tempo passar e apreciaram o seu primeiro por do sol em Beros.

Depois, pensando na cena, Setala tinha certeza que ficariam ali, estáticos e em silêncio, se o pequeno Hari não tivesse acordado. Chegou correndo e se atirando no colo do pai, quebrando o encanto do momento. Nina começou a se movimentar para preparar o jantar. Pai e filho desceram para o quintal e a criança ficou curiosa sobre as luzes que piscavam no jardim. Hari mostrou-lhe os pequenos

vagalumes, pegando um deles com cuidado e deixando que o filho também o pegasse. Embora fascinado, recusou, amedrontado. Os dois foram explorar o jardim, com o pai chamando a atenção do filho para os insetos noturnos, mostrando a exuberância da vida noturna.

- Maro traga o Hari. O jantar vai ficar pronto e precisa tomar banho, pois dorme cedo.

O banho iria lhe proporcionar nova experiência. Levou o filho para o banheiro, ajudou-o a tirar a roupa e se despiu, entrando com ele no chuveiro. Hari gostava dos banhos acompanhados, prática que exercia com a maioria das namoradas. Com Nina, não. Mas com o pequeno Hari seria diferente. O banho era uma boa oportunidade de estreitarem seus laços, se tornarem cúmplices e ensiná-lo sobre o corpo humano. Foi divertido. Exugaram-se, trocaram de roupa e foram para a sala, onde Nina os esperava, com o jantar já servido. Vestida de modo simples, parecia mais jovem e bonita e Hari a observou por um momento pensando que, pela primeira vez na vida adulta, experimentava o que era ter família.

Estava gostando muito.

\*\*\*\*\*

Após o jantar, cansado pela agitação do dia o pequeno Hari dormiu. Hari e Nina voltaram à varanda, contemplando as estrelas, destacadas na noite clara. Bem juntos, ele descansava o braço sobre os ombros dela, que recostou a cabeça em seu ombro. O céu era diferente do que via em Alta, mas ainda assim podia identificar estrelas e constelações, mostrando-as. A proximidade e a cumplicidade estimulou Hari a fazer a proposta que vinha adiando.

- Nina, venho pensando nisso há algum tempo, mas até agora tivemos poucos momentos com este, adequado para falar do assunto. Não me foi fácil e demandou muita reflexão. Antes, quero deixar bem claro: eu a amo e continuarei amando, seja qual for a resposta que me der.

Nina sentiu a tensão em Hari, mas nada disse, aguardando.

- Descobri que não mais me satisfaço com o tempo em que ficamos juntos, aqui, em Beros. Quero mais, para podermos ter momentos com estes que vivenciamos, transformando-os em permanente. Quero dar um lar sólido ao nosso filho, com segurança e orientação que requer ambiente amoroso, com suporte de nós dois, juntos. Por favor, Nina, peço-lhe, vamos formar uma família, criar o Hari juntos. Volte comigo para Alta. Por favor.

O pedido de Hari assustou Nina, que não o esperava. Desde que descobriu a gravidez, sonhava em formar família, mas nunca acreditou que esse fosse também o desejo do pai de seu filho. A surpresa ficou maior quando Hari lhe apresentou o convite da Universidade, oferecendo-lhe nova cátedra, no mesmo Departamento de História, onde lecionava. Poderia ter, ao mesmo tempo, a família que tanto almejava e posição segura, com o emprego na Universidade. Era diferente das vezes anteriores que Hari havia pedido que ficassem juntos. Nina lembrava nitidamente das outras. Na primeira, tinha concluído o Doutorado e aceitado o convite da Universidade Central de Beros, afastando-se dele. Hari a havia indicado para uma vaga de Professor Assistente. Nina refletiu e julgou que era melhor voltar a Beros e construir a carreira. Embora o amasse, não queria viver à sombra dele, o que aconteceria se ficasse em Alta. Partiu com o coração quebrado, mas não se arrependeu.

O segundo pedido foi feito quando se reencontraram, após Hari saber da existência do filho. Na cama, após fazerem amor, Hari a observava enquanto conversavam e propôs que voltasse com ele para Alta, onde criariam o filho, oferecendo-lhe a família que não tinha em Beros. Pensou em aceitar, mas o medo superou o amor. Voltar a Alta seria deixar a família, o suporte que recebera e a posição na Universidade, que lhe granjeou o respeito familiar e acadêmico. A segurança falou mais alto. A emoção lhe dizia que devia aceitar, a razão, não. Recusou sofrendo. Depois, se arrependeu.

E agora? O que devia fazer?. Era uma decisão difícil. Não tinha dúvidas que amava Hari e que era amada por ele. Sabia, também, que nunca fora homem de uma só mulher. Mesmo quando estavam juntos, teve outros casos e não era segredo no campus, onde a fofoca corria solta. Viveram de forma livre, sem maiores compromissos, com ambos sabendo que podiam ir embora. Na sociedade e na cultura de Nina a família era importante e vista como constituída para a vida inteira. Antes e depois de Hari, Nina tinha tido outros relacionamentos, mas enquanto com ele, fora fiel.

O que as fofocas diziam de Hari era diferente e acreditava em algumas delas. Gostava de sexo, mas nunca fora promíscua e restringiu mais ainda seus relacionamentos após o nascimento do filho. Por ser mãe solteira, o que já era ruim em Beros, não queria ser objeto de fofocas, nem na Universidade, nem junto da família, e compensou a falta de sexo com dedicação total ao pequeno Hari. A

proposta de Hari lhe traria o melhor dos mundos. Teria de pensar nela.

- Maro, eu te amo e sempre vou te amar. Sabe que me pede algo difícil. Meus pais, meus irmãos e parentes estão aqui, em Beros. Tenho o suporte e ajuda deles para criar o Hari e a posição na Universidade é boa, embora a de Alta seja melhor. Tenho de considerar isso e lhe peço tempo. Vou pensar seriamente. Quero ir. Acho que o Hari precisa de um pai presente, mas preciso conversar com a família e achar jeito de lhes dizer que é o pai do meu filho. Depois disso decido. Mas enquanto isso, por favor, vamos aproveitar o momento, sem pensar no futuro.

Hari não ficou surpreso com a resposta. Conhecendo Nina, sabia que iria refletir, não se deixando levar pelo impulso. De seu lado, a decisão foi muito pensada e estava certo de a querer a seu lado. Nina o completava. Não precisava de outras mulheres, como mostrou no tempo em que ficaram juntos, embora os boatos dissessem o contrário. A retomada viria com um bônus, o filho. Queria participar de sua educação, acompanhar o crescimento e só faria isso se os tivesse ao lado. Vindos de famílias grandes, poderiam ter outros filhos, arranjando companhia para o pequeno Hari. Se Nina lhe tivesse respondido de imediato, ficaria muito feliz. Mas não tinha problema em esperar um pouco mais.

- Não achei que fosse responder de imediato. Aceito que converse com seus pais, sua família e o Martti. Tem, sim, de considerar a situação como um todo. Minha esperança é que no final conclua que formarmos nossa família é o melhor para nós e principalmente para o Hari. Mas agora tenho outros planos: vamos para a cama.

\*\*\*\*\*

Nina foi dar uma conferida no pequeno Hari antes de deitar e viu que dormia tranquilamente e lhe ajeitou a coberta. Nina se trocou e foi para a cama, onde Hari já a esperava. A sua expectativa era que se provocassem e que acabassem em sexo. Não tinha problemas em tomar a iniciativa e o fizera muitas vezes, mas não nesta noite. Para sua surpresa, nem ele. Hari lhe deu um beijo de boa noite, virou-se de lado e, minutos depois, estava ressonando. Tentou dormir e não conseguiu. Ficou quieta, para não despertá-lo, mas com a cabeça cheia e imaginando como seria a vida junto dele. Ela já a tinha experimentado e gostara. Poderia ser melhor com a participação do pequeno Hari. Finalmente, teria a família que sonhou. Até poderiam ter outros filhos. Maro, como ela, vinha de família grande e gostaria de ver outras crianças na casa. Foi pensando em filhos que relaxou e adormeceu.

O convite de Hari para que fossem para a cama podia ser interpretado como sugestão de sexo, mas não era esta a sua intenção.

Se Nina o provocasse poderiam fazer amor, mas não tomaria a iniciativa. A tensão de fazer a Nina a proposta de morarem juntos, o deixou cansado. Apenas deu-lhe um beijo e dormiu. Os sonhos vieram. Estava em família, cercado pelos irmãos e observados pela mãe, participando da brincadeira. Seu irmão mais novo estava acenando, chamando a atenção. Quando olhou, viu chegar uma criança menor. O irmão, voltando-se para o grupo, pediu que recebessem o pequeno Hari, que não tinha pai, precisava de companhia e por isso vinha brincar com eles. A cena mudou e veio o segundo sonho. O cenário era diferente. Estava em Alta e ao lado de Nina acompanhava as brincadeiras do pequeno Hari, divertindo-se com o carrinho de mão, que movia imitando o som de aceleração. De repente, parou, levantou-se e abraçou a mãe, dando um beijo em sua barriga. Perguntou a Hari por que fizera isso e ele, de forma cândida, disse que estava beijando o irmão. No sonho, Hari sorrindo afagava os cabelos do filho.

A semana passou rápido, mas com calma. Hari, Nina e o filho aproveitaram. Foram à praia todos os dias e o pequeno se divertiu não só na água, que amava, mas nas diversas brincadeiras inventadas pelo pai. Hari, deixando Nina preocupada, ensinava o filho a nadar, segurando-o e mostrando como movimentar braços e pernas. O que mais ouviam era o “quelo mais, quelô mais” dele, pronunciando o mais de uma forma que o S era prolongado. À noite, cansado, dormia tranquilo dando aos pais a oportunidade de brincarem de uma forma que só bem mais velho o filho descobriria.

Foram dias idílicos, mas chegaram ao final. Hari tinha aulas para preparar, conversas agendadas com alunos e a rotina de professor. Nina ainda tinha alguns dias de férias e decidiu ir para a casa de seus pais, que não viam o neto há algum tempo. Queria conversar com eles, falar da proposta de Hari. Considerava os pais sensatos e, na gravidez, foram os primeiros a apoiá-la. Confiava neles e queria que a aconselhassem. Com a viagem, Hari ficaria sozinho, mas compreendia que Nina buscava refúgio e a incentivou a ir.

\*\*\*\*\*

A chegada de Nina e do pequeno Hari à ampla fazenda dos Holante era sempre uma festa e não apenas por causa dos avôs. Na ampla propriedade - conhecida pela produção de vinhos - moravam os irmãos de Nina. Os netos enchiam a casa dos avôs e davam ao pequeno Hari a oportunidade de se enturmar e se divertir. Com exceção de Nina, que escolhera a carreira acadêmica, os irmãos continuavam ligados ao negócio da família, já centenário, e tinham ajudado na sua expansão. Viviam do trabalho, mas viviam bem e de forma confortável. Os pais também queriam Nina próximo, mas os desafiara, indo estudar em outro planeta. Ao retornar, lhes trouxe uma

surpresa, que absorveram e estavam ajudando a criar. Queria conversar e não perdeu tempo.

- Pai, mãe, queria conversar sobre uma decisão que preciso tomar. Não precisa ser agora, pois ficarei por uma semana. Ainda estou de férias. Temos tempo.

Holante era objetivo e não gostava de adiar conversas ou problemas. Fazendo sinal para a esposa, Maria, indicou que fossem para o escritório, que lhes oferecia um refúgio das crianças, correndo pela casa e não o deixando em paz.

- Vamos conversar logo e me conte o que está havendo.

Sentaram-se no amplo e confortável escritório e ficaram encarando Nina, esperando.

- Quando era criança e adolescente sempre disseram que quando mentimos, em algum momento somos confrontados pela mentira e é por isso que é sempre melhor dizer a verdade. Quando fiquei grávida lhes contei uma história que só parcialmente era verdadeira, uma cobertura. Quero lhes contar a verdade e pedir conselhos.

Nina lhes contou quase tudo, desde o começou. Apenas omitiu as fugas com Hari em suas estadas em Beros, que os pais não acompanhavam. O castelo que construiu acabou ruindo com a chegada de Hari. Nina confessou aos pais o medo que sentiu e o impulso de se refugiar na fazenda, evitando-o. A fuga não resolveria, pois perguntaria por ela e acabaria sabendo que tinha um filho, mas que continuava solteira. Não queria que pensasse mal dela e nem descobrisse por outro que era o pai do seu filho. Criou coragem e provocou o encontro dos dois, contando a Hari a existência do filho. Desde então, de tempos em tempos, o pai visitava o pequeno Hari, que o chamava de tio. No último ano, o professor aceitara dar um curso na Universidade e a proximidade com o pequeno aumentou. A criança o adorava e se divertia em sua companhia. Juntos, pareciam duas crianças. Confessou, também, que nestas vindas – e de modo discreto – encontrava-se com ele, a quem continuava amando e também era amada, o que tornava pior a situação.

- O Maro – desculpe, é o meu apelido para o professor Hari Setala – já havia proposto que ficássemos juntos, mas recusei. Agora, ao chegar para o curso, voltou a pedir. Pai, mãe, é o que quero, mas tenho medo. Preciso que me aconselhem. O que devo fazer? Desculpe por ter mentido.

Contou, ainda, que junto da proposta de “casamento”, Hari lhe tinha trazido convite para assumir cátedra de História na Universidade de Alta. Do ponto de vista acadêmico e profissional, poderia considerar a oferta o maior reconhecimento a seu trabalho. Achava que Hari, por motivos egoístas, havia influído na escolha, mas ficou



feliz pela aprovação dos outros mestres, de quem poderia, futuramente, ser colega. Foi uma longa conversa. Os pais lhe fizeram perguntas, pediram explicação, quiseram saber como era a família de Hari, como se portava e detalhes do que fazia. No final, os três ficaram em silêncio. Foi a mãe que falou primeiro.

- Você sempre foi boa filha, orgulhando não só a nós, mas a família. Nunca acreditamos inteiramente na sua história. Achamos que era cobertura para o verdadeiro pai do Hari. Não nos importamos. Precisava de nosso apoio e, como bons pais, a apoiamos. Acredito – e seu pai vai concordar – que filhos devem ser criados em âmbito familiar. É o que fizemos. É o que temos visto nossos filhos fazerem. Se casar-se com o professor a fizer feliz e lhe der uma família, apoiaremos você.

O pai, no geral, concordava com a esposa, mas queria ter certeza de como Nina se sentia e perguntou-lhe se estava segura de seus sentimentos e se queria, mesmo, se ligar ao professor de maneira definitiva e se achava que dariam certos juntos. Para ele, eram questões importantes. Gostavam de conhecer a família de suas noras e genros e, melhor ainda, os pretendentes. Nada sabiam de Hari e nem o conheciam. O pouco que sabiam era o que ela lhes contou. Ficaria mais tranquilo se conhecesse sua base familiar e história de vida.

- Sua mãe já disse e sabe a importância que damos à família. Não queremos que tome nenhuma decisão para nos agradar. Família é coisa séria e não deve ser decisão de impulso. O natural é que pai e mãe cuidem dos filhos e que o façam como família. Desse ponto de vista, aprovo – e tenho certeza que sua mãe também. Se a confortar, saiba que terá nosso apoio para qualquer decisão que tomar.

O pai lembrou a Nina que ligações sentimental e amorosa eram importantes, mas representavam um lado na constituição da família. O outro era o profissional, no caso de Nina ainda mais importante, pois dependia de suporte para a produção acadêmica, o que teria na Universidade de Alta com a boa oferta recebida.

- É uma boa perspectiva e, com isso, pode dar um pai ao pequeno Hari, que merece. Apesar do nosso apoio, não somos substitutos para a presença de um pai.

Os pais quiseram saber como seria a vida em Alta, o que mudaria para Nina e como era Hari no seu próprio meio. Nina procurou responder objetivamente, traçando um perfil de Hari, professor e acadêmico conceituado, havia se mantido solteiro e era tido como mulhereengo, mas não acreditava em muitas das histórias que dele contavam. Era honesto, vivia de forma simples e estava sempre disposto a ajudar, principalmente alunos que tinham dificuldades ou que eram estrangeiros. Do ponto de vista pessoal, gostava de cultivar

sua própria comida e seu hobby era a antiga música religiosa. O mais importante no seu caso, é que o amava. E o pequeno Hari o idolatrava, sempre perguntando pelo “tio Malo”. Quanto a ela e respondendo ao pai, o coração lhe dizia para aceitar, mas a razão pedia cautela. Com as questões esgotadas, os pais reafirmaram que a apoiariam. A única coisa que pediram é que levasse Hari até eles. Queriam conversar com ele.

- Obrigado, pai e mãe. Se não fossem vocês, não sei o que seria de mim e do pequeno Hari. Não tem ideia de como ajudaram e ajudam. Amo vocês.

\*\*\*\*\*

A semana de Hari foi de ansiedade. Queria Nina e o filho de volta, brincar com o pequeno Hari e vê-lo rir. O que o deixava mais ansioso era esperar pela resposta de Nina. Racionalmente, compreendia a hesitação. Nina, na ótica de quem o conhecia, era apenas mais um caso. Ela conhecia estas histórias – muito exageradas, mas não tão longe da verdade – e achava que era um fator para amedrontá-la. Quando decidiu lhe pedir para voltar – e influir na decisão do Colegiado para convidá-la – pensou nisso, mas julgava já ter demonstrado seu amor. Só tomou a decisão depois de se julgar pronto para a vida juntos e que mais do que a liberdade - que sempre preservara - queria criar o filho, vê-lo crescer e lhe indicar caminhos, o que não tinha acontecido com ele. Não queria corrigir o passado, mas podia – e pretendia – traçar futuro diferente. Nele, havia espaço para Nina, o pequeno Hari e outros filhos.

Ao retornar no final de semana, Nina deixou o pequeno Hari com os avôs. O filho estava de férias na creche e poderia aproveitar a companhia dos primos. Assim que chegasse, conversaria com Martti e Tib. O primo era seu melhor amigo e, durante algum tempo, chegou a ter esperanças de transformá-la em esposa. Nina deixou claro que não teria chance e quando retornou a Beros, o encontrou casado com Tib, uma bela pessoa e lhe era inteiramente dedicada. Martti era antenado, ligado nas coisas e com ótima sensibilidade, o que o tornara bom avaliador das pessoas, e era por isso que queria sua opinião. Era o pedaço final do quebra cabeças que vinha montando. Sua decisão estava quase pronta, mas só seria completada após a conversa com o primo e a conversa de Hari com seus pais.

Quando a sexta-feira terminou e Nina não tinha voltado, Hari sentiu impulso de ir a seu encontro, mas a razão prevaleceu sobre o coração e aguardou, adotando o modo passivo, sem saber que Nina havia retornado e fora direto para a casa de Martti. Ao chegar, já ao anoitecer, descobriu que Tib lhe havia preparado o jantar. Era típico dela, sempre à procura de agradar. Nina não a censurou, embora criticasse a submissão de Tib. Mas, como Martti, era de confiança.



Podia confiar que guardasse segredo do que conversaria com o marido. Depois do delicioso jantar, sentaram-se na sala e Nina expôs a Martti o seu dilema. Ele a ouviu em silêncio e atentamente. Martti vivia dizendo a Nina que precisava dar um pai para Hari, lembrando-a que sabia como era viver sem um - e fora por isso que avisara o professor Setala, o que ela nem desconfiava.

- Sempre diz que sou bom avaliador de pessoas e que confia no que digo. Sabe o que acho e continuo achando que seu filho precisa de um pai presente. Sei o que é não ter um e a diferença que isso faz. Mas só deve aceitar a proposta se estiver convicta dela, mesmo considerando a ótima proposta de trabalho. Se realmente se amam – e acredito no que me diz – acho que deve aceitar. Quero vê-la feliz, o que só acontecerá quando estiverem juntos.

Nina tinha conseguido o que queria, a aprovação dos pais e do primo, mas não podia pedir que tomassem a decisão por ela. Conversaram por mais algum tempo e Nina foi para casa sabendo o que faria, mas só revelaria sua decisão depois que Hari conversasse com seus pais. Tão logo se acomodou, foi para computador e enviou mensagem a Hari.

*“Maro, conversei com meus pais e com Martti. Terei uma semana complicada e não vamos nos ver. Na sexta-feira, no entanto, vou pegá-lo e o levar à fazenda. Meus pais querem conversar e prometi que aguardaria esta conversa para tomar minha decisão. Prepare-se, pois vão esmiuçar sua vida, querendo detalhes, e lhe confrontar em relação a mim e ao pequeno Hari. Desculpe, mas é necessário, levando em consideração que são meus pais e como criaram uma grande e harmoniosa família. Te amo. N”.*

O bip do computador tirou Hari dos devaneios de como seria a vida com o filho e ao lado de Nina. Kareen, de Tetama, o havia informado que os anciãos – espécie de governo do planeta – iriam fazer testes com o seu ex-aluno e amigo Achilles Wikse usando nova técnica, que chamou de “ligação de mentes”. Há muitos anos Hari havia se interessado por telepatia, mas descobriu que não havia nenhuma prova de sua existência, concluindo que era ficção, embora estivesse torcendo para que os anciãos de Tetama estivessem certos e conseguissem ajudar seu amigo.

Com o bip, voltou-se para a tela do tablete e viu o recado de Nina. Antes, Hari julgava-se preparado, imaginando que Nina iria querer tempo, pensar na decisão. Com o bilhete, viu que se enganara e ficou inseguro, não sabendo como ela decidiria e como a decisão dela o afetaria. Se o queriam ver era por Nina lhes ter contado a verdade e avaliou ser o preço a pagar pela felicidade de tê-la e ao filho. Sua

expectativa era ter a resposta de Nina quando retornasse da casa da família, mas não devia ter pressa. E foi pensando assim que lhe enviou a resposta.

*“Amor, se é o que quer e irá satisfazer seus pais, irei e lhes darei os detalhes que pedirem sem esconder nada. Aliás, como sabe, nada tenho a esconder, embora não viva espalhando o que faço. Acho justo o pedido, afinal trata-se não só do seu futuro, mas também de um dos seus netos. Estarei pronto e preparado. Te amo. Maro”*

Nina esperava que Hari chegasse a qualquer momento e a ansiedade a dominou. Não conseguiu ficar sentada, parada à espera. Caminhou de um lado a outro da sala, mas não se acalmou. Foi à cozinha, tomou água e voltou, aguardando de pé. A qualquer minuto, entraria pela porta e não queria que notasse como estava nervosa. Queria o receber sorrindo, aparentando toda a calma e doçura que sempre lhe dizia possuir. Tinha tomado a decisão mais difícil e desejava estar tranquila para lhe poder dizer. Ao ver Hari chegando fez um tremendo esforço para se controlar. Ele se aproximou, envolve-a nos braços e a beijou, sendo correspondido. Depois, suavemente, afastou-se dela, segurando-a gentilmente pelos braços e a ficou olhando. Quis fazer charme, criar suspense, mas não resistiu.

- Maro, tomei a decisão. Vou com você e vamos ter uma família. Vou também aceitar a cátedra. E estas são...

Hari não permitiu que continuasse falando. Puxou-a para ele e a beijou, com muito mais intensidade que na primeira vez e lhe sussurrou baixinho um “eu te amo”. Ficaram abraçados, como se fossem os únicos no espaço. Sentaram-se e Nina completou o que o beijo de Setala não lhe permitiu dizer. Não queria deixar o seu cargo no meio do período, pois sabia que a Universidade não teria tempo de arranjar um substituto. O que faria era avisar o Departamento do convite da Universidade de Metis, em Alta, dando-lhe tempo para contratar outro professor. Não gostava de deixar as coisas incompletas. Nem de deixar amigos e colegas na mão, o que aconteceria se saísse logo, ao término do curso que Hari estava ministrando. No final do período letivo, voltaria a Steimia passando as férias com sua família e preparando a mudança.

- Sei que concordou em conversar com meus pais, o que é bom. Mas gostaria de ter outra coisa – em nossa sociedade é importante. Queria que nos cassássemos aqui, antes de deixar o planeta. Será surpresa para todos. Embora no final não faça tanta diferença assim para mim, acho que é algo que devo aos meus pais e à minha família.

- Nina, não tenho nenhum problema com o casamento. Sempre o achei a coisa natural para a vida a dois. Então, não é problema. E se a vai deixar feliz, melhor ainda. Pode acertar tudo para as férias e me dizer o que devo fazer. Este é o menor preço que posso pagar para a ter e ao nosso filho ao meu lado.

Nina abriu um largo sorriso e o beijou apaixonadamente. No caso do casamento a ideia era anunciar o noivado após a ida de Hari à fazenda da família e da conversa com seus pais e irmãos. Achava apropriado fazer tudo no reduto familiar e deixar que os irmãos se encarregassem de organizar o casamento, onde os pais viviam. Não haveria anúncio formal do noivado, mas seria notado, por usarem aliança, indicando a nova situação. No caso de Hari, talvez não lhe perguntassem. Mas a ela, certamente. Não teria problema em contar quem era o noivo. Antes, avisaria o Departamento de sua saída, apresentando o convite da Universidade de Alta.

Nina estava feliz, mais até do que no tempo em que ela e Hari haviam vivido juntos em Alta. Tinha, finalmente, conquistado o amor de sua vida, realizando o sonho de unir-se a ele, de terem família. Durante algum tempo achou que não iria realizá-lo, mas vendo Hari feliz a seu lado, pensou que se não fosse o filho talvez nunca tivesse Hari. Nina se mexeu, levantou-se e segurou a mão de Setala, puxando-o e sorrindo de modo cúmplice.

- Venha, vamos comemorar.

\*\*\*\*\*

Durante a semana Nina e Hari pouco se viram, envolvido nos seus afazeres acadêmicos. No início da tarde de sexta-feira, chegou ao apartamento dela para apanhá-la e seguirem para Steimia, a pequena cidade onde ficava a propriedade dos Holantes. Na estação local alguém os estaria esperando e iriam direto para a casa grande – a residência dos pais de Nina – onde ficariam hospedados. Hari nunca temeu os desafios e venceu todos que enfrentou, sendo o maior deles a separação da família. A visita aos Holantes o estava deixando mais que ansioso. Temia não ser aprovado e que a desaprovação interferisse na decisão de Nina. Mas tudo passou quando Nina o recebeu e o pequeno Hari correu em sua direção. Pegou-o e o levantou no ar, bem alto, virando-o depois e lhe arrancando gargalhadas. Como em todas as outras vezes, quando parava ouvia o filho dizer “quelo mais, quello mais”.

- Maro, o Hari vai com a gente. Disse ao pai e à mãe que se dá muito bem com você. Quero que vejam como se entendem e como fica feliz quando está na sua companhia, aproveitando as brincadeiras que nenhum dos tios ou parentes faz com ele. Acho que ajudará meu pai a formar boa opinião sobre você.

Tudo estava pronto. Hari enganchou o filho no pescoço e desceram para o metrô. Minutos depois, estavam na estação de trem. Dela, até Steimia era um percurso de 30 minutos. Nina programou a chegada a tempo do almoço, que contava com a participação de filhos, noras e genros. Nina não tinha contado a Hari, mas achava que a família se juntaria, curiosa para conhecer o famoso professor que a

conquistara. Com mais gente, haveria divisão de atenção e daria mais tempo a Hari, antes de ser confrontado pelos pais. Nina sentiu que ele estava nervoso. O balanço do trem deu sono no pequeno Hari e pai o colocou no colo, deixando-o confortável para a soneca. O garoto dormiu tranquilo, como se o contato com o pai lhe desse segurança. Ao chegarem, ainda dormia. Hari o pegou, colocou-o debruçado no seu ombro e foram ao encontro de Pavle, o irmão de Nina os recebeu.

- Obrigado, Pav. Quero que conheça o Hari, mas acho que não se importará se o chamar de Maro, que é o meu apelido para ele. Maro, este é o Pavle, meu irmão mais novo.

Antes da viagem, Nina avisara a Hari algo que já sabia: Que todos, no planeta, mesmo nos contatos mais formais, se tratavam pelo primeiro nome. Na família, no entanto, era muito comum usar diminutivos e apelidos. Achava que o fato de contar à sua família como lhe chamava acabaria por aproximá-los, dando-lhes maior grau de intimidade. Até então, apenas Nina e, mesmo assim, somente no espaço mais íntimo, o chamava de Maro. Mas não se opôs à ideia, principalmente se contribuiria para a sua integração e pudesse facilitar a constituição de sua nova família.

- Prazer, Maro. Deixe-me ajudá-los com as coisas, pois está já carregando algo precioso que precisa de todos os cuidados.

Nina sorriu ao ouvir o irmão chamar Hari pelo “apelido”. Era bom sinal, mostrando que simpatizou com ele. Na família, todos já sabiam da sua “história” com o professor e a autoria conjunta do filho, justificando sua ausência pelo desconhecimento em que Nina o deixara. Viam sua aproximação como positiva e diante da cena de um pai amoroso, carregando o filho adormecido, ficariam ainda com melhor impressão dele. Cuidar bem das crianças era uma das maiores preocupações dos pais e dos irmãos. Tinha sido um ótimo começo. Certamente Pavle contaria o que viu e ajudaria Hari. Na casa grande, os quartos já estavam preparados para recebê-los. Nina e o filho ficariam juntos e Hari o colocou no berço, ajeitando para um sono tranquilo. Depois foram falar com os pais de Nina, que os esperava na sala.

- Pai, mãe, este é o Dr. Hari Setala, que foi meu orientador nos estudos em Alta. Aqui, para mim e para toda a família, não vale o título, pois será apenas o Maro, como o chamo. Espero que tenham boa conversa.

- Bem vindo à nossa casa, Maro. Esperamos que sua visita seja agradável e nos sentimos honrados em tê-lo conosco. Vamos nos sentar. Daqui a pouco o almoço será servido e vamos nos juntar a outros filhos e netos.

Hari se sentiu bem acolhido e simpatizou logo de início com o pai de Nina. Lembrou-se do avô, que tinha o mesmo jeito bonachão e se divertia com os netos, quando de visitas à sua casa. Sentiu-se seguro mas, ao mesmo tempo, apreensivo pelo rumo que a conversa poderia tomar. Depois dos cumprimentos formais, Nina e a mãe saíram e Boris e Setala ficaram sozinhos. Os Holantes formavam uma grande família, com cinco filhos e vários netos. Deles, a única que não morava próximo era Nina. Ela saiu para estudar – com apoio dos pais e irmãos – e quando voltou ficou em Beros, a capital de Gerus. Os outros irmãos tinham estudado mais próximo e se juntaram ao negócio familiar, assumindo-o aos poucos, aliviando a carga do pai e lhe permitindo uma semiaposentadoria. Afastou-se do dia a dia da empresa e passou a atuar como conselheiro dos filhos, ajudando-os nas decisões mais difíceis com a experiência adquirida em anos de trabalho. Gostava do que tinha feito em relação aos negócios e, muito mais, por criar uma família unida.

- Maro, para os padrões de Gerus não somos ricos, mas vivemos bem. Temos um bom negócio, que permite a integração da família, e graças ao esforço dos que dele participam, acabamos criando produtos de referência, desejados, com mais gente querendo comprá-lo do que podemos produzir. Tenho certeza que o negócio irá continuar, mas eu e meus filhos temos conversado sobre o futuro e vemos a necessidade de preparar meus netos para outras áreas, como fez a Nina, que é um dos nossos orgulhos. Mas já falei demais. Conte-me sobre você.

Hari lhe fez um resumo. Havia nascido em Gurion, no outro extremo do braço galáctico, filho de pais muito religiosos e ligados diretamente à Igreja local. Seu pai era o bispo da localidade onde nascera e a mãe vinha de família com larga tradição no sacerdócio e no serviço religioso. Sua educação foi rígida, mas desde cedo mostrou-se diferente dos irmãos, insubordinando-se contra práticas religiosas e contestando a autoridade paterna. Na adolescência esses conflitos cresceram e chegaram a um momento de explosão, quando o pai descobriu que namorava uma colega de escola, filha de líder político local que era ateu e passou sua crença aos filhos. Seu pai proibiu o namoro por considerar um ultraje à família e à religião e colocou os irmãos para vigiá-lo. Desobedeceu o pai, enganou os irmãos e foi encontrar a namorada. Flagrado, foi confinado em casa. Eram as férias escolares de meio de ano e não se conformou com a decisão paterna. Burlou a vigilância e novamente foi se encontrar com a namorada. Quando foram vistos de mãos dadas e aos beijos tudo explodiu de vez.

Hari estava no último ano do ensino médio e, já pensando adiante, começou a enviar currículos para as universidades de sua preferência. Era ótimo aluno, com notas acima da média, o que facilitaria sua

aceitação. Antes do fim do semestre já tinha sido aceito por três escolas diferentes, uma delas a Universidade Central, sua preferida, mas sua escolha nunca se concretizou. Hari viveu recluso até o final do período letivo. Quando saía, estava sempre acompanhado e vigiado. Revoltado, considerava-se prisioneiro e a cada instante lembrava ao pai da sua prisão. As brigas entre os dois eram constantes e por muito pouco não chegaram à agressão física, para horror da mãe, que vivia chorando.

Quando as férias terminaram e Hari esperava ir para a Universidade Central, em Romonte, o pai comunicou-lhe que iriam viajar, sem lhe dizer para onde. Para sua surpresa, foram para Romonte e achou que iria se matricular na escola de sua escolha. Não foi o que aconteceu. Voaram – e foi a primeira vez dele – para Tatis, planeta irmão de Gurion, que tinha cultura mais aberta. Nele, a religião do pai estava solidamente implantada. Ao chegarem, o pai informou que estudaria na Universidade de Tetis, morando no alojamento universitário e recebendo apoio do bispo local. Ele seria quem iria lhe apoiar, inclusive com fundos para o manter. O pai o deixou no dia seguinte, retornando. Hari ficou.

Longe de casa, sem suporte da família e sem amigos, Hari se sentiu abandonado. Considerava sua ida para Tetis como exílio e odiou o pai. Tentou todos os meios para voltar, mas não conseguiu por um detalhe simples: não tinha como pagar a passagem de volta. O que recebia mal dava para manter-se e foi, por necessidade de economizar, que mudou seu modo de vida, adotando a forma mais simples de viver. Sua única perspectiva era vencer pelos estudos e dedicou-se inteiramente a eles, destacando-se na graduação, o que lhe rendeu convite para o Mestrado, concluído com louvor, e o Doutorado, em que foi o primeiro a obter nota máxima. A academia lhe abriu as portas, foi contratado como professor assistente e começou a galgar postos, produzir, formar currículo e enveredar-se por campos pouco explorados da história antiga e da música religiosa.

Em Gurion, principalmente entre os que pertenciam à religião de seus pais, todos tinham dois nomes, um para a família e outro, público. Hari não era diferente. Os nomes compunham a personalidade da pessoa, principalmente os de mesma fé, mas o nome familiar era de conhecimento restrito, apenas dos mais íntimos. Dá-lo a alguém era demonstração de confiança. O nome público de Hari, o que constava no registro civil, era Marinko, gerando o apelido de Maro, que começou com os irmãos e se espalhou para amigos e colegas. Na família – para poucos íntimos - era Hari. Por se sentir deserdado pelo pai e como forma de o espezinhar adotou o nome íntimo como público. E foi com ele que ficou conhecido como professor e autor, para novo desgosto do pai.

Conhecido e respeitado, Hari continuou vivendo de forma simples, quase frugal. Não tinha empregados domésticos, comuns em Gurion e mesmo em Alta, quando se transferiu para a Universidade da cidade. Ele começou a preparar sua própria comida e a cultivar a horta que lhe dava legumes e verduras, o que foi considerado excentricidade. Mesmo tendo amigos, bom relacionamento com colegas e alunos, tornou-se solitário, talvez consequência da perda da família. Também se resguardava, nunca misturando sua vida privada com as atividades que exercia e evitando expô-la publicamente. Seus relacionamentos eram breves, mesmo que intensos e, bem antes, tomou a decisão de nunca casar, nem ter filhos. Até conhecer Nina, nunca tinha se envolvido com alunas, comum com colegas professores. Foi Nina que começou a mudá-lo, sendo a primeira mulher por quem se apaixonou de verdade. Ele a queria ao lado e, por mais de uma vez, pediu que ficasse em Alta. Quando a reencontrou, após o choque de saber que tinham um filho, voltou a lhe pedir que voltasse com ele. Insistiu até que aceitou.

- Em um rápido resumo, esta é a minha vida. Acho justo que a conheça. Acredito que, por dar grande valor à família, queira saber se voltei a me relacionar com meu pai. A resposta é sim. Foi difícil nas primeiras vezes, mas temos boa convivência. Aprendi, com estudos e pesquisas, que a religião tem grande influência na formação da cultura de um povo ou segmento dele. Meu pai considerava certa suas ações, baseando-as na crença e cultura locais. Foram cerca de 20 anos longe da família. Voltei por causa de minha mãe. Foi ela que me reaproximou de meu pai. A cada dois anos, pelo menos, eu os visito e mantemos contato permanente. Boris, quando soube que tinha um filho, o exemplo de família que me veio à mente foi a de meus pais. Foi o que me incentivou a querer minha própria família, com a Nina e o pequeno Hari.

Boris ouviu em silêncio a história, que conhecia em parte contada por Nina. Gostou da sinceridade, de vê-lo admitir o conflito com o pai e a volta do relacionamento com a família. Considerava a sinceridade e a capacidade de refazer laços, perdoar, demonstração de caráter e somaram a favor de Hari. Boris lhe fez mais algumas perguntas e, depois, passaram a falar de amenidades, gostos pessoais, música e comida. Nesta parte, foram avisados que o almoço estava servido. À mesa e à espera estavam Nina e três de seus irmãos, noras e alguns netos. Deles, só Pavle é que tinha conhecido Hari e Nina o apresentou, levando-o a cada um deles. Boris chamou Hari para ficar a seu lado, oposto a Geri, que sempre o acompanhava. Nina ficou agradavelmente surpresa com o gesto.

Acostumado a comer frugalmente, Hari viu a mesa repleta. A comida era variada e abundante, quase chegando ao desperdício. Vendo a família Holante se atirar a comida, pensou em como as



culturas culinárias eram diferentes. O que, em um lugar poderia ser considerado desperdício, em outro podia ser visto como básico e este parecia ser o caso do Holantes. Era um tema interessante de pesquisa e poderia sugeri-la a um de seus alunos locais. A algazarra das crianças e as perguntas dos adultos fizeram com que Hari esquecesse o viés acadêmico e concentrou-se na reunião, participando nas conversas, respondendo perguntas e vendo a interação familiar, bem maior da que tinha vivido na infância e adolescência. Hari provou vários pratos, comeu mais do que o necessário e tomou o ótimo vinho. Mesmo assim Geri, a mãe de Nina, reclamou que ele não tinha gostado da comida. O almoço seguiu em ritmo lento e terminou com um excelente café. Os filhos foram saindo e sobraram Boris e Hari à mesa. O pai de Nina fez menção de se levantar e voltou-se para o professor.

- Tenho o hábito de fazer pequena sesta após o almoço. Se desejar, seus aposentos estão prontos e pode descansar. Fique à vontade, você está em casa. Então, peço sua licença.

Nina interveio em socorro de Hari.

- Pai, vamos aproveitar o início da tarde e caminhar pela propriedade. Assim o Maro irá conhecer o que fazemos e matar a curiosidade sobre os vinhedos e produção dos vinhos. Vou mostrar, também, a horta da mamãe. Ele vai gostar. Nos vemos mais tarde.

Hari não sabia, mas Nina, dois de seus irmãos e Geri haviam ouvido a conversa dele com Boris e achavam que tinha se saído bem, conquistando sua simpatia, o que foi confirmado ao chamá-lo para sentar-se ao seu lado. Nunca, pelo que se lembrava, alguém dividiu a cabeceira da mesa com os pais. Era um ótimo sinal. Tirá-lo de casa tinha outro objetivo: permitir que os pais conversassem livremente. Geri e Boris iriam comentar e comparar suas opiniões do pretendente da filha e Nina estava interessada no resultado desta avaliação, que a mãe lhe contaria. Observada pelos pais, Nina se aproximou de Hari, segurou sua mão e o levou para o passeio.

Nina fez com Hari o tour pela propriedade da família. Primeiro, caminharam entre as videiras carregadas e próximas da colheita. Depois, ela o levou à moagem das uvas, explicando o processo, e à cave, com os grandes tonéis de aço em que o vinho novo repousava e à parte onde o melhor vinho era envelhecido em toneis da carvalho. Os vinhos produzidos pela família envelheciam pelo menos um ano nestes tonéis. Os mais nobres – de menor volume e preço maior – ficavam, no mínimo, três anos envelhecendo. Os dois viram, também, a parte de engarrafamento, embalagem e despacho dos pedidos. Os preços de venda dos rótulos produzidos iam de 100 a 300 créditos na fábrica, mas chegavam, no caso do vinho mais caro, a atingir mil créditos nas lojas especializadas. A produção total anual podia chegar a 60 mil garrafas e a vinícola mantinha reserva para suprir o mercado quando ocorria uma safra ruim.

Embora fosse o maior, o vinho não era a única fonte de renda da família. A propriedade havia se diversificado e os Holantes criavam gado, produzindo leite e derivados, porcos, carneiros e galinhas no sistema orgânico, vendidos no empório da família, que também recebia o que era produzido em outras fazendas da região. Para completar o tour, levou-o à horta de Geri, muito bem cuidada. Dali saíam as verduras e legumes que abasteciam as casas da família. O dia chegava ao final quando terminaram o tour. Viram o por do sol e retornaram à casa grande. Ao chegarem, Nina levou Hari para o caramanchão ao lado da casa, onde se sentaram. Ela pegou suas mãos e olhou-o nos olhos.

- Amor, queria lhe tranquilizar em relação a família. Meus pais e meus irmãos simpatizaram com você e gostaram de ver a ligação que criou com o pequeno Hari. Mamãe aprova minha escolha. Acho que papai também, mas só vou saber mais tarde. Conteí aos dois a minha história, sem omitir nenhum detalhe. Queria que soubessem que não foi você que me abandonou, mas eu que me afastei. Este é o lado bom, mas há outro. Papai e a família querem que nos casemos aqui, na fazenda. Com certeza, na próxima conversa que tiverem vai lhe falar. Ao modo dele, está dando satisfação à comunidade local, que o vê como líder e o respeita. Quero pedir que atenda meu pai. Pode fazer isso, por favor?

Hari entendeu que mais do que a cerimônia, a família queria festejar, o que nunca esteve nos seus planos. Podia recusar, mas desagradaria a família por um motivo bobo e não seria um bom

começo. Concordou e disse que deixaria os arranjos aos cuidados da família. Feliz, Nina segurou-lhe o rosto e o beijou. Novamente o pegou pela mão e caminharam em direção a casa, com Nina o deixando à porta do quarto. Quando saiu, encontrou Boris à espera.

- Boa noite, Maro. Então, gostou do que viu? A Nina me falou do passeio. Fiquei curioso. O que me diz?

- Gostei muito, Boris. Achava que produziam só vinho, mas vi que tem outras atividades. O que me impressionou foi ter adotado um sistema muito próximo do cooperativo, partilhando a produção de alimentos e os resultados obtidos. É uma ótima política, que aprovo e acho que as empresas deveriam adotar.

- Não somos gananciosos. Considero essencial a ajuda que recebemos de quem trabalha e de suas famílias e acho justo que participem. Temos orgulho do nosso sistema, que tem servido de modelo. Ah, mas há outra coisa que queria lhe falar. Não fique surpreso.

Quando Nina lhe contou sobre Hari, Boris ouviu, mas não ficou só com a sua versão e usou suas conexões para obter mais informações sobre o professor que tinha lhe dado um neto. O que recebeu foi a confirmação de que era homem sério e ético. Talvez Nina não aprovasse o que fez, mas se achou no direito de checar as informações. Afinal, Nina era sua única filha e se preocupava com ela e com o neto.

- Se vamos ser família, temos de ser sinceros. É por isso que estou lhe contando. Não gostaria que descobrisse por outros o que fiz. O importante é que passou com méritos.

Boris pediu a Hari que esta informação ficasse entre eles. Temia que Nina ficasse magoada, achando que havia desconfiado dela. E não fora essa a intenção. A franqueza do futuro sogro surpreendeu Hari, mas prometeu que manteria reserva sobre a conversa.

- Não sei que planos fizeram para o casamento mas há algo que gostaria de pedir. Queria que a cerimônia fosse aqui, na fazenda. Não faremos festa, mas convidarei alguns amigos e conhecidos. O que me diz?

- Boris, por mim e se a Nina concordar, não vejo problema. Como estamos falando francamente, não sou do tipo religioso, embora meus pais e minha família sejam. Não sou ateu, mas não professo nenhuma fé. Se não for empecilho, estou de acordo.

Hari lembrou a Boris que seu período em Beros estava terminando e retornaria à Alta na próxima semana. O casamento, neste caso, teria de se dar nas férias seguintes, quando o período letivo terminava. Nina deixaria sua cátedra na Universidade e viajaria com ele para Alta,

o que lhes davam quatro meses para organizarem o casamento, a ser realizado no final do ano.

- Acertado, Maro. Depois vamos ver a data. Pode deixar que cuidarei de tudo. Não se preocupe.

\*\*\*\*\*

Nina e Hari quiseram aproveitar os últimos dias dele em Beros e ficaram no apartamento dela, assumindo publicamente o relacionamento e pondo fim às fofocas que dormiam juntos, escondidos. No meio acadêmico seus colegas sabiam que havia sido aluna de Hari, mas não do antigo relacionamento e nem que o filho era dele. Muito mais que os pais, quem melhor aproveitou a presença de Hari, foi o filho, que encheu a casa de alegria, divertindo-se com as brincadeiras e provocações do pai, deliciado por começar a ser chamado de “papi”. A felicidade parece ter feito a semana voar e chegou a hora de retornar.

Na viagem até a nave do salto, Hari ficou imaginando a surpresa de amigos e colegas com a notícia do seu casamento. Os mais próximos iriam se lembrar do caso com Nina. Ao chegar, a primeira coisa que fez foi informar ao Departamento que a professora Aniina Holante havia aceitado o convite e que estaria à disposição da Universidade no início do ano letivo. A contratação era esperada, pois aliviaria a carga dos outros professores. Na reunião do Departamento aproveitou e deu a notícia do casamento já sabendo que se tornaria o principal foco das fofocas no campus.

Hari estranhou não ter recebido nenhum aviso de Noor sobre a vinda para Alta. Não sabia se tinha chegado, mas decidiu procurá-la e contar sobre o filho e o casamento. Noor havia se transformado em amiga, perdendo a aura de estrela e queria lhe contar as novidades também em relação a Xilim. Depois, iria cuidar da instituição de um fundo que garantisse a educação e o futuro do pequeno Hari, usando parte de suas economias e os rendimentos extras com cursos, palestras e direitos autorais. Esperava viver muito, ver o filho adulto e encaminhado, mas, como ouvira na infância, é melhor prevenir que remediar. O fundo era preventivo e a intenção era não precisar usá-lo.

Resolvidas as questões pessoais, Hari tinha de cuidar do acadêmico, começando por avaliar candidatos ao Mestrado e Doutorado, definindo quem aceitaria como orientando. A cada ano e seleção tinha mais pedidos de orientação que vagas. A norma da Universidade era três alunos do Mestrado e um do Doutorado, mas podia diminuir este número. Já havia decidido que teria apenas dois orientandos para o Mestrado e um doutorando. Tinha seis pedidos de orientação de Mestres e quatro de Doutores, caso em que teria de fazer a seleção, encarregando a assistente do agendamento. Depois das entrevistas, tomaria a decisão.

Em Beros, Nina também cuidava de tarefas acadêmicas. Tinha de fechar o ano letivo, preparar relatórios, entregá-los e ver no Departamento como ficaria a orientação de seus alunos de Mestrado. Seu substituto poderia absorvê-los, mas a decisão não seria dela, mas coletiva. No lado pessoal, tinha de se preparar para a mudança. Para o filho, seria um mundo novo, longe da família que sempre conhecera e dos primos e colegas de escola. Nina pensou que também ela estava recomeçando, constituindo família e vivenciando a experiência de casada, de ter um pai presente para o pequeno Hari. Penar no futuro a deixava ansiosa e amedrontada e, como num insight, concluiu que a recusa aos pedidos anteriores de Hari fora por medo. Temia que o relacionamento não desse certo, que se desfizesse. O filho mudou tudo.

\*\*\*\*\*

Hari e Nina viram o tempo passar devagar, mas de modo diferente. Ele, ansiando pelo dia em que teria a futura esposa e o filho ao lado. Ela, insegura em relação o futuro, apesar de sentir que tinha tomado a decisão certa. No meio de tudo, a rotina da vida acadêmica e a espera da hora em que se reencontrariam. Os dois se falavam com frequência, atualizando o que faziam e, do lado de Nina, vinham os detalhes de como o filho ia na escola, o que perguntava sobre o pai. Nas conversas falavam, também, sobre o futuro. Hari propôs que fossem para uma casa maior, mais confortável e com maior espaço para o filho. Nina, foi contra. A velha casa lhe trazia boas lembranças e era suficiente para os três. O segundo quarto foi mobiliado e preparado para receber o pequeno Hari e o quarto do casal, melhorado. A casa estava pronta – como Hari se julgava pronto – para uma nova vida.

Metódico, Hari estava com tudo resolvido cerca de 15 dias antes do término do período letivo. As aulas foram concluídas, as avaliações feitas, seus orientandos tinham suas tarefas para as férias e a burocracia a que o professor era submetido, resolvida. Sua assistente foi uma grande ajuda para dar conta das tarefas e, como prêmio, liberou-a mais cedo. Pensando na viagem e no casamento, recusou pedidos de palestras, cursos e conferências. Nas férias, seu tempo seria dedicado a Nina e ao filho. O período letivo na Universidade de Alta ia até o final de novembro. A partir do início de dezembro, os professores que estivessem em dia com suas tarefas, estavam liberados. Hari era um deles e pensou que seria interessante aproveitar este tempo para que ele, Nina e o filho, pudessem ficar juntos. Abriu o computador e enviou mensagem à Nina.

*“Amor, minhas tarefas estão concluídas e estou pronto para viajar. O que acha de antecipar a ida? Poderíamos aproveitar um tempo só para nós – eu, você e o Hari. Te amo. M”.*

A resposta chegou rápida.

*“Acho ótimo. O Hari vai ficar feliz. Podemos passar a semana na casa do Martti. Vou falar com ele. Avise o dia da chegada. Te amamos. N e H”.*

Hari acertou o vôo, o salto estelar e avisou Nina do dia da chegada. Ao desembarcar encontrou Nina e o filho à espera. O pequeno Hari saiu correndo ao seu encontro, observado por Nina. Só depois que pai e filho tinham se abraçado é que se aproximou e deu-lhe um beijo. Juntos, foram em direção ao metrô.

- Maro, se quiser podemos ir direto para Kevila. O Martti foi para lá e levou nossas coisas. Não me olhe assim, ele não vai ficar. A casa é nossa. Tenho algumas coisas para completar na universidade, mas faço quando voltar. O Hari sonhava com você, me perguntando todos os dias quando é que voltaria. Veja como está feliz.

\*\*\*\*\*

A semana foi ótima, mas passou voando e os três retornaram à Beros. Nina tinha tarefas na Universidade, o que lhe tomou mais alguns dias. Em seguida, foram para a fazenda Holante e ao encontro do pároco local, que precisava completar a burocracia do casamento. O padre Ilija visitou-os na casa grande, colheu os dados necessários e explicou o ritual do casamento. Antes, iria afixar o anúncio das bodas na Igreja local, cumprindo a lei. Ele entregou aos noivos um livreto explicando a importância do casamento e o as razões de a Igreja o considerar sagrado. Dele constavam, também, as respostas que dariam na cerimônia. A expectativa do padre é que a Igreja ficasse lotada, não só pelo prestígio da família Holante, mas pela curiosidade da comunidade local, que queria conhecer o novo genro de Boris.

O pai de Nina, que acompanhava a conversa, entrou nela.

- Maro, não vamos fazer festa, mas como fizemos nos outros casamentos de filhos, receberemos os convidados no Salão Paroquial para um coquetel. Já acertamos tudo com o padre Ilija. Espero que não se importe.

Hari não era dado a festas e, na verdade, se importava. Mas não iria contrariar Boris e seguiria a tradição familiar.

- Boris, não me oponho e, na verdade, preciso da sua ajuda e do padre Ilija para me comportar de acordo com a tradição local. Não desejo quebrar nenhuma regra. Você está no comando e eu o seguirei.

O casamento seria dentro de duas semanas e Hari e Nina voltaram à Beros. O pequeno Hari ficou na fazenda, aproveitando a companhia dos primos – e deixando os pais mais livres. Foi o tempo necessário para se preparem. Nina ainda não tinha comprado o vestido de casamento e Hari, para seguir a tradição local, comprou um terno,

coisa que na verdade nunca tinha usado. No final de semana do casamento, voltaram à fazenda. Viviam a expectativa do domingo e da cerimônia que celebraria a união, marcada para o final da tarde.

No domingo, ao acordar Hari se descobriu nervoso. Estava começando nova vida, mudando e assumindo status que jamais imaginara. O casamento, nem mesmo quando se ligou a Nina, tinha entrado nos seus planos. Achava natural que ficassem juntos, mas não via necessidade de casar-se formalmente. Era apenas um papel e em nada mudaria os sentimentos dos dois. Nina estava radiante, não pela cerimônia, mas pela perspectiva de constituir família, dar a Hari o pai que precisava. Como bônus, completaria o sonho que durante muito tempo acalentou: ficar ao lado de Hari. Como o futuro marido, não dava importância à formalidade do casamento, mas sabia como era importante para a família e a forma de dar satisfação à comunidade, o que também satisfaria os pais.

Hari e Nina foram para a igreja separados. Ele, como ditava o cerimonial, entrou e postou-se ao lado do púlpito, esperando. Ela chegou levada pelo pai e observada pela igreja lotada. Boris a entregou a ele, que a tomou pela mão, colocando-se do seu lado. Juntos, sentaram-se aguardando o início da cerimônia. O padre Ilija seguiu o ritual e fez curta homilia destacando a importância da união, acolhida pela Igreja, e do princípio de nova família, capaz de gerar filhos e oferecer a eles ambiente estável. Chegou a hora dos votos e o padre Ilija adotou tom solene.

- Aniina Holante, aceita como seu esposo Marinko H. Setala e promete que o honrará até o dia de sua passagem?

Segurando as mãos de Setala e o olhando firme nos olhos, respondeu de modo que toda a igreja pudesse lhe ouvir claramente.

- Sim, aceito!

- E você, Marinko H. Setala, aceita Aniina Holante como sua esposa, prometendo que a honrará até o dia de sua passagem?

Tal como Nina fizera, Setala virou-se para ela, segurou-lhe as mãos e abrindo um largo sorriso, também respondeu de forma clara.

- Aceito e prometo que ela terá todo o meu amor!

E antes que o pároco dissesse qualquer coisa, puxou a noiva e lhe deu um sonoro beijo, deixando-a enrubescida, mas que foi consagrado com aplausos. Hari havia quebrado a rigidez do ritual fazendo o que nem ele esperava. Na sequência, o beijo dos noivos só viria no final, quando fossem abençoados.

A cerimônia terminou e foram para o Salão, submergindo em abraços, tapinhas nas costas, beijos de parentes e desejos de felicidades. Boris apresentou Hari as pessoas consideradas

importantes. O pequeno coquetel, na verdade, foi um banquete – pelo menos para Hari – e terminaram exaustos, só pensando em descansar. Ao retornarem à casa grande e ao quarto onde passariam a noite tomaram banho juntos, como faziam muitas vezes. Deitaram-se, se deram um beijo de boa noite e dormiram profundamente.



Nina acordou cedo, relaxada, descansada e feliz. Virou-se para o lado e observou Maro, que ainda dormia. Seu primeiro impulso foi acordá-lo e fazerem amor, lembrando os tempos em que ficaram juntos em Alta, mas controlou o impulso e, com cuidado, levantou-se, trocou-se e saiu silenciosamente do quarto. Na casa, acordavam cedo, rotina exigida pelo tipo de negócio que os pais e irmãos de Nina conduziam e quando chegou à cozinha, o café estava servido. Foi recebida por olhares interrogadores, mas ninguém disse nada relacionado ao casamento ou à noite de núpcias do casal.

A intenção de Nina era preparar o café de Setala e servi-lo no quarto, mas diante dos olhares acabou desistindo. Pegou suco e retornou ao quarto, entrando com cuidado. Hari não estava na cama, mas ouviu o som do chuveiro aberto e sorriu ao lembrar-se de quantas vezes havia acordado com o barulho do banho do marido. “Marido”. A palavra lhe soou bem. Por que, antes, nunca tinha pensado em Maro como marido? O fato é que não só gostava do som que a palavra produzia, mas da própria situação, nova, é verdade, mas que, talvez sem se dar conta, sempre quisera. O barulho da água parou.

- Nina, você não quer vir para cá e tomarmos banho juntos?

- Não, Maro. Termine logo que já estão tomando o café. Vamos fazer companhia a eles. Acho que estão nos esperando.

Setala saiu do banho e ainda nu caminhou pelo quarto. Nina sentiu novamente o despertar do desejo, mas conteve-se. Observou-o vestir-se e foram para a grande cozinha. Novamente, os olhares curiosos se voltaram para eles, mas ninguém – como pouco antes com a própria Nina – disse nada. Escolheram seus lugares, sentaram-se e começaram a se servir, com Setala descobrindo-se com fome. Enquanto comiam, quem tomou a iniciativa da conversa foi o pai de Nina, Boris.

- E então, Maro. Como é que está se sentindo no seu primeiro dia de vida casado?

Setala, como era do seu estilo, abriu um pequeno sorriso.

- Na verdade, Boris, não me sinto nada diferente de antes. Sei que haverá diferenças, mas não acredito que minha vida, nem a da Nina, irá mudar radicalmente. O que espero é construir uma relação longa e estável, que resulte em uma bela família, como a sua.

A conversa, a partir de então, ficou mais animada, sempre bordejando o casamento, mas não se limitando a ele. Nina explicou que passariam apenas o final de semana na fazenda, retornando a Beros, pois tinha tarefas a cumprir na Universidade, da mesma forma que Setala, que daria novo curso e conferências para professores de História da cidade.

- Mãe, pai. Se vocês não se importarem, vamos deixar o Hari aqui. Ainda vamos ter duas semanas de férias escolares e ele pode aproveitá-las junto com as outras crianças. Eu e Maro voltamos para passar o final de semana com vocês e, então, o levaremos conosco.

Como se tivesse ouvido seu nome, o pequeno Hari apareceu na cozinha e foi direto para o lado do pai, que o pegou, colocou-o no colo, perguntou o que queria e começou a servi-lo. Para a criança e para o adulto, foi natural, pois sempre tomavam o café da manhã juntos quando Setala estava com ele. A família ficou observando-os com olhares aprovadores. Entre os Holantes – e tinha começado muito antes de Boris – a família era importante e os pais não só cuidavam dos filhos, mas acompanhavam a vida deles, mesmo depois de adultos, reunindo-os e trazendo também os netos para o convívio. No pouco tempo que Hari tinha ficado na fazenda puderam ver a ligação do filho com ele, da atenção que lhe dava e da maneira como se divertiam juntos, deixando Boris e mulher agradavelmente surpreendido. À medida que terminavam, os filhos foram saindo e ficaram apenas Setala, o pequeno Hari, Boris e Nina. Satisfeita, a criança desceu do colo do pai e foi procurar os primos, já espalhados e brincando. Nina levantou-se e chamou o marido, com um aceno.

Venha, Maro. Quero lhe mostrar uma coisa.

De mãos dadas, saíram da casa grande e enveredaram por uma trilha que cortava o pomar da fazenda, chegando às primeira videiras, que tornavam a pequena encosta totalmente verde. Ao se aproximarem, Nina desviou-se por outro caminho, margeando a plantação de uvas e se aproximando de outra área. No meio da plantação, em clareira circundado por vários tipos de flores, havia um caramanchão bem cuidado, com bancos rústicos, mas confortáveis. Nina parou e olhou para Setala, vendo a admiração nos seus olhos.

- Desde criança este é o meu local preferido na propriedade. Se examinar, Maro, verá que é bem antigo. Foi construída, segundo meu pai, pelo meu bisavô, e tem sido mantido pela família. É o único lugar que dá visão de toda a propriedade. Sabe porque quis lhe trazer aqui?

É claro que não sabia e a pergunta havia sido apenas retórica. Antes de lhe explicar, Nina o puxou em direção ao caramanchão e sentaram-se em silêncio, com Setala na expectativa.

- Depois de descobrir que estava grávida quis vir para a fazenda, lugar que sempre me deu segurança. Sinceramente, não sabia o faria, mas precisava tomar uma decisão. Minha primeira intenção era contar aos meus pais, pedindo que me ajudassem.

Sentada no mesmo caramanchão, Nina mudou de opinião, avaliando que não podia transferir a escolha para os pais ou para outra pessoa. Ela é que deveria decidir. E como fez vezes antes, sempre que se via diante de decisão importante refugiou-se, sozinha, no que chamava de seu canto, o velho caramanchão. Foi ali, observando os vinhedos que acabavam de ser colhidos e podados e o início do florescimento de outras culturas, que pesou o que devia fazer. Concluiu que queria o filho, fruto de um amor que sempre buscou e feito com quem sempre desejara. Definiu que iria contar aos pais, mesmo que a reprovassem por estar se tornando mãe solteira, incomum no planeta e que nunca acontecera na família. Queria o apoio deles e dos irmãos. Foi também ali que articulou a história que contaria aos pais, do envolvimento com alguém que havia retornado a seu planeta e se ligara a outra pessoa, não querendo saber dela e do filho. Dali, foi direto conversar com os pais e, depois, com os irmãos, obtendo apoio deles.

- Se já era meu lugar preferido, a partir da decisão, tornou-se emblemático para mim. Sei que não foi o local que determinou minha escolha, mas talvez se não tivesse a oportunidade de reflexão, poderia ter agido de modo diferente. Queria que você soubesse disso.

Setala abraçou Nina e a puxou para ele, levantando sua cabeça e a beijando de forma terna e, ao mesmo tempo, apaixonada. Os dois ficaram abraçados, em silêncio, quebrado por Setala.

- Obrigado por me contar. E obrigado por me proporcionar a felicidade de ter um filho tão lindo como o pequeno Hari. Você tomou a decisão certa e ela me deixa muito feliz. A única coisa que lamento é não ter sabido e corrido aqui para lhe dar o meu apoio e o meu amor. Obrigado. Graças à sua coragem, vamos ter uma linda família.

\*\*\*\*\*

Nina e Setala estavam de volta a Beros e às suas tarefas escolares. Os dois em breve estariam separados, cada um vivendo – pelo menos por um tempo – em cidades diferentes e cuidaram de aproveitar o máximo. Casados, poderiam se expor mais, mas nem um, nem o outro, gostava de falar da vida privada, mantendo-a para eles. Não mais havia a preocupação de serem flagrados juntos, mas preservavam sua intimidade e poucos conheciam seu envolvimento. A cumplicidade entre eles havia voltado e usavam o tempo livre para ficarem juntos. Setala voltou a cozinhar para Nina e ela a lhe servir o café na cama, o que, muitas vezes, levava a nova rodada de sexo. E foi

depois de uma delas que a surpreendeu.

- Estou feliz e a felicidade tem me feito pensar em nós e no pequeno Hari. Lembro-me de minha infância, cercado de irmãos, e fico vendo nosso filho junto com os primos. A conclusão a que cheguei é que para as crianças é bom ter companhia. Sei que, aqui ou em Alta, o Hari terá outras companhias, fará amigos, irá se enturmar. Mas o que mais tenho pensado e que poderíamos ter outros filhos, dando irmãos ao pequeno Hari. O que você acha?

Nina convivera durante bom tempo com Maro, mas desde que o conheceu e no período em que ficaram juntos sempre o vira como um solitário, alguém que preferia viver sozinho, sem ligações duradouras. Nunca o imaginara criando família, como o que estavam iniciando. Muito menos vê-lo como pai de uma casa onde vários filhos corriam. Para ela, era um cenário natural, mas Setala era diferente. Pelo menos era o que pensava. A afirmação do marido a surpreendeu, mas a deixou feliz.

- Amor, você viu minha família, como é unida. Fui criada assim e imaginei que minha própria família seria parecida. Sempre que pensei em uma, a imaginei com mais de um filho. Gostaria de ter outras crianças correndo pela casa, como vejo acontecer com meus irmãos e meus primos. Que bom que concorda. Enfim, é claro que quero outros filhos. Assim que nos assentarmos em Alta podemos pensar nisso. Até lá, vamos praticar bastante para ver se acertamos depois.

Nina virou-se, aproximou-se de Setala, e o beijou. Recostada nele, ficou brincando com os pelos do seu peito e o beijando. Depois, mordiscou seu pescoço e, aos poucos, sua mão foi descendo até segurar seu pênis, já ereto. Ela o acariciou de forma suave, lambeu os mamilos do marido, excitando-o. Foram os primeiros passos para o que viria depois, nova sessão de sexo. No final, os dois estavam lânguidos, mas felizes.

\*\*\*\*\*

O final de semana chegou e Hari e Nina voltaram à fazenda dos Holantes, integrando-se à convivência com irmãos, cunhados, cunhadas e muitas crianças, quase uma creche, pois além dos netos de Boris e Geri sempre havia amigos de seus netos, o que enchia a casa de ruídos e risadas. Hari via o filho se divertir, a felicidade estampada no pequeno rosto, animando-o a ter outros filhos. Ao mesmo tempo, também lhe despertava recordações de sua infância e prometeu que visitaria a família, levando Nina e o pequeno Hari. Talvez fosse a oportunidade da reconciliação definitiva com o pai, apagando a mágoa e criando novo relacionamento em que o neto poderia conhecer seus avós paternos e conviver – como fazia agora – com outros primos.

A visita foi rápida, apenas do final de sexta-feira até o domingo, quando Nina, Setala e o filho retornaram a Beros. Embora o pequeno ainda tivesse uma semana de férias, Nina o queria por perto, junto do pai, que dentro em pouco voltaria a Alta, com o filho revendo-o só no final do ano, quando retornasse. Então, juntos viajariam para Alta, sua nova casa. Quem os visse caminhando em direção a estação de trem, certamente diria que era uma família feliz. O pequeno Hari tinha se ligado ao pai e sentiria sua ausência. O mesmo aconteceria com Nina e Setala, mas seus compromissos profissionais impunha-lhes a separação. O que esperavam é que o amor, a felicidade que sentiam e a certeza de estarem garantindo o futuro do filho lhes dessem tranquilidade até o reencontro.

De volta à casa de Nina, o tempo parece ter voado e estava chegando a hora da viagem de Setala. Um dia antes, Nina e Setala sentaram-se para conversar com o pequeno Hari. A mãe explicou que o pai iria viajar e demoraria a voltar. O pai, disse que precisava trabalhar em outro lugar, mas que, quando retornasse, ficariam juntos todo o tempo. Muito jovem, partidas não era algo que o menino entendesse e ao seu jeito inocente, de quem não conhecia as complicações da vida, deixou isso claro.

- Pai, não quero que vá. Quero que fique comigo e com a mamãe.

O menino se levantou, abraçou o pai e se sentou no seu colo. Nina teve de se conter para não chorar e Setala ficou brincando com os cabelos do filho, pensando em como explicar à criança o que às vezes nem os adultos entendiam ou aceitavam. Não havia maneira de fazer o filho entender.

- Filho, não vou embora. Vou apenas viajar. Sabe quando vai para a casa do avô e a mamãe fica aqui e depois você volta? É isso, o papai vai para outro lugar e você ficará com a mamãe. Depois, vou voltar e vamos ficar juntos, como fizemos agora, quando trouxemos você da fazenda do vovô.

O pequeno Hari ficou silencioso, apoiando-se no peito do pai, parecendo ter entendido. Setala não estava acostumado com crianças, mas achava que o filho compreendera. Adulto, era racional, sabendo a necessidade de ir. A criança, no entanto, demoraria para entender a necessidade de trabalho, compromissos e outras coisas a que os adultos estavam sujeitos. Setala iria partir, é verdade, mas o seu coração ia ficar com o filho e com Nina, o que o iria trazer de volta o mais rápido possível, reunindo-os e, finalmente, formando uma família.

\*\*\*\*\*

O que Nina e Setala prometeram ao filho foi cumprido. No final do ano, estavam juntos e passariam as férias em Beros, com a família

da mulher. Ao mesmo tempo, aproveitariam para deixar a mudança preparada, tendo como certo que o filho seria mais afetado que eles na troca de planeta. O pequeno Hari levaria tempo para se aclimatar à nova vida, com novos colegas de escola e local diferente para morar. Na tentativa de diminuir este impacto, iriam para nova casa, mais ampla, com quintal maior e onde famílias com filhos eram a maioria. O casal concordava que seria mais fácil para o filho conquistar novos amigos e se socializar. A vida dos dois, mesmo que embrenhados na atividade acadêmica, também seria afetada, exigindo-lhes aproximação com vizinhos, novas amizades e disponibilidade para ter outras crianças em casa, recebendo amigos do filho.

Em Alta, tudo estava pronto: a nova casa, a matrícula de Hari, as tarefas de Nina na Universidade e a babá que, no dia a dia, acompanharia o filho, quando não estivessem em casa. Em Beros, Nina concluiu suas tarefas na Universidade, inclusive com seus orientandos. Quem não havia concluído o Mestrado seria assumidos por seu substituto, já contratado. Na transição, Nina sentou-se com os alunos, explicou sua decisão e lhes apresentou o novo orientador. Depois, repetiu este procedimento com os alunos de graduação. Concluiu suas tarefas acadêmicas e administrativas e desligou-se da universidade. Paralelamente, tinha pedido ajuda a Martti e Tib, encarregando o primo de alugar seu apartamento. O que rendesse iria para o fundo destinado à educação do pequeno Hari – e de outros filhos que pretendiam ter. Sem compromissos, dedicou seu tempo ao marido, ao filho e à família.

Dois meses haviam voado e chegaram a hora das despedidas. A família de Nina se reuniu na fazenda, fazendo-lhe festa. Ao deixarem a fazenda foram direto para o espaçoporto de Beros e para a primeira viagem interplanetária do pequeno Hari, excitado com a experiência. Na hora do embarque, Setala parou, pegou o filho colocando-o no pescoço e abraçou Nina.

- Amor, estamos começando um sonho. Prometo que teremos uma família feliz.

Nina se apertou contra Setala e o abraçou forte. Sim, estava começando novo sonho, um com que tinha sonhado durante muito tempo e achava ser irrealizável. Suas amigas da época do Mestrado e Doutorado não entendiam o que vira no professor, mas ligara-se a ele, o que o tornara o único amor real de sua vida. Deixá-lo foi uma decisão difícil, amenizada, depois, pelo nascimento do filho, lembrança constante de sua ligação, mesmo que houvesse a sensação de lhe faltar alguma coisa. Com o reencontro, se considerava completa. Seu sonho estava sendo realizado e iria vive-lo intensamente.

**H**ari e Nina estavam se acostumando à nova rotina. Os dois, a seu jeito, foram solitários, vivendo muito tempo sozinhos. Ambos tiveram ligações, mas não chegaram a viver juntos com ninguém. Mesmo no tempo em que ficaram juntos, Nina nunca vivera em sua casa, passando parte do tempo nela e com ele. Agora, que escolheram viver juntos tinham rotinas para adaptar e nelas incluir um terceiro elemento, o pequeno Hari. O menino, por sinal, foi quem menos sentiu a mudança, logo fez novos amigos entre vizinhos e na escola. Uma das mudanças – e que ainda incomodava Setala – era o fato de ser obrigado a se tornar mais social, pois as festas de crianças se sucediam e como eram amigos e colegas de seu filho, sempre eram convidados, com Nina insistindo para que fossem, não por eles, mas por ser importante para o filho, que precisava se socializar, fazer amigos, criar companheiros. Ela lembrava de sua infância cercada de irmãos, de primos e de amigos. Ele estava aprendendo e começara a se transformar no “charmoso” professor Hari Setala, o que dizia às gargalhadas.

Nina assumira sua cadeira na Universidade de Alta e dava os primeiros passos, planejando aulas, vendo os programas de Mestrado e Doutorado e definindo, junto com o Departamento, quantos orientandos iria assumir. Acabou aceitando dois mestrandos e dois doutorandos e tinha de os selecionar. Para sua surpresa, tinha dez vezes mais pretendentes do que vagas oferecidas, mesmo com a triagem feita pela banca do Departamento. Teria de ler e avaliar dezenas de currículos, ler projetos de pesquisas e conversar com os pretendentes. Tinha começado uma agenda que a iria ocupar por duas semanas, mas queria resolver logo, não só em seu benefício, mas também dos alunos, que poderiam tentar outros orientadores se não fossem aceitos. Não era de todo inexperiente, mas não tinha a experiência do marido, então recorreu a ele, pedindo conselhos e os seguiu, sentindo que facilitaria sua vida.

Fez uma primeira filtragem pelos currículos, eliminando vários pretendentes. Dos que ficaram, fez uma segunda filtragem com a leitura dos projetos. No final, para cada vaga tinha dois pretendentes e os iria entrevistar, definindo quem seria aceito e quem ficaria fora. A técnica de Setala funcionara de forma perfeita. Escolha feita, passou os nomes à assistente e pediu que marcasse as entrevistas, duas de cada vez, alternando Mestrado e Doutorado, para a próxima semana. Encerrou o expediente do dia, foi à escola pegar Hari e seguiu para

casa. O garoto entrou correndo, procurando o pai e voltou frustrado por não o encontrar.

Hari Setala também estava na fase de selecionar novos orientandos e acabou se atrasando. Nina havia pegado o pequeno Hari, então seguiu direto para casa, chegando em silêncio e surpreendendo a mulher e o filho, que correu alegre em direção a ele, pendurando-se no seu pescoço e, depois, mais quieto, contando-lhe empolgado o que fizera durante o dia. Em sua nova rotina, criou o hábito de tomar banho com o filho, mas deixou o encargo para Nina e foi para a cozinha preparar o jantar. Cozinhava não por obrigação, mas por prazer.

Quando retornara a Alta com Nina e o pequeno Hari, o fez para a nova casa, maior, mais confortável e com quintal mais amplo. Uma das primeiras providências que tomou foi plantar um belo jardim na frente e usar o quintal traseiro para boa horta. Nela, colheu alguns legumes e verduras e as levou para a cozinha, cozinhando-os e usando-os para fazer sopa, a que acrescentou pequenos cubos de carne. Em poucos minutos o jantar estava pronto.

O pequeno Hari sempre gostara de água e se divertia no banho, com a banheira cheia. Mergulhava nela, saindo com a cabeça coberta de espuma e ria. Ficava de cócoras e escorregava, e novamente ria. O riso enchia a casa e o coração de Nina de alegria. Ter o filho fora uma decisão difícil, mas sentia-se recompensada, não só por ele, mas pelo casamento com Setala. Os três eram felizes. Ela recuperara o amor e o filho tinha um bom pai, amoroso, que lhe dava segurança e proteção. E o próprio Setala havia ganho o que perdera há tempo, uma família, com a vantagem de recebê-la sem os problemas e conflitos da sua família original. Os três estavam no melhor estágio de suas vidas e felizes. O devaneio foi quebrado pelo chamado do marido.

- Nina, traga o Hari. O jantar está pronto.

\*\*\*\*\*

Alimentado, o pequeno Hari sucumbiu ao cansaço do dia. Enquanto os pais conversavam, havia se deitado sobre a perna do pai e lhe pediu para contar uma história. Era uma faceta do marido que Nina não conhecera, pois revelara-se ótimo contador de história. O filho se divertia e, a cada dia, ouviu uma história diferente ou, alguma já contada, mas com detalhes novos. O que Setala fazia – e de forma consciente – era despertar a imaginação do filho. Muitas das histórias havia ouvido do avô, um velhinho simpático, que viajara bastante e que lhe despertara o interesse do mundo, resultando, indiretamente, no conflito que o afastara de casa e da família. Vendo o filho adormecido, Setala o pegou com cuidado e o levou para o quarto, colocando-o na cama e o cobrindo. Retornou à sala e sentou-se



próximo de Nina, abraçando-a, em um gesto que ela havia aprendido a gostar.

- E então, como é que foi o seu dia?

A pergunta, Nina descobrira há algum tempo, não era retórica. Ele realmente se interessava em saber o que fazia e gostava de contar o que fizera. Havia dito, em uma das primeiras vezes que fizera a pergunta, que entendia ser uma maneira de se aproximarem, ficarem mais juntos. E como tinham tarefas parecidas, poderiam se ajudar. E vinha funcionando, aparando arestas, quando surgiam, e permitindo que trocassem experiências e impressões. Era, no final, conversa proveitosa, que os atualizava sobre eles próprios.

- Sabe, seu conselho funcionou. Consegui separar os candidatos do Mestrado e Doutorado que quero entrevistar. De uma lista imensa, acabei em quatro nomes por curso. Vou conversar com eles na próxima semana. Obrigado pela ajuda.

O marido sorriu, deu-lhe um beijo carinhoso e contou que havia recebido proposta de escrever novo livro e queria ouvir a opinião dela. O assunto, embora fosse histórico, envolvia mais a música que a própria história. O que o editor queria era um apanhado sobre o que chamou “canções de volta”, de músicas tradicionais em algumas culturas, que falavam do retorno, às vezes simbólico, de pessoas e de povos. A ideia havia surgido a partir da leitura de um artigo que escrevera, abordando o assunto e como estas músicas acabavam refletindo parte da história e da cultura das comunidades que as recordavam. Tinha parte do material, mas não tinha decidido aceitar a tarefa.

- Amor, você é, sem dúvida, um dos maiores especialistas neste assunto, que lhe interessa e que gosta. Se veio falar comigo é por já ter pensado no assunto e estar disposto a aceitar. Fiquei curiosa e também gostaria de ver as explicações para este tipo de canção. Faça o livro, Hari. Tem todo o meu apoio.

O professor Hari Setala sorriu diante da resposta de Nina, sempre direta. Sim, gostara do assunto e era algo que dominava, o que poderia lhe facilitar a tarefa. Mas escrever o livro iria lhe tomar tempo e teria de tirá-lo da convivência com o filho, o que não desejava, e foi o que observou à mulher. Teria de dedicar-se a ele por um bom tempo e não queria que esta atividade o afastasse do pequeno Hari.

- Professor Setala, o senhor está arranjando desculpa. O Hari precisa aprender, também, que o pai tem outras coisas por fazer e não pode lhe dedicar todo o tempo. Precisa aprender a se virar sozinho, ser independente. É claro que quero o melhor para ele e estarei sempre ao seu lado. Acredito que fará o mesmo, mas não podemos envolvê-lo em um casulo. Lembre-se que será um cidadão do mundo

e que, um dia, não estaremos mais presentes na vida dele a não ser pelas recordações que deixarmos

Nina vivia surpreendendo-o. Sabia muito mais da vida que ele, talvez por ter vivido com a família, cercada pelos irmãos, amparada por amigos e parentes. Ele, ao contrário, sempre fora sozinho, isolado. Na vida, Nina era mais versada que ele, podendo lhe ensinar boas lições e acabara de lhe dar uma sobre criação de filhos. Por um tempo, ficou em silêncio, pensativo e tomou a decisão de fazer o livro, escolhendo o título, ao lembrar-se de uma canção que ouvira nos primeiros momentos em que se interessou pela música antiga. Um dos versos da música dizia algo sobre o mundo mudar toda vez que alguém dava um passo. O título ficou fácil.

- Nina, é surpreendente como sabe das coisas de forma tão intuitiva. Tem razão. Não posso proteger o Hari para sempre, mas posso lhe oferecer o meu apoio, mesmo que lhe dedique menos tempo. Vou seguir seu conselho e escrever o livro. Acho que nunca lhe falei, mas sempre que vou escrever a primeira coisa que faço é escolher o título. Acho que me dá o foco do que irei fazer. Refletindo sobre o que falou, achei o título. Que tal “O passo que muda o mundo”?

- Gostei do título, mas vamos deixar este assunto de lado e fazer coisas mais interessantes. Vamos para a cama.

\*\*\*\*\*

Na cama, Nina e Hari aconchegaram-se um ao outro e foi ela a primeira dormir, com o marido a observando-a e vendo quando começou a risonar. Já a caminho do sono, veio-lhe um pensamento que, só tempos depois, se lembrou.

“Fiz o que nunca imaginei. Voltei ao início e estou construindo uma família”

disciplinas



**O filho  
de Alima**

Nas férias de meio de ano, os estudantes de Tetama voltavam às suas casas e não foi diferente com Mikael, que ainda se sentia meio inadequado longe dos pais. O benefício era ter Ana sempre ao alcance. Era ela que lhe dava tranquilidade e havia se transformado em suporte na nova, desconhecida e estranha cidade. Ele estava cumprindo as últimas tarefas na universidade e, assim que as terminasse, pretendia retornar a Coomata e à casa paterna, ficando por lá o período de férias. Ana reclamou. A ida de Mika – como o chamava – coincidia com o retorno de sua mãe e queria passar alguns dias com ela, aproveitando, também, a presença de Fábio, que não via há mais de ano. Ana tentou convencer Mika a adiar a viagem, ficando em Alta e juntando-se a ela e aos irmãos, mas não conseguiu e achou que era por pura teimosia. Depois de tomar a decisão era difícil convencê-lo do contrário, mas iria tentar.

Ana usou seu charme, mas não mudou a decisão de Mika. Assim que as aulas terminaram, ele se foi para Tetama e, sozinha, ocupou seu antigo quarto na casa dos pais, esperando a chegada de Fábio e da mãe. Ela amava o irmão e gostava de ver a família reunida, mas sentia falta de Mika. Resistiu bem nos primeiros dias, mas foi ficando saudosa e, próximo de fazer um mês da partida, decidiu ir ao encontro dele. Só que para concretizar seu desejo precisava da ajuda do pai ou da mãe, mais generosa quando se tratava do amor. Noor, que muito sofreu com a ausência de Xilim, ajudou-a e Ana foi ao encontro do namorado, prometendo voltar antes do regresso da mãe a Ourea para a nova temporada.

Xilim soube da viagem quando Ana foi se despedir dele. Da mesma forma que Noor, sabia a dor da ausência da pessoa amada, mas achou exagero a filha ir para Tetama quando, dentro de pouco tempo, teria novamente Mika na cidade, deixando-a contrariada, mas sem mudar de opinião. Com a mulher, reclamou que estava mimando os filhos, facilitando conquistas que deviam conseguir sozinhos. Às vezes, pensava que Noor era meio perdulária, consequência do muito que tinha ganhado e acumulado ao longo da carreira artística. Quando se tratava dos filhos, nada lhes era negado. Apesar de reclamar, não se opunha à viagem. Ana era adulta e não iria – e não queria – controlá-la. Ocupado e envolvido com a família, colocou a questão de lado e voltou-se para a programação de palestras e seminários que atenderia no próximo ano. Dois pedidos vinham de Tetama, da Escola de Filosofia Não Linear e da Universidade Sanbar.

Cerca de um mês depois, Xilim estava em seu escritório na Universidade e ouviu leve batida na porta. Como a assistente estava de férias, foi atender e surpreendeu-se a ver Ana, até por não saber que tinha voltado.

- Desculpe, pai. Preciso conversar com você e não pode ser perto da mamãe.

A filha parecia nervosa, como se alguma coisa a incomodasse.

- O que foi, Ana. Não sabia que tinha voltado. Como está o Mika?

- O Mika está bem, pai. Continua em Tetama e só volta no fim das férias. Voltei sozinha, pois tinha prometido a mamãe. Preciso lhe contar algo, mas não sei como começar.

O que seria? Seria relacionado a Noor? Ela e Ana eram próximas, dividindo segredos. Olhou Ana seriamente e lhe disse que o mais fácil seria começar do início.

- Ah, pai. Você não deixa de racionalizar nunca? Desculpe se me embaralhar. Vou lhe contar.

Uma semana depois de ter chegado a Coomata, Mika foi convidado para falar aos alunos da Escola de Filosofia Não Linear, em Ethara. A iniciativa dos sanbars havia despertado neles o interesse por estudos fora do planeta e a Escola estava levando estudantes sanbares para lhes falar, mostrando as diferenças de métodos e o universo diferente do ensino. Mika havia relutado, mas ela o incentivou, achando que era importante despertar o interesse dos tetamaos para novos caminhos educacionais e o acompanhou. Como havia estudado na Escola, conhecia Kareen, alguns anciãos e outros mestres, o que poderia facilitar as coisas para Mika. Acertaram a ida e ficariam na própria Escola. No debate, após responder questões dos estudantes, Kareen pediu a Ana que também lhes falasse, apresentando-a com Ana Wikse.

Na apresentação, Ana notou que um dos jovens, sentados à frente, não tirava os olhos dela, o que chegou a incomodá-la. Não era o padrão dos tetamaos, muito educados. Ao completar a apresentação, ela e Mika ficaram conversando com alguns alunos, que lhes pediram detalhes adicionais sobre programas de Mestrado e Doutorado em Alta. O Conselho tetamao queria iniciar programa idêntico ao sanbar, daí a razão das conversas. Alguns dos jovens estavam disputando a indicação. Inicialmente, seriam quatro candidatas, dependendo dos entendimentos com a Universidade de Alta, que soube estarem em fase final. Dentre os pretendentes estava o jovem que a encarou, mas que não participou da conversa ao final do encontro.

Ao deixar a sala, o jovem a esperava.

- Senhorita Ana, poderíamos conversar por um momento? Queria lhe pedir algumas informações.

- Podemos sim. Mika, vá com Kareen. Eu o encontro daqui a pouco.

O jovem se apresentou como Fayyad Harb e a convidou a sentarem-se no pátio, onde teriam mais privacidade.

- Senhorita, o Kareen a apresentou como Ana Wikse. O Dr. Achilles Wikse a que se referiu é o mesmo professor que leciona na Universidade de Alta?

- É o mesmo. Ele é o meu pai. Na verdade, o Kareen errou, pois não uso o sobrenome Wikse, mas Rsend, que é o meu sobrenome final. Mas por que me pergunta?

- A senhorita deve saber que o Dr. Wikse viveu algum tempo aqui, em Tetama.

- Sim, eu sei. Ele ficou com amnésia e morou em Teato durante um tempo e, depois, em Coomata, de onde voltou para Alta.

- A senhorita sabe que, durante o tempo em Teato ele teve uma companheira?

- Papai nos contou, mas não deu detalhes. E não tive curiosidade de saber mais. Para mim, basta o que ele disse.

O jovem parecia indeciso sobre o que fazer e Ana esperou, mas não estava preparada para o que ouviu a seguir.

- Senhorita Ana. Se é filha do Dr. Wikse, de Alta, nós somos irmãos. Sou filho dele com Alima, que foi sua companheira. Desde garoto venho insistindo para saber quem era meu pai e ela nunca me contou. Há cerca de um ano, descobri por acaso, em conversa com o Kareen, de quem seu pai é amigo. Sem querer, ele deixou escapar que era parecido com meu pai e eu o pressionei, até que me dissesse quem era.

Ana não soube o que dizer, guardando silêncio e, nele, observando o jovem à sua frente, vendo a semelhança que havia revelado. Os traços eram efetivamente do pai, principalmente se comparado com imagens de quando era mais jovem.

- Pai, não sei se é verdade ou apenas história, mas tinha de lhe contar. Nem quero imaginar o que mamãe vai fazer se souber por outros que não você. Prometa que vai apurar se o que o Fayyad me contou é verdade.

- Ana, nunca achei necessário contar à sua mãe nem a vocês os detalhes deste tempo que passei com Alima. Sua mãe sabe, é claro. Mas ainda sente ciúmes e evito o assunto. Acho pouco provável que

seja verdade e tomo como base o que os anciãos me disseram. Mas vou averiguar. Obrigado por me contar.

A revelação deixou Ana curiosa e os detalhes que não contara a Noor, Xilim revelou para ela, como a informação que lhe fora aplicada droga que o tornava temporariamente estéril, impedindo que Alima engravidasse, apesar do desejo dela de ter filhos com ele.

- Pai, o Fayyad está disputando uma das vagas na Universidade de Alta. Se for escolhido, certamente o irá procurar e isso vai virar fofoca, chegando à mamãe e ela vai ficar muito zangada. Por que não pede ao Taitomo para que veja por você?

- Não, Ana. Se o Taitomo souber irá contar à Mãe, que é o mesmo que contar para sua mãe. Acho que tenho um jeito de fazer isso.

Xilim voltou às suas anotações e aos convites para conferências e seminários. Se aceitasse os convites de Tetama teria razão para viajar, o que lhe exigiria uma semana. Era tempo mais do que suficiente para que averiguasse as informações que Ana lhe trouxe. As datas propostas lhe eram convenientes, pouco depois de Noor retornar a Ourea.

- Filha, tenho dois convites de Tetama para conferências e elas serão logo após sua mãe viajar. Vou aceitar. Lá converso com o Kareen e, se for o caso, com o jovem e a mãe dele, esclarecendo tudo. Se for verdade, então contarei à Noor.

- Obrigado, pai. Só nos dois é que sabemos. Não falei nada para o Mika. Achei que era assunto só da nossa família.

\*\*\*\*\*

A exemplo do que fez na primeira visita de Xilim a Tetama, há muitos anos, Kareen estava à sua espera. Os dois, forçados pela convivência obrigatória durante a amnésia, haviam se tornado amigos e fora através dele que arranhou o lugar para Ana, quando quis estudar na Escola dirigida pelo amigo. A aproximação levou-o algumas vezes à Escola e, em uma das visitas, chegou a dar seminário discutindo as relações entre a filosofia ali ensinada e a que existia fora, vinda de outras instituições e planetas. Kareen, ao contrário dele, pouco tinha mudado.

- Obrigado por aceitar, Wikse. A cada ano nossos alunos e mestres tem mais interesse nas suas ideias. Achamos oportuno convidá-lo, pois estamos fechando acordo com a Universidade de Alta e teremos, já no próximo ano, alguns de nossos alunos fazendo Mestrado. Eles precisam se abrir e, neste quesito, nada melhor do que suas teorias.

- Sabe que acho esse intercâmbio com a Escola estimulante.



Pensamos de modo diferente, mas há muita correlações entre esses pensamentos e pretendo ressaltar na minha conferência. Mas minha vinda tem outro interesse, que é muito pessoal.

- Eu soube que irá a Thuanides e imaginei que se encontrará com o Grande Zukar, na verdade, ex. Sei também que a Ana, sua filha, namora o filho do líder de uma das tribos. Você está ficando ainda mais próximo de nós.

- O Matti, que conhecem como Grande Zukar, foi meu colega de curso. E o Taitomo, pelas circunstância, acabou transformando-se em amigo. E foi o que trouxe Ana aqui, à Escola. Não posso negar que tenho ligações em Tetama. A propósito, há um assunto que pode me ajudar a esclarecer.

Xilim contou a Kareen o que Ana lhe disse sobre a existência do jovem que alegava ser seu filho.

- Wikse, esta é uma história meio esquisita, mas verdadeira. O jovem é muito parecido com você. Também me surpreendi quando descobri e cheguei a conversar com Ayyub. Ele reafirmou que, em princípio, isso não deveria ter acontecido, pois recebeu uma droga que o tornou temporariamente infértil.

Na conversa de Kareen com Ayyub, o ancião lhe disse que o antídoto era de conhecimento restrito, mas que podia ter sido descoberto por Alima, que o aplicou. Kareen também conversou com Alima, mas ela negou que tivesse dado o antídoto a Wikse, alegando que a gravidez ocorreu de forma natural e que só a descobriu depois dele a ter deixado, embora confessasse que queria um filho.

- O que não bate, do que me contou, é o fato de eu ter confirmado a paternidade. Sim, fui procurado pelo jovem, um dos inscritos no nosso programa de bolsas com a Universidade de Alta, mas disse-lhe que não sabia, mesmo admitindo que é muito parecido com você. A Alima me contou que nunca diria a ele quem era o pai. Achava que se o fizesse o iria perder, pois iria ao seu encontro, deixando a comunidade e perderia o único elo que ainda tinha com você.

- Este jovem, o Fayyad, está em Ethara? Acha que deveria conversar com ele?

- Não Wikse, ele voltou à comunidade. Sinceramente, não sei se é boa ideia vocês conversarem, mas acho justo que tenha uma conversa com a Alima. Vou pedir que venha a Ethara, sem lhe dar o motivo, pois se souber, certamente não virá.

- Obrigado, Kareen. Sei que não será fácil para a Alima – e nem para mim – ter esta conversa, mas acho que é necessária, sim. Afinal, se o filho é meu, quero saber. Não tenho porque fugir da realidade. Preciso enfrentá-la.

\*\*\*\*\*

O encontro entre Xilim e Alima aconteceu após a primeira conferência. Kareen a tinha chamado, mas envolvida nas atividades da comunidade, não viajou de imediato. Neste intervalo, ficou sabendo que sua ex-companheira voltara a ser Mesem, reassumindo a posição deixada para viver com ele. Apesar da ligação – e da gratidão – que sentia por ela, também para Xilim era difícil o reencontro. A última vez que estiveram juntos foi muito sofrida, principalmente para ela, que o viu partir na companhia de outra mulher. O homem que a havia amado não era ele, mas outro, vivendo outra personalidade e em novo mundo. Quando recuperou a memória e a personalidade antiga, seu amor por Noor também foi refeito. Apesar dos bons momentos vividos com Alima, sua ligação com Noor era maior. Mas como fazer uma mulher entender?

- Olá, Kareen. Você pediu para vir. É alguma coisa com o Fayyad?

- Olá, Alima. Obrigado por vir. Sim, é relacionado a seu filho. Há alguém que quer lhe falar sobre ele. Vamos ao escritório do Ayyub, pois a está esperando lá.

Alima não questionou, nem perguntou quem a estava esperando. Por ser no escritório de Ayyub, que frequentou muito devido à ligação com Wikse, imaginou que fosse alguma coisa relacionada ao Conselho. Mas ao chegar e ver quem a esperava, ficou estática e ameaçou voltar, balbuciando:

- Desculpe, não posso.

Como que paralisada, não podia tirar os olhos de Wikse, vivendo o conflito de lhe virar as costas e sair correndo ou correr em sua direção, abraçando-o e beijando-o. Sem ação, deixou-se conduzir por Kareen, que a fez entrar e sentar-se de frente para o ancião, que tomou a palavra.

- Alima, há um assunto que preciso saber e como a informação também afeta o Wikse, aproveitei que está em Ethara e pedi que participe dessa conversa. Acho que já deve ter imaginado que se trata do seu filho.

Alima baixou o olhos e ficou pensativa. Olhou furtivamente para Wikse e voltou a encarar o ancião. Ajeitou-se na cadeira, sentindo-se desconfortável, e ameaçou falar, mas parou, como se lhe faltasse palavras, e respondeu secamente.

- O que quer saber?

Ayyub a lembrou de conversa antiga, quando o procurou para dizer que Wikse lhe tinha manifestado o desejo de ter filhos. Depois,

soube pelo próprio Wikse que o desejo não era dele, mas dela. Nesta mesma conversa deixou claro que a gravidez não era opção e que para preveni-la, por decisão do Conselho, Wikse havia tomado medicação que o tornava infértil temporariamente. A informação fora dada aos dois, com Alima sabendo, também, que a situação seria revertida se não vissem possibilidades de recuperação dele.

- Em razão disso, Alima, gostaria de saber como fez para engravidar?

- Sim, é verdade que desde que me liguei ao Wikse e me tornei sua companheira, quis ter filhos com ele e chegamos a conversar sobre isso. Deixei de me prevenir, mas não engravidava. Desconfiei que o problema não era comigo, mas com ele. E foi nesta época que vim conversar. A intenção era saber se havia algum problema com ele.

Alima não esperava a revelação feita por Ayyub de não poder ter filhos e de o Wikse ser infértil. Embora não conformada, seguiu adiante e a vida sexual continuou normal. Os dois gostavam de sexo e o viviam praticando, até que ele se afastou, acompanhando a estrangeira. Quando não voltou, perdeu as esperanças. Depois, soube que ainda estava em Tetama, mas que tinha recuperado a memória e achou que nunca mais o veria, decidindo que reassumiria sua posição de Mesem e nunca mais teria relacionamento sexual com outro homem.

- Algo me dizia que, com as memórias recuperadas, o Wikse não voltaria para mim. Eu não queria mais ninguém. E foi pouco depois disso que comecei a me sentir diferente. Sem entender, procurei conselhos e uma as mulheres da comunidade – não me lembro quem – disse que meus sintomas eram de gravidez. Não acreditei, confiando na informação que tinha me dado.

- Você se lembra se o Wikse tomou alguma medicação diferente? Ou alguma coisa pode ter influenciado na mudança?

- Durante nosso tempo juntos o Wikse sempre foi muito saudável e nunca precisou tomar remédio. Ele tinha orgulho disso e vivia dizendo que sua saúde o ajudava a tornar-se mais útil à comunidade. Eu também me sentia orgulhosa dele.

- E você, tomou algum tipo de medicação, principalmente alguma que possa ter ajudado na gravidez?

- Não tomei. Como o Wikse, sempre fui saudável. Acho que por ser Mesem, adotei comportamento um pouco diferente. Nunca tive problema e não tomei nada, nem para evitar, nem para engravidar. Queria que acontecesse naturalmente.

O ancião mudou o foco da conversa para Wikse, querendo saber se tinha feito alguma coisa que Alima não tinha conhecimento. Tal

como ela, nada fizera, confirmando que tinham vida sexual saudável. Nunca tinha se preocupado com controles, exatamente por saber que era infértil e nunca imaginou que fosse pai de um filho com Alima. A conversa voltou-se novamente para ela.

- Alima, como foi que seu filho soube que o Wikse era o pai dele?

- Desde adolescente, sempre quis saber quem era o pai. Na comunidade, os adultos diziam que ele se parecia com o Wikse, o que o levou a questionar quem era “esse tal de Wikse”. Desconversei, mas lhe disse que era um estrangeiro que, durante certo tempo, havia vivido conosco, na comunidade. Foi um erro ter lhe contado. A partir daí, começou a coletar informações e quando tinha um quadro completo, já adulto, me confrontou.

- Então, você contou a ele?

- Não contei. Admiti que tinha vivido com Wikse, mas neguei que fosse seu pai. Ele insistiu, chegando a insinuar que teria traído meu companheiro com outro, senão não teria nascido. Fiquei com muita raiva e brigamos. Depois, me pediu desculpas, mas descobrir quem era o pai tornou-se uma obsessão.

Fayyad sempre gostou de estudar e talvez até para descobrir quem era o pai, aprofundou-se nos estudos, deixando a comunidade e indo para Ethara, para a Escola de Filosofia. Ela foi falar com Kareen, pedindo-lhe que olhasse pelo filho, que se transformou em um dos alunos de destaque, sendo escolhido para o programa de bolsas, o que o deixou orgulhoso.

- Ao me dar a notícia, confessou que também sabia quem era seu pai. Fingi que não me interessava, mas não consegui e perguntei como tinha certeza. Dessa vez, foi ele quem desconversou, mas insisti.

O filho contou, então, que a paternidade havia sido confirmada pelo Kareen, o que lhe arrancou um sorriso. Contestou-o dizendo que Kareen não podia ter lhe dado este tipo de informação, pois também não sabia quem era seu pai. Ele então lhe contou outra história, dizendo que fora alguém de Thuanides. O filho saiu irritado, mas, no mesmo dia, a procurou novamente.

- Mãe, na verdade não sei ao certo se o Dr. Wikse é meu pai, mas acho que é. Talvez não queira admitir por ele ter ido embora, deixando-a aqui. Sei que tem outra família. Você pode estar magoada e eu compreendo. Mas é importante para mim. Não é fácil ser alguém sem pai, mãe. Eu te amo e vou continuar te amando, mesmo que não me contar. Mas, por favor, não precisa me dizer. É só confirmar. Prometo que não vou procurá-lo.

Vendo o apelo nos olhos do filho, apenas confirmou com a cabeça. Ele a abraçou fortemente e a beijou, exibindo um grande

sorriso. Depois disso, nunca mais voltaram a conversar sobre o assunto e não pensou nele até receber o convite de Kareen. Ao vê-lo, alguma coisa lhe disse que se tratava do filho e da paternidade.

- Bem, vocês tem a verdade. O Fayyad é mesmo seu filho, Wikse. Não sei se irá vê-lo, mas se o fizer notará que é muito parecido com você.

Xilim que tinha ficado todo o tempo em silêncio, apenas observando a condução da conversa pelo ancião, se manifestou pela primeira vez.

- Sim, Alima. Minha intenção é conversar com ele. E foi por isso que pedi a ajuda de Kareen. Não queria fazer nada antes de ter certeza. Não queria criar problemas. Agora, que confirmo acho que devemos conversar. Não vou tirar seu filho. Mas se ele é também meu, temos de nos falar. Obrigado pela sinceridade.

A sala ficou em silêncio até que Ayyub o quebrasse.

- Obrigado, Alima. Você está nos ajudando. Com suas informações, vamos descobrir o que há de errado com o medicamento que aplicamos ao Wikse, corrigindo sua eficiência. Você tem sido exemplar, da mesma forma que seu filho, um dos nossos melhores estudantes. A menos que queira conversar com o Wikse, por mim, está dispensada.

Alima olhou em direção ao seu antigo companheiro e balançou negativamente a cabeça, levantando-se e deixando a sala. Não se sentia aliviada, mas angustiada, não só por ela, que perdera o amor e a companhia de quem amava, mas pelo filho, que temia perder.

Assim que Alima saiu, Xilim virou-se para Ayyub e Kareen, perguntando:

- Será que poderiam pedir ao Fayyad para vir conversar comigo?

Quem respondeu foi Kareen.

- Wikse, claro que podemos. Mas não será necessário. No final de semana ele deve estar de volta, pois será um dos participantes do seu seminário, que faz parte da preparação para os estudos fora de Ethara.

\*\*\*\*\*

A Escola havia destinado escritório para Xilim e, nele, finalizava os últimos detalhes de sua conferência do dia seguinte quando ouvir baterem na porta. Pediu que entrassem e viu o amigo acompanhado de um jovem.

- Sentem-se e, por favor, me deem mais um minuto. Já falo com vocês.

Xilim levou pouco mais de um minuto, terminando os acertos na apresentação. Girou na cadeira e ficou de frente para os dois, com seu olhar atraído para o jovem. Era como se ver no espelho quando mais jovem.

- Obrigado por aguardarem. Kareen, vejo que me trouxe o jovem Fayyad. Se não se importar, gostaria de conversar com ele a sós.

- Não me importo, Wikse. Achei que iria, mesmo, querer ficar a sós com ele. Nos vemos mais tarde.

A menção de Xilim ao jovem, deixou-o assustado, com os olhos bem abertos e mexendo-se nervosamente na cadeira, mas continuou calado, esperando.

- Fayyad, quero agradecer por vir. Provavelmente sua mãe não lhe tenha dito, mas conversei com ela. Até há pouco, não sabia que tinha um filho com Alima. Assim que Ana, minha filha, relatou o encontro com você, quis tirar isso a limpo e, agora, sei que lhe disse a verdade e por isso que quero conversar. Se me permite, vou lhe contar uma história.

Ele fez o resumo de sua história, partindo da infância e juventude, quando tinha deixado a casa, sem esconder nada do filho recém-descoberto. Contou-lhe, ainda, os detalhes do relacionamento com Alima e de como era grato a ela, lembrando-a e o carinho que recebeu. E ainda os colapsos sofridos e a recuperação da memória, carregando o passado e o amor que havia perdido. Fayyad ouvia em silêncio, mas foi relaxando à medida que a história avançava e chegava ao momento de rompimento entre sua mãe e o pai.

- Sua mãe é uma grande mulher e sei que me amava. Mas não seria justo enganá-la, pois estava, antes, ligado a outra. Como não sou do tipo que foge, quis conversar e a procurei. Conversamos, efetivamente, mas acho que nunca entendeu o que eu estava fazendo. Quem ela via era o Wikse, que amava, mas eu não era mais o mesmo, havia me transformado novamente em, no mínimo, o mesmo Dr. Wikse de quando cheguei a Tetama e tive a ideia de fazer a pergunta ao grupo sensitivo. Sei que ela não vai me perdoar, mas em relação a você, é diferente. É meu filho. Espero que compreenda e que possamos ter um bom relacionamento.

- Dr. Wikse...

- Pode me chamar de pai, Fayyad. Se me aceitar, é o que vou ser para você.

O jovem subitamente começou a chorar, escondendo o rosto nas mãos. Xilim esperou. Os soluços cessaram, Fayyad limpou as lágrimas e abriu um largo sorriso. Levantou-se e se aproximou, abraçando-o em silêncio.

- Obrigado, pai. É claro que o aceito. Sempre quis descobrir quem era meu pai e comecei a desconfiar quando as pessoas da comunidade começaram a dizer que era “parecido com o Wikse”. Dediquei muito tempo e esforço para descobrir que era você e criei coragem para confrontar minha mãe, que negou, mas depois acabou admitindo.

- Sua mãe sempre quis ter filhos. Talvez inconscientemente eu não tenha querido, mas o empecilho era que fora tornado estéril e mesmo que quisesse não poderia ter dado o que queria. Você é o caso único da força do amor. Sua mãe e o amor dela acabaram vencendo a ciência.

Quebrado o gelo, Fayyad crivou o pai de perguntas, tirando suas dúvidas, não só em relação ao relacionamento com a mãe, mas também as relacionadas à universidade e aos cursos oferecidos. Como faria parte dos bolsistas pretendia estudar História, despertado pelas pesquisas que fez sobre Xilim. A conversa foi longa e, no final, os dois estavam satisfeitos. Os dois se levantaram e, novamente, Fayyad abraçou Xilim, deixando o escritório. Ao vê-lo fechar a porta, voltou a se sentar e ficou pensativo.

Como iria explicar a Noor?

Desde a conversa com o filho, em Ethara, Xilim vinha pensando na maneira como contaria a Noor. Esconder não era opção, pois Ana sabia e, mais cedo ou mais tarde, acabaria contando à mãe. Se ela soubesse que também sabia, mas nada lhe tinha dito, ficaria magoada. Como ficaria magoada ao lhe contar. Mas era melhor que fosse ele e não a filha que lhe revelasse a verdade, o que pretendia fazer logo após o retorno à casa. Mas a revelação não seria tudo, pois ainda teria de lidar com o fato de o filho vir para Alta, estudar na Universidade, o que o aproximaria da família e podia permitir, dependendo da reação da esposa, a convivência dele com os irmãos.

Apesar de ter feito voo tranquilo, chegou cansado em casa. Ao abrir a porta, não vendo nenhum ruído, imaginou não haver ninguém em casa. Foi direto para o quarto e, ao abrir a porta, descobriu que Noor estava dormindo. O barulho a acordou e virou-se. Vendo-o, abriu o sorriso.

- Lim, que bom que chegou. Deita aqui do meu lado.

Ele se aproximou e se estendeu na cama, virando-se para beijá-la, sentindo seu perfume, o que o deixou excitado, mas conteve-se. Os dois ficaram juntos, em silêncio, e Xilim acabou dormindo devido ao cansaço da viagem. Quando acordou, Noor tinha saído. Levantou-se, tomou banho e trocou de roupa. Ao sair sentiu cheiro de comida, descobrindo que estava com fome e foi direto para a cozinha. Noor tinha preparado um lanche e o esperava sorridente. Xilim comeu com gosto, ajudou Noor a retirar os pratos e a levou para a sala, pedindo que sentasse.

- Tenho algo para lhe dizer. Receio que não goste, mas acho melhor que saiba.

Começando com a conversa de Ana, Xilim lhe contou os detalhes da descoberta, incluindo a ajuda de Kareen e de Ayyub e a hostilidade de Alima.

- Depois da confirmação, conversei com o Fayyad também. Ele é um pouco mais velho do que a Ana e está vindo estudar em Alta através de programa semelhante ao dos sanbares. Quer fazer mestrado e doutorado em História e pensei em pedir a Nina ou ao Hari para que o aceitem.

- Você me disse que os anciãos ou sei lá quem haviam garantido



que não podia ter filhos e que isso só foi revertido depois de recuperar a memória?

- É verdade. Os anciãos que me disseram e também à Alima. O Kareen também sabia. Alguma coisa deu errada e os anciãos chegaram a pensar que Alima tinha descoberto o antídoto e a confrontaram. Ela garantiu que não fez nada e que a gravidez ocorreu normalmente, embora também não a esperasse.

- Não me agrada saber que tem filho com outra. Meu sentimento é de não querer saber, nem vê-lo, mas não posso puni-lo por algo que não fez. O que pensa em fazer?

- Queira ou não, é meu filho. Disse a ele que não sabia de sua existência e prometi ajudá-lo aqui em Alta. Há duas formas de fazer isso. A primeira é acolhendo-o e integrando-o à família, mas só farei com sua concordância. A segunda é ajudando-o nos estudos, orientando-o e fazendo com que possa escolher seu caminho. Isso eu vou fazer e pedir a colaboração do Hari e da Nina.

- Lim, me dê um tempo para pensar e me acostumar com o fato de que tem outro filho que não é meu também. Acho justo que ajude o rapaz, mas não sei se o quero aqui, conosco. Preciso pensar.

- Claro. Temos tempo. O Fayyad só chega para o início do ano letivo e, inicialmente, ficará no alojamento da Universidade. Mas vou contar aos meninos.

Noor apenas assentiu. Xilim se aproximou e a enlaçou, puxando-a para mais perto dele, beijando-a. Bem juntos, os dois ficaram em silêncio.

\*\*\*\*\*

- Você me traiu. Prometeu que não iria procurar seu pai, mas fez exatamente isso. Ele nos abandonou e nunca quis sequer saber se eu estava bem.

- Mãe, sabe que não foi isso. Não procurei meu pai. Foi o contrário. E não provoquei o Conselho para lhe chamar. Mentiria se dissesse que não queria saber e conhecer meu pai. Mas não tomei a iniciativa, mesmo depois de confirmar minhas suspeitas. Você não tem razão de estar brava comigo.

Alima estava zangada, o que era incomum. Nunca havia discutido com Fayyad, bom filho e que não lhe dera trabalho. Sua irritação se prendia mais à ida a Ethara e à conversa com Ayyub e Kareen, na presença de Wikse. Quando ele a deixou e partiu, sentiu-se abandonada e havia desejado que o filho não o conhecesse, que não o procurasse, que fosse só dela, ignorando a existência de um pai, presença na vida de amigos, colegas, companheiros e conhecidos.

Irritava-se ainda por não ter contido a curiosidade do filho e por tê-lo estimulado a estudar. Queria, lá no fundo, que fosse igual ao pai, conhecido e respeitado. Mas não que descobrisse quem a ajudara a gerá-lo, até por que Wikse de nada sabia.

O que não era comum nos tetamaos, Alima havia mentido ao filho e ao Conselho. Sim, havia descoberto o antídoto e o aplicou ao Wikse, lamentando apenas ter feito isso muito tarde, pouco antes de deixar a comunidade para acompanhar a estrangeira. Ela sabia o nome, mas recusava-se a dizer. Tinha certeza que engravidou na última noite em que os dois passaram juntos. Lembrava-se dos detalhes. Ao chegar à noite, encontrou Wikse deitado. Por ser verão, tomou banho e, nua, foi para a cama, deitando-se em silêncio, para não acordá-lo, mas não foi o que aconteceu. Viu virar-se e lhe sorrir. Estava fingindo. E foi ele quem tomou a iniciativa. Fizeram amor mais de uma vez e dormiram. No dia seguinte, partiu. E nunca mais voltou. Dois meses depois, sentindo-se estranha e vendo seu corpo reagir de forma diferente, procurou se informar e descobriu a gravidez. Como Wikse tinha sido o único homem de sua vida, não havia dúvida de que era o pai. O que tanto queria aconteceu, só que de forma diferente. Wikse não mais estava ao seu lado. Havia recuperado as memórias e fora embora. Ela ficou magoada.

- O pior de tudo, Fayyad, é que vai me deixar aqui, indo para onde ele está, me trocando por quem nunca esteve presente, que não cuidou de você, mas que, agora, desperta todo seu interesse.

- Mãe, está sendo injusta. A ideia de participar do programa foi sua, lembra-se. Desde criança ouvi que deveria estudar e aprender. Queria que fosse diferente de quem nasce e cresce na comunidade. Queria que fosse para Ethara, para a Escola de Filosofia, com um cargo como o do Kareen. É verdade que também sempre quis. Mas se acha que está sendo traída e que vou abandoná-la, vou desistir da viagem e dos estudos. Amanhã volto a Ethara e vou conversar com o Kareen sobre isso.

- Não vai, não.

- Mãe, você está sendo incoerente. Vamos fazer o seguinte: só tenho de tomar uma decisão final em 15 dias. Quero que pense bem. Se daqui a duas semanas mantiver esta posição, desisto. Se mudar de ideia, siga adiante e vou para Alta.

Sem querer continuar a discussão, saiu. Alima ficou sozinha, pensativa. O reaparecimento de Wikse depois de vários anos havia despertado nela o que tinha de pior. Ao dedicar toda atenção ao filho, quase o esquecera. Mas vê-lo tinha despertado nela o grande amor que sentia, o desejo intenso e raiva por tê-la deixado. Temia perder o filho e ser desmascarada, colocando abaixo a história de abandono.

Tal como fizera com os anciãos, havia mentido para o filho. Wikse não desapareceu. Ao recuperar as memórias, procurou-a e conversaram. Uma das frases que dissera ainda lhe ressoava aos ouvidos.

“Alima, nunca vou esquecer de você. Mas quem a amou não foi quem vê aqui e agora. O Wikse que esteve ao seu lado não existe mais. Lamento, mas não quero enganá-la e lhe dar falsas esperanças.”

O que Wikse não sabia é que, sim, ela queria ter esperanças, mesmo que fossem falsas. Ele não precisava ser tão sincero. Não se importaria de ser enganada, desde que o tivesse ali, junto, na comunidade. O que mais a enraivecia era tê-lo visto partir e não poder fazer nada para impedir. Agora, sabendo que o filho descobrira o pai e que iria estudar próximo dele, temia perdê-lo e que, tal como no caso de quem amava, nada pudesse fazer. No final, não resistiu e chorou.

Embora não soubesse, Fayyad tinha muito da racionalidade do pai e não entendia a reação da mãe. Nunca a vira como há pouco, parecendo descontrolada. Analisando a situação, não via motivo para o descontrole. Não dera motivos. Sim, conversou com o pai e isso o deixou feliz, principalmente pela acolhida e promessa de ajuda nos estudos, o que poderia aproximá-los.

Wikse tinha outros filhos e talvez os conhecesse e pudessem se tornar amigos. Será que era isso que a mãe temia? Talvez. Depois do reencontro com o pai, vira no rosto da mãe uma expressão diferente, que achou estranha, mas não questionou. Imaginou que estava zangada com ele, como ficou quando disse que havia descoberto quem era seu pai. A reação da mãe mudara a forma como a viu. Não era ele, mas sim o pai. Havia algo que não sabia, alguma coisa escondida que a mãe não dissera. A expressão que viu não era de raiva, mas de sofrimento. Reencontrar Wikse provocara dor em Alima. Mas por quê?

\*\*\*\*\*

Como ainda ia demorar para haver novo fato relacionado a Fayyad, Xilim voltou à rotina e, com jeito, foi contando aos filhos a novidade. A primeira foi Ana, a quem confirmou que o jovem que a tinha procurado era, efetivamente, seu filho. Contou-lhe a história do encontro e a razão de nada saber dele. Parte, ela já conhecia. Ao saber que viria para Alta, perguntou se iriam morar com eles, achando natural que isso acontecesse.

- O que mamãe disse? Se a conheço bem, acho que não deve ter gostado, mas vai pensar e acabar concordando, pois é a coisa certa a fazer.

- Eu gostaria de integrá-lo à família, mas não vou forçar. Noor precisa concordar e você e seus irmãos, também. Mas não há dúvida de que vou ajudá-lo a conseguir bom orientador e encaminhá-lo nos estudos. É o mínimo que posso fazer.

- Pai, não sei se notou, mas é impressionante como se parece com você.

O segundo a saber foi Pablo, cuja reação foi tranquila. Depois, contou a Clara, que se mostrou indiferente. Ana, Pablo e Clara apoiavam a ideia de Fayyad vir morar com eles, integrando-se à família, mas achavam que a mãe iria resistir. Clara lembrou os ciúmes de Noor.

- Pai, a mamãe é ciumenta, embora negue isso. Acho que ficará incomodada, mas se precisar de minha ajuda para convencê-la, conte comigo.

Xilim sorriu, concordando com a observação. Dos filhos, Clara e Fábio eram os mais analíticos, procurando coletar informações antes de tomar uma decisão. Era bom ver os filhos alinhados à sua ideia, de ter Fayyad em casa, integrando-o à família. Se Fábio, que chegaria para as férias, também o apoiasse, poderia, juntos, convencer Noor.

Fábio chegou alguns dias depois e tomou a iniciativa de procurar o pai. Tinha novidades e as queria contar, ouvindo sua opinião.

- O avô Caleb me chamou para conversar. Ele é bem informado, mas estava errado em alguns pontos do que acontece na Igreja. Conversamos francamente e minha visão é diferente da dele. Como você, acho que a mudança é inevitável, mas senti que a intenção do avô é moldá-la aos padrões que acha aceitável. Não sei se é possível. Você poderia aproveitar a vinda dele e conversar sobre isso. O que acha?

- Disse aos seus dois avôs que não vou participar e a principal razão é que não vão me ouvir. O Caleb é mais liberal que meu pai, mas concordo que pensa em controlar as coisas. É mais flexível e talvez se adapte. Seu avô Valgeir fez bem em se aposentar e ficar longe. Mas tenho algo para lhe contar.

Fábio ouviu a história e fez algumas perguntas, que Xilim respondeu.

- Se puder ajudar, conte comigo. O maior problema será convencer a mamãe. Mas se a Ana, a Clara, o Pablo e eu o apoiarmos, acho que conseguimos. Mas agora é minha vez de lhe contar algumas novidades.

Por cerca de 30 minutos Fábio fez o relato da conversa com Caleb, as conclusões que tinha tirado e sua visão do que acontecia na Igreja,

com a Renovação Carismática ganhando força e a inabilidade dos conservadores de lidarem com a mudança e o contraste com a vida civil, que avançava com o programa do Primeiro Ciclo.

- Se as informações que tenho forem corretas, podemos chegar a um impasse. Do meu ponto de vista, se isso acontecer, a possibilidade de haver um cisma é grande. A única forma de evitá-la é colocar à frente da Igreja alguém que esteja acima das disputas. Prepare-se, pai, que isso vai desembocar em você.

\*\*\*\*\*

A discussão com a mãe mudou a perspectiva de Fayyad sobre o passado dela e sua ligação com seu pai. De forma discreta, começou a colher informações, querendo saber como fora a convivência dos dois e como a mãe tinha se portado depois. Os relatos confirmavam que eram muito unidos e ambos pareciam felizes. Por Wikse, Alima havia deixado a função de Mesem e nunca cogitou retomá-la enquanto estiveram casados. O afastamento de Wikse deixou-a muito alquebrada e desanimada, período em que ficou intratável. A mudança ocorreu a partir da descoberta da gravidez, quando se transformou, ganhando vida e cor. Com o nascimento do filho, foi mãe e pai, ao mesmo tempo. E desde cedo começou a investir na educação dele.

374

Na comunidade, imaginavam que Fayyad era filho de Wikse, mas Alima sempre se recusou a admitir ou mesmo a falar do assunto. A paternidade ficou mais evidente com o crescimento do menino, muito parecido com o pai, mas a comunidade respeitou a posição de Alima, fingindo que nada sabia. E quando o garoto tinha crescido e ficou curioso, o que repetiam é que não sabiam e que devia perguntar à mãe. Crescido, adulto e com mais conhecimento, via muita coisa que lhe tinham escondido e ouviu em relatos de vários integrantes da comunidade informações que lhe tinham negado. Fora criado, de certa forma, à imagem e semelhança do pai, o modelo usado por Alima, cuja única ligação havia sido com Wikse. Sua mãe fez enorme esforço e foi recompensada pelo filho estudioso e interessado. Mas sentiu-se ameaçada com o aparecimento do pai, que tinha colocado no passado. De posse do quadro, Fayyad concluiu que a mãe ainda amava seu pai.

E foi com esta visão, inteiramente desarmado, que retornou à Teato e ao encontro da mãe. Ao vê-lo chegar, ela abriu um grande sorriso e fez o que poucas mães da comunidade fazia, beijando-o em público.

- Mãe, que bom encontrar você. Não está trabalhando hoje?

- Trabalhei na parte da manhã. Quis ficar com a tarde livre para esperá-lo. Queria conversar.

- Vou ficar uma semana, mãe. Vamos ter muito tempo.

- Não, Fayyad. Precisava conversar logo. Não quero que haja dúvidas entre nós.

Quando Alima o chamava de Fayyad o assunto era sério e ficou esperando.

- Quero pedir desculpas pelo que houve outro dia. Me descontrolei e disse coisas que não devia. Eu estava errada. Não quero que você deixe de estudar. Lutei muito para que estudasse, fosse diferente dos outros homens da comunidade. Você está no caminho certo. Vou sentir sua falta, mas tem de percorrer seu próprio caminho. Não posso esperar que fique aqui, sempre, deixando a vida passar ao largo.

- Mãe, quero muito ir. Foi para conseguir que estudei e continuo estudando muito. Mas quero deixar claro que, para mim, você é mais importante. Compreendo sua reação e vou fazer o que me pedir ou quiser que faça.

- O que quero é que estude, aprenda e veja o mundo de forma diferente. Foi o que sempre quis. E quem me inspirou isso foi seu pai. Vamos nos sentar que quero lhe contar a história completa, de como nos conhecemos e de como me apaixonei, sem omitir um único detalhe.

Fayyad ouviu em silêncio o relato da mãe, começando pelo primeiro contato dela com o pai, até quando recuperou a memória e a deixou, incluindo a desobediência ao Conselho para ter filhos, razão dele ter nascido.

- Acho que meu amor por Wikse foi à primeira vista e, sem saber o que sentia, ofereci-me para tomar conta dele, quando perdeu a memória. Então, já estava decidida a conquistá-lo. Não posso afirmar que me amava, como o amei e amo, mas foi um companheiro exemplar. Fui muito feliz enquanto estávamos juntos e, ainda hoje, muitos anos depois de ter partido, sinto sua falta.

- Obrigado por me contar, mãe. Admiro e amo você ainda mais depois de conhecer a história. Desculpe se a fiz sofrer.

- Filho, nunca vou deixar de amar seu pai. Nunca me interessei por ninguém antes de conhecê-lo e nem depois de me deixar. O vazio que senti foi preenchido por você. Mas não posso limitar seus passos. No íntimo, embora não o confessasse, acho que sempre quis que fosse igual a ele.

A confissão fez com que Fayyad visse a mãe sob novo ângulo. Não era a mulher forte que julgou e mostrou o seu lado frágil. Apaixonada e desiludida, tinha encontrado forças para criá-lo e lhe dar rumo, estimulando-o e à sua curiosidade. O mais surpreendente era ver que

375

a mãe ainda amava seu pai. Antes, pensava que ela o odiava por tê-la deixado. Julgara mal a mãe e, sem informação, também ao pai, que não tinha ido embora, simplesmente. Olhou-a com admiração.

\*\*\*\*\*

Xilim tinha ultrapassado o dilema de contar a Noor a existência do filho, apesar da resistência inicial em recebê-lo. Ficou satisfeito em ver que os filhos não lhe impunham qualquer restrição, apoiando que se integrasse à família. Decidiu esperar um pouco mais para voltar ao assunto com a mulher, mas definiu que conversaria com Hari e Nina, contando-lhe a história e pedindo que um dos dois aceitasse o filho como aluno. Por um acaso, a oportunidade de lhes falar chegou mais cedo do que previa, já que se encontraram na cantina da Universidade.

- Hari, Nina, que bom encontrá-los. Parece até que vivemos muito longe, não é? Se tiverem algum tempo há uma coisa que quero lhes contar e um pedido a fazer.

Xilim aproveitou que a cantina estava vazia, sem ouvidos indiscretos que transformariam o que ouviram em fofoca, aumentando as coisas e espalhando-a pela Universidade, repleta de fofoqueiros. Nina e Hari também presavam a intimidade e foi ela quem respondeu.

- Por que não vai jantar lá em casa e conversamos.

- Não é uma má ideia, mas tenho de ver com a Noor. Como sabem, está envolvida na escolha de repertório.

Enquanto conversavam, a cantina começou a encher e as mesas próximas logo ganharam curiosos, desestimulando-os a prosseguir. Comeram em silêncio e, quando Xilim ia saindo, Hari sugeriu que passassem no seu escritório, onde poderiam conversar. Xilim aceitou.

- Desculpem Hari e Nina por tomar seu tempo. Mas é uma situação que quero resolver logo. Primeiro, preciso lhes contar que tenho um novo filho. Não, Noor não está grávida de novo. É que descobri que da minha relação com Alima, em Tetama, nasceu um filho, que só há pouco descobri. Ele já é adulto, está estudando e se preparando para vir para Alta estudar História. O nome do rapaz é Fayyad. Conversei com ele na viagem a Ethara e prometi ajudá-lo. É aqui que você, Hari, e a Nina entram.

- Noor já sabe? Ele vai ficar com vocês?

Xilim explicou a Nina que o Conselho de Tetama havia negociado acordo com a Universidade, incluindo alojamento para os bolsistas. Fayyad não iria, pelo menos inicialmente, morar com eles, mas certamente conheceria os irmãos, que tinham recebido bem a informação. Também contara a Noor e achava que acabaria

concordando em receber o filho.

- Hari, Nina queria que um de vocês fosse o orientador do rapaz. Ele tem um belo currículo e, pelo que me disse, um projeto consistente de pesquisa. O que me dizem?

Nina e Hari iriam conversar com o rapaz assim que chegasse a Alta e, só então, decidiriam qual dos dois iria orientá-lo. Hari observou em tom jocoso:

- Se ele tiver o seu DNA e a mesma dedicação que tinha, acho que posso ajudar a formar um novo gênio.

Xilim, que não se considerava gênio, agradeceu, afirmando que não tinha dúvida da ajuda deles, deixou o gabinete, passou rapidamente pelo seu, despachou papéis e voltou para casa, ao encontro de Noor, vendo como andava a escolha do repertório. Ao chegar, encontrou-a na sala, vendo algumas partituras. Beijou-a e sentou-se ao seu lado. Ela colocou o que fazia de lado e o encarou, séria.

- Já sei que conversou com os meninos, contando-lhes do filho. Eles estão curiosos. Pensei, como lhe disse que faria e não tenho problemas em conhecê-lo e que se relacione com nossos filhos. Mas prefiro que não viva conosco, embora não me oponha a que o ajude, e não só academicamente. Quer eu queira ou não, é seu filho, Lím. Como pai, tem deveres para com ele e deve ajudá-lo no que precisar, exatamente como fazemos como nossos filhos.

- Obrigado, amor. Temia a sua reação, mas a julguei mal. Desculpe. Você está mostrando altruísmo, o que me deixa mais orgulhoso de você. Vou trazer o Fayyad aqui, para que a conheça e aos nossos filhos. E fique tranquilo, ele não viverá conosco. Vou ver as condições do alojamento e, se for o caso, arranjar local mais adequado para que more. Gostaria que nossos filhos e ele se tornassem amigos, mas não quero forçar nada.

Xilim pensava conhecer bem a mulher, mas ela continuara surpreendendo-o. A reação à existência do filho era totalmente inesperada. Será que fora fruto do tão falado instinto materno? Não tinha como julgar, mas acreditava em Noor. Estava feliz por ter feito a revelação sem conflito e pela perspectiva de acolhida que o novo e inesperado filho teria.

\*\*\*\*\*

Fayyad era parte de sua história e como pai, como bem observou Noor, tinha o dever de lhe oferecer seu apoio, inclusive no meio acadêmico. É o que faria, mas o queria integrado à família, amigo dos seus irmãos, mas sem deixar o legado de Alima, quem o criou e o preparou para o futuro.



Quem sabe, como disse Setala, se não estaria ajudando a formar um novo Xilim, embora estivesse certo que sua perspectiva seria outra, bem diferente da sua. Até que terminasse os estudos - indo até onde desejasse - receberia não só o seu apoio, mas o poderia, também, aos seus amigos, formando um núcleo de suporte para o filho, diferente dele, que foi exilado.

